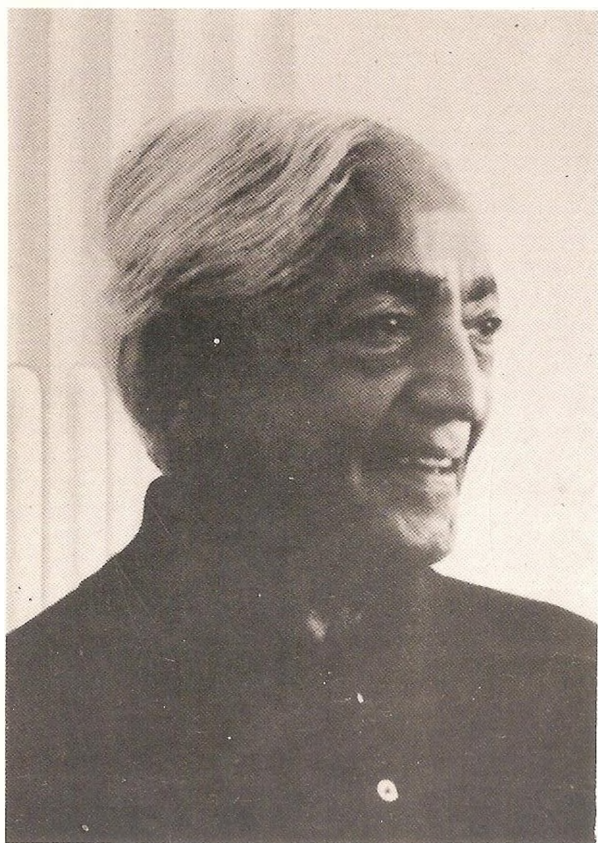
KRISHNAMURTI

O COMEÇO DO APRENDIZADO

CULTRIX

KRISHNAMURTI

O COMEÇO DO APRENDIZADO

KRISHNAMURTI

A preocupação de Krishnamurti com a educação é de longa data e tem amplitude mundial. Assim, quando ele passa algum tempo na Inglaterra, hospeda-se sempre na escola residencial de Brockwood Park, em Hampshire. A primeira parte deste livro reproduz as palestras e discussões havidas entre Krishnamurti e os estudantes e instrutores de Brockwood, nas quais ele dá particular ênfase aos problemas do viver e do aprender no curso de nossas relações com as pessoas e o mundo. Versa ele também problemas práticos que preocupam os jovens vivendo em comunidades livres. A segunda parte de O COMEÇO DO APRENDIZADO compõe-se de conversações de Krishnamurti com pais e professores de escolas da Índia e dos Estados Unidos, acerca dos problemas da educação.

O COMEÇO DO APRENDIZADO

J. KRISHNAMURTI

O COMEÇO DO APRENDIZADO

Tradução
de
OCTAVIO MENDES CAJADO

EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Existe em Brockwood Park, em Hampshire (Inglaterra) um Centro Educacional para moças e rapazes de treze a dezenove anos de idade. A primeira parte deste livro apresenta palestras e discussões, que se realizam duas vezes por semana, de maneira informal, entre Krishnamurti, os alunos e o pessoal do Centro.

Existem também escolas na Índia, fundadas por Krishnamurti e visitadas anualmente por ele, sobretudo em Rajghat-Banaras e em Rishi Valley, no Distrito de Chittoor, em Andhra Pradesh. Muitas conversações com pais e mestres, que compõem a segunda parte do livro, ocorreram na Índia. Tirante Brockwood, outras se realizaram nos Estados Unidos, onde Krishnamurti falou, nos últimos anos, na Universidade da Califórnia em Berkeley e em Santa Cruz, e nas Universidades de Brandeis e Stanford, bem como individualmente com educadores e alunos. Em Ojai Valley, na Califórnia, será inaugurada, em breve, uma escola para crianças pequenas.

1.ª PARTE: CITAÇÕES

"O mundo é assim, ilusivo, os políticos enganadores, os que só pensam em dinheiro... Se não tiverdes sido corretamente educado, acabareis caindo na esparrela. Portanto, no vosso entender, que é a educação? Serve para ajudar a ajustar-vos ao mecanismo da ordem, ou desordem, atual das coisas? Ou sois de opinião que ela deve ser diferente?"

"Vossa educação em Brockwood está-vos ajudando a ser inteligentes? Quero dizer com essa palavra ser muito sensíveis, não aos vossos desejos, às vossas necessidades, mas sensíveis ao mundo, ao que acontece no mundo. É claro que a educação não se destina apenas a dar-vos conhecimentos, mas também a dar-vos a capacidade de olhar para o mundo de maneira objetiva. A sua função consiste em ajudar-vos a enfrentar o mundo com inteligência, de um modo totalmente diferente."

"Quando tiverdes a semente e ela florescer aqui, mantê-la-eis florida a vida toda. Mas se isso não funcionar, o mundo vos destruirá. O mundo fará de vós o que ele quer que sejais: um animal astuto."

1.ª Parte

CONVERSAÇÕES COM OS ALUNOS E COM O PESSOAL DE BROCKWOOD PARK

1

Problemas de viver em Brockwood, onde não há autoridade. Diferença entre sentimento e afeição. A sensação de estar "em casa".

KRISHNAMURTI: A maioria das pessoas trabalha para evitar o castigo ou ganhar alguma coisa, como propriedades, dinheiro, fama, etc. Daí que trabalhe debaixo de grande pressão. Aqui em Brockwood não existe essa pressão extrema, nem estais sujeitos a nenhum tipo de pressão. Há, portanto, uma tendência, se me for permitido assinalá-lo, para relaxar, deixar correr o marfim, esvaziar-se e perder a vitalidade que a mocidade geralmente possui — a sensação de urgência, a chama que nos impele a fazer alguma coisa. Tudo isso, aos poucos, desaparece e aqui vos encontrais responsáveis por vós mesmos, o que não é fácil.

Quase todos desejamos ter alguém no qual possamos encostar-nos, que nos anime, nos diga: "Ides muito bem, continuai!" E nos empurre um pouco quando afrouxamos, nos conduza quando estamos indiferentes, quando estamos com sono, nos sacuda para manter-nos acordados, de modo que se torne, aos poucos, a autoridade. Ainda não o notastes?

Como aqui não há autoridade, ficais entregues a vós mesmos, e é muito difícil manter-se alguém no ponto mais alto da energia, do esforço, da inteligência e da afeição, sem se deixar escorregar para uma espécie de devaneio, desperdiçando o tempo. Espera-se que Brookwood vos dê — e também o espero — o terreno, o ambiente, a atmosfera em que esta energia autogerada pode prosseguir. Como se criará tudo isso? Quem o fará?

Interrogante: *Todos aqui.*

KRISHNAMURTI: Que quer dizer isso?

Interrogante: *Auto-responsabilidade.*

KRISHNAMURTI: Quando usardes uma palavra tende o cuidado de saber o que significa. Sabeis o que quer dizer a palavra "responsabilidade"? — não o que imaginais que ela deve significar, mas o que significa de acordo com o dicionário. Precisamos compreender primeiro o significado da palavra. Aqui está a vossa professora de inglês, perguntai a ela.

Pergunta: Não significa capacidade de responder?

KRISHNAMURTI: É isso mesmo, não é? — capacidade de responder.

Interrogante: Usamos com freqüência a palavra "responsável"; dizemos: "Eu sou responsável por isto e por aquilo."

KRISHNAMURTI: Se eu for ineficiente, não poderei responder, responder como convém. Responsabilidade, por conseguinte, significa responder adequadamente ao meio ou incidentes que me cercam. Tenho de responder com o máximo da minha capacidade: eis aí o que significa a palavra "responsável". Vede quanta coisa está envolvida numa palavra só.

Portanto, quem será responsável aqui pela produção do solo correto, do meio correto, da atmosfera correta, de modo que estejais totalmente despertos, gerando energia para vós mesmos?

Interrogante: Cada um de nós.

KRISHNAMURTI: Podeis fazer isso, Gregory? Cada um de nós é capaz de fazê-lo?

Interrogante: Todos juntos.

KRISHNAMURTI: Não. Quem é "Todos juntos?" *Vós* sereis responsável pela produção deste solo, em que respondereis, de maneira adequada e completa, a um incidente, a tudo o que acontece à vossa volta? Se cada um de nós o fizer, não haverá problema, não é mesmo? O lugar será maravilhoso e cada um de nós terá uma vela de mil watts dentro de si. Cada um de nós é capaz disso? Isto é, quando dizeis "Irei para a cama às dez horas" — ou seja lá o que for que tiverdes decidido — vós o fareis e ninguém precisará mandar-vos fazê-lo. Estais entendendo o que isto implica? Quando estudais, toda a vossa atenção se concentra no estudo, o que significa uma resposta adequada ao assunto, a tudo o que constitui a vossa responsabilidade. Podemos fazer tudo isso juntos?

Interrogante: Somos capazes, mas não costumamos fazê-lo.

KRISHNAMURTI: Por que não? Estais frouxos ou indiferentes ao que fazeis porque desejaríeis estar fazendo outra coisa?

Pergunta: Primeiro, como pode alguém ser responsável sem conhecer suficientemente bem o campo em que está trabalhando? Quero dizer,

antes de assumir a responsabilidade por alguma coisa, preciso ter a certeza de poder fazê-la.

KRISHNAMURTI: Sim, de que sois capazes de fazê-la.

Interrogante: Mas, na maior parte dos casos, acontece que as pessoas dizem, "Sois o responsável" e têm como certo que a pessoa sabe o que deve fazer.

KRISHNAMURTI: Não, Tungki, prestai atenção, acabamos de definir a palavra. Estou-vos perguntando se sois capaz, apto, suficientemente inteligente, para lidar com alguma coisa que deverá acontecer aqui. Se o não formos, sejamos humildes, sejamos sensatos e digamos: não somos. Nesse caso, como o produziremos em nós? Discuti o caso, que não responderei por vós.

Pergunta: É qualquer coisa com referência à relação. Quando somos responsáveis, somos responsáveis em relação a alguém ou a alguma coisa, não somos?

KRISHNAMURTI: Não sei — averiguai-o.

Interrogante: Vejo tantos mal-entendidos na escola, muitas vezes entre os alunos, entre o pessoal. Mas compreendo agora que, para ser responsáveis, precisamos ver primeiro que temos mal-entendidos, os quais precisam ser esclarecidos.

KRISHNAMURTI: Como se esclarece um mal-entendido? Qual é a qualidade necessária para ajudar-nos a eliminar um mal-entendido? Dizeis alguma coisa, eu a entendo mal e fico magoado. Como vós e eu acabamos com essa mágoa, com o sentido de que "Não me entendestes bem"? Ou, em conseqüência do mal-entendido, fiz alguma coisa que, na vossa opinião, não deveria ter feito. Como haveremos de esclarecê-lo?

Interrogante: Voltamos ao princípio e descobrimos onde erramos.

KRISHNAMURTI: Será necessário fazer tudo isso?

Interrogante: Demanda tempo.

KRISHNAMURTI: Não, demanda algo mais do que isso — que mais é necessário?

Interrogante: Consideração, uma relação adequada.

KRISHNAMURTI: Que significa o quê? Vamos, força!

Interrogante: (1) São necessários paciência e cuidado, um sentimento de zelo.

Interrogante: (2) Eu diria afeição.

KRISHNAMURTI: Peter diz que é necessária a afeição — compreendeis? Se eu tiver afeição, direi: "Examinemos o mal-entendido e vejamos se

podemos superá-lo." Mas se eu apenas o examinar intelectualmente e demorar-me no exame, acabarei sendo magoado por um terceiro. Portanto, a afeição é a base que nos permitirá dar cabo dos mal-entendidos. Certo?

Interrogante: Creio que, se não tivermos formado uma imagem de nós mesmos, não nos deixaremos magoar.

KRISHNAMURTI: Sim, mas eu tenho uma imagem e ele tem outra. Magoa-me o que dissestes; como posso acabar com isso? Poderei dizer: "Escutai, entendi mal, sinto muito, vamos falar de novo sobre o caso?" Isso requer afeição, não requer? Tendes essa afeição? Afeição é diferente de sentimento — sede muito claro nesse ponto.

Pergunta: Que significa sentimento?

KRISHNAMURTI: Emoção.

Interrogante: Mas não é só isso.

KRISHNAMURTI: Descobri agora a diferença entre afeição, amor e sentimento. Dissemos que sentimento é emoção, emotividade. "Sinto que eu devia fazer isto, sinto que sou um grande homem, sinto raiva" — isto é sentimento. "Amo crianças": aqui há uma grande dose de sentimento porque não quero fazer coisas que possam feri-las. Sentimento implica emoção. Pois bem, que é afeição e que é sentimento?

Interrogante: De certo modo há um elemento de auto-sugestão no sentimento.

KRISHNAMURTI: É verdade. O sentimento pode tornar-se duro: o sentimento pode tornar-se eficiente, mas cruel.

Interrogante: Descobrimos muitas vezes que uma pessoa sentimental é capaz de ser brutal em outro estado de espírito. Como os nazistas, que eram sentimentais em matéria de música e artes, porém muito brutais.

KRISHNAMURTI: Isso mesmo. Mas todos temos também em nós essa emoção, de modo que não devemos sobrecarregar com ela certos tipos de pessoas. Isto é, podemos ser sentimentais, entrar numa espécie de nada extático em relação à música, à pintura, dizer, "Amo a Natureza" e, no minuto seguinte, assestar um golpe na cabeça de alguém porque esse alguém nos contraria. Assim sendo, sentimento é uma coisa e afeição é outra. Se eu vos tiver afeição, tentarei persuadir-vos conversando. Direi: "Não fiqueis de mau humor, acalmai-vos, sentai-vos, conversai comigo, não vos entendi direito. Resolvi discutir o assunto convosco porque vos tenho afeição." Não tenho sentimento por vós, mas vos tenho afeição. Não sei se percebeis a diferença — percebei-la?

Interrogante: Creio que os mais jovens sentem amiúde que o sentimento é algo piegas.

KRISHNAMURTI: Concordo.

Interrogante: Porque, se o tiverdes, o sentimento se torna mecânico e, automaticamente, tereis uma reação.

KRISHNAMURTI: Como vedes, idealismo é sentimentalidade e, portanto, gera hipocrisia — não sei se o enxergais.

Interrogante: Porque tem estados de espírito.

KRISHNAMURTI: Exatamente, tudo isto está envolvido no sentimento. Esclarecido esse ponto, pergunto: temos nós esta afeição de modo que, ao surgir um mal-entendido, podemos falar sobre ele e superá-lo, em vez de guardá-lo?

Interrogante: Talvez a palavra "sentimentalidade" necessite de definição. Quero dizer, ela parece que vai até mais longe que o sentimento. É uma emoção de segunda mão.

KRISHNAMURTI: É uma coisa feia.

Interrogante: Na maior parte das vezes, simulada.

KRISHNAMURTI: Isso mesmo, como uma máscara que a gente coloca.

Pergunta: Parece difícil distinguir na vida de todos os dias. Tomemos um exemplo: Vejo uma árvore bonita. Que emoção é essa?

KRIISHNAMURTI: Isso é sentimento? Olho para a árvore e digo, "Que árvore maravilhosa, como é bonita!" — isso é sentimento?

Interrogante: Faláveis convosco ao dizê-lo?

KRISHNAMURTI: Sim. Digo a mim mesmo: "Como é bonita!" Se estivésseis lá, eu diria, "Olhai, vede como é bonita aquela árvore!" Isso é sentimento?

Interrogante: É um fato. Mas se virdes uma árvore e pensardes que deveis achá-la bonita, isso é sentimento.

KRISHNAMURTI: Exatamente — compreendestes? Absorvestes a diferença?

Interrogante: Sim. Que é, quando pensais que deveis...

KRISHNAMURTI: Certo. Por isso mesmo, quando me sinto sentimental a respeito de alguma coisa, assumo uma frente falsa: "devo" sentir que é uma bonita árvore.

Interrogante: É um ato de comportamento.

KRISHNAMURTI: Sim, um ato de comportamento. Folgo de estarmos entrando nesse assunto.

Pergunta: Sim, mas agora, para continuar nossa história, tomais conta da árvore e vos afeiçoais a ela. É aí que entra em cena a sentimentalidade?

KRISHNAMURTI: É. Quando vos afeiçoais, a sentimentalidade se insinua. Por isso, absorvei-a, é um alimento que estais mastigando — precisais digeri-lo. Perguntais: quando há afeição, há apego?

Interrogante: Não, mas, às vezes, um passa para o outro sem o perceber.

KRISHNAMURTI: Naturalmente.

Interrogante: Parece não haver fronteiras.

KRISHNAMURTI: Por isso mesmo, tendes de ir muito devagar. Estamos tentanto estabelecer a diferença entre afeição e sentimentalidade. Vemos o que é sentimentalidade. Na maior parte dos casos não nos sentimos sentimentais quando somos jovens mas, à proporção que envelhecemos, colocamos várias máscaras desnecessárias e dizemos "Precisamos sentir a beleza daquela árvore". Ou, "Preciso gostar daquele poema porque foi escrito por Keats ou Shelley." A afeição é algo inteiramente diferente. Sentimentalidade é afetação, hipocrisia. Pois bem, que é afeição?

Interrogante: Literalmente significa mover-se na direção de alguém.

KRISHNAMURTI: Perfeito.

Interrogante: Ser afetado por alguma coisa.

KRISHNAMURTI: Primeiro prestai atenção ao que disse o Sr. Simmons. Temos de prestar atenção uns aos outros. Disse ele: "Mover-se na direção de alguém." Que significa isso?

Interrogante: Significa procurá-lo.

KRISHNAMURTI: Cuidado — não digais "procurar". Eu me movo na vossa direção, podeis ser rígido mas eu me movo na vossa direção, faço um gesto para vós. Estendo-vos a mão, podeis não a querer mas eu a estendo. Afeição significa "mover-se para" — a árvore, o pássaro, o lago ou o ser humano — estender o braço, a mão, fazer um gesto, sorrir; tudo isso é afeição, não é? Se eu vos estender minha mão, embora vos tenha entendido mal, direis de pronto: "Sim, tentarei eliminar tudo." Enquanto não houver um movimento na vossa direção não será possível superar o mal-entendido.

Interrogante: Mas algumas pessoas poderão estender a mão mecanicamente.

KRISHNAMURTI: Isto é sentimentalidade, hipocrisia.

Interrogante: E se formos afetados por alguém, essa é uma forma de sermos trabalhados da mesma maneira.

KRISHNAMURTI: Certo.

Interrogante: Logo deixaremos Brockwood, e encontraremos pessoas sentimentais: nossa mãe, ou alguma pessoa assim. Teremos de responder aos sentimentos dela.

KRISHNAMURTI: Eu sei. Vede bem, o amor não é sentimento, nem sentimentalidade. É uma coisa muito dura, se me permitirdes usar essa palavra. Compreendeis o que ela significa? Não digo dura no sentido de brutal, mas no sentido de que não tem hipocrisia, nem sentimentalidade, não tem roupagens à sua volta.

Pergunta: Realística, é o que quereis dizer?

KRISHNAMURTI: Se preferis dizê-lo desse modo.

Sabemos agora o que entendemos por afeição, amor e sentimentalidade. Como criamos o ambiente aqui, o terreno, o solo em que viça o sentido de libertação da pressão e portanto de não-dependência, de modo que vós mesmos gerais a tremenda emoção de viver, de vitalidade, de chama — seja qual for o nome que lhe derdes? Como haveremos de começá-lo? A responsabilidade é vossa. Compreendeis agora o significado da palavra? Que fareis para produzir essa atmosfera? — porque cada um de vós é responsável. Não o são o sr. nem a sra. Simmons, nem X, Y, Z — *vós* sois responsáveis.

Pergunta: A afeição não pode ser cultivada?

KRISHNAMURTI: E que fareis então? Dissemos que a afeição é necessária, mas perguntamos como criais a atmosfera em que ela pode funcionar?

Interrogante: Se pudermos vê-la quando a temos de vez em quando, poderemos ver a situação que nos anima a tê-la.

KRISHNAMURTI: Não estais respondendo à pergunta. Aqui em Brockwood somos responsáveis por criar este solo em que há liberdade, que é a não-dependência. Nessa liberdade, nessa energia, floresceremos em bondade. Como o criaremos?

Interrogante: Talvez pudéssemos encontrar aqui o ponto de Tungki, porque acho que alguns de nós sentimos a mesma coisa. O que ele disse foi que temos tido momentos de afeição no passado e que, se pudermos analisá-los, talvez possamos ver o que os produziu. Se esta for uma trilha falsa, talvez possamos acabar com ela. Sabemos que sentimos afeição, ela aconteceu.

KRISHNAMURTI: E por que desaparece? Aliás, pode desaparecer? Ou era sentimentalidade e, portanto, se foi? Dizeis: "Tenho tido, às vezes, ou com freqüência, este sentimento de grande afeição mas, de certo

modo, ele vai e volta." Ora, a afeição pode ir embora ou é a sentimentalidade que murcha?

Interrogante: Sentimos afeição e ao tentar agarrar-nos a ela e perpetuá-la, tornamo-nos sentimentais, porque tentamos reconhecer-lhe os sintomas e o que ela faz, e agimos de acordo com a memória.

KRISHNAMURTI: Ou pode ser que chamemos a sentimentalidade de afeição.

Interrogante: De fato, se for uma afeição verdadeira, não vejo como possa dissolver-se.

KRISHNAMURTI: É claro.

Interrogante: Talvez fique sepultada, mas não se dissolve. Pode ser sepultada por mal-entendidos, mas acaba reemergindo.

KRISHNAMURTI: Poderá? Se eu tiver uma afeição verdadeira podereis vós sepultá-la? Não. Quase todos carecemos desse grande sentido de afeição. Pois bem, como o produzimos? Não digais "cultivando-o", que isso leva tempo.

Pergunta: Não será isso, em parte, porque vemos a sua necessidade? Nas primeiras palestras que mantivestes conosco, tentastes mostrar-nos a necessidade deste lugar.

KRISHNAMURTI: A afeição não pode ser cultivada, pode? Para dizer, "Eu vos amo", é preciso que o sentimento venha naturalmente, e não seja forçado nem estimulado. Não se pode dizer, "É necessário, portanto preciso amar-vos." Como surgiu esta afeição? Podereis desenvolvê-la com toda a calma? Averiguai-o. Pode ser que tenhais de chegar a ela obliquamente — entendeis o que quero dizer?

Interrogante: Talvez preciseis descobrir o que vos impede de ter uma afeição.

KRISHNAMURTI: Mas precisais tê-la antes de poder descobrir o que a faz cessar. Raiva, inveja, mal-entendido — todas essas coisas farão cessar a afeição?

Interrogante: Sim.

KRISHNAMURTI: Fá-lo-ão? Dizeis alguma coisa brutal — poderá isso destruir minha afeição? Sinto-me magoado, mas o essencial, a beleza da afeição estará destruída? Pode acontecer, portanto, que cheguemos a ela de uma direção diferente. Vamos investigar essa possibilidade? Estou cheio de sentimentalidade, de emocionalismo, de idealismo, de "Isso deveria ser feito", "Isso precisa ser feito", "Tentarei". Tudo são sentimentalidades. Dissemos que a afeição é uma realidade muito dura,

é um fato, não se distorce, não se destrói. Se eu não a tiver, quero saber como chegar a ela. Não posso cultivá-la, não posso alimentá-la com boas obras, dizendo, "Precisarei ir ajudar-te quando estiveres doente"; isso não é afeição. Deve haver um meio de fazer alguma coisa que a produza. Nós o descobriremos. Que vos parece?

Pergunta: *Se nunca a experimentei, como poderei saber que ela está aqui?*

KRISHNAMURTI: Vou descobrir, não sei, não tenho nenhuma afeição. Posso tê-la ocasionalmente quando estou meio adormecido mas, na realidade, não a tenho quando estou vivendo, lutando. Agora, como florescerá em mim esta semente?

Interrogante: *Tendes de perder vossas imagens das pessoas.*

KRISHNAMURTI: Isso é uma coisa. Mas quero chegar muito mais perto.

Interrogante: *Há também outras coisas que o estão impedindo, talvez possamos dar uma espiada nelas.*

KRISHNAMURTI: Sim, continuai. Mas será isso o bastante?

Interrogante: *Não poderei fazer nada enquanto não tiver olhado para o que me tolhe.*

KRISHNAMURTI: Eu talvez esteja com raiva, irrito-me facilmente e sou mal compreendido. Portanto digo: deixai-me acabar com isso. Virá a afeição? Conheço muitas pessoas, chamadas monges, bons trabalhadores sociais, etc., que se adestraram para não ficar com raiva. Mas a verdadeira chama se foi, nunca a tiveram, são pessoas bondosas, generosas, que vos ajudarão, que vos darão o seu dinheiro, o seu casaco, o seu abrigo, mas o essencial não está em parte alguma. Quero descobrir como deixar que essa coisa floresça em nós; depois que ela tiver florescido não podereis destruí-la.

Dissestes: vede as coisas que a impedem. Isso significa que estais cultivando deliberadamente a afeição. Quando dizeis, "Vou ver quais são as coisas que me bloqueiam", este será um ato deliberado para consegui-lo. Não sei se o percebeis.

Interrogante: *Percebemos.*

KRISHNAMURTI: Por conseguinte, estais tentando cultivá-la, não estais? — só que de um modo obscuro.

Interrogante: (1) *Dissestes que precisamos tentar descobrir o solo da afeição, desse sentido de responsabilidade.*

Pergunta: (2) *Se tentarmos criar certa relação, uma atmosfera, ou seja lá qual for o nome que lhe derdes, em que a afeição possa florescer, não será isso talvez o que ela quis dizer?*

KRISHNAMURTI: Estou procurando mostrar que não podeis cultivá-la.

Pergunta: Mas não podeis produzir a "coisa" certa?

KRISHNAMURTI: É o que estou tentando descobrir. Portanto, esqueçamos a afeição, visto que não podemos cultivá-la. Pergunto a mim mesmo se chegais a compreendê-lo. Podeis cultivar crisântemos ou outras coisas, mas não podeis cultivar afeição — nem astuta, nem inconsciente, nem deliberadamente podereis produzi-la. Assim sendo, que faremos?

Interrogante: Parece-me que há uma coisa — não para fazer — mas para reconhecer. Quando contemplais alguém, ou alguma situação, reconheceis, sem perda de tempo, que não há afeição entre vós.

KRISHNAMURTI: Isso pode ser feito. Que acontece quando dizeis, "Sim, vejo, ao contemplar-vos, que realmente não vos tenho afeição"? Que aconteceu?

Interrogante: Enfrentastes um fato. Alguma coisa acontece.

KRISHNAMURTI: Deveras? Prestai atenção: inconsciente, profundamente, existe a idéia de que é preciso haver afeição. Faço várias coisas a fim de capturá-la. Todos vós sugeris métodos para a sua captura.

Interrogante: Eu não estava sugerindo um método, estava apenas dizendo: reconhecei que não a tendes.

KRISHNAMURTI: Sei perfeitamente que não a tenho. A chama não está em mim.

Interrogante: E como é muito duro ver realmente que ela não está em nós, continuamos a fazer de conta.

KRISHNAMURTI: Gosto de olhar para as coisas como são e de enfrentar os fatos; pessoalmente, não tenho sentimentalidade alguma, acabei com tudo isso. Agora digo: "Não tenho essa coisa." E também sei que ela não pode ser cultivada de modo sub-reptício, indireto. Vejo-lhe, no entanto, a beleza indiretamente. Que devo fazer então? Podemos afastar-nos um pouco do assunto e voltar a ele mais tarde?

——— x ———

KRISHNAMURTI: Prestai atenção ao que tenho para dizer. Sentis-vos em casa aqui? Sabeis o que é uma casa, um lar?

Interrogante: O lugar onde tendes a certeza de encontrar apoio e ajuda. Onde vos sentis à vontade, não vos acanhais, e vos movimentais mais facilmente do que nos lugares em que sois um estranho.

KRISHNAMURTI: Em vosso lar não sois um estranho. É isso?

Interrogante: (1) Nesse caso tendes muitos lares, porque podeis ter vários amigos e irmãos. Sinto-me à vontade em diversos lugares.

Interrogante: (2) *Podeis ter uma casa e morar nela, mas isso não significa que é um lar.*

KRISHNAMURTI: Que é o que faz dela um lar?

Interrogante: (1) *A afeição e a cooperação entre as pessoas que a habitam.*

Interrogante: (2) *O lar é o lugar onde temos segurança.*

KRISHNAMURTI: A isso chamais lar? — ao lugar onde tendes segurança, onde vos sentis à vontade, onde não sois estranhos?

Interrogante: *O lar é tudo isso.*

KRISHNAMURTI: Continuai.

Interrogante: (1) *É onde não tendes medo.*

Interrogante: (2) *Na realidade não me parece ter um "lar"; tenho uma casa na Califórnia e freqüento esta escola.*

KRISHNAMURTI: Ele disse há pouco alguma coisa à qual, infelizmente, não prestamos atenção. Falou em "amigos e irmãos", e disse também, "Onde quer que eu esteja estou em casa". Você disse isso — não o negue agora. Pois bem, que é um lar para todos nós? Dissestes, onde quer que esteja eu me sinto em casa. Onde não sou um estranho, onde estou à vontade, onde não sou tratado como pessoa de fora, onde posso fazer o que quero sem que ralhem comigo — é isso um lar? Na verdade, eles ralham convosco, mandam-vos para a cama à hora certa. Portanto, que é um lar?

Pergunta: *Uma emoção que experimento por estar em casa?*

KRISHNAMURTI: Que emoção é essa? Sentimentalidade? Aqui é preciso tomar cuidado. Prestai atenção, por favor, vou dar-vos um empurrãozinho. Quero descobrir o que é um lar para vós, na realidade, não em teoria. Viajo o mundo todo — exceto a Rússia e a China — sou colocado em quartos diferentes, quartos pequenos e quartos grandes. Tenho dormido no chão, em camas de prata, tenho dormido em todos os tipos de lugares, e tenho-me sentido em casa — estais compreendendo? Para mim, lar significa o lugar onde estou, seja ele qual for. Às vezes há apenas um muro defronte da minha janela, às vezes um belo jardim, às vezes uma favela — estou-vos contando coisas exatas, não estou fantasiando. Às vezes se faz um barulho tremendo à minha volta, o chão é sujo, etc. — E os colchões em que tenho dormido! Estou em casa nesses lugares como estou em casa aqui. O que quer dizer que trago comigo o meu próprio lar — estais compreendendo?

Brockwood é um lar para vós? Ou seja, um lugar em que podeis falar uns com os outros, sentir-vos felizes, brincar, trepar numa árvore

quando o desejais, onde não há ralhos, nem castigos, nem pressões, onde vos sentis completamente protegidos, onde sabeis que alguém vela por vós, dá-se ao trabalho de verificar se estais asseados, se vossas roupas estão limpas, se penteastes os cabelos? Onde vos sentis completamente seguros e livres? Isso é um lar, não é?

Interrogante: Isso é produzido pela auto-responsabilidade, de modo que ninguém precisa empurrar-vos para fazer coisas.

KRISHNAMURTI: Não, não mudeis de assunto. Esta casa é um lar para vós naquele sentido?

Interrogante: É.

KRISHNAMURTI: Tendes a certeza de que vos sentis seguros, protegidos, zelados, de que nunca vos censuram e de que só vos recomendam afetuosamente que não façais certas coisas?

Pergunta: Acaso nos sentimos seguros onde quer que estejamos?

KRISHNAMURTI: Não teorizeis. Estou-vos perguntando se vos sentis em casa aqui, no sentido em que todos concordamos, mais ou menos, que é um lar. Sentis-vos em casa?

Interrogante: Sim, mais ou menos.

KRISHNAMURTI: Quando eu disse mais ou menos, disse-o no sentido de que posso acrescentar-lhe mais coisas — onde há bons livros, boa comida, onde a comida tem bom sabor, onde ninguém ralha convosco. Estais compreendendo o quero dizer?

Interrogante: O lugar é tão "ideal" que ninguém se atreve a dizer que nele somos repreendidos.

KRISHNAMURTI: Ideais são sentimentalidade.

Interrogante: Sim, mas nós somos repreendidos.

KRISHNAMURTI: Repreendidos afetuosamente, é claro. Pois bem, isto aqui é um lar para vós? Não sejais indefinidos.

Interrogante: Aqui nos sentimos zelados.

KRISHNAMURTI: Tende, portanto, a bondade de dizer-me se vos sentis em casa — Não estou afirmando que vos sentis ou não, vós é que deveis dizer-me. Mas, se não quiserdes falar, também está certo. Se aqui vos sentis em casa, sois também responsáveis?

Interrogante: Se eu não fosse responsável, não me sentiria em casa.

KRISHNAMURTI: É por isso que pergunto. Levo uma peça do mobiliário desta sala para a sala vizinha, jogo-a lá e pouco me incomodo. Mas se for este o meu lar, eu me incomodarei — estais entendendo?

Eis aí o que quero dizer com responsivo, responsável. Quando vos sentis em casa, cuidais das coisas, cuidais de vós mesmos, não quereis magoar vossa mãe, dar-lhe muito trabalho. É uma espécie de movimento mútuo, afetuoso, criativo. Não conheceis todas essas coisas? Assim que vos sentis em casa, que acontece?

Interrogante: *Afeição.*

KRISHNAMURTI: Afeição, não é? Então podereis dizer-me: pelo amor de Deus, não me quebreis esse móvel; e porque também me sinto em casa, não ficarei magoado. Pergunto a mim mesmo se compreendeis o que estou falando. Assim, quando estais em casa, a semente começa a germinar, sem que seja preciso cultivá-la, começa a florescer. É o que está acontecendo a todos vós? Se não vos sentirdes em casa aqui, descobri de quem é a culpa, se é vossa ou de outra pessoa; corrigi-a, em vez de ficar sentados e dizer, "Bem, não me sinto em casa" — fazei alguma coisa para remediá-lo. Quando crescerdes, deixareis este lugar e enfrentareis o mundo. E se não tiverdes a mente em vós aqui, o mundo vos destruirá. Sereis espezinhados, que os homens são lobos, assassinos — não vos iludais. A emoção de estar completamente relaxados, completamente em casa — no sentido em que uso a expressão — produz a responsabilidade afetuosa. Compreendeis o que digo? Compreendei-o, por favor. E quando tiverdes a semente e ela florescer aqui, mantê-la-eis florida a vida toda. Mas se isso não funcionar, o mundo vos destruirá; o mundo fará de vós o que ele quer que sejais: um animal astuto.

Portanto, verifiquemos se aqui estais em casa e, se não estiverdes, por que não estais? Afeição é não-dependência, não sei se o compreendeis. Alguns de vós casareis; e direis à vossa esposa: "Eu vos amo, querida." Em seguida saireis para o escritório ou para qualquer outra espécie de trabalho, e lá estareis cheios de ansiedade, desejosos de prosperar, repletos de ambição, cobiçosos. Voltando para casa, direis: "Querida, eu vos amo." Estais vendo a absurdidade disso? É o que acontece no mundo. Nele há apego, inveja, medo, ansiedade: ela não pode olhar para mais ninguém, só para mim.

Se os pais realmente amassem os filhos não haveria guerras. Diriam: "Vivei, não mateis, vivei." Não haveria exército — vede o que aconteceria. De modo que o que geralmente se chama lar não é lar coisa nenhuma. Portanto, *este* precisa ser o vosso lar; passais aqui oito ou nove meses por ano e é vossa responsabilidade — sabemos o que isso significa — fazer desta casa o vosso lar, dizer-me, a mim, à sra. Simmons ou a quem for, "Este não é o meu lar porque não estais fazendo certas coisas" — entendeis-me? Então partilhareis disto. Estais

apenas prestando atenção ou participando? Aplicai-vos, criai, não deixeis que os outros façam todo o trabalho, e digam: "Sim, estou muito à vontade aqui, este é o meu lar." Nesse caso, não será o vosso lar, porque não o construístes.

Desde pequeno, vivi em casa de outras pessoas, e nunca tive um lugar do qual pudesse dizer: "Este é o meu lar." Mas há a emoção de estardes em casa onde quer que estejais porque sois responsável, afetuoso. O lar não é uma criação de sentimentalidade, é uma criação de fato — o fato de sentir-me em casa. Isto é, sou livre, sou responsável, sou afetuoso. A responsabilidade total é a emoção de estar em casa.

2

Situação do mundo. Necessidade de educar-nos. Implicações do aprendizado. Aprendendo a cooperar. Múltiplas e variadas atividades. A habilidade em ação: Ioga.

KRISHNAMURTI: Sabeis o que está acontecendo no mundo? — os assaltos, as fraudes, as mentiras deslavadas, as revoltas, o caos e a miséria na Índia. Quando ledes as notícias sobre isso, que significam elas para vós? Ou não as ledes — não tendes ciência do que está acontecendo?

Interrogante: *Muita coisa é muito triste.*

KRISHNAMURTI: Que quereis dizer com essa palavra?

Interrogante: *Alguns povos estão dominando outros e magoando muitas pessoas.*

KRISHNAMURTI: Mas essas coisas vêm acontecendo há séculos, não vêm? — toda a história é isso. Que pensais delas?

Interrogante: *Na verdade, não me dizem respeito.*

KRISHNAMURTI: Por que afirmais que essas coisas não vos dizem respeito?

Interrogante: *Vejo pessoas sendo mortas na televisão. Olho para a tela e não me dou conta de que são pessoas que estão morrendo.*

KRISHNAMURTI: Que parte representais nesses fatos?

Interrogante: *Não participo deles.*

KRISHNAMURTI: Então, qual é a vossa relação com isso? Trata-se de algo que está acontecendo "lá", na Jordânia, na América?

Interrogante: *Às vezes a coisa atinge o alvo e sinto o que essa gente está sentindo.*

KRISHNAMURTI: Sentis que é preciso mudar tudo, ou que não podeis fazer nada? Qual é a vossa relação com o mundo? Uma percepção das coisas extraordinárias que estão acontecendo tecnologicamente e da estarrecedora ineficiência do homem para enfrentar o avanço tecnológico? Qual é a vossa relação com a confusão produzida pelo homem em todo o mundo?

Interrogante: Enquanto estivermos confusos estaremos contribuindo para a confusão.

KRISHNAMURTI: Compreendo-o, mas que sentis a respeito? Qual é a vossa resposta mais íntima a tudo isso?

Interrogante: Sinto-me frustrado e com raiva por tudo estar acontecendo. Reajo a isso; vejo coisas erradas e sinto-me hostil.

KRISHNAMURTI: E depois? Quando sairdes daqui e fordes para a universidade ou para a faculdade, que parte representareis em tudo isso? Limitar-vos-eis a ajustar-vos à maquinaria? Que será de vós em relação ao mundo? Ou não estais interessado nisso por enquanto? Podeis dizer, "Sou demasiado jovem para pensar nessas coisas, quero divertir-me e gozar a vida enquanto posso; mais tarde pensarei no assunto." Ou sentis que isto é uma preparação, um começo do que será quando ficardes mais velhos? As pessoas podem revoltar-se agora e tomar drogas — ou não, depende — mas, quando chegardes aos vinte ou vinte e cinco anos, casareis. Ajustar-vos-eis a tudo? Se não vos ajustardes, que fareis? Se fordes hostis ao sistema, ao que está acontecendo, não hipócritas, mas realmente revoltados — podereis simular que realmente não sentis a hediondez de tudo? Qual é a vossa resposta?

Não pensais de maneira alguma no que havereis de ser? Casar e estabelecer-vos? — mas se este é o resultado final, que é a educação? Servirá, acaso, para vos ajudar a instalar-vos neste sistema? Quando perguntei a muitos estudantes na Índia, "Que havereis de fazer?", ouvi em resposta: "Meu pai, senhor, quer que eu seja engenheiro, meu pai deseja que eu seja médico, nós precisamos de médicos. Quero auxiliar a Índia tornando-me um engenheiro eficiente." A maioria pensa em termos de uma carreira profissional, quer ajudar o interior, fazer trabalho social. É o que todos pretendeis fazer? Estais todos dormindo?

Creio que nisso reside a tristeza, não no que o mundo é. O mundo é assim, ilusivo, os políticos enganadores, os que só pensam em dinheiro — tudo isso. Se não tiverdes sido corretamente educados, acabareis caindo na esparrela. Portanto, no vosso entender, que é a educação? Serve para ajudar a ajustar-vos ao mecanismo da ordem, ou desordem, atual das coisas ou sois de opinião que ela deve ser diferente? Se for diferente, que desejais que seja?

Interrogante: É apenas um processo de aprendizado.

KRISHNAMURTI: Que significa para vós aprender?

Interrogante: Saber das coisas que existem ao nosso redor e dentro de nós.

KRISHNAMURTI: É o que estais fazendo?

Interrogante: É.

KRISHNAMURTI: Quereis realmente aprender?

Interrogante: Quero.

KRISHNAMURTI: Sede terrivelmente sérios — não falemos fácil, loquazmente. Sabeis o que significa aprender?

Interrogante: Descobrir o máximo possível a respeito do que quer que seja — a respeito de tudo.

KRISHNAMURTI: É o que entendeis por "aprender"? — descobrir? Pegai uma enciclopédia; lá encontrareis tudo.

Interrogante: Mas ela só abrange o lado teórico.

KRISHNAMURTI: Que entendeis, então, por aprender?

Interrogante: Descobrir alguma coisa e ser capaz de lidar com ela, enfrentá-la e, possivelmente, usá-la.

KRISHNAMURTI: Falávamos outro dia em cooperação, inteligência e sexo. * Discutimos, em princípio, o que é cooperação, o que quer dizer cooperar, trabalhar juntos, fazer coisas juntos. Como aprenderemos isso — trata-se apenas de uma teoria? Uma comunidadezinha vive aqui em Brockwood. Todo homem civilizado — civilizado no sentido de culto, refletido, inteligente — precisa cooperar, a vida exige cooperação — não de qualquer jeito, mas com espírito de cooperação. Dissestes, "Quero aprender a cooperar." Ora, como se aprende a cooperar? Porque em toda sociedade culta deve haver cooperação; nenhuma subsiste de outro modo. Como pretendeis aprendê-la?

Interrogante: Discutindo-a. Há um aprendizado envolvido nisso.

KRISHNAMURTI: Pergunto o que entendeis por aprender a cooperar? Ambos concordamos em que a vida não poderá prosseguir se não houver cooperação. Por onde começo?

Interrogante: Cooperando.

KRISHNAMURTI: Que quereis dizer com a palavra cooperação? Como cooperais, com quem, por quê? Onde poderei aprendê-la?

---

* Veja o Capítulo 5.

Interrogante: *Praticando-a.*

KRISHNAMURTI: Que quereis dizer com esse praticando-a? — Investigar, aprender?

Interrogante: *Averiguai por que quereis cooperar.*

KRISHNAMURTI: Estais, pois, dispostos a aprender? E o processo do aprendizado consiste em formular essa pergunta? E tendes, além disso, o espírito da cooperação, a emoção? Desejais cooperar realmente, profundamente? Não tereis de começar aprendendo se, de fato, bem no íntimo, desejais cooperar? Se o Estado vos disser, "Ide e matai", a menos de saberdes o que é cooperação, como sabereis quando não se deve cooperar?

Dizei-me agora, por favor, como pretendeis descobrir sozinhos se tendes espírito de cooperação — não comigo, nem com respeito a alguma coisa — mas o sentimento dela. Não será esse o princípio do aprendizado da cooperação? Onde começais a aprender — num livro? Se disserdes "O aprendizado começa num livro", tendes as enciclopédias, vasto conhecimento acumulado em centenas de páginas ou no cérebro de um professor, mas é aí que principiais a aprender? Por exemplo, ou acredito numa idéia e, portanto, quero que vós e outros coopereis comigo para pô-la em prática, e a isso se dá geralmente o nome de cooperação; porque ambos acreditamos na idéia, no princípio, no sistema. Ou temos o sentimento da cooperação — não com respeito a alguma coisa nem com alguém, mas o *sentimento* dela. Compreendeis profundamente o significado da palavra? Não me refiro apenas a trabalhar juntos, mas a sentir juntos que certas coisas precisam ser feitas — o sentimento primeiro, depois a ação.

Quando dizeis querer aprender numa comunidade, numa escola como esta, surge um problema. Há as pessoas mais velhas e a geração mais nova, o mestre, os alunos e outros que vêm aqui; deve haver um meio de viver feliz, inteligente, ativamente, com grande dose de energia. Precisamos ter esse sentimento pois, de outro modo, todos puxaremos em direções diferentes. Assim sendo, quero aprender e minha primeira indagação é saber se realmente desejo cooperar, se realmente tenho o sentimento disso. Vós o tendes? Se o não tiverdes, averiguai por quê. Esta qualidade extraordinária, este sentimento de cooperação, de construir juntos, de fazer coisas juntos, construiu o mundo.

Pergunta: *Que entendeis por "Construiu o mundo"?*

KRISHNAMURTI: O mundo, no sentido da estrada de ferro, dos correios, do envio de um foguete à Lua — trezentos mil homens envolvidos nisso tiveram de cooperar; e cooperaram por razões patrióticas

ou financeiras, razões de vaidade, etc. Cooperaram por uma idéia que dizia com o prestígio, a competição com a Rússia, etc. Ora, pode haver cooperação real, profunda e duradoura onde há um motivo? Se me mover alguma forma de consideração egoísta, um motivo de interesse pessoal, poderá haver cooperação no sentido em que desejamos entendê-la?

Interrogante: Desejais tirar dela algum proveito, não sois obrigado *a praticá-la.*

KRISHNAMURTI: Por conseguinte, averiguai se não vos move a idéia de tirar dela algum proveito. Estais começando a aprender coisas que não podeis aprender num livro.

Interrogante: A idéia de tirar dela alguma coisa não será levada necessariamente em conta. Se quisermos construir uma casa, vejo que será mais fácil para vós e para mim trabalharmos juntos. Organizamos tudo desde o começo e cooperamos um com o outro para construí-la. Portanto, tenho a idéia de construir uma casa; disso tiraremos uma casa. vós e eu.

KRISHNAMURTI: Certo — continuai. Podeis chegar um pouco mais fundo.

Pergunta: Assim sendo, que acontece quando quereis uma casa branca e eu não a quero?

KRISHNAMURTI: É isso mesmo. Quereis uma sala quadrada e ela quer uma comprida. Cuidais saber muito mais do que ela. Olhai para o que estais fazendo. Dominic acaba de dizer que cooperaremos se quisermos construir uma casa juntos, porque pretende tirar disso uma casa. Mas se começarmos a discordar no tocante à espécie de salas que a casa terá, brigaremos. Portanto, que significa isso?

Pergunta: Se começardes com espírito de cooperação e ambos desejardes construir alguma coisa juntos, não continuareis tendo um problema?

KRISHNAMURTI: Ainda teremos o problema — como o atacaremos? Vós e eu desejamos cooperar, desejamos construir a casa, quereis uma sala quadrada e eu a quero comprida. No entanto, temos ambos o espírito de cooperação. Que faremos?

Interrogante: Tentamos descobrir por que quereis uma sala comprida e por que quero uma quadrada.

KRISHNAMURTI: Que significa isso?

Interrogante: Que cooperamos.

KRISHNAMURTI: Significa que estamos ambos dispostos a ceder. Não vos aferrais à vossa opinião, eu não me aferro à minha. Que quer dizer isso?

Interrogante: *Que não temos uma idéia fixa, de modo que estamos aprendendo.*

KRISHNAMURTI: Quer dizer que temos a mente flexível, pois não dizemos, "Eu preciso tê-lo", estamos dispostos a mudar, isto é, não nos prendemos ao nosso desejo, à nossa opinião particular.

Pergunta: *E se estiverdes disposto a pensar no assunto, mas a outra pessoa não estiver?*

KRISHNAMURTI: Que fareis?

Interrogante: *Creio que fareis o que a outra pessoa deseja — se estiverdes disposto a discutir e ela não estiver.*

KRISHNAMURTI: Pois é precisamente esse o ponto: que fareis se quiserdes cooperar e a outra pessoa não quiser?

Interrogante: *Colocar-me-ei na situação dessa pessoa.*

KRISHNAMURTI: Mas numa comunidade como esta, que podereis fazer?

Interrogante: (1) *Discutirei de novo o assunto com ela até que ela volte a cooperar. Vede bem, eu estaria disposto a ceder — estou olhando para o caso do meu ponto de vista — eu estaria disposto a discutir o assunto. Mas não sei o que faria se a outra pessoa não quisesse.*

Interrogante: (2) *Talvez, em lugar de falar sobre a sala, eu começasse a falar sobre a própria cooperação, que é a causa do problema.*

Interrogante: (3) *E, para começar, precisais ter espírito de cooperação.*

KRISHNAMURTI: Mas não o tenho. Tomai uma questão mais ampla. Temos geralmente o culto do intelecto, a pessoa inteligente que passa com brilho nos exames é a mais respeitada. Do ponto de vista intelectual, é brilhante, viva, boa na sua matéria; mas detesta disputar jogos e fazer alguma coisa no jardim. Vede como é importante não só termos um bom cérebro, mas também sabermos fazer coisas — jardinar, cozinhar, lavar pratos — e não sermos apenas unilaterais. A pessoa inteligente é capaz de fazer coisas, e não diz, "Não gosto de jardinar, isso me entedia, só gosto de estudar." Eis aí uma maneira torta de viver.

Agora proporei que aqui não só tenhamos cérebros de primeira classe, isto é, capazes de pensar de forma lógica, sadia, desapaixonada, e não pessoal, mas que também sejamos hábeis na ação. Conheceis Ioga? — essa palavra denota igualmente "habilidade na ação", e não apenas a prática de uns poucos exercícios. Como fareis para obter habilidade na ação?

Interrogante: *Através da prática.*

KRISHNAMURTI: E isso significa *fazer* coisas. Eu gostaria de sugerir — eis aí uma coisa que tenho feito muito na vida — que todos fizessem algum trabalho com a terra: jardinagem, plantio, cultivação — e não se limitassem a dizer, "Eu plantarei e você regará." Olhar pela planta, tratar dela — isso nos dá a oportunidade de cuidar de alguma coisa. Porventura já cavastes o solo? — entrais em contato com a terra. Proporei que exista aqui não somente uma atividade intelectual da ordem mais elevada, mas também uma grande dose de reflexão, de trabalho, de estudo intenso, ativo, claro, do mais alto nível. E também que se tenha habilidade na ação, que consiste em fazer coisas. Quando tocardes violão, tocai-o bem, não vos limiteis a dedilhá-lo. Fazei tudo habilidosamente, e uma das maneiras de aprender a fazê-lo é trabalhar no jardim, disputar jogos, etc. Suponhamos agora que eu sugira uma coisa dessas e que digais, "Não quero jardinar, a jardinagem me entedia." Que se pode fazer com uma pessoa assim?

Interrogante: Descobrir primeiro por que a pessoa não quer fazê-lo.

KRISHNAMURTI: E depois?

Interrogante: Deve haver uma razão por que...

KRISHNAMURTI: Averiguai. Ela vos dirá, "Não gosto, isso me entedia."

Interrogante: Tendes o direito de não fazer, se não quiserdes.

KRISHNAMURTI: Vossas respostas são todas muito rápidas. Não quero jardinar e não quero trabalhar na cozinha. Estais vendo o que acontece — vou-me afastando aos poucos. E reunindo à minha volta pessoas que não querem fazer coisas.

Interrogante: Esta é justamente uma coisa que não quereis fazer.

KRISHNAMURTI: E por que não? Diz a inteligência que precisais ser bons em tudo e não dizer: "Não quero jogar." Vivereis aqui muito mais tempo do que em casa — este é o vosso lar, o meu lar, o lar de outras pessoas; é o nosso lar. Nosso lar abrange também o jardim, o gramado, o plantio das árvores, o cuidado que se lhes dispensa. E como vou viver aqui, não posso dizer: "Não quero cuidar do jardim." É o nosso lar, não posso transferir-vos o encargo dele. Como me mostrareis ou como me ajudareis a aprender que precisamos fazer as coisas juntos, ou aprender a fazer as coisas juntos? A responsabilidade é tanto vossa quanto da sra. Simmons, ou de outra pessoa. Como podereis ajudar-me, a mim, que digo: "Os jogos me entediam — deixai-me a sós com minha música *pop* ou com o meu livro. Sinto-me em casa, deixarei o pijama no chão." Que fareis? "Deixarei meus sapatos no corredor, ou deixarei o quarto desarrumado, não me importo. Em minha casa na

Califórnia, em Londres, em Paris, comporto-me como bem entendo. Por que me dizeis aqui o que devo fazer?" E então aparece alguém, que vos diz: "Por favor, não façais isso." E respondeis: "Sois autoritário, este é o nosso lar, posso fazer aqui o que me der na telha."

Assim sendo, como me ensinareis, ou como me ajudareis a aprender que o viver com inteligência supõe jogar, cuidar do jardim, estudar, fazer coisas com as mãos, e não apenas com o cérebro? Pessoalmente, gosto de fazer tudo, jardinar, ordenhar vacas, cuidar de galinhas, cuidar das criancinhas de peito, trocar fraldas — tenho feito todos os tipos de coisas. Gosto disso, ninguém me impõe essas tarefas, e esse é o modo de viver, essa é a maneira mais inteligente: ter a capacidade de fazer coisas.

Agora, que fareis com uma pessoa nesta escola, que diz: "Deixarei meu quarto como eu quiser — pois é lá que durmo. Sou ordeiro porque posso encontrar o que quero no meio da desordem." Onde começais o aprendizado? Todos queremos viver juntos, ser felizes juntos, fazer coisas juntos — a vida consiste em fazer coisas juntos. Por isso mesmo, dizei-me, por favor, como vos propondes aprender tudo isso?

Interrogante: *Começando com espírito de cooperação.*

KRISHNAMURTI: Se o tiverdes, que fareis para ajudar-me a aprender?

Interrogante: *Cumpre estabelecer uma regra.*

KRISHNAMURTI: E que acontece? Assim que estabelecerdes uma regra, eu a quebrarei, porque quero ser livre. As pessoas foram para a América porque não gostavam de várias imposições, diziam querer ser livres. Deixaram a velha terra e foram para a terra nova, declarando: "Começaremos de novo, sem bispos, nem reis." Pouco a pouco, o monstro cresceu lá também.

Vedes, assim, como é importante ter um bom cérebro, capaz de pensar, estudar, observar e aprender objetiva, sadiamente?

Pergunta: *Que acontece, senhor, quando nascemos com um cérebro insuficiente?*

KRISHNAMURTI: Se nascestes com um cérebro insuficiente, receio que não haja muita coisa que se possa fazer.

Interrogante: *Falais como se houvesse alguma coisa que nós* podemos *fazer.*

KRISHNAMURTI: É claro, porque, ainda que tenhamos cérebros insuficientes, não somos necessariamente débeis mentais.

Interrogante: *Quero dizer fracos da cabeça.*

KRISHNAMURTI: Se fordes fracos da cabeça, isso poderá ser corrigido pelo reconhecimento do fato. Farei alguma coisa a respeito, não me limitarei a dizer, "Sou fraco da cabeça", e a continuar sentado no mesmo lugar.

Pergunta: E que fareis então?

KRISHNAMURTI: Ficarei sabendo que sou fraco da cabeça.

Pergunta: Mas algumas pessoas não têm maior capacidade do que outras de fazer as coisas?

KRISHNAMURTI: Por isso aprendei. Se tenho capacidade de fazer uma coisa melhor do que outra pessoa, isso pode levar-me a uma vida desequilibrada. Como sou um ser humano que possui capacidades extraordinárias, preciso exercitar todas elas pois, do contrário, não serei humano. Passarei a ser um mero técnico. Se me disserdes, "Na realidade não me interessa ouvir música, nem nada parecido, nem contemplar a beleza do dia — deixai-me com a minha matemática", eu vos direi: "Sois fraco da cabeça."

Pergunta: Mas não existe alguma coisa como uma capacidade inerente, com a qual nascemos?

KRISHNAMURTI: Tudo pode ser mudado.

Pergunta: Podemos todos ser Beethovens?

KRISHNAMURTI: Quero aprender: não quero ser parecido com ninguém, não quero tornar-me parecido com Cristo, nem com Buda, nem com Beethoven, nem com Einstein! Quero ver as coisas de maneira diferente, ter um modo de vida inteiramente diferente. Como um grupo de pessoas que vivem juntas, animadas a sentir que aqui está o seu lar, que fareis se alguém vos disser: "Lamento muito, mas nunca tenho vontade de trabalhar no jardim"?

Interrogante: (1) Talvez este não seja o lar dessa pessoa.

Pergunta: (2) Não seria interessante dividir o pessoal em grupos? — os que gostam de jardinar e os que gostam de fazer outra coisa?

Interrogante: (3) Se alguém não gosta de jardinar, talvez não sinta que este é o seu lar, talvez não deva estar aqui.

KRISHNAMURTI: Certo, não deve estar aqui. Como lhe transmitireis essa noção? Direis: "Viestes aqui para ser educado no verdadeiro sentido da palavra e, aparentemente, não gostais de ser educado; quereis continuar sendo um selvagem." Pô-lo-eis para fora? Ele veio em busca de educação e não sabe o que significa educar-se, pensa apenas em termos de revolta contra o Estabelecimento, contra o professor, dizendo: "Sei tudo, quem sois vós para lecionar-me?" E não sabe o

que significa a palavra "cooperação". Talvez tenhais de livrar-vos dele. Faríeis isso?

Pergunta: *Quer dizer que temos de gostar do aprendizado?*

KRISHNAMURTI: É o que estamos fazendo agora.

Interrogante: *É o que estamos fazendo; por isso não precisamos preocupar-nos com os outros.*

KRISHNAMURTI: Mas suponde que, ao cabo de quatro meses, eu continue a deixar meu quarto como um chiqueiro. Que fareis comigo?

Interrogante: *Se eu realmente concordasse convosco em que é necessário manter o quarto limpo, ele nunca mais ficaria sujo.*

KRISHNAMURTI: Mas não concordais. Sois todos crianças, com corpos desenvolvidos, muita energia, mas crianças.

Pergunta: *Muito bem, nesse caso qual é a razão?*

KRISHNAMURTI: Tende paciência para descobrir, dizei-me.

Pergunta: *Que faríeis vós? Falaríeis com ele?*

KRISHNAMURTI: Primeiro chegamos a um lugar como este para aprender. Não aprendemos apenas nos livros, mas aprendemos juntos o que significa cooperação. E aprendemos juntos o que significa descobrir que o homem sempre buscou a segurança: segurança em Deus, no casamento, na sociedade — em tudo o homem a deseja. Segurança significa passar nos exames, obter um diploma: isso nos dá a promessa de segurança. Este é o lugar para descobrirmos se ela existe. Este é o lugar em que vamos educar-nos, ou seja, aprender juntos o que quer dizer cooperar, o que significa descobrir o que é o amor. Ignoramos completamente tantas coisas!

Pergunta: *Posso fazer uma pergunta? Quando alguém é violento na prática da ioga — na maneira de fazê-la — e estais sempre a admoestá-lo, na maioria das vezes vossas admoestações não o ajudam a dar-se conta da própria violência; pode ser até que, no momento, ele se aperceba dela, mas continua a praticá-la. Do mesmo modo, poderemos estar fazendo certas coisas há muito tempo até que, de repente, damos tento disso.*

KRISHNAMURTI: É verdade.

Pergunta: *É possível educar alguém que não passou por uma espécie natural de maturação, como uma planta? Assim, qual é a reação de uma pessoa, que cresceu um pouco mais, diante da que não cresceu? E se a pessoa, por exemplo, não cresceu o suficiente para perceber que necessita de uma mente serena, que precisa de uma mente serena, como podeis ajudá-la? — não podeis. Por isso mesmo, como havemos de agir aqui?*

KRISHNAMURTI: Ele está falando sobre Ioga. Pergunta se, ao ficar assim, ao assumir esta postura, tendes a idéia primeiro, ou fazeis os movimentos à medida que o mestre de ioga os vai descrevendo. Percebeis a diferença? Ele vos diz "Sentai-vos assim", e mostra-vos como deveis sentar-vos. Tendes primeiro a imagem de como ele se senta e depois a pondes em prática, ou o imitais ao mesmo tempo que observais a maneira com que se senta? À proporção que ele vos mostra o que deveis fazer, tendes a idéia do que ele está fazendo e depois pondes a idéia em execução? Ou fazeis os movimentos à medida que ele vos mostra como se fazem? Como procedeis?

Interrogante: Fazemos os movimentos enquanto ele nos mostra como se fazem.

KRISHNAMURTI: Que quer dizer isso? Refleti. Quer dizer que prestais cuidadosa atenção ao que ele diz — o próprio ato de prestar atenção é o fazer. Não ouvis primeiro, para depois ter a idéia e depois ainda executá-la — o que é inteiramente diferente. Isso demanda educação, crescimento.

Fiz ioga por muitos anos. Tive diversos professores, e eu fazia o que me mandavam; o que quer dizer que não havia contradição entre o fazer e o prestar atenção. Se criardes primeiro a idéia, a imagem, precisareis de um tempo infinitamente longo, precisareis de prática. Mas se o mestre disser, "Fazei isso" e o fizerdes, está-lo-eis *fazendo*. Podereis fazê-lo mal, mas o estareis fazendo. Vede a importância disso. Em regra geral, ouvimos, depois criamos a idéia, depois a executamos. Aqui, se prestardes atenção e fizerdes, a idéia terá desaparecido. O cultivo e a execução da idéia demandam tempo — maturidade, crescimento.

Interrogante: Digamos que alguém esteja fazendo uma postura de ioga e eu digo, "Sede violento, procurai forçar a posição", isso seria impedi-lo de ver...

KRISHNAMURTI: Eu vos mostrarei uma coisa — tocai o chão com as mãos. Admitamos que nunca o tenhais feito, que talvez nem sejais capazes de fazê-lo. Como procedereis? Prestai atenção, pode ser que não sejais capazes de tocar o chão, mas estais seguindo minhas instruções. O fazê-lo direito talvez demore algum tempo, mas o "fazê-lo" já foi iniciado.

Interrogante: Não completastes o movimento, mas estais em vias de completá-lo.

KRISHNAMURTI: Exatamente.

Interrogante: Porque não estais resistindo.

KRISHNAMURTI: A partir do momento que tendes uma idéia já estais resistindo.

Interrogante: Seria o mesmo em se tratando de cooperação.

KRISHNAMURTI: Em se tratando de tudo.

Interrogante: (1) Mas em ioga suponhamos que ele tente fazer alguma coisa errada...

Interrogante: (2) Talvez tenhais de fazê-lo de qualquer maneira, porque, se não fizerdes o que ele faz, não podereis descobrir se está errado ou não.

KRISHNAMURTI: Portanto tereis de descobrir se ele é o professor certo. Não sou profissional mas já fiz muita ioga. Há um professor que, segundo se presume, é o mestre de outros mestres. Diz ele: "Fazer ioga direito é fazê-lo sem esforço. Se houver esforço deixa de ser ioga." Vede a razão disso. O vosso corpo não é sutil, é rígido, portanto leva uma semana ou mais para executar um movimento com perfeição, porém não o forceis. Se o forçardes, exercitareis os músculos na direção errada, o que é mau para eles; por conseguinte, fazei-o devagar, levai uma semana, um mês, mas fazei-o devagar. Se o professor vos disser, "Sentai-vos assim", podereis fazê-lo erradamente, mas começai, não executeis a *idéia*. Da mesma forma, atentai para o sentimento da cooperação, e já o tereis se lhe estiverdes dando atenção. Não crieis uma idéia sobre cooperação para depois pô-la em prática.

Pergunta: Podemos adquirir hábitos de ordem, por exemplo?

KRISHNAMURTI: Sim. Precisamos de ordem; se fordes desleixado, impontual, não poderemos viver juntos, será impossível. Precisamos ter certa ordem. Não crieis uma imagem disso: a de que eu quero ordem e vós não a quereis. Precisamos viver juntos num lugar como este. O viver juntos supõe ordem. Portanto, necessito de ordem. Prestais atenção ao que digo sem resistência, ou pretendeis lutar contra isso? Por favor, atentai para o que está sendo dito sem resistência, sabendo que o viver juntos requer ordem. Se eu não tomar banho e disser, "Que há de errado nisso? Estou bem. Gosto do meu cheiro" — estará criada a desordem.

Estais prestando atenção à palavra "cooperação" e à palavra "ordem", sem criar-lhes a imagem? — nesse caso, podeis considerar-vos ordeiro.

Pergunta: Palavras como ordem e cooperação não significam alguma coisa para nós, na medida em que as experimentamos?

KRISHNAMURTI: É claro que significam. Que quer dizer isso? Já fizestes uma imagem, já tivestes uma experiência da ordem, da cooperação,

e isso se torna resistência. Ao passo que, se dissermos, "Vamos descobrir, vamos aprender o que quer dizer ser ordeiro, o que quer dizer cooperar", não poderemos chegar a uma conclusão sobre isso, porque estaremos aprendendo. Se o professor de ioga vos disser, "Senti-vos assim", talvez não sejais capazes de fazê-lo, podereis levar na tentativa uma semana ou um mês, mas o modo com que lhe prestais atenção é muito mais importante do que o sentar-vos corretamente. Sentar-vos-eis corretamente com o tempo, mas o prestardes atenção ao que ele diz é instantâneo.

Interrogante: *Para poder prestar atenção desse jeito precisamos ter geralmente uma grande dose de confiança.*

KRISHNAMURTI: Por que deveríeis ter confiança? Estou-vos falando e estais prestando atenção ao que falo. Por que deveríeis ter confiança em mim?

Interrogante: *Porque podereis estar-me persuadindo a matar.*

KRISHNAMURTI: Por que haveríeis de confiar em mim? Primeiro aprendei a arte de prestar atenção, aprendei-a — não de mim. Porque eu não *sei,* posso dizer coisas erradas; portanto, prestai atenção para estremar o verdadeiro do falso, para saber o que é ser sensível. Não podeis tornar-vos sensíveis — isto é, inteligentes — se fordes obstinados, se resistirdes quando alguém vos disser: "Isto é o que penso." O importante é a arte de prestar atenção.

Pergunta: *Mas se alguém vos disser o que está pensando, não será isso dizer-vos?*

KRISHNAMURTI: Naturalmente. Sou vosso professor de ioga, supõe-se que eu conheça alguma coisa a respeito dela; posso não conhecer tudo, mas conheço um pouco e vos ensino o que conheço. E ao ensinar-vos estarei também aprendendo.

3

Que significa viver juntos inteligentemente? A liberdade e o estar aberto ao aprendizado. Cooperação. Hábitos de ordem.

KRISHNAMURTI: No outro dia discutíamos o que Brockwood Park está tentando fazer. Dizíamos que ele veio a existir a fim de produzir inteligência, se isso for possível. A palavra "inteligência" denota a faculdade de compreender — compreender não apenas uns aos outros, mas também o que significa cooperação, o que significam liberdade, disciplina e ordem. Dissemos que inteligência implica liberdade. Essa liberdade não é vossa nem minha — mas liberdade. Sejamos muito claros neste ponto. Interrompei-me, por favor, se não compreenderdes. Não fiqueis em silêncio para dizer depois: "Discordo de vós." Estamos tentando descobrir juntos.

Como somos uma pequena comunidade, que quer dizer viver juntos inteligentemente? Está claro que a primeira coisa é que deve haver liberdade entre vós e mim e os outros. Liberdade não se traduz por fazer o que se quer porque, se cada um de nós fizesse o que bem entendesse, haveria caos aqui. Ou uns poucos formariam um grupo, pensando ser o que se deseja fazer em liberdade, em oposição a outro grupo. Isso tampouco é liberdade.

Podereis dizer, "creio que liberdade é fazer o que quero, porque em casa faço o que quero, não há ninguém para me dizer 'não façais isso' e, se houvesse, eu me revoltaria, zangaria, e iria embora." Fazer o que queremos é realmente impossível. Porque o que queremos pode ser temporário, um desejo passageiro, e se todos fizéssemos o que queremos sem pensar nos outros, não poderíamos conviver. Portanto, inteligência supõe liberdade para descobrir como conviver. Vós não abusais de mim e eu não abuso de vós. Vede as responsabilidades. E liber-

dade supõe compreendermos juntos as implicações da autoridade. Se eu ficar acordado até tarde e vós me disserdes que é hora de ir para a cama, não vos chamarei de autoritário: não seria inteligente de minha parte. Porque já discutimos a questão de ir para a cama a certa hora, e entramos num acordo. Nosso relacionamento, portanto, não é autoritário, não é importuno, mas faz-se através da inteligência. Discutimos a hora de ir para a cama e é a inteligência que nos fala, não a autoridade. Se eu reagir à vossa advertência de maneira amistosa ou aborrecida — quer me faleis com rudeza, quer me faleis com polidez — a culpa será de minha falta de inteligência. Não sei se o enxergais.

Interrogante: Há também falta de inteligência na pessoa que me fala abruptamente.

KRISHNAMURTI: Está visto que nenhum de nós é completamente inteligente. Estamos aprendendo — aprendendo a natureza, a qualidade da inteligência. Zango-me, digo coisas, e me dou conta de que estou sendo tolo, o que é parte da inteligência. Da próxima vez tomarei cuidado, estarei vigilante. Como estais vendo, a cooperação é uma compreensão da inteligência.

Pergunta: Fico imaginando quem está vendo, quem está observando?

KRISHNAMURTI: Vós mesmo. Zango-me convosco, digo: "Fazei-me o favor de ir para a cama às onze horas, eu já vos disse isso dez vezes." Fico irritado e digo a mim mesmo: "Foi tolice minha irritar-me com uma pessoa que não tem a inteligência necessária para ver e, depois de discutir o assunto, continua a deitar-se tarde." Vejo que me zanguei. Qual é a dificuldade?

Interrogante: Estou pensando se será possível olhar sem o condicionamento — o observador ainda está no condicionamento.

KRISHNAMURTI: Não, não entreis no complexo problema do observador. Chegaremos a ele depois; não estou deixando de dar atenção ao que dizeis, mas falamos agora da qualidade da inteligência que coopera.

Pergunta: Se alguém disser que sois autoritário, isso, por certo, será uma reação; mas é também uma reação ficar com raiva. Por conseguinte, por que não dizer: "Não vos encolerizeis"?

KRISHNAMURTI: Naturalmente. Estamos vivendo juntos, estamos tentando ver, ajudar-nos uns aos outros, aprender uns com os outros. Se recusardes a aprender por vos julgardes superior, que haveremos de fazer? As pessoas mais moças cuidam saber tudo; que fareis se disserem, "Discordo de vós" e sustentarem essa declaração?

Interrogante: Examinaremos o assunto.

KRISHNAMURTI: E se elas se recusarem a examiná-lo?

Interrogante: *É o que estamos fazendo agora, cavando os alicerces para isso.*

KRISHNAMURTI: Certo, estamos tentando cavar os alicerces para podermos viver juntos com inteligência. Não, vós viveis inteligentemente e me contais como é; ou eu vos contarei, mas *juntos*. É nossa responsabilidade conjunta ser inteligentes. Ora, que significa ser inteligente? De acordo com o dicionário, significa compreender, ter a faculdade de compreensão.

Interrogante: *Literalmente significa escolher entre cursos diferentes.*

KRISHNAMURTI: Sim, precisais ter a faculdade de escolher e essa faculdade precisa ser inteligente. Se eu escolher por preconceito, não escolherei com inteligência. Por conseguinte, se estamos cavando os alicerces de um ambiente em que nosso interesse principal é conviver inteligentemente, isso exige não somente liberdade, mas também percepção autocrítica. Preciso estar cônscio do que estou fazendo, da razão por que o estou fazendo, e da conseqüência da minha ação; e não ser obstinado e dizer: "Está certo! É isso mesmo o que penso! Sustentarei essa tese." A partir desse momento deixareis de aprender, já não teremos nenhum relacionamento.

Entendei-lo? Não concordeis comigo a não ser que realmente o vejais. Meu problema é o seguinte: queremos viver aqui de modo feliz, livre e inteligente, o que não podemos fazer no mundo, que é brutal e desatencioso. Queremos criar uma atmosfera, um ambiente, construir uma fundação onde vivamos juntos, feliz e inteligentemente, em cooperação. Estou explicando o que significa viver juntos com inteligência. Averiguai, não fiqueis em silêncio, para depois seguir o vosso próprio caminho. Discuti comigo, de modo que ambos aprendamos o que é ser inteligente e viver juntos em cooperação. A inteligência implica a faculdade de entender a liberdade, e todos queremos ser livres. Repulsamos o controle de qualquer tirania, seja da família, seja de outra pessoa. E estamos tentando descobrir como conviver com liberdade. Posso ficar sozinho em meu isolamento, em meu quarto, alheado de todos; pode ser a isso que chamo minha liberdade, mas não posso viver assim. Seres humanos relacionados uns com os outros, precisamos compreender o que significa conviver com liberdade. E isso requer inteligência.

Pois bem, como o faremos? Vós podeis ter uma idéia de liberdade e eu, outra. Por isso digo a mim mesmo: "Não sei o que ela significa, vou descobrir." Estais vendo a diferença? Se começardes dizendo,

"Sei o que significa liberdade", estará tudo acabado — compreendei-lo? — não sereis suficientemente inteligente para aprendê-la.

Interrogante: *Estareis vivendo em vossa própria tirania.*

KRISHNAMURTI: É claro que estarei em dificuldades, o que não é nada interessante. Por isso mesmo, ambos precisamos compreender o que significa estar livre. Quereis aprendê-lo? Ou dizeis: "Não preciso que me ensinem, sei tudo a respeito." Quando afirmais uma coisa dessas já deixais de ser inteligente, porque não estais aprendendo, estais fixos em vossa idéia do que cuidais seja a liberdade. Quero saber o que significa conviver com liberdade; portanto, a primeira coisa é não dizer a mim mesmo: "Sei o que significa." Quereis saber o que significa a liberdade? Pois é também o que queremos fazer em Brockwood.

Vou mostrar-vos por quê. Em liberdade podeis descobrir novas coisas. No mundo da ciência é preciso haver liberdade para se descobrirem novas coisas. Em relações humanas, aqui, estamos descobrindo, ou aprendendo, coisas novas a respeito de nós mesmos. Se eu me apegar à minha opinião, não aprenderei. Por isso preciso ser muito cuidadoso, preciso estar cônscio de minhas opiniões ou juízos fixos; pois isso é o que o mundo está fazendo e não é aprender. Os homens têm idéias, opiniões, conclusões fixas, das quais não arredam pé. E os jovens se revoltam contra essas coisas; no entanto, os jovens também têm suas opiniões, preconceitos, conclusões fixas, de sorte que são como os antigos.

Pergunta: *Que fazeis, então, quando as pessoas têm opiniões fixas?*

KRISHNAMURTI: As pessoas que se aferram a opiniões, juízos, conclusões, são incapazes de conviver livremente, com inteligência. Tendes opiniões, juízos, conclusões, uma tradição? Eu também tenho, mas vou aprender. Estais vendo a diferença? Afinal de contas, este é um lugar em que estamos sendo educados, não só em geografia, história, matemática, etc., mas também nos educamos, com a ajuda uns dos outros, para sair daqui altamente inteligentes. Podereis não sair, podereis tornar-vos professores, e ficar, isso dependerá de vós.

Este é um centro educacional; um centro educacional supõe o cultivo da inteligência — que é a sutileza da compreensão, a faculdade de escolher. Para escolher o caminho certo cumpre que a mente esteja livre de toda forma de preconceito, toda forma de conclusão. Quereis um lugar como este onde possais ser educados livremente, felizmente, com inteligência? Isto é, em regime de cooperação? Não cooperarei convosco se eu der ênfase às minhas peculiaridades. Compreendeis? Se eu der importância ao comprimento dos cabelos e fizer disso o símbolo

da revolta. Acompanhemos-lhe as conseqüências. Os cabelos compridos estão na moda. O comprimento dos cabelos é um símbolo de revolta, um símbolo da liberdade de fazer o que se quer, porque a geração mais velha usa os cabelos curtos; é um símbolo de agressão auto-afirmativa, um símbolo de beleza. Tudo isso está implicado neles, não está? Um símbolo de revolta contra a guerra, de revolta contra a ordem estabelecida. Usais os cabelos compridos por ser bonito?

Interrogante: *É como uma armadilha. Há duas coisas: o cabelo curto é o Estabelecimento, o cabelo comprido é o Antiestabelecimento.*

KRISHNAMURTI: Não digo, "O cabelo comprido está certo", nem "O cabelo curto está certo." Apenas pergunto: usais os cabelos compridos porque são bonitos?

Interrogante: *Digamos que eles me fazem sentir mais à vontade.*

KRISHNAMURTI: Abordemos o assunto com cuidado. Eles vos fazem sentir à vontade. Digamos que vos sentais ao meu lado, sem haver tomado banho, sujo, fedido, e eu diga que não quero sentar-me ao pé de vós. Se isso vos deixa à vontade, também deveria deixar-me à vontade, a mim, que estou sentado à mesa ao vosso lado.

Interrogante: *Certo.*

KRISHNAMURTI: Os cabelos compridos são muito bonitos quando bem tratados — e não caídos sobre o rosto — é por essa razão que os tratais bem?

Interrogante: *Não sei se o faço especificamente por essa razão, para os ter bonitos e brilhantes.*

KRISHNAMURTI: Então por que os conservais compridos?

Interrogante: *Porque me sinto bem com eles ao vento e me sinto bem com eles dentro d'água.*

KRISHNAMURTI: Mas não estais sempre ao vento. Tendes de sentar-vos perto de mim. Não viveis sozinho no mundo. Estamos aprendendo a viver juntos com inteligência, com liberdade.

Interrogante: *Sim, mas posso ver se há bichinhos saindo dos cabelos, se estes nunca foram penteados, posso ver por que reagis se estiverdes sentado ao pé de cabelos assim.*

KRISHNAMURTI: Esperai, eu vos disse que prestásseis atenção; enquanto os cabelos estiverem asseados, tiverem um aspecto bonito e não cheirarem mal, que terão de errado? No Ceilão, onde usam os cabelos compridos, os homens colocam neles pentes circulares para mantê-los arrumados, e isso lhes dá uma bonita aparência. Andareis também

com um pente nos cabelos? (*Risos.*) Que tem isso? Estais vendo, tendes preconceitos, e é justamente esse o ponto a que quero chegar.

Interrogante: *Não se trata de preconceito. Não terei nada contra vós se começardes a andar por aí com um pente nos cabelos.*

KRISHNAMURTI: Como tenho de viver convosco, se fordes fedidos, se andardes desarrumados, farei objeções a isso.

Interrogante: *Certo. Mas a palavra "arrumado" gera em mim uma pequena confusão.*

KRISHNAMURTI: Portanto, se achardes que os cabelos compridos estão certos, usai-os. Mas andai limpos. Ou os usais assim como símbolo da vossa revolta contra o Estabelecimento? E porque trago os cabelos curtos, significará isso, porventura, que aceito o Estabelecimento? Vede o perigo. Por que, então, usais os cabelos compridos? Não me respondestes. Usai-los assim porque toda a gente os usa? — isso é imitação, conformidade, falta de inteligência. Sabei o que estais fazendo. Isso fará parte da inteligência? Se me disserdes, "Vede, estou deixando crescer os cabelos porque gosto deles compridos, porque são bonitos, são limpos", aceitarei incontinenti o que dizeis. Mas se os usardes como símbolo, quero saber que símbolo é esse, porque tenho de viver convosco. O vosso símbolo pode significar morte para mim! Quero descobrir.

Pergunta: *Mas não há também afinidade com a vossa geração?*

KRISHNAMURTI: Mas sabei por que o estais fazendo. Afinidade com a vossa geração — é isso?

Interrogante: *Amizade, o estar relacionado com...*

KRISHNAMURTI: Se vos sentis relacionados com os jovens de cabelos compridos e não com os de cabelos curtos, não vedes o que estais fazendo? Isso quer dizer que estais criando divisão, como a geração mais velha criou, e que lhe estais, portanto, seguindo as pegadas. Estais criando tanta destruição quanto ela criou. Nesse caso, usar o símbolo da paz nas vossas camisetas nada significa. O que estou dizendo é que, se vamos conviver com inteligência e liberdade, ambos precisamos saber o que estamos fazendo e por que o fazemos. Não adianta encobri-lo com uma porção de palavras, porque isso não é inteligência. Por que servimos aqui comida vegetariana? Não fazeis essa pergunta? Falastes na palavra "arrumado". Sabeis o que significa ser ordeiro, não sabeis?

Interrogante: *Se não soubesse, eu não estaria aqui.*

KRISHNAMURTI: Teremos de falar nela. Pensar de maneira ordenada, pensar com clareza, agir com clareza. Não pensar uma coisa e fazer

outra; mas pensar muito clara, objetiva, sadiamente, é ser ordeiro, não é? Vou trazer para cá a palavra "arrumado". Vestir-se com cuidado é ser ordeiro, não é?

Interrogante: Não estou certo.

KRISHNAMURTI: De que não estais certo? Entrais na sala de jantar com os pés no chão, sujos, e eu estou sentado ao vosso lado. Não gosto disso porque não é asseado, e gosto de asseio. E vós me dizeis que se trata de um preconceito meu. Será? Todo animal gosta de andar limpo.

Interrogante: Todo animal anda descalço também.

KRISHNAMURTI: Mas com os pés limpos. Está sempre entretido em limpá-los — já o vistes lamber-se. Vinde com os pés limpos! — o que significa: mantende o soalho limpo.

4

Educação para enfrentar o mundo. O problema do sexo. Afeição.

KRISHNAMURTI: Que tipo de ser humano sereis quando sairdes daqui para entrar no mundo? Tereis de enfrentar tantos problemas! Não somente problemas econômicos, sociais, ambientais, mas também problemas de relacionamento, de sexo, de como viver com inteligência, com grande amor e afeição, e não ser sufocado, corrompido pela sociedade. Aqui, nesta escola, vivemos mais ou menos protegidos e entre amigos; pode haver confiança, estamos familiarizados com as idiossincrasias, preconceitos, inclinações e tendências uns dos outros mas, quando ingressamos no mundo, não conhecemos ninguém e entestamos com uma sociedade monstruosa.

Precisamos descobrir como arrostaremos tudo isso, que espécie de mente ou inteligência o enfrentará. De modo que a educação se torna importantíssima, pois não é apenas a aquisição do conhecimento técnico, mas a compreensão, com sensibilidade e inteligência, de todo o problema da vida — em que estão incluídos a morte, o amor, o sexo, a meditação, o relacionamento, e também o conflito, a cólera, a brutalidade e o resto — isto é, toda a estrutura da existência humana.

Se pudéssemos enfrentar completamente apenas uma questão, penetrá-la com muita profundidade, então talvez pudéssemos relacioná-la com todas as outras. Nenhum problema é separado, isolado. Relaciona-se com outras questões, outros pontos, outros assuntos. Dessa maneira, se pudermos tomar um problema humano e investigá-lo livremente, seremos capazes de ver a conexão com os outros. Por conseguinte, sobre o que falaremos juntos?

Pergunta: *Qual é o propósito da vida?*

KRISHNAMURTI: Ficou bem claro no outro dia que ter um propósito implica uma direção: fixais a direção e evitais o resto. Se eu disser, "Quero ir hoje cedo ao 'Bosque' porque há ali flores maravilhosas", toda a minha atenção se concentrará em chegar lá e, portanto, resistirei a tudo o mais. Do mesmo modo, perguntar qual é o propósito da vida é provocar mais contradição, mais conflito. Não sei se realmente o vedes?

Pergunta: A verdadeira dificuldade não será a comunicação?

KRISHNAMURTI: É essa a nossa dificuldade? Quando quereis dizer alguma coisa, dizei-la, não é assim?

Perguntador: De fato, mas comunicação é fazer alguma coisa juntos.

KRISHNAMURTI: Dizeis que comunicação significa fazer alguma coisa juntos — compreender juntos, criar juntos. É o que quereis discutir?

Interrogante: (1) Talvez tenhamos o desejo de fazer coisas juntos porque sentimos não poder agüentar sozinhos.

Interrogante: (2) Talvez, então, possamos discutir o relacionamento certo.

Interrogante: (3) Parece que temos tão difuso o nosso pensamento!

KRISHNAMURTI: Vossos pensamentos, com certeza, não se difundem quando estais interessados. Dizei-me, que é o que vos interessa?

Interrogante: A felicidade.

KRISHNAMURTI: É nisso que estais interessados? — na felicidade, no gozo, no prazer, no divertimento? É nisso que estais interessados, não somente agora que sois adolescentes, mas durante toda a vossa vida? Que fareis todos vós? Limitar-vos-eis a buscar a felicidade, dizendo, "Se eu pudesse ter maior quantidade de jóias, mais sexo, mais disso ou mais daquilo, seria feliz" — é isso o que todos quereis?

Interrogante: Eu poderia interessar-me por outros aspectos da vida, como a política, por exemplo.

KRISHNAMURTI: Muito bem, mas se estais interessado em política, não estareis preocupado apenas com um segmento da vida! Se estiverdes realmente interessado em política estareis interessado em todo o movimento da existência e não vereis na política algo inteiramente separado, como faz a maioria dos políticos.

Interrogante: Eu poderia interessar-me em ser engenheiro, mas também em viver como ser humano.

KRISHNAMURTI: Com que, então, estais interessado em engenharia, mas também em compreender a totalidade da vida. Ora, que é o que considerais mais importante, mais vital — sem colocá-los em oposição?

Interrogante: A totalidade, tudo.

KRISHNAMURTI: Isso inclui a religião, estais entendendo? Se enfatizardes a engenharia e não derdes atenção ao resto, estareis sendo um ser humano torto; na realidade, não sereis um ser humano, mas tão-somente um técnico. Assim, sabedores disso, que assunto escolheremos para discutir, de modo que, investigando-o, compreendamos que todos os outros problemas estão incluídos nele? Que assunto escolheremos? Será o sexo, para vós, um problema tremendo, um tema?

Interrogante: Ele não é necessariamente um tema para mim, mas isso é o que outras pessoas à minha volta fazem dele.

KRISHNAMURTI: Fazem-no? E podem fazê-lo?

Interrogante: É claro que podem!

KRISHNAMURTI: Muito bem. Estais caminhando pela rua e as moças são atraídas por vós; dizeis que a culpa toda é delas e que vós não tendes culpa nenhuma!

Interrogante: Não é bem assim. Mas tomai, por exemplo, as relações sexuais. Se eu tiver relações sexuais com alguém e outras pessoas souberem disso, estas, de um modo ou de outro, serão capazes de fazer disso um problema.

KRISHNAMURTI: Esperai um minuto. Estamos aqui numa escola, num chamado Centro Educacional; sois mandados para cá por vossos pais, e também dissestes que queríeis vir. Por conseguinte, não sois apenas um indivíduo separado, que faz o que quer, sois responsável por este lugar. É o vosso lar, e tendes responsabilidade por ele, pela casa, pelo jardim, e por mantê-los em ordem. E sois responsáveis perante vossos pais, perante as pessoas daqui, perante os vizinhos — perante a totalidade. E, naturalmente, as pessoas estão de olho no que acontece aqui. Deram dinheiro, mandaram os filhos para cá, são os vizinhos, os visitantes, os que trabalham conosco, estão interessadas, estão observando.

Por isso, se eu quiser ter um caso sexual com alguém, tenho de estar atento a todos os perigos possíveis e a todas as possíveis conseqüências. Se eu tiver um caso com alguém, o pessoal, que é responsável perante os pais, perante a vizinhança, responsável pelo bem-estar da escola, deve ficar preocupado, não deve? Deve observar-me com extremo cuidado: isso não é ser autoritário, é?

Pergunta: Mas será preciso que alguém mais fique sabendo do caso? E ele é necessariamente danoso?

KRISHNAMURTI: E cuidais ser possível manter em segredo um caso assim num lugar como este? Não dissemos que é danoso, nem que

não é. Estamos olhando para ele e alguém diz que a culpa é da outra pessoa. Os encarregados do centro vos trazem de olho e dizem: "Agora prestai atenção, vede o que está acontecendo, o que estais fazendo." Isso é ser autoritário? Quem está criando o problema? Sois vós que criais o problema, ou as pessoas que se preocupam com o lugar? Tendes de ser sensível; tendes de saber que não podeis fazer certas coisas. Que acontecerá se aparecer um bebê?

Interrogante: Quem tiver o bebê será o responsável.

KRISHNAMURTI: Quer dizer, então, que a mãe ficará com o problema?

Interrogante: E o pai também.

KRISHNAMURTI: E que acontecerá a todos os outros interessados, os pais, a escola, a vizinhança? Talvez os pais estejam fora, na Índia ou na América; ter-vos-ão mandado para cá a fim de produzirdes filhos que precisam de cuidados?

Interrogante: Mas então, senhor, se os rapazes e as moças quiserem ter relações sexuais e não puderem tê-las, estará criado o conflito.

KRISHNAMURTI: E por isso as tendes. E depois?

Interrogante: Depois, cria-se o problema.

KRISHNAMURTI: Que é o que cria o problema?

Interrogante: É um problema no sentido de que os alunos estão dizendo coisas contraditórias. De um lado, não querem conformar-se e, de outro, dizem, "Por que não posso fazer o que quero?", e isso é conformar-se.

KRISHNAMURTI: Ambos os lados o estão dizendo. Temos de ir um pouco mais adiante. Colocai-vos, por favor, no lugar do pai que mandou o filho ou a filha para cá a fim de educar-se, ou no lugar do responsável pela direção deste lugar, em conjunto com os rapazes e as moças. Qual é a vossa responsabilidade? (*Pausa.*) Estais vendo como ficais em silêncio? Como sorrides de maneira diferente?

Interrogante: Ainda que a mãe e o pai estejam muito preocupados com o filho ou a filha, isso não significa necessariamente que os impeçam de ter uma relação sexual.

KRISHNAMURTI: A coisa aqui é diferente. O caso é que estamos, nesta escola, rapazes e moças juntos. E vossas glândulas talvez estejam trabalhando a toda a força, mercê de intensos desejos biológicos; além disso, há a excitação da exibição, a exibição do próprio corpo, etc. Conheceis tudo isso muito melhor do que eu. Ora, que é o que vai acontecer, num lugar como este? Aqui vos ensinam a investigar a conformidade, a compreendê-la, a utilizar vossas mentes, vossa inteligência.

Depois surge o problema sexual, o instinto do sexo é despertado num lugar em que muitas moças e rapazes estão juntos. Que fareis? Satisfareis ao vosso intenso desejo biológico secreta ou abertamente? Vamos, discutamos o assunto.

Interrogante: Na América, muitos estudantes responderiam, "Sim".

KRISHNAMURTI: Sei que muitos estudantes na América, na França, ou nas nossas universidades diriam: "Isso não é da vossa conta."

Pergunta: E se admitirdes a outra hipótese, se disserdes, "Não satisfarei ao meu intenso desejo biológico", que acontecerá?

KRISHNAMURTI: Primeiro que tudo, vejamos o que está envolvido em tudo isso — além do meu intenso desejo biológico pessoal. Não digais simplesmente que os pais e as pessoas preocupadas com este lugar fazem que eu me conforme, que são autoritárias. Este lugar está à vista do público. O olho do público pode ser corrupto, estúpido, mas, se este centro tiver má reputação, todo o futuro da escola estará comprometido; e é até possível que ela tenha de cerrar suas portas. Deveis levar tudo isso em consideração. Portanto, que fareis com o vosso intenso desejo biológico? Discutamos o caso. Que fareis? Investigastes, pensastes em vossos pais, em vossa responsabilidade aqui, nas responsabilidades dos encarregados do centro perante os pais, perante a vizinhança, pensastes no futuro da escola.

Pergunta: Mas os alunos também não são responsáveis pelo centro, como o pessoal?

KRISHNAMURTI: Foi o que eu disse. Este é o vosso lar, o lar de todos vós e, portanto, sois todos responsáveis pelo que acontece aqui. Assim sendo, como agireis? Sabendo que biologicamente está tudo sobrecarregado, que fareis? Afinal de contas, ledes as revistas, os jornais, as histórias, ides ao cinema, tendes visto as moças seminuas e sabeis tudo a respeito de tudo. Qual é a vossa responsabilidade? Discuti-a comigo, por favor. Este é um problema da vida e não quereis enfrentá-lo. Mas não podeis empurrá-lo para baixo do tapete. Como tencionais atacar um problema dessa envergadura com uma mente não de todo madura? Porque sois todos muito jovens, compreendeis? Vossas mentes ainda não se tornaram tremendamente ativas, sensíveis e inteligentes. Defrontais este problema e é natural que desejeis evitá-lo. Há medo e apreensão.

Como vossa mente poderá ser suficientemente inteligente para lidar com ele? Pois a sociedade à vossa volta vos empurra nessa direção, através das roupas, da moda — tudo conduz ao sexo. Na Índia, o beijo na tela não é permitido. Quando saís para o mundo o problema

lá está e lá estará mesmo que sejais casados. Nessas condições, tereis inteligência para lidar com ele sem nenhuma espécie de resistência, conflito ou supressão? Se cederdes, ele se tornará em outra forma de neurose; se o suprimirdes, ele também conduzirá à neurose; se lhe resistirdes, ele vos fará coisas terríveis. Sabeis o que acontece às pessoas que resistem a todas essas coisas? Tornam-se recalcadas, zangam-se à toa, ficam histéricas.

Assim sendo, como pode alguém produzir uma mente capaz, ao mesmo tempo, de não resistir, não suprimir e não ceder? Este, sim, é um verdadeiro problema. Que fareis para ter a mente sensível, alerta, aguda e também extraordinariamente capaz de responder à beleza — à beleza de uma mulher ou de uma criança? Que fareis para consegui-la?

Depois que tiverdes examinado a fundo um problema e chegado a este ponto, que fazeis? Dizeis, com certeza: "Não sei o que fazer" e, logo em seguida, acrescentais: "Desistamos disso." Estais entendendo? Viver uma vida sem esforço, sem conformidade, sem supressão, sem resistência, sem acompanhar a multidão — indo a festas, todo o estupefaciente processo da existência moderna: essa é a verdadeira educação.

Agora, prestai atenção! — porque este problema existirá durante toda a vossa vida. Como já dissemos, se o suprimirdes, haverá o perigo de que ele venha a explodir em outras direções; e se lhe cederdes, ou brincardes com ele, ele vos destruirá, destruirá a vossa mente.

Desse modo, a mente aprendeu a não suprimir e a não ceder, a não fazer disso um imenso problema. Está claro para vós? Essas coisas, para vós, têm algum significado? Ou dizeis: "Deixai-o falar, teremos nossos prazeres, casaremos, continuaremos, e depois enfrentaremos a situação"?

Já perguntastes por que os seres humanos dão uma importância tão extraordinária a essa coisa, ao sexo? Em todo o mundo, ele é muito mais importante que o dinheiro, muito mais importante que a religião. No Ocidente, é comentado livremente, exibido. No Oriente, fechado a sete chaves, estejamos ou não casados. Por que, pensais vós, veio a assumir importância tão colossal?

Interrogante: *(1) Talvez por causa do prazer; é uma coisa que se pode ter sem gastar dinheiro.*

Pergunta: *(2) Será porque as pessoas têm em si muita energia não usada em outras coisas e que, portanto, usam nessa direção?*

KRISHNAMURTI: Continuai, empurrai, criai juntos, contribuí! Não fiqueis aí sentados, deixando-me fazer todo o trabalho!

Interrogante: *Pode ser a fuga de uma dor, de um problema.*

KRISHNAMURTI: Vede só! Temos trabalhado juntos, compreendido juntos, estabelecido comunicação entre nós. Temos dito que o sexo se tornou tão importante por causa do prazer, do excesso de energia, como fuga da rotina cotidiana. Pois eu pergunto: É o que vos está acontecendo? Não digo que tendes casos sexuais, apenas indago: é que a vossa mente busca às apalpadelas? — encontrar o prazer, escapar à monotonia da escola, da aprendizagem disso ou daquilo, de modo que vossa mente desembeste, criando imagens?

Pergunta: *Não será também porque andamos à procura de afeição? É uma coisa que não se encontra, porque as pessoas vivem a condená-la.*

KRISHNAMURTI: É o que estais fazendo? Dizendo que quereis afeição, bondade, ternura, solicitude, alguma coisa real e, porque não o conseguis, imaginais poder obtê-lo através do prazer, do sexo? Está claro que precisais de afeição como precisais da luz do sol, da chuva e das nuvens. Mas por que a *procurais*? Por que dizeis que fulano não me demonstra afeição?

Interrogante: *Porque a afeição nos faz sentir melhores.*

KRISHNAMURTI: Aprofundai-vos um pouco mais.

Interrogante: *Porque ela alimenta o nosso ego.*

KRISHNAMURTI: Vamos, continuai!

Interrogante: *Porque chegamos mais perto da pessoa e o que desejamos realmente é chegar mais perto das pessoas e conhecê-las.*

KRISHNAMURTI: Isto é, dizeis desejar a afeição dos outros porque ela vos faz sentir confortáveis e felizes, e sentis que podereis florescer.

Interrogante: *E há também alguma coisa que desejamos dar.*

KRISHNAMURTI: Sim, quereis dar e partilhar, tudo isso. Muito bem, continuemos, que significa isso tudo? Estou procurando afeição dos outros: que quer dizer isso?

Interrogante: *Que há carência de afeição em mim.*

KRISHNAMURTI: E que significa essa carência de afeição em vós? Vede, um manancial de água borbulha o tempo todo, não é verdade? — dando, derramando. E só quando o meu manancial de afeição não está funcionando profundamente é que desejo recebê-lo de outra pessoa. Certo?

Interrogante: *As coisas nem sempre se passam dessa maneira.*

KRISHNAMURTI: Por que dizeis "Nem sempre"? Por favor, prestai muita atenção a isto. Se tiverdes profunda afeição em vós mesmos a tudo — não apenas a uma pessoa, mas a tudo — às árvores, aos pás-

saros, às flores, aos campos e aos seres humanos — se realmente vos sentis assim, sereis capazes de dizer, ainda que seja de vez em quando, "Eu gostaria que alguém me demonstrasse afeição"? Não é só quando há um vazio dentro de vós que quereis que outros estejam convosco?

De modo que aprendestes alguma coisa, não aprendestes? Vossa mente agora observa ativamente, olha com inteligência e vedes que, quando careceis de afeição, desejais a afeição dos outros. Isso se traduz em sexo, relacionamento e, quando o vazio interior procura um relacionamento através do sexo e de um companheirismo constante, tornais-vos ciumentos, temerosos, zangados. Estais-me entendendo? Vede, por favor, as conseqüências. O problema não reside no sexo. O problema é ter uma mente inteligente, que, no próprio ato de observar, se torna altamente inteligente e sua inteligência lidará com o sexo. Não sei se me estais percebendo. Compreendestes o que eu disse?

Interrogante: *Isso também significa, por seu turno, que se pode ter um relacionamento sexual sem ter um problema.*

KRISHNAMURTI: Não digo isso.

Interrogante: *Mas é uma possibilidade.*

KRISHNAMURTI: Não, não, eu não o diria dessa maneira. Em primeiro lugar, sede inteligente, e vossa inteligência responderá ao problema da maneira mais correta possível, seja ele qual for. Tende uma mente inteligente, e não uma mente torta. Uma mente distorcida dirá: "É isso o que eu quero e é disso que irei atrás." O que denota que ela não tem a menor preocupação com o todo, mas tão-somente com suas próprias exigenciazinhas — não andou observando o desenrolar do processo. De sorte que aqui está a vossa responsabilidade por possuir essa inteligência e, se não a tiverdes, por favor, não deiteis a culpa disso a mais ninguém. Como deveis saber, viver assim de modo inteligente torna-se uma coisa extraordinária, tremenda; há nisso um prazer verdadeiro. Mas ao longo do outro caminho vivereis com o medo.

5

Ordem, disciplina e aprendizado. Espaço e liberdade. Necessidade de segurança, confiança: o sentimento do "lar". Aprendendo a conviver sem autoridade. Responsabilidade recíproca e o "lar". Sobre a meditação.

KRISHNAMURTI: Numa escola como esta, que é ordem e que é disciplina? A palavra "disciplina" traduz-se por "aprender". "Discípulo" é o que aprende, não o que se conforma, nem o que obedece; é o que está constantemente aprendendo. E quando o aprendizado cessa e passa a ser mera acumulação de conhecimentos, começa a desordem. Quando deixamos de aprender em nosso relacionamento, quer estejamos estudando, quer brincando, ou seja lá o que for que estejamos fazendo, e apenas agimos em função do conhecimento acumulado, a isso se segue a desordem.

A disciplina *é* aprendizado. Dizeis alguma coisa, como "Não deis aos cachorros comida em demasia" ou, "Ide cedo para a cama" ou, "Sede pontuais", "Mantende o quarto arrumado". Dizeis-me isso e eu aprendo. A vida, o viver, é um movimento no aprender e, se eu resistir ao me dizerdes o que devo fazer, a resistência é a afirmação do meu próprio conhecimento particular acumulado; por conseguinte, deixo de aprender e crio um conflito entre vós e mim.

Pergunta: Isso se aplica a estudantes apenas ou a qualquer um?

KRISHNAMURTI: À vida, a seres humanos, não apenas a estudantes.

Interrogante: Mas nem todos são discípulos.

KRISHNAMURTI: Todos estão aprendendo. "Discípulo" quer dizer "o que aprende". Mas o significado geralmente aceito de discípulo é o que segue alguém, algum guru, um tolo qualquer. Entretanto, nem o seguidor nem o seguido estão aprendendo.

Pergunta: E se seguirmos alguém que não seja tolo?

KRISHNAMURTI: Não podeis seguir *ninguém.* A partir do momento em que seguis alguém estais-vos transformando num idiota e aquele a quem seguis é outro idiota — porque deixastes de aprender. Assim sendo, que fazeis a respeito da disciplina, da ordem? Estais aprendendo *tudo*? — não só geografia, história e o resto, mas também relacionamento? Vivemos juntos nesta casa, cada qual puxa numa direção diferente, cada qual deseja alguma coisa, cada qual resiste a alguém dizendo, "Ele ou ela se tornou autoritário." Tantas afirmativas, tantas resistências, e o fazermos o que pensamos querer fazer — tudo isso, acaso, não cria a desordem?

Se disserdes, "Estou fazendo o que quero fazer; estou sendo natural; é minha natureza e ninguém me dirá o que devo fazer" — se disserdes isso, e eu disser o mesmo, que é, então, o que ocorre? Qual é o nosso relacionamento? Poderemos fazer alguma coisa "naturalmente"? Esta pergunta é muito séria, para quem entende o que quero dizer. Algum de vós é natural? Está visto que não! Sofreis influências — de vosso pai, de vossa mãe, da sociedade, da vossa cultura, do clima, da alimentação, das roupas, da propaganda. Sois completamente influenciados e depois dizeis: "Preciso ser natural!" Isso não tem sentido. Dizeis, "Quero fazer o que julgo ser o certo" ou, "Sou uma pessoa livre". Não o sois! Não sois livre. A liberdade é uma coisa tremenda e começar dizendo, "Sou livre" não tem sentido. Nem sequer sabeis o que significa.

Pergunta: Então, como podeis dizer: "É tremendo"?

KRISHNAMURTI: *É* tremendo quando se *é* livre, mas não se é. Pode alguém compreender que não é livre? Liberdade quer dizer libertação do medo; libertação de qualquer forma de resistência; movimento sem isolamento; não ter resistência alguma. Acaso sois livres? Estamos obviamente amedrontados, resistimos, estamos isolados no interior de nossas próprias ideiazinhas, de nossas pequenas necessidades e desejos. Por isso, quando dizeis "liberdade" e "natural", as duas palavras carecem de significado. Só sereis livre quando tiverdes compreendido quão profundamente estais condicionado e vos tiverdes libertado desse condicionamento. Então sereis livre, então sereis natural.

Sabeis o que significa ordem? Ter uma porção de espaço, não é assim? Numa salinha onde não há espaço é mais difícil ter ordem. Não concordais? Vê-lo-eis num minuto. Alguém me falou numa experiência com ratos: colocou-se uma porção de ratos num espaço muito pequeno e, porque não tinham espaço, eles começaram a entrematar-se — a mãe matou os filhos. Mas também precisamos de espaço interior. Em nú-

mero cada vez maior, as cidades estão-se tornando superpovoadas. Precisais ir à Índia para ver algumas grandes cidades, como Calcutá, Bombaim ou Deli — não fazeis idéia do que é aquilo, do barulho, dos gritos, da gente. São como formigas nas ruas, que, à míngua de espaço, explodem em violência.

Aqui precisamos de espaço; o próprio tamanho da casa é limitado, que é o que se pode fazer? O espaço exterior é limitado e como fareis para ter espaço interior? Compreendeis o que quero dizer com espaço interior? Nossas mentes estão tão abarrotadas de idéias que não há espaço nenhum, nem mesmo entre dois pensamentos, entre duas idéias; entre duas emoções não há espaço, não há intervalo. Mas a menos de terdes espaço não haverá ordem. Ordem significa aprendizado, não significa? Aprendizado de tudo. Por isso, se alguém me disser que sou um tolo, quero aprender a verdade a respeito; quero averiguar. Não me limito a resistir e a retrucar: "Tolo sois vós." Quero ver, prestar atenção, aprender. Por conseguinte, o aprendizado traz a ordem e a resistência traz a desordem.

Assim, conquanto exteriormente eu possa não ter espaço, porque o mundo está cada vez mais superlotado, quero ver se arranjo espaço interior. Se eu não tiver espaço interior, de certo criarei desordem. Que dizeis a isso? Aqui estamos nós, um grupo de adolescentes, revoltados contra a ordem estabelecida, o que é natural, inevitável. Chegamos aqui com estas idéias, estes sentimentos, e chamaremos "autoritário" a quem nos disser qualquer coisa. Portanto, que vamos fazer?

Como vivemos aqui diferentemente, agimos diferentemente, somos felizes diferentemente? A não ser assim, sabeis o que vai acontecer? Sereis arremessados ao jângal do mundo, atirados a um bando de lobos e destruídos. Na Índia, de três a quatro mil pessoas se candidatam a cada emprego que se oferece. Compreendeis o que isso significa? Puseram um anúncio procurando um cozinheiro e sabeis quem se apresentou? — bacharéis em artes, mestres em artes, doutores em filosofia! E a coisa ainda vai piorar, no mundo inteiro.

Assim sendo, numa escola desta espécie *temos* de aprender. Estou usando a palavra "aprender" no sentido certo: descobrir, explorar relacionamentos, porque, afinal de contas, assim vivemos. A sociedade é o relacionamento entre o homem e o homem. E é essencial que aprendamos aqui a viver, a distinguir o relacionamento, o amor. Devemos aprender, e não dizer apenas, "Isto é amor", "Isto não é amor" ou "Isto é autoridade", "Isto não é autoridade" — nenhuma dessas declarações absurdas tem sentido. Mas se pudermos realmente aprender juntos, acreditarei que esta escola tem algum sentido.

Na Índia, na escola localizada no sul, há meninos cuja idade varia entre seis e dezoito anos, e nós conversamos sobre tudo. Na Índia, a palavra "meditação" é tremenda, e a meditação tem significado. E enquanto falava a respeito dela, lá os via eu, um grupo inteiro de meninos, sentados, imóveis. Era extraordinário como o faziam! Cerravam os olhos, sentavam-se de pernas cruzadas e permaneciam totalmente imóveis. Manda ali a tradição que meditemos — seja o que for que isso signifique para eles. Deveis permanecer sentados, sem um movimento, e acalentar um bom pensamento sobre a vida... Assim, como vamos nós, todos nós, criar isto juntos? Nem vós sozinhos, nem a sra. Simmons, nem eu — mas todos juntos. Como poderemos fazer isso?

Pergunta: (1) *Só juntos poderemos fazê-lo?*

Pergunta: (2) *Dissestes, "Não individualmente, mas juntos"?*

KRISHNAMURTI: Juntos. Sabeis o que significa a palavra "indivíduo"? — indivisível. Um indivíduo quer dizer alguém não divisível em si mesmo. Mas nós *somos* divisíveis, estamos quebrados, não somos indivíduos. Somos fragmentozinhos, partidos, divididos. Onde nos sentimos completamente seguros, a salvo, protegidos? E precisais ter completa segurança.

Pergunta: *Quando confiais em outrem?*

KRISHNAMURTI: Sim, e também em vosso lar, não é assim? Supõe-se que o lar seja o lugar em que estais completamente seguros, em que podeis confiar, onde estais protegidos. *Este* é o vosso lar, não é? — durante oito meses do ano este é o vosso lar. Mas não vos sentis seguros aqui, não é mesmo?

Interrogante: *Eu me sinto.*

KRISHNAMURTI: Sim? Isso é bom. Mas todos vos sentis assim? Vede o que significa estar completamente em casa, onde estais completamente seguros. O cérebro exige segurança; de outro modo não funciona com eficiência, com clareza. Só quando as células do cérebro se sentem inseguras nos tornamos neuróticos; perdemos o equilíbrio. E este é um lugar em que estais *em casa,* em que estais completamente seguros.

Pergunta: *E que é o que se faz quando não é assim?*

KRISHNAMURTI: Eu chego lá. Precisamos de segurança, proteção, esperança, confiança e o sentimento de poder fazer qualquer coisa sem destruir isto. Num lugar como este não vos sentis em casa nesse sentido, não é assim? Quem o fará por vós? Compreendeis o que estou falando? Quem vos proporcionará este ambiente de completa proteção? Não creio que o compreendais. Sabeis o que significa estar completa-

mente protegido? Sabeis que um recém-nascido necessita de completa proteção, para não chorar? Precisa ser alimentado regularmente, lavado e atendido, pois, do contrário, adoecerá. Agora estamos crescendo e quem no-la proporcionará? A sra. Simmons ou alguém como eu? Depois de amanhã partirei. Desse modo, quem no-la proporcionará?

Interrogante: *Todos nós.*

KRISHNAMURTI: Vós mesmos o criareis, vos mesmos o construireis. E se não o construirdes, a culpa será vossa. Não podeis dizer à sra. Simmons: "Quero segurança absoluta e não a estais providenciando para mim." Este é o vosso lar e o estais construindo, criando. Se aqui não vos sentis em casa, a culpa é vossa. Descobri-o, produzi-o. Produzi o sentimento de estar completamente à vontade em casa.

Interrogante: *Não poderieis discorrer sobre a questão de segurança, visto que não a compreendemos? Segurança por quê? Não o será por uma idéia. Como vedes, nós nos identificamos com uma idéia.*

KRISHNAMURTI: Não! Falo em segurança, em sentir-se completamente seguro, em segurança com pessoas e não com idéias. Não sabeis o que isso significa?

Interrogante: (1) *Não estou muito certo.*

Interrogante: (2) *É alguma coisa que não conhecemos. Alguns de nós viemos para cá porque temos idéias sobre isso.*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, prestai atenção! Não estudei neurologia nem a estrutura do cérebro, mas basta que vos observeis e descobrireis com facilidade. Onde se sente descansado, seguro, protegido, o cérebro funciona perfeita, lindamente. Nunca o experimentastes? Ele pensa com suma clareza, aprende muito depressa, tudo funciona bem, sem atritos — isso é segurança. Isso é estar completamente seguro. As próprias células do cérebro sentem que não há conflito. Por que estaríeis em conflito comigo ou por que estaria eu em conflito convosco?

Quando me dizeis: "Conservai o quarto em ordem", por que deveria eu sentir, "Oh, que coisa terrível!" Por que não mo diríeis? Acontece, porém, que isso cria um conflito em mim. Por quê? Porque deixei de aprender. Estamo-nos encontrando uns com os outros? É o vosso lar, a vós compete construí-lo, e a mais ninguém. É onde vos sentis seguro, sem o que não podereis aprender como convém, sem o que reduzis este local a algo exatamente igual ao mundo exterior, onde todos estão contra todos. Segurança quer dizer que as próprias células do cérebro se acham em perfeita harmonia, em perfeito equilíbrio, sadias, tranqüilas. *Isto* é lar; e este lugar *é* o vosso lar. Se o não fazeis

assim, a culpa é vossa. E se vedes desordem em vosso próprio quarto, colocai ordem nele, porque é o vosso lar.

Por conseguinte, nunca podereis dizer, "Vou deixar este lugar", porque é o vosso lar (conquanto talvez tenhais de deixá-lo um dia). Sabeis o que isso faz quando vos sentis em casa, sem medo, onde estais abertos, onde estais confiantes? Não precisais confiar *em* alguém, senão ter capacidade de confiar, ter generosidade — pouco importa o que o outro faça. Estais-me entendendo?

Pergunta: Quando dizeis, "Pouco importa o que o outro faça", que quereis dizer?

KRISHNAMURTI: Vós me dizeis uma coisa. Por que a dizeis?

Interrogante: Porque é o que julgamos ser preciso.

KRISHNAMURTI: Não, não. Por que vós ou a sra. Simmons me recomendais que conserve o quarto em ordem? Antes que eu diga se o farei ou não, averiguai por que mo recomendais.

Interrogante: (1) Porque não o estais fazendo.

Interrogante: (2) Porque gostamos de ordem.

KRISHNAMURTI: Não. Não entendestes a pergunta. Prestai-lhe atenção antes de responder. Eu vos disse dez vezes para conservar o quarto em ordem e, na décima primeira, me irrito. Aí, então, dizeis que sou mandão. Mas, afinal, por que foi que eu o disse? Averiguai por quê. terá sido porque desejo expressar meu egoísmo, minha idéia de ordem, minha idéia de que deveis comportar-vos desta ou daquela maneira? Dizendo, "Ide para a cama", "Sede pontuais", imponho minha idéia à vossa? Respondeis, "Por que devo conservar meu quarto em ordem? Quem sois vós? É o *meu* quarto." Nessas condições, que acontece?

Interrogante: Uma luta.

KRISHNAMURTI: Que significa...?

Interrogante: Confusão...

KRISHNAMURTI: Significa, na realidade, que não vos sentis em casa. Não estais aprendendo. Certo? Só existe conflito quando não estais aprendendo. Recomendais-me: "Conservai o quarto em ordem", e presto atenção ao que dizeis, aprendo. E também descobris por que mo dizeis. Estais compreendendo o que quero dizer? Se quiserdes pôr fogo no lugar... é o vosso lar. Se quiserdes deixar os jardins, a casa, os aposentos em desordem e comer de jeito desleixado, paciência, é o vosso lar. Mas se alguém me disser: "Não coloqueis os pés sobre a mesa quando estiverdes comendo", direi "Muito bem". Estou aprendendo.

Interrogante: Se alguém me disser: "Este é o vosso país..."

KRISHNAMURTI: Oh, não. Por favor, não continueis. Não é "meu país". Estou falando em lar. Se alguém me disser que este é meu país e que por ele preciso matar alguém, isso é pura insensatez...

Pergunta: E não se pode aprender nesse relacionamento também?

KRISHNAMURTI: É claro que sim! Aprender significa aprender.

Interrogante: Mas também há resistência.

KRISHNAMURTI: Não, não. Não percebestes a intenção.

Interrogante: Não sairei para matar.

KRISHNAMURTI: Estamos discutindo uma escola, a vida em conjunto *aqui*. Se eu souber como viver aqui, se aprender aqui, saberei o que fazer quando o governo ou o Estado me disserem: "Vai e mata alguém." Mas se eu não souber aprender a viver, não saberei responder apropriadamente.

Interrogante: Há uma coisa que, na verdade, não entendi direito. Se eu estiver passeando por aí sem sapatos e alguém me disser: "Deveríeis usar sapatos..."

KRISHNAMURTI: Que acontece? Não estais usando sapatos, mas eu chego e digo: "Por favor, calçai os sapatos."

Interrogante: Eu direi, provavelmente, "Não quero calçá-los!"

KRISHNAMURTI: Averiguai por que vos estou pedindo que os calceis. Existem duas pessoas interessadas no caso, não existem? — vós e eu. Estou-vos pedindo que calceis os sapatos. Por quê? Porque sou convencional, porque quero mandar em vós, porque vejo que vossos pés estão sujos e que sujareis o tapete, ou porque não acho bonito que se ande com os pés sujos. Quero ver se compreendestes o que estou dizendo.

Pergunta: Nesse caso, não deveríeis dizer-me?

KRISHNAMURTI: Sim, e é o que estou fazendo. Não estou dizendo porque sou ortodoxo, entendestes? Explico-vos tudo isso e vós resistis, respondeis: "E por que não? Eu o fazia em casa, por que não hei de fazê-lo aqui?" Porque este é um país diferente, de um clima diferente. E a multidão que vos rodeia, os vizinhos, dizem: "Que acontece com toda aquela gente, que anda seminua por aí?" Dessa maneira, dais motivo a uma péssima reputação. Vedes, assim, o que está envolvido no caso. Por conseguinte, tendes de aprender tudo isso, o que não quer dizer que vos conformais com o estilo burguês.

Interrogante: Não compreendo. Se estais preocupado com o que os outros pensam, os de fora...

KRISHNAMURTI: Não estou preocupado. Mas vivo no mundo. Se os de fora denegrirem a reputação deste lugar, que acontecerá?

Interrogante: *Dificuldades, provavelmente.*

KRISHNAMURTI: Isso mesmo. Dentro em pouco tereis de fechá-lo. Existem pessoas más no mundo.

Interrogante: *E, nesse caso, não haverá a segurança de que precisamos.*

KRISHNAMURTI: Exatamente. Portanto, *aprendei*! Não digais: "Por que não faria eu o que quero fazer? O mundo exterior que vá para o inferno, são todos uns estúpidos." Tenho de aprender, tenho de viver no mundo estúpido.

Voltando ao nosso ponto. Que faremos nós, cada um de nós, para converter isto em nosso lar? É a *vossa* tarefa! Lar significa o lugar onde tendes energia, onde sois criativos, onde sois felizes, onde sois ativos, onde estais vivos e não apenas aprendendo de algum livro.

Tenho viajado e falado nos últimos cinqüenta anos. Vou de um país a outro, de um quarto a outro quarto, como comida diferente, num clima diferente. Onde quer que eu esteja, aquele quartinho é o meu lar. Compreendeis? Estou em casa, sinto-me seguro porque não resisto.

Dessa maneira, como fareis deste lugar o vosso lar a partir de hoje? Se o não fizerdes, permitireis que alguém vos diga que não o estais fazendo? Se eu aparecer e disser, "Não estais fazendo disto o vosso lar", prestareis atenção ao que eu disser? Ou me retrucareis: "Que quereis dizer com isso? É o meu lar, interpreto a palavra 'lar' de maneira diversa de vós." Interpretais a idéia de lar de um modo e eu a interpreto de outro e acabamos brigando. Nesse caso, não é um lar! A simples interpretação da vossa idéia de lar não produz um lar, o que o produz é ter o verdadeiro sentimento dele — e isso implica certa concessão. O que não quer dizer que aceitais a autoridade.

Se vier aqui alguém e disser, "Isto é um bando de crianças imaturas" (Desculpai-me, mas é o que sois), "Que está acontecendo aqui?" — e ele for um fator de perturbação — como lidareis com esse alguém? Direis todos: "Votemos a favor dele. Gostamos do seu rosto, da sua aparência, ou do que quer que seja e, portanto, todos concordamos com sua vinda?" É por essa razão que pretendeis aceitá-lo? Ele pode ser um bêbedo; pode fazer toda a sorte de coisas. Como agireis? Tais são os problemas que tereis de enfrentar na vida. Estais compreendendo? Como enfrentareis tudo isso? Graças a Deus não tenho filhos — mas sinto-o aqui muito vigorosamente. Deixareis este

lugar, sereis atirados aos lobos e não sois capazes de arrostar tudo isso. Todos vos julgais muito espertos — mas não o sois.

Assim sendo, como podemos viver aqui prudentemente, com cuidado e afeição, de modo que, ao sairdes para o mundo, estejais preparados para as coisas monstruosas que estão acontecendo? Como poreis ordem nesta casa? Pensai seriamente nisso, por favor. Ao passar por um quarto, se virdes alguma coisa jogada no chão — que fareis?

Interrogante: Apanhá-la-ei.

KRISHNAMURTI: E fareis o mesmo todos os dias? (*Risos.*)

Interrogante: Pedirei ao dono do quarto que guarde suas coisas.

KRISHNAMURTI: E se ele não as guardar?

Interrogante: Dir-lhe-ei por que deve guardá-las. Lembrar-lhe-ei que o faça.

KRISHNAMURTI: Muito bem. Vós lhe lembrareis dez vezes!

Interrogante: Dir-lhe-ei por quê.

KRISHNAMURTI: Eu sei, eu sei, dir-lhe-eis tudo isso mas ele está com sono. Não liga. Não aprende. É obtuso. Que fareis? Bater-lhe-eis? E ele também considera este lugar o seu lar, assim como vós o considerais o vosso. Que fareis com ele?

Não respondeis! É o vosso lar e, se tiverdes um quarto em desordem, uma parte da casa estará sendo destruída. É como pôr fogo na casa. Que fareis?

Interrogante: Apagarei o fogo!

KRISHNAMURTI: Apagareis o fogo todos os dias e ele o ateará todos os dias? Verificai. Não desistais. É a vossa vida! (*Pausa.*) Que dizeis? Que fazeis? É o vosso lar e ele suja diariamente o chão. Como tencionais lidar com ele?

Interrogante: O problema é que alguém zela e alguém não zela.

KRISHNAMURTI: Que fareis?

Interrogante: Descobrirei por quê.

KRISHNAMURTI: Sim. E ele vos dirá todas as razões. Vede bem, ainda não atinastes com o ponto. O tal quarto vive em desordem; há sujeira no tapete, o dono do quarto emporcalha tudo. Que fareis com ele? Já lhe falastes dez vezes e ele continua a fazer o que lhe dá na veneta.

Interrogante: Se não há comunicação...

KRISHNAMURTI: Que pretendeis *fazer*? Não basta dizer que "não há comunicação". Todos vós procurais desculpas. Apresentemos o caso de outra maneira. Sois o responsável, sois o Diretor... Que fareis?

Interrogante: *É como dizeis. Se houver sujeira e ela for como um incêndio, não será possível eliminá-la. Ou dizeis, "Fazeis parte deste lar, deveis zelá-lo" ou, "Não podeis destruir o lar".*

KRISHNAMURTI: Que fareis, então, com ele?

Pergunta: *Se sentir que é o seu lar, ele fará o que lhe peço, não fará?*

KRISHNAMURTI: Mas, então, por que não o faz?

Interrogante: (*Muitas interjeições.*)

KRISHNAMURTI: Examinai o assunto. E vereis. No momento em que ele chega aqui, compete-vos diligenciar para que ele entenda o que significa sentir-se em casa. Mas não depois de fazerdes uma confusão danada. Talvez vós e ele vos sintais em casa. Mas fazei que a terceira pessoa se sinta em casa, pois então, sim, tereis ordem. Mas se não ligardes, e ele não ligar, a outra pessoa dirá: "Muito bem, farei o que bem entender."

Por isso todos produziremos o sentimento de que este é o nosso lar. Não será a sra. Simmons andando de um lado para outro, colocando as coisas no lugar e dizendo-nos o que devemos e o que não devemos fazer. Estamos todos empenhados em fazê-lo juntos. Sabeis a vitalidade que isso vos dará? A energia que tereis? Porque agora a energia se gasta em emocionalismo sentimental e em conflitos. Quando sentirmos que este é o nosso lar teremos tremenda vitalidade.

Interrogante: *Bem, todos aqui vêm de ambientes diversos e, portanto, é...*

KRISHNAMURTI: Muito certo. Mas todos querem a mesma coisa: segurança.

Interrogante: *Sim, mas querem justamente a sua forma de segurança.*

KRISHNAMURTI: Não — não é a *vossa* forma de segurança, nem a *minha* forma de segurança, mas o *sentimento* em que não há medo. O sentimento de estar completamente juntos. Um sentido de "Posso confiar em vós", "Posso dizer-vos qualquer coisa a meu respeito." Não é o fato de dizer-vos eu à minha maneira ou de ter idiossincrasias particulares, mas de sentir-me em casa, de ter uma sensação de completa proteção. Não sabeis o que tudo isso significa? Acaso não o sentis quando voltais para casa?

Interrogante: *Ao voltar para casa sentimo-nos em casa. Eu acho que me sinto. Mas não conservo meu quarto tão arrumado assim. Quando venho para cá, não sei por que devo ser tão ordeiro.*

KRISHNAMURTI: Não é uma questão de ordem. Primeiro, é o sentimento. Como dissemos, sentimo-nos melhor quando nos sentimos com-

pletamente seguros, e não nos sentimos seguros em parte alguma porque quase todos edificamos um muro de resistência à nossa volta, isolamo-nos. Nesse isolamento talvez nos sintamos seguros, mas ele pode ser rompido a qualquer momento. Ora, existe porventura o sentimento de não ter resistência? Não sei se me entendeis. Quando somos realmente amigos, quando eu vos amo e vós me amais — sem sexo e sem essas coisas todas — quando realmente sentimos juntos, estamos seguros, não estamos? Vós me protegeis e eu vos protejo no sentido de trabalhar juntos, mas não no sentido de resistir aos outros. Ora, não podemos viver assim? Não podemos criar esse sentimento aqui? De outro modo, de que vale tudo isso? Não podemos ter um sentido de bem-estar, um sentido de solicitude, de afeição, de amor? Então, por certo, estaremos criando algo totalmente novo!

Vede o que acontece. A mãe cria um filho. Pensai nos cuidados — meses e meses em que se levanta às duas horas da madrugada; e depois, quando crescem, as crianças são empurradas para fora. A sociedade as engole e manda-as para o Vietnã ou para algum lugar parecido. E aqui há o sentimento de estar seguro. E *vós* tendes de criá-lo porque é o vosso lar, a vossa mobília, os vossos livros, a vossa comida, o vosso tapete. Compreendeis?

Conheço um homem que disse à filha: "Vais casar e sei o que isso significa. Estarás sempre em dificuldades, estarás em luta com teu marido e com o resto. Mas aqui sempre terás um quarto. É o teu lar." Sabeis o que aconteceu? Surgiu um dificuldade tremenda entre o marido e a mulher. Mas ela costumava ir para esse quarto e nele se sentia tranqüila, repousada e feliz, nem que fosse por alguns instantes apenas. Eu conhecia muito bem a família.

Interrogante: Mas, na história, a moça apenas fica tranqüila, descansando no quarto.

KRISHNAMURTI: Sim, mas podeis ver o que isso significa em relação a este lugar.

Interrogante: Quando conseguimos o sentimento de estar em casa, estamos em casa em qualquer lugar.

KRISHNAMURTI: Por isso mesmo, começai por aqui. Depois, estareis em casa em qualquer lugar.

Interrogante: E não o "conseguimos" simplesmente. Mas estamos sempre a consegui-lo.

KRISHNAMURTI: Entretanto, se não conhecerdes o sentimento agora, quando sois jovens, e não o criardes, se quiserdes conhecê-lo mais tarde, será tarde demais.

Sabeis alguma coisa sobre meditação? Estais interessados em sexo, não estais ?Estais interessados em divertir-vos; em aprender geografia, história — casualmente, ao menos. Estais interessados em muitas coisas, não é verdade? Pois a meditação faz parte da vida; não digais que é uma coisa externa para pessoas tolas. Faz parte da existência, de modo que precisais conhecê-la como precisais conhecer matemática, eletrônica, ou seja lá o que for. Sabeis o que quer dizer meditar? De acordo com o dicionário, o significado da palavra é "considerar", "refletir", "ruminar", "investigar". Falemos um pouco a respeito?

Quando estais sentados, muito tranqüilos, ou quando vos deitais, sossegados, o corpo fica totalmente relaxado, não fica? Já tentastes alguma vez sentar-vos muito, mas muito calmamente? Sem forçar coisa alguma porque, a partir do momento em que forçardes o que quer que seja, estará tudo acabado. Sentar-vos calmamente, com os olhos fechados ou abertos. Se tiverdes os olhos abertos, haverá sempre um pouco mais de distração, começareis a ver coisas. Por isso mesmo, depois de olhar para as coisas, para a curva da árvore, as folhas, as moitas, depois de olhar para tudo com cuidado, fechai os olhos. Nesse caso não direis a vós mesmos: "Que estará acontecendo? Deixai-me olhar." Primeiro, *olhai* para tudo — a mobília, a cor da cadeira, a cor do suéter, olhai para a forma da árvore. Após haver olhado, o desejo de olhar é menor. Já vi aquele céu azul, já o olhei bastante, não tornarei a fazê-lo. Mas precisais olhar primeiro. Depois podereis sentar-vos tranqüilamente. Quando vos sentais tranqüilamente, ou vos deitais com toda a pachorra, o sangue flui com facilidade para a vossa cabeça, não é assim? Não há tensão. Por isso dizem que deveis sentar-vos de pernas cruzadas, com a cabeça muito direita, para que o sangue flua mais fácil desse jeito. Se vos sentardes encolhido, o sangue vos chegará mais dificilmente à cabeça. Sentai-vos, portanto, ou deitai-vos, com a máxima tranqüilidade. Não forceis, não vos agiteis. Se vos agitardes, observai a vossa própria agitação, sem dizer: "Não devo." E quando estiverdes sentados muito sossegadamente, observai vossa mente. Primeiro, observai-a. Não a corrijais. Não digais, "Este pensamento é bom, aquele não é bom" — limitai-vos a observar. Vereis que há observador e observado. Uma divisão. E no momento em que há divisão, há conflito.

Muito bem, podereis observar sem o observador? Haverá observação sem o observador? É o observador quem diz, "Isto é bom e aquilo é mau", "Gosto disto e não gosto daquilo" ou "Eu quisera que ela não tivesse dito isto ou aquilo", "Eu gostaria de ter mais comida".

Observar sem o observador — experimentai-o alguma vez. Faz parte da meditação. Começai com isso. Já está ótimo. E vereis, se o

fizerdes, ocorrer uma coisa extraordinária... vosso corpo se tornará muito, muito inteligente. Agora o corpo não é inteligente porque nós o estragamos. Compreendeis o que quero dizer? Destruímos a inteligência natural do corpo. Vê-lo-eis então dizer: "Ide para a cama à hora certa." Ele o quer, tem sua própria inteligência e atividade. E se ele quiser ser preguiçoso, deixai-o ser.

Oh! não sabeis o que tudo isso significa! Experimentai-o. Quando eu voltar em abril, sentar-nos-emos juntos duas vezes por semana e faremos tudo isso, está bem? Ótimo! Sinto que deveis deixar este lugar altamente inteligentes. Não apenas passar nos exames, mas ser pessoas tremendamente inteligentes, conscientes, belas. Pelo menos é o que desejo para vós.

6

Três espécies de energia. Conflito e desperdício de energia. Ação sem conflito. A reunião matutina.

KRISHNAMURTI: Temos energia criativa e podemos libertá-la? Como? Sabeis o que quero dizer com isso? Temos muita energia quando desejamos fazer alguma coisa. Quando queremos muito fazê-la, temos energia suficiente. Quando queremos brincar ou dar um longo passeio, temos energia. Quando queremos ferir as pessoas, temos energia. Quando nos zangamos, a nossa zanga é uma indicação de energia. Quando falamos sem parar, a nossa loquacidade também é uma expressão de energia.

Agora, qual é a diferença entre essa energia e a energia criativa? Isso vos interessa?

Interrogante: *Sim.*

KRISHNAMURTI: Qual é a diferença — estou apenas pensando em voz alta — qual é a diferença entre energia física e a energia produzida pelo atrito, como a cólera, a tensão, a antipatia? Há a energia puramente física, e há a energia derivada da tensão, do conflito, da ambição. E haverá outra espécie de energia?

Só conhecemos essas duas. A energia que um corpo bom, sadio, possui — tremenda energia. E a energia obtida através de todo o tipo de lutas, atritos, conflitos. Já o notastes? Os grandes escritores levam vidas terríveis, vidas miseráveis de conflitos em seu relacionamento com outros e com as pessoas em geral: essa tensão lhes dá uma tremenda energia. E porque possuem capacidade, o dom de escrever, expressam a energia através da escrita. Vedes tudo isso?

Pois bem, que espécie de energia tendes vós? A energia física — naturalmente, sendo jovens, tereis grande quantidade dela, uma fartura dela. E tendes também a outra espécie, que vos impele, através

do ódio, da raiva, da ambição, da tensão, do conflito, da resistência? Porque, se eu vos resistir, terei uma tremenda energia. Antipatizo convosco, combato-vos, porque quero ter o que é vosso — seja lá o que for — e isso me dá energia. E por trás dessa energia há um motivo.

Vedes agora os dois tipos: a energia física e a energia que vem do conflito e da resistência, do medo, ou da busca do prazer. Haverá outra espécie? Haverá alguma energia sem motivo?

Quero conseguir um emprego porque preciso dele; e o esforço para obtê-lo, a necessidade do emprego, dá-me energia suficiente para pedir, exigir, empurrar, ser agressivo. Há um motivo por trás disso. E onde há um motivo, a energia é sempre restrita, limitada. A partir do momento em que existe, o motivo atua como freio. Percebestes o ponto?

Com que, então, tendes a energia que é sempre freada porque tem um motivo? Argumentai comigo! Estou justamente formando uma opinião. Já fizestes alguma coisa sem motivo? Um motivo como o medo, a simpatia e a antipatia, o desejo de possuir alguma coisa de alguém, a vontade de ser tão bom quanto outro qualquer: todos são motivos que nos impelem para a frente.

Conheceis alguma ação sem motivo? Existirá, porventura, alguma ação nessas condições? Investiguemos. Que dizeis sobre isso?

Interrogante: Sendo o problema... terdes ou não consciência do motivo — porque podeis praticar uma ação por um motivo mas, se não tiverdes...

KRISHNAMURTI: Consciência dele...

Interrogante: ... então vós...

KRISHNAMURTI: Precisamente. Estais dizendo, portanto. Posso pensar que ajo sem motivo e, no entanto, talvez tenha um motivo oculto.

Interrogante: Sim; ou o contrário.

KRISHNAMURTI: Ou o contrário. Qual é o vosso caso? Indagai, entrai em vós mesmo, averiguai! Olhai para vós mesmo. Sabeis o que é olhar alguém para si mesmo? Não vos olhais ao espelho quando penteais os cabelos — olhais, não é assim? Pois bem, que vedes? Vedes o vosso reflexo no espelho, o vosso semblante refletido nele, a menos que o espelho esteja torto ou rachado. Não podeis olhar para vós mesmo da mesma maneira com que vos vedes ao espelho? Olhai-vos sem nenhuma distorção, nenhuma deformação, nenhum desvio, exatamente como vos vedes ao espelho. Só então descobrireis se agis com um motivo ou sem ele. Podeis olhar-vos muito simples e claramente, como se vos

vísseis refletido num espelho? Devo admitir que isso é muito difícil. Não sei se já o fizestes alguma vez; estamos verificando se todas as nossas ações — apresentar-se pontualmente às refeições, levantar-se, seja lá o que for — têm um motivo por trás de si. Ou existe algum sentido de liberdade para nos movermos?

Pergunta: *Que quereis dizer com liberdade para nos movermos?*

KRISHNAMURTI: Liberdade simplesmente para nos movermos, sem medo, sem resistência, sem um motivo — para viver. E descobrir uma coisa dessas! Estávamos dizendo que tendes energia física em quantidade suficiente — se quiserdes construir um modelo de avião, construí-lo. Isso levaria tempo, teríeis de investigar, indagar, tomar informações, pôr o coração e a mente no trabalho, mas construí-lo-íeis. O empreendimento requer grande dose de energia. Haverá nisso atrito, luta, resistência? Quereis construir o avião. Eu apareço e tento impedir-vos, dizendo, "Não sejais tolo, isso é coisa de criança" — e vós resistis, porque o vosso interesse é construir. Vede agora o que acontece — quando resistis, estais desperdiçando energia, não é verdade? E, por conseqüência, tendes menos energia para construir o avião. Lançai-vos ao trabalho, pacientai, observai.

Ora, poderá o vosso interesse não se enfraquecer, embora eu vos resista, embora eu diga que sois tolo? Compreendeis-me? Quero sair para dar um passeio, pois o dia está lindo. Quero ver as árvores, ouvir os pássaros, ver as folhas novas, o dia maravilhoso de primavera, quero sair. E vós apareceis e dizeis, "Vinde ajudar-me na cozinha, por favor." Que acontece? Enfada-me a cozinha, não quero ir porque meu interesse é sair. Há, portanto, uma divisão em mim, não há? A divisão é um desperdício de energia. Quero sair para passear e vós me pedis: "Vinde ajudar-me na cozinha, por favor." Que devo fazer?

Vamos, estou-me encarregando de toda a investigação, e vós vos limitais a ficar aí sentados, prestando atenção! Que farei? Sei que será para mim um desperdício de energia dizer: "A cozinha é uma seca e eu quero mesmo é dar um passeio." Que devo fazer para não desperdiçar energia? Vamos, discuti o caso comigo. Que devo fazer?

Pergunta: *Que quereis dizer com desperdiçar energia?*

KRISHNAMURTI: Eu vos mostrarei. Pedis-me para ajudar-vos na cozinha. Mas eu quero sair a passeio. Se eu fizer apenas o que quero fazer e sair para passear, que acontecerá ao vosso pedido, "Vinde ajudar-me!"? Ficarei com um sentimento de culpa, não é verdade? "Todo o meu passeio está estragado", digo eu. "Oh, Senhor, eu deveria ter ido" — reluto. Isso é desperdício de energia, não é?

Interrogante: Vós vos referis apenas ao conflito.

KRISHNAMURTI: O conflito é um desperdício de energia. Portanto, que deverei fazer, sabendo que, se aceder ao vosso pedido, se for para a cozinha, acabarei dizendo: "O dia está lindo, por que não saí para passear?" E, se sair para passear, acabarei concluindo: "Eu deveria estar na cozinha."

Interrogante: Urge ver o que é mais necessário.

KRISHNAMURTI: Não, não o que é mais necessário. Como responderíeis a isto, para que eu fizesse alguma coisa sem desperdício de energia, sem conflito? Compreendestes minha pergunta, não compreendestes? Vamos, Raquel, que devo fazer? Quero evitar uma luta dentro de mim. E terei uma luta dentro de mim se sair para passear depois de me haverdes pedido para ajudar-vos na cozinha. Mas se eu for para a cozinha e quiser realmente sair a passeio, também terei uma luta dentro de mim. Quero fazer alguma coisa sem luta. Como deverei agir nestas circunstâncias?

Interrogante: Explicai vossos sentimentos a quem vos faz o pedido.

KRISHNAMURTI: Por que deveria eu explicá-los?

Interrogante: Para que ele os compreenda.

KRISHNAMURTI: Sim, ele me pediu para ajudá-lo, quer minha ajuda — pouquíssimas pessoas gostam de descascar batatas, por isso ele pediu minha ajuda. Poderei dizer-lhe: "Estou querendo dar um passeio, o dia está lindo — vinde comigo." Mas as batatas precisam ser descascadas. Portanto, que hei de fazer?

Interrogante: Agir responsavelmente, responsivamente.

KRISHNAMURTI: Agir responsivamente, isto é, com responsabilidade? É isso que estais dizendo? Ora, qual é a minha responsabilidade aqui — eu gostaria de dar um passeio, isso também é responsabilidade minha. Assim sendo, que hei de fazer?

Pergunta: Como se há de saber que o passeio proporciona maior prazer que a cozinha?

KRISHNAMURTI: O dia está lindo, há nuvens muito bonitas no céu, e descascar batatas quando os passarinhos estão chamando é horrível! Portanto, que deverei fazer? Usai vossas células cerebrais, vamos!

Interrogante: (1) *Pouco importa o que fazeis se, depois de haverdes dito que realmente não pretendeis ajudar na cozinha, sairdes para passear — enquanto deixardes as coisas nesse pé.*

Interrogante: (2) *Ides para a cozinha e depois saís para dar o passeio.* (Risos).

KRISHNAMURTI: Quando eu sair para o passeio, serei torturado pela consciência ou pelo que quer que seja.

Pergunta: *Mas se compreenderdes toda a situação, haverá conflito?*

KRISHNAMURTI: Qual é toda a situação? A cozinha, a deliciosa luz do sol, a sombra e o meu desejo de sair para um passeio.

Interrogante: *Isso me aconteceu...*

KRISHNAMURTI: Acontece a todos nós.

Interrogante: *O caso é que, façais o que fizerdes, estareis em conflito.*

KRISHNAMURTI: Não, não estarei em conflito.

Interrogante: *Se a cozinha realmente precisar de mim, irei para lá.*

KRISHNAMURTI: Ele diz que precisa de vós, por isso ireis para lá. Mas que acontece ao passeio?

Interrogante: *Ficará para mais tarde. O passeio não fugirá...*

KRISHNAMURTI: Esperai — há nuvens imensas e a escuridão vem chegando. E digo: "Está chovendo, por que me estragastes o passeio?"

Interrogante: *... provavelmente vos molharíeis de qualquer maneira.* (Risos.)

KRISHNAMURTI: Que faríeis? Optaríeis pela cozinha? Ou diríeis: "Ide para o inferno, vou dar um passeio"?

Interrogante: *Eu agiria.*

KRISHNAMURTI: Em que se basearia a vossa ação?

Interrogante: *Eu dirigiria a energia.*

KRISHNAMURTI: Dizeis que agiríeis — que ação é essa em que não há conflito? Prestai atenção, que faríeis numa situação em que duas coisas são contraditórias — cozinha e passeio? Entendestes direito a pergunta?

Pergunta: *Que é o que cria o conflito?*

KRISHNAMURTI: O conflito nasce de necessidades contraditórias, a necessidade que tenho de passear e a necessidade que tendes da minha ajuda. Sou puxado em duas direções. Ora, que hei de fazer, para que haja apenas uma direção sem conflito? Compreendeis a beleza da pergunta?

Interrogante: *Quando vedes a urgência de ajudar na cozinha...*

KRISHNAMURTI: Vedes a urgência da necessidade dele e renunciais à vossa. Podeis renunciar ao vosso desejo, que é muito forte, de sair a passeio, e aceder totalmente ao pedido dele? Fareis uma coisa dessas?

Interrogante: Se eu vir a urgência do pedido dele...

KRISHNAMURTI: Renunciareis à urgência de sair a passeio e aceitar-lhe-eis o pedido com graça, naturalidade, sem conflito?

Interrogante: Se eu vir o perigo do conflito.

KRISHNAMURTI: Vedes o perigo de conflito, que é venenoso, que é um desperdício de energia, que não conduz a nada? Assim podeis renunciar ao desejo de passear e ireis para a cozinha, igualmente feliz, igualmente à vontade, e esquecereis de todo o passeio? Porque, se não esquecerdes o passeio, ele continuará a apoquentar-vos.

Interrogante: Tudo, sem dúvida, vive a fazer-nos tais exigências o tempo todo, silenciosa, verbal e não-verbalmente.

KRISHNAMURTI: Tudo se baseia nisso. É esse o ponto a que quero chegar. Quero ficar na cama e quero estar pontualmente à mesa do desjejum. Ireis para a cozinha de má vontade, não ireis? Por isso pergunto, podereis fazer alguma coisa contrária aos vossos desejos e, apesar disso, permanecer num estado sem conflito? Essa é a vida, isto é o que acontece o tempo todo. Alguém quer que eu faça uma coisa e eu quero fazer outra. Começam a apoquentar-me, e eu resisto.

Interrogante: Por outro lado, se cederdes sempre...

KRISHNAMURTI: Se eu ceder sempre, acabarei virando capacho. Por isso preciso descobrir como agir quando as necessidades são contraditórias — uma ação em que não há atrito, não há má vontade, não há resistência, não há antagonismo. Podeis fazê-lo?

Interrogante: Depende da força do desejo.

KRISHNAMURTI: Por mais forte que ele seja, a mente *é* intensa.

Interrogante: Comparo as duas necessidades.

KRISHNAMURTI: Não, nada de comparações.

Interrogante: Quero fazer uma coisa, e alguém me pede para fazer outra — tenho de comparar as duas.

KRISHNAMURTI: Isso não é comparação. Pedis-me para ajudar-vos e eu quero sair a passeio — não estou comparando. Não há termo de comparação entre as duas.

Interrogante: Pois eu vejo comparação porque...

KRISHNAMURTI: Não; estou comparando quando pergunto: "Que é mais importante agora, meu passeio ou minha ida para a cozinha?" E respondo: "A cozinha é mais importante." Que aconteceu? Fiz uma avaliação e baseei minha ação na sua importância. Mas eu não quero basear minha ação na sua importância.

Pergunta: *E se a casa pegar fogo...?*

KRISHNAMURTI: Se a casa pegar fogo, o passeio se foi — acabou-se.

Pergunta: *Não será isso a mesma coisa em escala menor, quando se avalia o que é necessário no momento?*

KRISHNAMURTI: Não, não quero basear minha ação na discriminação, no que é importante.

Pergunta: *Por quê?*

KRISHNAMURTI: Dir-vos-ei por quê. Quem é o juiz que diz, isto é importante e isto não é? Sou eu mesmo, não sou?

Interrogante: *Nas circunstâncias...*

KRISHNAMURTI: Podeis achar que uma coisa é importante e eu posso achar que não é, e assim haverá atrito entre nós. Por isso não quero basear minha ação no que é importante.

Pergunta: *Mas não há aí um fator objetivo, e não subjetivo?*

KRISHNAMURTI: Um fator baseado no fato, e não na importância. O fato é que ele me pede para ir à cozinha e o fato é que eu quero dar um passeio.

Interrogante: *Ainda assim tereis de avaliar...*

KRISHNAMURTI: Abordai o assunto devagar, com cuidado, que é muito interessante. Se eu basear minha ação na discriminação, no que é ou não importante, minha discriminação pode ser o resultado do meu preconceito, do meu condicionamento. Por isso digo que a discriminação é insignificante, porque se baseia no meu condicionamento, no meu preconceito, na minha opinião, na minha tendência. Não basearei minha ação na discriminação. Não basearei minha ação na avaliação.

Pergunta: *Avaliação do que penso. Não existe ainda a avaliação não colorida pelo que penso?*

KRISHNAMURTI: Existe — estou primeiro limpando o terreno. Não discriminarei, não avaliarei, porque, se avaliar, minha avaliação poderá basear-se no meu preconceito, na minha tendência, no meu desejo, na minha imaginação. Por conseguinte, não agirei segundo o que é ou não importante. Examinarei o assunto — estais-me entendendo? É uma coisa perigosa aquela que estamos abordando — a menos de compreenderdes claramente que precisais deter-me. De outro modo, colhereis aqui e ali algumas palavras e direis, "Isso não é importante", e o atirareis à cabeça da sra. Simmons. Compreendi que, se eu avaliar, minha avaliação poderá basear-se no preconceito. Mas a avaliação é necessária. Quando o professor faz um relatório e diz que estais mal em francês,

mas bem em matemática, isso é avaliação, baseada em fatos, e não em preconceitos. Percebeis a diferença? Estais um pouco desconfiados?

Interrogante: É muito difícil porque...

KRISHNAMURTI: Digamos que eu vos lecione italiano. É evidente que conheço muito mais esse idioma do que vós pois, do contrário, não o estaria lecionando. E vejo que não estais muito bem em italiano, fatualmente, e não em virtude de algum preconceito meu — depois de seis meses não sabeis sequer formar uma sentença. Isso é um fato. Com base nesse fato, avalio, e não com base em meu preconceito. Estais de acordo? O que é totalmente diverso da avaliação do que é ou não importante.

Pergunta: Constitui uma avaliação escolher entre chá e café?

KRISHNAMURTI: Não reduzais o caso a chá ou café — limitai-vos primeiro a examiná-lo. Há, portanto, dois fatores na avaliação: o preconceito e o fato. Quando avalio o que é ou não importante posso estar tomando por base meu preconceito e não um fato. E quando ele me pede para ir para a cozinha, trata-se de um fato ou ele só pretende arreliar-me? Por isso vou até lá e vejo o que há. Se for caso de precisão, faço o que tenho de fazer e esqueço-me do resto, porque o fato exige minha ação. Estais vendo a diferença?

Interrogante: Compreendo, neste caso...

KRISHNAMURTI: Se compreenderdes este caso compreendereis o princípio geral que o rege. Se eu avaliar o que é importante ou o que não o é, talvez me baseie no meu preconceito e, portanto, não posso confiar na minha avaliação. Mas quando os fatos exigem a avaliação, os fatos decidem o valor. Os dois são muito claros, não são? Não são muito claros?

Interrogante: São muito claros quando, de um lado, tendes vossos desejos e, de outro, alguém precisa de vós. Mas se precisarem de vós dos dois lados, tereis de escolher entre ambos.

KRISHNAMURTI: Não, não escolherei.

Interrogante: Tereis de agir — ou uma coisa, ou outra.

KRISHNAMURTI: Não, a necessidade de agir, de optar entre isto e aquilo, significa escolha, significa que não sabeis o que fazer e escolheis o mais agradável.

Interrogante: É dificílimo para uma pessoa condicionada enxergar a verdade sem preconceitos.

KRISHNAMURTI: Vamos ver, recomecemos. Quero sair para dar um passeio e vós me pedis para ir à cozinha. Se eu perguntar o que é mais

importante, a cozinha ou o passeio, estarei avaliando de acordo com o meu prazer, de acordo com o meu desejo, meu preconceito. Conseguintemente, digo a mim mesmo: "Não avaliarei. Os fatos indicarão a ação correta." Por isso irei convosco para a cozinha e verei se o fato ali exige minha presença. O fato diz, "Sim", e eu me esqueço do resto.

Pergunta: Mas suponhamos que sejais necessário, ao mesmo tempo, na cozinha e no escritório.

KRISHNAMURTI: Esse é um caso diferente. O fato me dirá o que devo fazer. E quando o fato me diz o que devo fazer, compreendo que não há atrito. Estais percebendo a beleza da situação? Ora, vamos, não sois tão jovens assim! Desse modo, são os fatos o fator final da decisão, da ação, e não o meu preconceito.

Interrogante: Se ambos forem de igual...

KRISHNAMURTI: Preconceito e fato são duas coisas diferentes. Meu desejo, meu prazer, minha vontade, meu anseio, minha tendência divergem totalmente do fato da cozinha. Isso torna a mente tão clara que não há escolher entre a cozinha e o passeio. O fato decidiu que ireis para a cozinha e está liquidado o assunto. Como o sabeis, isso exige grande dose de inteligência. O homem que diz, "Quero sair para dar um passeio e sairei — quem sois vós para chamar-me à cozinha? Sois autoritário, sois mandão" — está desperdiçando tempo e energia. Muito melhor lhe seria dizer: "Ide-vos, por favor, vou sair a passeio, pedi a outra pessoa." Seria muito mais simples, não seria? Mas temos medo de dizê-lo. Descrevi tudo isso; acontece, porém, que as palavras não são o fato.

Interrogante: Eu gostaria de examinar o caso de outro ponto de vista.

KRISHNAMURTI: Examinai-o.

Interrogante: Tomai por exemplo: Estive estudando umas seis ou sete horas. A certa altura, sinto necessidade de fazer uma interrupçãozinha e dar um passeio. Nisso, porém, algumas pessoas me dizem: "Vem ajudar na cozinha."

KRISHNAMURTI: Que fareis?

Interrogante: O fato é que fiz a interrupção para descansar.

KRISHNAMURTI: Eu sei. E que fareis?

Interrogante: Mesmo que vá para a cozinha, não prestarei muita atenção ao que tiver de fazer.

KRISHNAMURTI: Por isso perguntais qual é o fato — atende-vos aos fatos.

Interrogante: O fato é que estou cansado.

KRISHNAMURTI: Estais cansado, isso já basta. "Sinto muito, estou cansado, não posso ir para a cozinha." Pronto. Mas sede sincero — não simuleis cansaço.

Portanto, retrocedamos. Há a energia física, da qual temos grande quantidade, porque temos boa comida, descanso, etc. Além dessa, há a energia psicológica, que se dissipa no conflito. E digo a mim mesmo, "Isso é um desperdício de energia", embora o conflito psicológico gere tensão e da tensão decorra certa espécie de energia. E se eu tiver capacidade como escritor, orador, ou pintor, utilizá-la-ei, o que constitui um desperdício de energia psicológica.

De modo que posso agir psicologicamente, sem desperdício de energia, baseado apenas em fatos e nada mais. Compreendeis o que estou dizendo? Só fatos, e não preconceitos psicológicos ou emocionais — "Devo, não devo". Tendes, então, harmonia entre a psique e o físico. Tendes um modo harmonioso de viver. A partir daí podeis descobrir se há outra espécie de energia de um gênero totalmente diverso. Mas sem a harmonia entre a psique e o físico, a harmonia psicossomática, vossa indagação não terá sentido.

Muito bem, prestastes atenção a isto. Que pretendeis fazer com a vossa vida, que pretendeis fazer hoje cedo, ou hoje à tarde, quando surgir o problema? Porque ele surgirá, surgirá todos os dias da vossa vida: ir para a cozinha, sair a passeio, construir um avião, andar de automóvel. Escola, aula, ficar na cama: "Terei de levantar-me tão cedo assim?"

Que fareis, então? O que fareis dependerá do grau de atenção que tiverdes prestado. Se realmente prestastes muita atenção, de hoje em diante agireis com base apenas em fatos — é uma coisa maravilhosa, não sabeis quanta beleza encerra — apenas em fatos. Em lugar de trazer à baila todo o vosso circo emocional.

Encontrastes alguma diferença depois da palestra de domingo sobre a preguiça? Deveis estar lembrados de que dissemos que não usásseis a palavra "preguiçoso", mas averiguai por que desejais ficar mais tempo na cama. Pensastes no assunto? Rose, pensastes no outro assunto, isto é, que somos magoados, magoados desde a infância por nossas mães, nossos pais, nossos vizinhos, nossos amigos — as pessoas nos magoam. Já podeis não ser magoada? — o que não significa resistir, o que não significa erguer um muro em torno de vós, e sim não ter uma imagem de vós mesma. Tendes uma imagem de vós mesma?

Podeis olhar para tudo sem vos sentirdes terrivelmente apegados aos vossos cabelos compridos ou aos vossos cabelos curtos? Estamos

sempre falando de cabelos compridos, de cabelos curtos — que desperdício de tempo! Sabeis o que é ser flexível? Já observastes um rio? Já? Vistes como ele corre sobre uma rocha, nunca se deixa prender num canto, num poçozinho — fluindo, fluindo, fluindo. E se, nesta idade, não continuardes fluindo, acabareis presos num poçozinho, feito por vós mesmos, e que não é o rio, mas água suja. Uma imagem não é tão-só a reprodução de alguma coisa: uma conclusão é imagem, a conclusão de que sou alguma coisa, de que preciso ser alguma coisa — isso é imagem.

Sabeis que freqüento uma escola no Norte da Índia, exatamente como esta, mas que tem trezentos acres e um rio maravilhoso — o Ganges. A escola situa-se nas margens do Ganges, dela se vê o rio passando. É de fato extraordinário esse rio. Desce, passa pela grande cidade de Benares, e continua descendo. Vedes ali pessoas que lavam suas roupas, corpos queimados e atirados ao rio, pessoas que tomam banho, cuidam da roupa, ao mesmo tempo que um homem bebe da água — todos a uma distância de poucos metros uns dos outros. O rio está sempre vivo — e, porque está vivo, sua água não se contamina, não se polui. Há alguns anos, vários médicos a levaram para a Suíça, a fim de curar males do estômago.

Eu me achava, um dia, remando nesse rio e, ao enfiar a mão dentro d'água para verificar-lhe a temperatura, vi um braço flutuando ao meu lado. Pois reza a tradição na Índia, especialmente em torno de Benares, que o vosso corpo precisa ser queimado às margens do rio — na Índia os corpos se cremam, não se enterram — é muito mais simples e demanda menos espaço.

Por isso, trazendo o parente morto, os pobres chegam às margens do rio, compram lenha e, com um pouquinho dela, queimam o corpo. Mas como não têm tempo de ficar esperando que o corpo se consuma, voltam à pressa para a sua aldeia. E o homem que lhes vendeu a lenha apaga o fogo, preserva a madeira, joga o corpo no rio, e vende a lenha ao pretendente seguinte. E vamos encontrar o corpo boiando várias milhas abaixo.

Interrogante: *Acredito, senhor, que a água tenha sido analisada e que tenham encontrado nela algumas coisas extraordinárias.*

KRISHNAMURTI: Eu sei. O rio sagrado. Por isso lhe chamam sagrado.

Interrogante: *Discutimos a reunião matutina em nossa reunião escolar de ontem à noite. As coisas não ficaram muito claras.*

KRISHNAMURTI: Com relação ao quê?

Interrogante: *À reunião antes do desjejum.*

KRISHNAMURTI: Que tem ela? Por que vos reunis?

Interrogante: *Para ficarmos juntos.*

KRISHNAMURTI: Estais juntos o dia todo. Na escola que visito em Benares, os estudantes também se reúnem todas as manhãs. Em Rishi Valley, reúnem-se todas as manhãs e aqui vos reunis todas as manhãs — para quê? Sois contra essas reuniões?

Interrogante: *Não.*

KRISHNAMURTI: Sede sinceros. Sois contra elas? Não sois?

Interrogante: *Contra elas não, mas não gosto de ser pressionado...*

KRISHNAMURTI: Um momento, não gostais de ser pressionado — mas eu vos pressiono agora ao perguntar-vos o que pensais das reuniões. Podeis mandar-me para o inferno, mas as pessoas vos pressionam o tempo todo, todo o mundo faz pressão sobre alguém — não vos limiteis a dizer que não gostais disso. Vosso pai vos pressiona, a sociedade vos pressiona, os livros que ledes vos pressionam, a televisão, tudo vos submete a uma pressão. Quereis dizer: "Gosto de escolher minhas pressões, as agradáveis." É isso. Portanto vos pergunto, gostais de reunir-vos de manhã? Vir para a escola é uma pressão. Então, que dizeis — não gostais? Vamos, falai com franqueza.

Interrogante: *Às vezes, gosto.*

KRISHNAMURTI: Mas, afinal, por que razão vos reunis? — Estou-vos perguntando.

Interrogante: *Para podermos ouvir idéias diferentes e prestar atenção a todas elas.*

KRISHNAMURTI: Está certo, desejais prestar atenção às pessoas, aos outros. Por isso vos reunis?

Interrogante: *A razão poderia ser diferente para diferentes pessoas.*

KRISHNAMURTI: Por que todos vos reunis?

Interrogante: (1) *Para ficarmos em silêncio.*

Interrogante: (2) *Para ficarmos juntos.*

KRISHNAMURTI: Para prestar atenção ao que os outros estão dizendo, para ficar em silêncio, para ficar juntos — alegastes três coisas. É por essa razão que vos reunis?

Interrogante: *Para formar uma audiência.* (Risos.)

KRISHNAMURTI: Por que estais todos sentados ali?

Interrogante: *Sois o orador, somos a audiência, formamos uma audiência para ouvir.*

KRISHNAMURTI: Por essa razão vos reunis, porque sois a audiência? Estou perguntando, por que vos reunis aqui?

Interrogante: (1) *Para discutir coisas juntos.*

Interrogante: (2) *Porque, durante o dia, não prestamos atenção a todas as vozes à nossa volta.*

KRISHNAMURTI: Dizeis que desejamos ficar em silêncio de manhã, reunir-nos, prestar atenção, ouvir as pessoas — estar juntos, descobrir, experimentar juntos um sentido de ação comunal — por isso vindes?

Interrogante: (1) *Por hábito.*

KRISHNAMURTI: Sois guiado pelo hábito?

Interrogante: (2) *Não, não venho aqui por hábito.*

KRISHNAMURTI: Qual é a finalidade de estar juntos de manhã? Não é importante estar juntos de manhã, sentar em silêncio, prestar atenção aos passarinhos, ouvir uma pessoa que lê um poema — ledes poemas? A propósito, escreveis poesia? Sim? Pois folgo muito. Ótimo. Boa poesia? (*Risos.*) Não deveríeis reunir-vos de manhã para ficar em silêncio, sentar ao pé uns dos outros, prestar atenção ao que se lê, de modo que possais controlar-vos?

Interrogante: *De modo que todos ajam como se fossem um só.*

KRISHNAMURTI: Como um só, não — eu disse reunir-vos para ficardes em silêncio.

Pergunta: *Isso não significaria, se o fizéssemos, que estávamos descontrolados antes de nos controlarmos?*

KRISHNAMURTI: Mas estais descontrolados antes.

Pergunta: *Por quê?*

KRISHNAMURTI: Porque assim estais sempre. Porventura andais controlados o tempo todo? Quando vos levantais de manhã, que ocorre? Disparais, tomais banho, fazeis a vossa toalete, etc. "Misericórdia! Só tenho dez minutos!" E continuais a correr.

Interrogante: *Não.*

KRISHNAMURTI: Não? Então sois diferente dos outros. (*Risos.*) Nós, orientais, levantamos cedo, fazemos tudo mais de espaço. Mas alguns de vós vos levantais correndo e correis o dia todo, não é assim? Não? É, sim, correis o dia todo, de uma aula a outra, de uma refeição a outra, de uma brincadeira a outra, num movimento constante. Não tendes tempo para a introspecção, para ficar em silêncio, para contemplar-vos, para contemplar as árvores, para contemplar os pássaros, para

ouvir-lhes o canto, nem um momento de quietação. Não deveríeis ficar em silêncio? Ficar em silêncio não significa pegar num jornal e contemplá-lo — mas ficar inteiramente quieto. Não é necessário? Quer dizer que essa quietação é um hábito?

Interrogante: *Não.*

KRISHNAMURTI: Não, não dais tento da vossa permanente agitação durante o dia; portanto, quando tendes consciência de que estais em contínuo movimento, agitados, falando, lendo — permanecei juntos em silêncio de manhã. Sabeis o que acontecerá se ficardes em silêncio desse jeito?

Pergunta: *Juntos por quê? Não podemos também ficar em silêncio sozinhos?*

KRISHNAMURTI: Não estou dizendo que não podeis ficar em silêncio sozinhos, mas acontece que o fato de estardes em silêncio juntos gera uma ação em comum. Não gera? Ainda não o notastes? E se alguém vos convidasse então a ir para a cozinha, iríeis sem hesitar.

Interrogante: *Mas fora de Brockwood não podemos reunir-nos todas as manhãs nem ficar sentados em silêncio.*

KRISHNAMURTI: Eu disse, estar juntos e em silêncio; a seguir, lereis alguma coisa e eu prestarei atenção, depois direis qualquer coisa e eu prestarei atenção do fundo do meu silêncio, não do meio da minha agitação, estais-me entendendo? Prestarei atenção do fundo do meu silêncio. E prestarei realmente atenção, e aprenderei a arte de prestar atenção, do fundo do meu silêncio. Por esse motivo eu viria à reunião.

De uma feita, passei uma semana num mosteiro dirigido por alguns amigos meus da Califórnia. O programa era o seguinte: levantávamos às seis horas da manhã, tomávamos banho, etc. Das 6,30 às 7,30 passávamos sentados numa sala escura, realmente escura; um homem encarregado de atender-nos lia uma passagem de *Nuvem da Ignorância* do Irmão Lourenço, ou de algum livro de filosofia ou devoção — lia por dois ou três minutos. Depois, durante todo o resto daquela hora, ficávamos sentados. Era um anfiteatrozinho — sabeis o que é um anfiteatro — os degraus que descem, e cada pessoa, sentada num deles, coloca os pés no degrau seguinte. Ficávamos, portanto, sentados na mais completa escuridão por uma hora e meditávamos. Isto se exigia de nós.

Em seguida, das 7,30 às 8,00 preparávamos o desjejum todos juntos e, das 8,30 a um quarto para as nove, lavávamos os pratos; feito isso, subíamos para nossos quartos a fim de limpá-los, fazer as camas, etc.; às 10,30 alguém proferia uma palestra sobre um assunto qualquer,

que poderia ser de ciência, filosofia, biologia ou antropologia. Das 11,30 às 12,30 na sala escurecida, meditação por uma hora. Depois, o almoço. Terminado o almoço, não dizíamos uma palavra a ninguém e, a seguir, a partir das 5,30, saíamos para um passeio ou para fazer alguma coisa no jardim, ou subíamos para o quarto, mas tudo sem falar. Das 6,30 às 7,30 meditação na sala escura, jantar, lavagem de pratos. Desde o término do almoço até à manhã seguinte, depois da meditação, não falávamos nada. Ora, se seguíssemos esse programa, acabaríamos formando um hábito, por ser o costume, por ser o que se devia fazer? Mas, feliz ou infelizmente, o mosteiro fechou.

Como estudante ou professor aqui, eu iria a uma reunião matutina porque queria sentar-me em silêncio por alguns minutos, ou por meia hora, não só para olhar e ouvir o que outras pessoas dissessem, ou lessem, mas também para contemplar-me. Para ver a espécie de animal que sou, a espécie de pessoa que sou, por que faço isto e por que faço aquilo, por que penso isto, por que desejo aquilo — para conhecer-me. Porque, quando me conhecer, terei uma grande claridade, pensarei com suma clareza, simplicidade e direitura. Eu faria tudo isso nas reuniões matutinas — ler, ouvir e sentar-me em silêncio para ver o que sou — para ver a beleza do que sou, ou para ver a feiúra do que sou, apenas para ver, observar. E quando eu sair da reunião, haverá deleite em meus olhos, porque terei compreendido alguma coisa.

7

Sobre estar sentado em silêncio com a mente imóvel.

Pergunta: *Poderíamos falar sobre sensibilidade e consideração pelos outros?*

KRISHNAMURTI: O homem sempre desejou algo santo, sagrado. O simples fato de ser bom para os outros, sensível, polido, atencioso, solícito e afável não tem profundidade, não tem vitalidade. Se não encontrardes em vossa vida algo realmente sagrado, com profundidade, com uma beleza tremenda, que seja a fonte de tudo, a vida se tornará muito superficial. Podeis ser muito bem casado, ter filhos, casa, dinheiro, podeis ser inteligente e famoso mas, sem esse perfume, tudo se tornará numa sombra sem substância.

Vendo o que acontece no mundo, estais dispostos a encontrar, em vossa vida cotidiana, algo realmente verdadeiro, realmente belo, santo, sagrado? Se o encontrardes, a polidez terá sentido, a consideração terá sentido, profundidade. Podereis, então, fazer o que quiserdes, que haverá sempre esse perfume. Como chegareis a isso? Faz parte da vossa educação não apenas aprender matemática, mas também descobri-lo.

O fato é que, para ver alguma coisa com muita clareza — até mesmo aquela árvore — vossa mente precisa estar quieta. Para ver aquela imagem, aquele quadro, preciso olhar para ele mas, se minha mente estiver trepidando, dizendo, "Eu quisera estar lá fora", ou "Eu gostaria de ter outro par de calças", se minha mente estiver divagando, nunca serei capaz de ver claramente o quadro. Para ver qualquer coisa com clareza, preciso ter a mente muito quieta. Vede primeiro a lógica disso. Para observar os pássaros, as nuvens, as árvores, a mente precisa estar extraordinariamente quieta a fim de compreender.

Há vários sistemas no Japão e na Índia para controlar a mente de modo que ela se imobilize totalmente. E estando muito quieto experi-

mentais algo incomensurável — essa é a idéia. Por isso dizem: em primeiro lugar, cumpre que a mente esteja quieta, controlai-a, não a deixeis divagar, porque, se tiverdes a mente quieta, a vida será extraordinária para vós. Ora, quando a controlais ou forçais, distorcei-la. Se eu me obrigar a ser bondoso, minha bondade não será bondade. Se eu me obrigar a ser extremamente polido convosco, minha polidez não será polidez. Se eu obrigar minha mente a concentrar-se em determinado quadro, haverá tensão, esforço, dor e supressão em demasia. Por conseguinte, a mente nessas condições não será quieta — entendestes? Daí a pergunta: haverá um meio de produzir uma mente muito quieta sem distorção, sem esforço, sem dizer, "Preciso controlá-la"?

É claro que há. Há uma quietude, uma tranqüilidade sem qualquer esforço. Isso requer compreensão do que significa o esforço. E quando compreendeis em que consiste o esforço, o controle, a supressão — quando o compreendeis não apenas verbalmente mas vedes realmente a sua verdade — a própria percepção aquieta a mente.

Vós vos reunis todas as manhãs às oito horas. Que acontece, que fazeis quando vos reunis?

Interrogante: *Ficamos sentados em silêncio na sala.*

KRISHNAMURTI: Por quê? Continuai, discuti o assunto comigo. Ledes alguma coisa?

Interrogante: *Às vezes as pessoas lêem.*

KRISHNAMURTI: Que sentido tem isso? Por que vos reunis todas as manhãs?

Interrogante: *Disseram que é para encontrarmos um sentimento de contigüidade.*

KRISHNAMURTI: E sentados em silêncio experimentais um sentimento de contigüidade? Experimentai-lo realmente? Ou isso é apenas uma idéia?

Interrogante: *Alguns o experimentam, outros não.*

KRISHNAMURTI: Afinal de contas, por que vos reunis? Não quereis discutir comigo?

Reunidos pela manhã, sentados corretamente juntos, experimentareis uma coisa extraordinária. Não sei se isso já vos aconteceu. Quando vos sentais, sentais-vos de fato quietamente? Vosso corpo fica realmente muito quieto?

Interrogante: *Não. Na maior parte do tempo ele não fica quieto.*

KRISHNAMURTI: Por que não? Sabeis o que significa sentar-vos quietamente? Mantendes os olhos fechados? Respondei! Só eu estou falando. Que fazeis? Estais relaxados? Sentais-vos de fato quietamente?

Interrogante: Às vezes estamos muito relaxados.

KRISHNAMURTI: Esperai, não digais "às vezes". Isso é apenas uma fuga. Atende-vos à pergunta.

Interrogante: Eu fico muito quieto e muito imóvel.

KRISHNAMURTI: Que quereis dizer com muito quieto? Fisicamente quieto?

Interrogante: Sim.

KRISHNAMURTI: Que quer dizer isso? Prestai atenção, por favor. Vossos nervos, os movimentos do vosso corpo e vossos olhos estão absolutamente quietos? Vosso corpo está muito quieto, sem nenhuma crispação, sem qualquer movimento e, quando os fechais, os olhos permanecem imóveis? Sentar-se quietamente significa que todo o vosso corpo está relaxado, que vossos nervos não estão tensos, nem irritados, que não há movimento em atrito, que estais numa absoluta quietação física. Os olhos continuam a mover-se, como o sabeis, porque estais sempre olhando para alguma coisa; por isso, quando os fechardes, mantende-os completamente quietos.

Entrais nesta sala às oito horas da manhã para sentar-vos calmamente a fim de alcançar a harmonia entre a mente, o corpo e o coração. Como esse é o princípio do dia, a quietude se prolongará pelo dia afora, e não apenas por dez minutos ou meia hora. A quietude continuará embora disputeis jogos, griteis ou tagareleis mas, no íntimo, haverá sempre o sentido do movimento tranqüilo — estais-me entendendo?

Interrogante: Como?

KRISHNAMURTI: Vou mostrar-vos. Vedes a importância disso? Não pergunteis "Como", vede primeiro a lógica, a razão. Quando vos reunis de manhã por dez minutos, sentais-vos numa quietude absoluta, ledes alguma coisa — pode ser Shakespeare, ou um poema — e recolheis quietação.

Vede bem, sentai-vos em absoluto silêncio, sem um movimento, de modo que vossas mãos, vossos olhos, tudo esteja completamente quieto — e que acontece? Alguém leu um poema e vós lhe prestastes atenção; enquanto íeis para a sala observastes as árvores, as flores, vistes a beleza da terra, o céu, os pássaros, os esquilos, observastes tudo à vossa volta. E depois de haverdes observado tudo à vossa volta, entrastes na sala; aí, então, já não quisestes olhar para fora. Estais-me

entendendo? Acabastes de olhar para fora (porque mais tarde voltareis a isso), acabastes de olhar com muito cuidado para tudo ao entrar. Depois vos sentais de maneira absolutamente quieta, sem um movimento; estais recolhendo quietude sem forçar. Continuai quietos. Depois, ao sair, quando já estais ensinando ou aprendendo qualquer coisa, a quietude persiste.

Pergunta: *Mas não se trata de uma quietude forçada?*

KRISHNAMURTI: Não compreendestes. Tomastes banho, descestes do quarto e olhais, não apenas casualmente, mas *olhais* para as árvores, para a ave que passa, para o movimento da folha ao vento. E quando olhardes, *olhai*. Não digais somente, "Eu vi aquilo", mas dai-lhe a vossa atenção. Percebeis o que estou dizendo?

Portanto, antes de entrar na sala olhai para tudo claramente, com atenção, com cuidado. E quando entrardes e alguém estiver lendo alguma coisa, sentai-vos em silêncio. Vedes o que acontece? Por haverdes olhado extensamente para tudo, quando vos sentais em silêncio, a quietude se torna natural e fácil porque destes atenção a tudo quanto olhastes. Guardais essa atenção quando vos sentais em silêncio, sem divagações, sem desejos de olhar para outras coisas. Por isso com essa atenção vos sentais e a atenção é quietação. Não podeis olhar se não estiverdes atento, o que significa estar quieto. Percebeis a importância disto?

A quietação é necessária porque a mente muito quieta, não distorcida, compreende coisas não distorcidas, que estão além da medida do pensamento. E isto é a origem de tudo.

Vede bem, podeis fazê-lo não só quando estais sentados na sala mas o tempo todo, enquanto estiverdes comendo, falando, disputando jogos; há sempre este sentido da atenção recolhida no princípio do dia. E, à medida que o fazeis, ele penetra mais e mais. *Fazei-o!*

Pergunta: *A atenção que se dá não é mais importante do que ficarmos sentados em silêncio?*

KRISHNAMURTI: Eu disse que há a atenção que destes ao observar as aves, as árvores, as nuvens. E depois, ao entrar na sala, recolheis a atenção, intensificando-a — entendeis-me? E o processo continua durante o dia, mesmo que não atenteis para ele. Experimentai-o amanhã cedo, far-vos-ei perguntas a respeito. Um exame! (*Risos.*) Porque ao deixardes este lugar devereis ter captado alguma coisa — nem hindu nem cristã — e vossa vida será sagrada. (*Pausa.*)

Que dizeis, Sophia? Far-vos-ei falar!

Interrogante: Em certos momentos esquecemos e, nessa ocasião, o pensamento nos reforma de novo.

KRISHNAMURTI: O que estais dizendo é o seguinte: Observei os pássaros, as árvores, a folha, o movimento do galho ao vento, observei o brilho da relva, o orvalho — prestei atenção. E ao entrar nesta sala, continuo atenta. Não atenta *a* tudo — entendeis? *Lá* eu estava atenta ao pássaro, à folha. *Aqui,* ao entrar, não estou atenta a nada — estou apenas atenta. Nesse estado de atenção, acode o pensamento — não é assim? "Não fiz minha cama", "Preciso limpar meus sapatos", ou seja o que for, e vós o seguis. Pois bem, ide até ao fim do pensamento. Não digais, "Não devo pensar nisso". Terminai-o. No processo de terminá-lo surge um novo pensamento. Portanto, segui cada pensamento até ao fim, para que não haja controle nem restrição. Não fará mal se tiverdes uma centena de pensamentos. Seguir um pensamento de cada vez, de sorte que a mente se torne ordenada. Não sei se estais entendendo tudo isto.

Pergunta: E onde entra o silêncio?

KRISHNAMURTI: Não vos preocupeis com o silêncio porque, se o pensamento estiver chegando, não estareis em silêncio. E não vos obrigueis ao silêncio, mas segui o pensamento.

Pergunta: E isso tem fim?

KRISHNAMURTI: Tem, quando o concluís; mas, se não o concluirdes, ele voltará porque não o tereis terminado. Compreendestes?

Vede, saio da casa, dou uma volta pelo gramado e observo, presto atenção à beleza, à ternura, ao movimento da folha. Observo tudo, volto para a sala e sento-me. Estais lendo qualquer coisa e eu me sento em silêncio. Tento sentar-me em silêncio, mas meu corpo estremece, porque costuma crispar-se, e eu tenho de observá-lo, prestar-lhe atenção, sem corrigi-lo. Não se corrige o movimento da folha, não é assim? Da mesma forma, não quero corrigir o movimento das minhas mãos, observo-o, presto-lhe atenção. Quando lhe prestais atenção, ele se acalma — experimentai-o. Sentei-me em silêncio, por um segundo, dois segundos, dez segundos, depois, de repente, acudiu-me um pensamento: "Tenho de ir a algum lugar esta tarde. Não fiz meus exercícios, não limpei o banheiro." Ou, às vezes, o pensamento é mais complicado: tenho inveja daquele homem. Agora estou sentindo essa inveja. Ide, portanto, até ao fim e vede o que se passa dentro de vós. Inveja supõe comparação, competição, imitação. Desejo imitar? — estais entendendo? Ide até ao fim do pensamento e terminai-o, não o guardeis. E quando outro pensamento aparecer de repente, dizei: "Espera, voltarei para isso."

Se quiserdes jogar esse jogo com muito cuidado, escrevei num pedaço de papel cada pensamento que vos acudir e logo descobrireis que o pensamento pode ser ordenado, porque chegais ao fim de todos, um depois do outro. E quando vos sentardes em silêncio no dia seguinte, estareis de fato em silêncio. Nenhum pensamento vos acudirá de repente, porque acabastes com isso; o que dá a entender que lustrastes os sapatos, limpastes a banheira, pusestes a toalha no lugar, no momento certo. Não direis quando vos sentardes: "Não pus a toalha no lugar." De sorte que terminais o que estais fazendo e, quando vos sentais em silêncio, estais maravilhosamente em silêncio, imprimis um sentido extraordinário de ordem à vossa vida. Sem essa ordem não podereis ficar em silêncio e, quando a tiverdes, quando a mente estiver efetivamente quieta, a beleza será real e começará o mistério das coisas. Isso é religião de verdade.

8

O sentido da beleza.

Pergunta: Há uma coisa que eu gostaria de discutir. Vejo que a simpatia e a antipatia são uma questão de opinião — como o que é feio e o que é bonito — cada qual tem suas próprias idéias. Se eu não tiver imagem alguma a respeito das coisas, haverá algo belo ou feio?

KRISHNAMURTI: Gostar: terá isso alguma relação com afeição, com amor?

Interrogante: Não.

KRISHNAMURTI: Não digais não nem sim, aprofundai-vos no assunto. O sentimento de beleza procede de alguma imagem? Olhai — não respondais. Vejo um edifício criado no espaço, e digo: "Como é bonito!" Ora, a expressão, "Como é bonito", nasceu de alguma imagem? Ou não há imagem, mas a percepção de alguma coisa que tem proporção, profundidade, qualidade, acabamento?

Interrogante: Tendes uma imagem do belo ou do que apreciais: comparai-la com outra coisa qualquer. Entra em cena o vosso condicionamento.

KRISHNAMURTI: Está certo. Observai-a, a coisa é muito mais complexa ainda. Estais vendo aquela árvore — parece-vos bela? Por que dizeis que é bela? Quem vos contou? Ou, pondo de lado as imagens, sentis que vem de tudo um sentido de beleza — não relacionado com árvores, prédios, gente? Compreendestes? — *o sentido de beleza* — sem olhar para nada em especial.

Interrogante: Se olhardes realmente, vereis que isso não acontece apenas com árvores.

KRISHNAMURTI: Vedes um edifício e dizeis: "Que beleza!" Terá sido porque o cotejastes com outros? — ou porque é um famoso edifício

construído por Wren ou pelos antigos gregos e por isso dizeis: "Que coisa maravilhosa!" Porque já vos falaram nele e porque fizestes uma imagem do homem que o construiu; e assim anuís porque o que se costuma dizer é, "Que beleza!" Ou tendes um sentido de beleza independente de qualquer coisa criada ou não criada? Entendestes minha pergunta?

Interrogante: O sentido de beleza não tem relação alguma com o que vedes.

KRISHNAMURTI: É isso mesmo. O sentido de beleza não tem relação nenhuma com o que vedes fora. Pois bem, que é esse sentido de beleza?

Interrogante: Um estado de harmonia.

KRISHNAMURTI: Sois muito rápido no responder, aprofundai-vos na matéria. Que é esse sentido de beleza?

Interrogante: Vitalidade.

KRISHNAMURTI: É um pouco mais complexo, analisai-o. Como acabamos de dizer, se tiverdes uma imagem vossa, de um artista ou de um grande homem, essa imagem ditará as normas da beleza, dependendo da cultura, da popularidade do artista, da estátua, da pintura, disto ou daquilo. De modo que a imagem que tendes obsta ao sentido de beleza, no qual não há imagem.

Interrogante: Obsta à própria visão.

KRISHNAMURTI: Naturalmente. O certo é não ter imagem alguma! Estais entendendo? — a imagem é o "eu". Quando não há "eu", há sentido de beleza. Tendes o sentido do "eu"? Então, quando dizeis, "Isto é belo", estais apenas reagindo à imagem que tendes do belo, baseada em vossa literatura, em vossa cultura, nos quadros, nos museus que tendes visto. Nunca podereis dizer, "Que coisa feia!" quando estiverdes olhando para uma pintura de Leonardo da Vinci; nem direis quando estiverdes ouvindo Mozart, "Que barulheira!" É realmente extraordinário: não ter uma imagem de si mesmo é ter esse sentido de beleza extraordinária.

Interrogante: Se ouvirdes um trecho de música pela primeira vez e não vos agradardes dele, de repente, ou gradativamente, passareis a apreciá-lo através da repetição.

KRISHNAMURTI: Sim, e que acontece nesse caso? Não gostais de música indiana, mas a escutais três ou quatro vezes; começais, então, a ver qualquer coisa nela — não porque alguém vos tenha falado a respeito — apenas porque a escutais. Isso significa que estais prestando atenção.

Interrogante: Já estáveis prestando atenção na primeira vez.

KRISHNAMURTI: Na primeira vez era só barulho.

Interrogante: Já tendes uma noção da música ocidental.

KRISHNAMURTI: Estais acostumado à música ocidental e, de repente, topais com música chinesa. Na primeira vez não podeis ouvi-la com muito cuidado, há uma reação — estais compreendendo? Eis aí por que qualquer imagem, externa ou interna, é a ênfase do "eu", do "ego", da personalidade, de tudo isso; o que atalha, de maneira absoluta, a qualidade e o sentido da beleza. E dá a entender que a paixão não depende nem é causa de alguma coisa.

Pergunta: Se o meu sentido de beleza me faz sentir que não há diferença entre a beleza do sol e a beleza de uma árvore...?

KRISHNAMURTI: Um momento! Não tenho imagem e, portanto, tenho o sentido, o sentimento da beleza. E vejo a sordidez, a sujeira, a imundície. Vejo um pedaço de papel na rua. Que acontece? Apanho-o. Quando vejo a sujeira na rua faço alguma coisa; socialmente, ajo. Não digo: "Tenho um sentido da beleza, não vejo essas coisas."

Interrogante: Compreendo o que estais dizendo. Nada do que acontece pode destruir o meu sentido de beleza. Mesmo que eu feche os olhos, ele independe da minha capacidade de ver.

KRISHNAMURTI: Absolutamente certo. Mas o sentido da beleza, que é vosso, é meu também. Não é o *meu* sentido da beleza, nem o *vosso* sentido da beleza, nem o sentido coletivo. É a beleza, o sentido da beleza. O estudo desse assunto é apaixonante. Supera todos os livros! Mas não devo dizer-vos essas coisas, porque precisais passar nos exames!

9

Que é o que deseja realizar? Que é o "eu"? Que é o que em mim se magoa? Muros de resistência. Conhecendo a atenção, a percepção e a sensibilidade. Conhecendo a feitura de imagens.

Pergunta: *Podemos falar em reação e em como, no momento de reagir, não vemos que estamos reagindo, só depois?*

KRISHNAMURTI: Todos quereis discutir o assunto? Creio que poderíamos incluí-lo na discussão de algo mais extenso. Todos desejamos realizar-nos, não desejamos?

Pergunta: *Que quereis dizer com realizar-nos?*

KRISHNAMURTI: Não gostaríeis de expressar-vos de maneiras diferentes? — escrevendo um poema, envergando certo tipo de roupa? Ou desejais tornar-vos alguma coisa na vida?

Interrogante: *Com efeito, ao falar nisso, vedes através disso, mas a coisa é ainda mais profunda.*

KRISHNAMURTI: Aprofundemo-nos no assunto. A mulher só se sente realizada quando tem um filho. O homem sente-se frustrado quando não trabalha, quando não faz alguma coisa na vida. Se quiserdes ser alguém e não o conseguirdes, sentir-vos-eis frustrado, não é verdade? — sentir-vos-eis cerceado. Que é o que deseja realizar-se? Que é o que está por trás do desejo de realizar-se? Que é o que é realizante?

Interrogante: *Pode ser uma idéia, por exemplo.*

KRISHNAMURTI: Não sei, vamos descobrir. Se disserdes, "É assim que eu me visto, este é o meu modo de agir, quero expressar-me", que é essa coisa que deseja expressar-se? Quando digo "eu", que é isso?

Pergunta: *Não será uma imagem do próprio eu?*

KRISHNAMURTI: Não sei o que quereis dizer com isso — descobri. Porventura não o sentis? Ou estarei falando de algo sem importância? Que dizeis?

Interrogante: *No momento não tenho nenhum modo especial de dizer, "Esta é a minha maneira de fazer alguma coisa."*

KRISHNAMURTI: Que quereis dizer com "minha"? Que quereis dizer com "É minha expressão pessoal?" Que é o que há por trás do "mim", do "eu", que diz: "Preciso expressar-me, preciso realizar-me"?

Pergunta: (1) *O ego?*

Pergunta: (2) *Não pode ser uma reação por sentir-me inseguro?*

KRISHNAMURTI: Pode.

Pergunta: (1) *E por isso aparece o sentimento que vos faz dizer, "Esta é a minha maneira"?*

Pergunta: (2) *Não é menos uma questão de "minha" ou de "vossa" maneira, do que de descobrir se existe uma maneira não influenciada por "vós" ou por "mim"?*

KRISHNAMURTI: O que só pode acontecer se eu compreender o que é esse "eu" que sempre se projeta, se atira para a frente. Que é isso? "Minha opinião, meu julgamento, minha maneira de vestir-me, minha maneira de manter a ordem" — que é esse "eu"? Estai-lo conhecendo? Quereis descobrir o que é? Há duas coisas diferentes: conhecer o "eu" e descobrir se ele existe realmente.

Interrogante: *Para conhecer o "eu", tereis primeiro de fazer que o "eu" exista.*

KRISHNAMURTI: É verdade, para conhecê-lo. Vedes a diferença?

Pergunta: *Que quereis dizer com esse tendes de fazer que o "eu" exista?*

KRISHNAMURTI: Ao dizer que há um "eu", já o criei.

Interrogante: (1) *A finalidade é conhecê-lo.*

Interrogante: (2) *Eu sei que ele está lá.*

KRISHNAMURTI: O que quer dizer que tenho a impressão de que ele está lá; tudo o que me resta fazer é conhecê-lo — suas expressões, sua maneira de agir, suas resistências, seus apetites, etc.

Interrogante: *Sentimos ser esta a situação em que estamos, em que experimentamos a existência do "eu". Se bem eu possa dizer verbalmente que, ao afirmá-lo, estou dando origem à imagem do "eu", bem*

no fundo esse sentimento parece colocar lá esse "eu", de modo que talvez me seja dado observar tais sentimentos.

KRISHNAMURTI: Estamos tentando descobrir se existe um "eu", um "eu" que tem de ser estudado. Porque, se não existir, quando digo "Quero expressar-me", que significa isso? Não vos parece que o "eu" é importante? Que "eu" é esse, que diz: "Preciso realizar-me, preciso tornar-me, preciso ser isto, é assim que eu gosto, posso seguir meu caminho"?

Pergunta: Será alguma coisa a que me agarro?

KRISHNAMURTI: Não compreendeis, Sarah, que, quando dizeis "eu", já o estabelecestes? E resistis ao que quer que se oponha a ele.

Pergunta: Por quê? Por que deveríamos resistir?

KRISHNAMURTI: Estabelecei o "eu" primeiro. "Eu" sou isto, "eu" sou o meu preconceito, "eu" quero vestir-me desse jeito, "eu" acho que esta é a maneira certa de ter o quarto em ordem.

Interrogante: Isso nos foi incutido pela insistência desde a infância.

KRISHNAMURTI: Esse é o "eu" que precisa expressar-se pois, do contrário, se sentirá frustrado. Não? Se eu disser, "Vede, Sarah, não gosto da vossa maneira de vestir-vos", dir-me-eis que essa é a forma com que quereis expressar-vos, que essa é a vossa ordem. Pois bem, antes de declarardes, "Esta é a minha ordem, esta é a minha maneira de vestir-me", que é esse "eu"? Estabelecestes o "eu" que quer expressar-se?

Pergunta: Que é o "eu" que pergunta, "Não vos agrada o meu jeito de vestir-me?"

KRISHNAMURTI: Se eu vos respondesse que não, que significaria isso?

Pergunta: Que estáveis expressando uma opinião.

KRISHNAMURTI: Estarei sendo preconceituoso? Que é o que diz, "Não me agrada o vosso jeito de vestir-vos"? E vós replicais: "Pois esse é o meu gosto." Eis aí duas declarações opostas. Quem em vós declara que é desse modo que desejais vestir-vos? E quem é o "eu" que recalcitra: "Isso não é maneira de vestir-se"? Averigüemos. Será porque, segundo o meu conceito, a minha imagem, as minissaias são muito melhores? E vós dizeis, "Não gosto delas", pois tendes preferência pelos vestidos compridos; e dizeis: "Esta sim, é a maneira de vestir-se." Temos de viver na mesma casa, entramos em contato um com o outro. Que fazemos?

Pergunta: Eu me aferro às minhas idéias...

KRISHNAMURTI: Não teorizeis, que estaremos perdidos. Vede quais são realmente os fatos, e poderemos lidar com eles. Se vos puserdes a

especular sobre o assunto, vossas especulações serão tão boas quanto as minhas. Que são esses dois "eus": o vosso e o meu?

Interrogante: *Temos ambos um feixe de lembranças e experiências, desenvolvemos certas preferências.*

KRISHNAMURTI: O "eu" e o "vós", que se afirmam, serão ambos preconceituosos?

Interrogante: *Investiguemos.*

KRISHNAMURTI: Investiguemos. Estarei reagindo ao meu condicionamento e vós ao vosso? Apreciais os vestidos compridos e eu não os aprecio.

Interrogante: *O modo com que vos vestis é uma expressão do vosso condicionamento.*

KRISHNAMURTI: É o meu preconceito ou o vosso? Dois preconceitos que entestam um com o outro explodem — eles têm de fazer alguma coisa. Por que dou tamanha importância à maneira com que vos vestis? E por que resistis ao que digo? Por que não dizeis: "Que importância tem isso?" Por que não agimos assim? Por que a resistência?

Pergunta: *Creio que parte da resistência se refere ao rumo para o qual ela aponta.*

KRISHNAMURTI: Posso apontá-lo rudemente, como posso apontá-lo com delicadeza, mas por que resistis?

Interrogante: *Porque se alguém vos bater com força, reagis automaticamente. Mas se vos disserem, "Vamos discutir o caso, vamos ver por que vos vestis desse jeito", acabareis discutindo o assunto, como estamos fazendo agora.*

KRISHNAMURTI: Como estamos fazendo agora — mas, quando chegarmos ao fim, passemos uma esponja sobre o caso, e não fiquemos teorizando dia após dia, falando sobre roupas — que é um assunto que não interessa!

Interrogante: *Não fizemos, outro dia, distinção entre preconceito e preferência? Dissestes outro dia...*

KRISHNAMURTI: Pouco me faz o que eu disse outro dia — tereis de descobri-lo. Não importa o que eu disse — que é o que *vós* dizeis? Respondei-me, Sarah, por favor, quando digo isso do vosso vestido — faço-o por preconceito? E quando dizeis, "Esta é a minha maneira de vestir-me", fazei-lo por preconceito?

Interrogante: *Sim.*

KRISHNAMURTI: Pois muito bem, que entendeis por preconceito? Não repitais o que eu disse.

Interrogante: *Preconceito é quando tendes uma idéia a respeito de alguma coisa e não estais disposto a mudá-la.*

KRISHNAMURTI: Por que não estais dispostos a mudá-la? Quem o afirma?

Interrogante: *O meu "eu".*

KRISHNAMURTI: Quem é esse "eu"?

Pergunta: (1) *Parte de mim mesma, meu condicionamento, algo de que dependo porque, sem ele, que sou eu?*

Pergunta: (2) *Sois alguma coisa?*

KRISHNAMURTI: Não faz parte da vossa educação o compreender-vos?

Interrogante: *Perguntastes se nos importamos — mas a verdade é que nos importamos, e acho que é muito importante...*

KRISHNAMURTI: Sinto muito. Pelo visto, todos vos importais tremendamente com a maneira de vestir-vos.

Pergunta: *E por que não deveríamos importar-nos?*

KRISHNAMURTI: Não estou dizendo que não deveríeis. Vós vos importais, dais a isso certa importância, e pronto. Qual é o problema?

Interrogante: *O problema parece-me ser a necessidade de aprender a não reagir, mesmo que alguém seja preconceituoso. Talvez não possamos fazer muita coisa acerca desse preconceito mas, se me disserdes, "Não gosto do vosso modo de trajar-vos", podeis estar sendo ou não preconceituoso. Entretanto, não é isso o que tenho de ventilar, e sim o que* eu *faço a respeito.*

KRISHNAMURTI: Que fareis? Vivemos na mesma casa.

Interrogante: *Se eu não compreender com profundidade por que não devo vestir-me desse jeito, e apenas mudar, estarei sendo hipócrita.*

KRISHNAMURTI: De fato.

Interrogante: *E não quero ser hipócrita. Por isso me parece que nada me resta a fazer.*

KRISHNAMURTI: Por que temos opiniões tão vigorosas a respeito de coisas tão triviais?

Interrogante: (1) *Não creio que seja a roupa que nos preocupa — é o sermos hipócritas e o tomarmos por nossas, idéias ou opiniões alheias.*

Pergunta: (2) *De qualquer maneira, por que tendes uma opinião? Sou eu contra a vossa opinião.*

KRISHNAMURTI: Continuai, Jimmy, ajudai-nos a sair desta — não fiqueis todos aí, sentados em silêncio! Ela diz, "Não quero ser hipócrita", isto é, não quer dizer uma coisa e fazer outra.

Pergunta: (1) *Mas por que há necessidade de ser hipócrita?*

Interrogante: (2) *Precisamos ser sensíveis às mudanças da situação, mas não existe um código estabelecido, não existe um estilo estabelecido de roupas.*

Interrogante: (3) *A vossa sensibilidade não é idêntica à de outra pessoa.*

Interrogante: (4) *Não se trata da minha nem da vossa sensibilidade, o que existe é a sensibilidade.*

Pergunta: (5) *É o que estamos tentando descobrir, se ela existe e como podemos alcançá-la?*

KRISHNAMURTI: É esse o vosso problema?

Interrogante: *É, sim.*

KRISHNAMURTI: Como ser sensível, não a determinado problema, nem aos vossos próprios e determinados desejos, mas ser sensível sempre. Que é o que vos impede de ser sensíveis? — sensíveis aos meus sentimentos, aos sentimentos de outra pessoa, às idéias, opiniões, preconceitos de um terceiro.

Interrogante: *Esta não é uma situação objetiva, todos temos uma idéia diferente do que se deve usar, não poderíamos ser igualmente sensíveis a todas as idéias...*

KRISHNAMURTI: Por isso deveis ser sensíveis em todas as circunstâncias, objetiva e interiormente. Por que não o sois? É porque não quereis ser magoados e, portanto, resistis, construís um muro ao redor de vós, ao mesmo tempo que dizeis, "Eu quero ser sensível." É isso?

Interrogante: *É mais uma questão de querer poder funcionar.*

KRISHNAMURTI: Podereis funcionar muito bem se fordes extremamente sensíveis. Essa é a única maneira de funcionar. Sereis muito rápidos no ajustar-vos, e não direis: "Isso está certo, apegar-me-eis a isso." A cada situação ajustar-vos-eis rapidamente — essa capacidade faz parte da sensibilidade. Não da vossa, como ela assinala, nem da minha, o que é absurdo.

Pergunta: *Não há também uma dimensão mais ampla da sensibilidade? Em outras palavras, se bem eu possa ser sensível ao que dizeis, existe uma coisa maior.*

KRISHNAMURTI: É claro, é isso mesmo que estou subentendendo.

Pergunta: *Como vivemos em certo lugar, em certa época, etc., não seria apropriado usarmos armaduras. Há muitas coisas a que podemos ser sensíveis. Mas não tendemos a ser sensíveis a nós mesmos e a nada mais?*

KRISHNAMURTI: Incluamos tudo isso. Por que não somos sensíveis? Que nos impede de ser sensíveis em todas as circunstâncias? — a vós mesmos, a mim, objetiva e subjetivamente?

Pergunta: Isso não nos estorva de conhecer-nos uns aos outros?

KRISHNAMURTI: Ele disse que o medo de ser magoados nos torna insensíveis e, por isso, nos afastamos. Será essa uma das principais razões da insensibilidade? Criastes a vossa própria imagem, que diz: "Preciso vestir-me desse jeito, não importa qual seja a situação, porque estou acostumado."

Interrogante: Estamos tão preocupados com o nosso lugar no conjunto que nem sequer olhamos para o conjunto.

KRISHNAMURTI: É isso mesmo. Tendes medo de magoar-vos? Ora, qual é a coisa que será magoada? Por que quereis ser magoado? Quem é que tem medo de magoar-se?

Interrogante: O ego, o eu.

KRISHNAMURTI: O ego? Que ego é esse? Quem é que diz — "Não quero ser magoado"?

Interrogante: Todo o vosso passado.

KRISHNAMURTI: Caminhai passo a passo pois, do contrário, vos perdereis. Quando dizeis, "Não quero ser magoado", por que o dizeis? Porque já fostes magoado? É isso? Porque já sentistes o quanto dói e não quereis ver repetida a experiência? Recuais, já vos magoaram na infância e reiterais: "Não quero ser magoado." Agora, quando o dizeis, estais dizendo — não é verdade? — que já fostes magoado, que vos lembrais da mágoa passada e não quereis que se repita. Observai: "Eu não quero ser magoado." "Eu" é a lembrança da mágoa passada, que diz: "Preciso tomar cuidado." Assim sendo, que acontece quando dizeis: "Não quero ser magoado"? Qual é o passo seguinte?

Interrogante: Surge uma resistência.

KRISHNAMURTI: Resistis, não é verdade? E que acontece então? Observai, não faleis, vede o que acontece. Ergueis um muro ao vosso redor a fim de não serdes magoados. E depois?

Pergunta: A mágoa se acumula?

KRISHNAMURTI: Não vos ajudarei nisto. Continuai, Jimmy. Quando construo um muro à minha volta a fim de não ser magoado, que acontece? Fazeis o mesmo, eu faço o mesmo, cada um de nós faz o mesmo. Que acontece?

Interrogante: Não há comunicação.

Krishnamurti: Não há comunicação? Estais tentando fazer coisas juntos, cooperar, e cada qual edifica um muro em torno de si? Esta é a base da hipocrisia. Quando dizeis, "Não quero ser hipócrita", na realidade estais dizendo, "Deixai-me em paz, não me magoeis." Sois sensíveis à vossa maneira, sou sensível à minha maneira — e isso não tem sentido.

Interrogante: *Quero compreender, não quero apenas aceitar o que me dizem.*

Krishnamurti: Vejo que não quero ser magoado e ergo um muro ao redor de mim, e vós fazeis o mesmo — e, enquanto existir o muro, não haverá cooperação. Falo sobre cooperação e, quando vos digo, "Por favor, a ocasião não exige esse tipo de traje", respondeis: "Isso é preconceito."

Pergunta: *Que é o que há numa ocasião para ditar um traje específico?*

Krishnamurti: Deixai o traje por enquanto. Tendes um muro em torno de vós, que é opinião e se traduz por, "Eu sou isto, não ultrapasseis" — estais resistindo porque não quereis ser magoado. Por esse motivo construís um muro de opinião, afirmação, agressão. Não sois flexível, não há elasticidade no muro.

Interrogante: (1) *Há duas coisas: a pessoa que expressa a própria opinião, e uma situação objetiva. Essas duas coisas misturam-se completamente. Quando dizeis que a situação está ditando qualquer coisa, o que dizeis decorre do que estais fazendo aqui, do que aprendeis, de como vos comportais.*

Pergunta: (2) *Como podeis separar da situação real a nossa própria avaliação condicionada da situação? Não compreendemos a situação de Brockwood.*

Krishnamurti: Na realidade é muito simples. A situação é que cada qual se defende do outro, mais nada. Certo?

Interrogante: *Eu diria que isso é mais importante do que todas as outras questões que temos ventilado.*

Krishnamurti: As outras são todas destituídas de importância. Quando o compreendemos, tudo se coloca no lugar. Fomos educados neste mundo moderno para fazer e pensar o que queremos. E nos opomos a quem quer que diga, "Isso é diferente."

Interrogante: *Não creio que tenhamos sido educados para fazer o que queremos. Desde que começamos a crescer, as pessoas só nos têm dito, "Não façais isso."*

KRISHNAMURTI: E vós resistis. E vos afastais e desenvolveis vossas próprias resistências. Por trás de tudo isso — estou apenas sugerindo, não estou dizendo que é assim — há esse ato de resistência; vós à vossa maneira, eu à minha, cada qual tem a mesma idéia — "Preciso proteger-me" — justa ou injustamente. Que faremos, então? Vivendo numa comunidadezinha como esta, se cada qual estiver cercado por um muro de resistência, como trabalharemos juntos? O caso é que este é um programa eterno, não se restringe a Brockwood.

Interrogante: Cada qual terá de renunciar às suas defesas, o que significa que terá de renunciar ao que pensa de determinadas coisas a fim de examiná-las.

KRISHNAMURTI: E daí? Apareço envergando algum absurdo trajo indiano, vós vos acercais de mim e me dizeis: "Não useis essas roupas, que não se adequam à ocasião!" E resisto à vossa advertência.

Interrogante: Mas é nisso que há uma grande dose de energia desperdiçada.

KRISHNAMURTI: Concordo convosco, é um desperdício de energia.

Interrogante: Senhor, continuemos com o exemplo que nos destes do absurdo trajo indiano. Eu seria capaz de conviver com uma pessoa que usasse trajos indianos.

KRISHNAMURTI: Não se trata de saber se *vós* podeis ou não conviver com uma pessoa que veste absurdos trajos indianos. Serei eu insensível à ocasião que exige uma espécie diferente de roupa?

Interrogante: Vejamos por que a ocasião exige determinada roupa.

KRISHNAMURTI: Eu vos mostrarei. Já vistes senhoras indianas usando sáris? Outro dia, em Londres, vi uma senhora indiana que usava um longo sári. Na Índia, é moda. Mas ela varria a rua com o sári, que principiava a sujar-se, e não tinha a menor idéia do que estava acontecendo. Que nome daríeis a isso?

Interrogante: O sári se ajusta a ela.

KRISHNAMURTI: Não, não atinastes com o que importa. Ela não tinha a menor idéia do que estava fazendo — de que o longo vestido indiano varria a rua. Ela não se dava conta disso.

Interrogante: É que a rua deve ser tão suja quanto a de Bombaim.

KRISHNAMURTI: (*Risos.*) Ainda não atinastes com o que importa. *Ela* não se dava conta disso.

Interrogante: Bem, o problema é dela.

KRISHNAMURTI: Por favor...

Interrogante: Posso esclarecer se o problema é o comprimento do vestido dela, que estava ficando sujo, ou se é o fato de estar ela usando trajos indianos na Inglaterra?

KRISHNAMURTI: Não, não é isso. Estou apontando para a insensibilidade de uma pessoa que não tem idéia do que está fazendo. Só isso.

Interrogante: Mas se sois sensível à situação...

KRISHNAMURTI: É só o que estou dizendo. Quero destacar apenas que, se aquela mulher se desse conta do que estava fazendo, teria obviamente, levantado o sári.

Interrogante: Porque não quereria desperdiçar energia lavando-o.

KRISHNAMURTI: Não é só isso, é muito mais. É a falta total de consciência da ocasião.

Interrogante: É uma questão de estar dormindo ou acordado.

KRISHNAMURTI: Exatamente. Não se trata de "Por que vos preocupa a maneira com que ela anda ou o que ela faz, é o seu jeito de fazê-lo", como dissestes. O que pergunto é se tendes consciência do que fazeis — não da ocasião, nem do que estais usando. Mas se tendes consciência da razão por que vos vestis de um modo ou de outro? Por que vos parece importante fazer coisas como as fazeis? É esse o problema, não é?

Interrogante: Pareceis subentender que, se eu tiver consciência do modo com que me visto, acabarei mudando.

KRISHNAMURTI: Não, não foi o que eu disse. Podeis mudar ou não, isso é convosco. Mas estou sugerindo — tendes consciência disso? E, tendo consciência, vede todas as implicações — e não estais apenas cônscios de que vestistes as calças. Tendes consciência, quando vos digo, "Sentai corretamente, com as costas direitas"? Vou contar-vos uma coisa muito interessante. Na Índia, até aos sete anos de idade, os meninos brâmanes podem fazer o que quiserem, como brincar o dia inteiro. Mas, aos sete anos, passam por certa cerimônia, durante a qual aprendem a ficar sentados, totalmente imóveis, com os olhos cerrados. Depois da cerimônia tornam-se verdadeiros brâmanes, com tudo o que isso significa. A partir desse dia, precisam sentar-se corretamente, meditar, são exercitados. Estou contando isso para mostrar como se incutem os hábitos, como se condicionam, e quase todos somos assim. Para romper o condicionamento precisamos ter consciência do que estamos fazendo. Só isso.

Pergunta: Tanto para romper os bons quanto os maus hábitos?

KRISHNAMURTI: Tudo. Hábito significa condicionamento, repetição mecânica, que é obviamente não ser sensível. Agora, tendes consciência do que estais fazendo? Quando vos digo, "Por favor, vesti-vos de maneira diferente", aceitais minha admoestação como tentativa de ajudar-vos a ter consciência e, portanto, a ser sensível, ou resistis a ela? Que fazeis? Ser sensível supõe aprendizado. Quando vos digo, "Jimmy, não vos vistais assim", tratareis o que digo como ajuda para terdes consciência, ou resistis? Ou sentis que estais sendo magoado, "Sou tão bom quanto vós, isso é uma questão de opinião", — e toda a conseqüente batalha de palavras e tolices.

Pergunta: Portanto, onde reagimos erradamente?

KRISHNAMURTI: Tendes de levar em conta a conformidade, a imitação, o medo de ser magoado, procurando encontrar vossa própria liberdade separada da minha. Disse Dominic: "Não quero que me piseis nos dedos, não quero pisar nos vossos." Tendes consciência das implicações de tudo o que está acontecendo? Se a não tendes, tornais-vos um hipócrita. Sabeis que estais magoados e que não quereis ser magoados outra vez?

Interrogante: Se estiverdes dando toda a vossa atenção ao momento que passa, não tereis tempo para lembrar-vos de que fostes magoado.

KRISHNAMURTI: Não, mas a maioria não sabe dar completa atenção ao momento. Só nos lembramos de que fomos magoados e não queremos ser magoados outra vez. Tendes em vós mágoas assim? Que pretendeis fazer com elas? Vede o que acontece quando as tendes; elas respondem muito mais depressa do que a vossa razão. Tais mágoas saltam para a frente muito mais rápidas do que, "Vamos descobrir, vamos aprender." Por isso precisais atacar primeiro esse problema. Que fareis com as tais mágoas?

Pergunta: Essas mágoas não pertencem ao passado?

KRISHNAMURTI: Pertencem ao passado e estão mortas?

Pergunta: É isso o que está reagindo?

KRISHNAMURTI: É.

Interrogante: Mas não precisa reagir.

KRISHNAMURTI: É claro que não precisa, mas reage. Se compreenderdes todo o mecanismo da mágoa, nunca mais sereis magoado de novo. Sabeis em que consiste o mecanismo da mágoa? Descobri. Todos fomos magoados de um modo ou de outro. Primeiro, por que fomos magoados?

Interrogante: Às vezes, por causa do nosso orgulho, das nossas ilusões.

KRISHNAMURTI: Por que sois orgulhosos? De que tendes orgulho? Escrevestes um livro? Jogais tênis melhor, ou correis mais depressa do que qualquer outra pessoa? Fazemos tais declarações e dizemos: "Sim, sou orgulhoso." Que significa isso? É porque sois bem-apessoado, brilhante? Mas aparece alguém ainda mais brilhante do que vós e vos sentis magoado — sentis inveja, raiva, amargura, tudo isso faz parte da mágoa. Assim sendo, que fareis com as mágoas acumuladas, que dizem: "Não devo mais ser magoado"? Que pretendeis fazer, sabendo que as mágoas responderão tão depressa?

Interrogante: Eu diria que as mágoas, na realidade, são simples desilusões e que as desilusões, na realidade, são simples aprendizado, de modo que não são mágoas.

KRISHNAMURTI: Sim, mas isso é apenas uma explicação. Permanece o fato de que estais magoado. Ponho minha confiança em vós e, de repente, descubro que minha confiança foi traída: sinto-me magoado. Que é o que há por trás dessa mágoa?

Interrogante: Sois sensível.

KRISHNAMURTI: Será isso mesmo? A sensibilidade pode ser magoada alguma vez?

Interrogante: (1) Só o "eu" que está no meio dela.

Interrogante: (2) A dificuldade reside realmente na abertura.

KRISHNAMURTI: Com efeito. E sensibilidade é inteligência. Por isso, quando dizeis, "Estou magoado", quem é o "eu" que o afirma o tempo todo? Quereis conhecer esse "eu"? Ou dizeis: "Que é o que há para conhecer nesse 'eu'?" Estais vendo a diferença?

Pergunta: Podeis explicar um pouco mais?

KRISHNAMURTI: Várias pessoas me magoam por várias razões. Por isso ergo um muro de resistência à minha volta. Mas vós apareceis e dizeis: "Conhecei isto", "Olhai para isto." Olho para o "eu" que está sendo magoado, as lembranças, o que significa outro "eu" que está olhando para ele, um "eu" superior que diz: "Preciso conhecer o 'eu' inferior." Estais vendo a falsidade disso? Criastes o "eu" que é preciso conhecer. Acontece, porém, que esse "eu" não existe — não passa de uma série de lembranças. Na realidade, não existe o "eu", só existem as vossas lembranças de terdes sido feridos. Mas dissestes: "Este é o 'eu' que vou conhecer." Que é o que há para conhecer no "eu"? — é um mero punhado de lembranças, não há nada nele para conhecer.

Pergunta: Quereis dizer que não existe o autoconhecimento?

KRISHNAMURTI: Existe, e é o que estamos fazendo — vede até onde progredimos no autoconhecimento.

Interrogante: Quando estamos conversando e vejo alguma coisa com clareza, acho que nesse momento está tudo certo. Depois, a coisa que vi se transforma em conhecimento e acho que ainda estou vendo com clareza. Mas aparece alguém, que me diz, "Não estais vendo com clareza", e eu o refuto, "Estou, sim", porque me lembro de ter visto claramente. Talvez a primeira razão por que desejo ver com clareza é apenas elaborar esse sentimento agradável.

KRISHNAMURTI: Obviamente. Fostes magoado e não quereis voltar a sê-lo, por isso resistis. Que fareis? — o sabê-lo impede a afeição, o amor, todas as formas de cooperação, toda e qualquer forma de comunicação, de relacionamento. Que fareis com essa coisa?

Interrogante: Tenho de achar um jeito de viver onde não esteja construindo minha imagem o tempo todo.

KRISHNAMURTI: Primeiro que tudo, construístes uma imagem; o passo seguinte é obstar-lhe ao acrescentamento. São dois problemas: obstar ao seu acrescentamento, e curar e destruir a moléstia que vos acometeu. Como fareis para resolvê-los? Já o expliquei — não vos relacionardes com ele, só isso.

Interrogante: Precisamos ser altamente sensíveis o tempo todo.

KRISHNAMURTI: Que significa...?

Interrogante: Ver exatamente quais são as influências...

KRISHNAMURTI: Não.

Interrogante: Deter a mágoa.

KRISHNAMURTI: Não. Prestai atenção, dai tento do que estais fazendo, pensando, sentindo. E se eu vos disser que deveis trajar-vos de maneira diferente, não resistais nem me combatais, mas utilizai minhas palavras para ajudar-vo sa ter consciência. Fostes magoado, construístes um muro de resistência e eu vos digo: "Não façais uma coisa dessas, porque impedireis toda e qualquer forma de relacionamento, sereis infeliz por toda a vida." Recebeis o que vos digo com compreensão, porque isso vos ajudará a derrubar o muro? Ou dizeis: "Não, quem sois vós para aconselhar-me, esse é o meu modo de viver"? Que fareis, sabendo que mágoas e muros de resistência estorvam todos os relacionamentos? Tendes consciência de que isso está realmente acontecendo agora? Que acontecerá se eu aparecer e disser: "Sarah, não sois tão bonita quanto pensei que fôsseis." Resistis?

Interrogante: Não.

KRISHNAMURTI: Que está acontecendo, então?

Interrogante: Estou aprendendo e já não resisto.

KRISHNAMURTI: E que fareis depois?

Interrogante: Verificarei se o que dizeis está certo.

KRISHNAMURTI: Nessas condições, que significa isso? Não chegastes a nenhuma conclusão sobre vós mesma. É o que está acontecendo realmente?

Interrogante: Agora está certo.

KRISHNAMURTI: Tomai vossas mágoas e examinai-as. Sabeis o que significa não ter imagem alguma de si mesma?

Pergunta: Podemos imaginá-lo.

KRISHNAMURTI: Posso imaginar a boa comida, mas quero prová-la integralmente! Primeiro, dizemos, "Estamos magoados"; assim vemos de forma real, inteligente e sensível que construímos um muro em torno de nós. Portanto somos hipócritas ao dizer, "Cooperaremos, fá-lo-emos juntos." Esse é o primeiro ponto. O segundo é: como poderei eu, como poderá esta mente impedir a formação da imagem? Porque, se eu tiver alguma imagem, ela será magoada.

Pergunta: Não fazemos imagens dos outros?

KRISHNAMURTI: *Qualquer* imagem, quer a façais de vós mesmos, quer a façais de outrem, continua a ser imagem. Estais vendo os dois problemas? Tenho lembranças de ter sido magoado, e minhas lembranças criam um muro de resistência; o muro, por sua vez, impede qualquer forma de relacionamento. Outro problema: pode a mente deixar de fazer imagens? Que farei com as mágoas passadas, com as imagens passadas? Ora, essa! Estais quase dormindo! Assim não me ajudareis a livrar-me das minhas mágoas passadas! Quero a vossa ajuda, o que significa que quero estabelecer um relacionamento em que essa coisa se dissolva.

Interrogante: (1) Vós me ajudareis a aprender que estou magoado e a ver quando minha mágoa está reagindo. Por conseguinte não posso ter um relacionamento superficial convosco.

Interrogante: (2) Sim, mas quero mostrar-vos que estou magoado.

KRISHNAMURTI: Desejo livrar-me das mágoas passadas, porque vejo com lógica, razão, sanidade, que, se as conservar, a mente não terá contato com coisa alguma — e eu terei medo o tempo todo. Vede-lo agora claramente? Compreendei-lo, vede-lo tão claramente quanto vedes esta mesa ou esta cadeira? — o que denota que estais dando atenção

ao que se diz e observando-o em vós mesmo. É o que estais fazendo ou o estais mirando casualmente enquanto a vossa mente se entretém em outro lugar? Se derdes atenção às mágoas passadas, é claro que elas se dissolverão. Em seguida, como fareis para impedir que novas imagens se juntem? Suponde que eu apareça e diga: "Sois muito inteligente!" ou "Sois um burro, estais meio adormecido." Que fareis? Que fareis para impedir de pronto a formação de uma imagem quando digo isso?

Interrogante: *Estareis criando uma imagem minha ao dizê-lo.*

KRISHNAMURTI: Obviamente o burro serei eu se disser que sois um burro! Mas pergunto-vos como se pode impedir a formação de imagens — agradáveis ou dolorosas.

Interrogante: *Precisais estar desperto para o processo de formação de imagens.*

KRISHNAMURTI: Ajudai-me a descobrir como fazê-lo! Suponde que eu vos diga: "Sois uma pessoa muito bonita." Minha frase provoca para logo uma reação e uma imagem, não provoca? Pois bem, como impedireis que isso venha a ocorrer?

Pergunta: *A imagem já está lá, já foi feita — não podemos simplesmente ver que a fizemos?*

KRISHNAMURTI: Não. Há duas coisas envolvidas nisso. Primeira, o passado. Segunda, a prevenção da feitura de novas imagens. Porque, a não ser assim, tornarei a ser magoado e não quero sê-lo, quero viver livremente, sem muros ao meu redor. Por conseqüência, que devo fazer?

Interrogante: *Quero descobrir por que me lisonjeia ou magoa o que me dizeis.*

KRISHNAMURTI: Um é prazer, outro é medo.

Pergunta: *Mas qual é a base disso?*

KRISHNAMURTI: Dependeis da minha afirmação, não sei por que, mas dependeis. Não é esse o ponto. Como impedireis que se forme a imagem? Quereis saber? Quanto dareis por isso?

Interrogante: *Minha vida.*

KRISHNAMURTI: Qual é o preço dessa vida? — sabeis o que isso significa? Significa que estais, de fato, seriamente disposto a não formar imagens a respeito de ninguém, digam o que disserem. Como? Pois eu vo-lo direi. Dai-me, cada um de vós, a quantia de dez dólares. (*Risos.*)

Interrogante: Não os temos.

Krishnamurti: Observai com atenção. Eu disse que este assunto é muito sério, muito mais importante do que tirar um diploma. Gastais muito dinheiro com a vossa educação, mas descurais disto, sem o qual a vida não tem sentido. Entretanto, não pagais um centavo sequer para descobri-lo. Em outras palavras, não despendeis nem mesmo o equivalente disso em energia para encontrá-lo. Jimmy declara: "Eu daria minha vida para chegar a ele"; o que mostra que está com vontade de ir até o fim para saber. Eu adverti: "Prestai atenção, Jimmy, fostes magoado, e a mágoa reage de muitas maneiras. Sua origem é uma imagem que tínheis de vós mesmo, e essa imagem não quer ser magoada." Conhecestes a verdade das minhas palavras. Estais disposto a examinar o assunto, vistes a verdade do que eu disse, e respondestes: "Eu compreendi, sei como lidar com isso. Toda vez que a mágoa se apresentar, terei consciência dela e atentarei para cada momento em que alguém disser, 'Fazei isto, não façais aquilo'!" Ora, por que não prestais a mesma atenção quando alguém diz, "Sois um burro"? Se o fizerdes, não formareis imagem alguma. Só quando estiverdes desatento é que o velho hábito se afirma. Isso significa que a mente diz, "Enquanto houver alguma forma de resistência, nenhum relacionamento terá sentido." Vejo-o com muita clareza. Não verbalmente, mas toco-o, sinto-o. E digo, a resistência existe porque não quero ser magoado. E por que o sou? Porque tenho uma imagem minha e vejo que, dentro de mim, não há apenas essa imagem, há outra, que diz: "Preciso livrar-me daquela imagem." Por isso se trava uma batalha entre as duas — entre a imagem "mais alta" e a "mais baixa", ambas criadas pelo pensamento. Por isso vejo tudo com muita clareza — com muita clareza no sentido de que vejo tudo o que é perigoso. Portanto, a clareza da percepção é sua própria ação. Depois que acabo com isso, o passado não volta mais.

Agora, com a mesma atenção, diligenciarei para que, ao me lisonjeardes, ou insultardes, não haja imagem, porque estou tremendamente atento. Sereis capazes de fazê-lo? Não importa o que se diz, presto atenção, não retruco: "Sois preconceituoso" ou "Não sois preconceituoso". Presto atenção porque a mente quer descobrir se está criando uma imagem de cada palavra, de cada contato. Como estou tremendamente desperto, descubro em mim uma pessoa desatenta, adormecida, obtusa, que forma imagens e se magoa — um homem pouco inteligente. Compreendeste-lo ao menos verbalmente? Pois então, aplicai-o. Sereis sensível a cada ocasião, que traz sua própria ação correta. E se alguém vos disser qualquer coisa, estareis tremendamente atento, não

a preconceitos, mas ao vosso condicionamento. Estabelecestes, portanto, um relacionamento com esse alguém, de todo diferente do seu relacionamento convosco. Porque se ele é preconceituoso, vós não o sois; se ele não tem consciência do que faz, vós tendes consciência do que fazeis. Por conseguinte, jamais criareis uma imagem dele. Estais vendo a diferença? Fareis o que eu vos disse? Não avaliais a vitalidade que tereis.

Interrogante: *Creio que nisso teremos de ajudar-nos uns aos outros.*

KRISHNAMURTI: Aí é que está, isso, sim, é cooperação. Ajudais-me e eu vos ajudo. Aprendeis comigo e eu aprendo convosco a não criar imagens.

10

Em que pensais o dia todo? Observando pensamentos. Identificando. Hábitos de pensamento e comportamento. O começo e o fim do pensamento.

KRISHNAMURTI: Estamos terrivelmente solenes hoje cedo, não estamos? Em que refletis o dia inteiro e por que refletis nessas coisas? Tendes consciência do que estais pensando ou um pensamento precede outro interminavelmente e não tendes consciência dele? Se tendes consciência dos vossos pensamentos, de onde procedem eles?

Interrogante: *De experiências passadas.*

KRISHNAMURTI: Estais citando o que eu disse? Fazei timbre de não dizer coisa alguma que não conheceis, não digais nada que não tenhais pensado e elaborado pois, de outro modo, vos tornareis verbosos e teóricos. Portanto, tende cuidado. Em primeiro lugar, em que pensais o dia inteiro? É algum segredo que precisais guardar ou podeis partilhá-lo com outra pessoa?

Interrogante: (1) *Eu penso em muitas coisas diferentes.*

Interrogante: (2) *Eu penso nas pessoas em Brockwood.*

KRISHNAMURTI: Qual é o núcleo central do vosso pensamento? Sabeis que há o pensamento periférico, que não é realmente importante mas, no centro, qual é o momento, o movimento desse pensamento? Que é esse "eu" tão preocupado consigo mesmo? Penso em mim, esse é o núcleo, o coração do meu pensamento. E na periferia penso em várias coisas, nas pessoas daqui, nas árvores, no pássaro que voa — coisas, na realidade, que não têm muita importância, a não ser que haja uma crise na periferia, e essa crise afete o "eu" e o "eu" reaja. Ora, qual é o centro no qual pensais — que é o "eu"? E por que existe a contínua ocupação consigo mesmo? Não estou dizendo que

isso seja certo ou errado, nem "Que coisa terrível", ou "Que coisa infantil", ou "Que coisa boa" — mas, pelo que vejo, estamos ocupados conosco. Por quê?

Interrogante: *Porque achamos importante.*

KRISHNAMURTI: E por que lhe dais importância?

Interrogante: *Toda criança tem de fazê-lo.*

KRISHNAMURTI: Por que pensais tanto em vós mesmos? Vede o que está envolvido nisso. Pensar em si mesmo não é apenas um caso corriqueiro, pensais em vós mesmos em relação a outra pessoa com simpatia e antipatia; e pensais em vós mesmos identificando-vos com outra pessoa — certo? Penso na pessoa que acabo de deixar, ou na pessoa de que suponho gostar, ou na pessoa com a qual briguei, ou na pessoa que amo. Identifiquei-me com todas essas pessoas, não me identifiquei?

Pergunta: *Que entendeis por "identificar-vos"?*

KRISHNAMURTI: Eu vos amo, identifico-me convosco. Ou eu a magoei, identificais-vos com ela e zangais-vos comigo. Vede o que aconteceu: eu disse a ela algo desagradável; sois amigo dela, identificais-vos com ela e ficais com raiva de mim. Desse modo, essa é uma parte da atividade egocêntrica, não é? Tendes certeza?

Pergunta: *Mas não é a outra pessoa que se identifica convosco?*

KRISHNAMURTI: É ou não é? Indaguemos. Gosto de vós, gosto muito de vós — que significa isso? Gosto da vossa fisionomia, sois um bom companheiro, e assim por diante. Que quer dizer isso?

Interrogante: *Que sou melhor companheiro do que outras pessoas e por isso gostais de estar comigo.*

KRISHNAMURTI: Aprofundai-vos um pouco mais. Que quer dizer isso?

Pergunta: *Conservais-me convosco e excluís outras pessoas.*

KRISHNAMURTI: Isso faz parte do todo, mas continuai.

Pergunta: *É agradável estar comigo.*

KRISHNAMURTI: É agradável estar convosco e não é agradável estar com outra pessoa. Por isso meu relacionamento convosco se baseia no meu prazer. Se não gostar de vós, direi: "Vou-me embora!" Meu prazer é minha preocupação, como minha mágoa, minha raiva. Dessarte, preocupar-se consigo mesmo não é apenas pensar em si e identificar-se com esta ou aquela possessão, pessoa ou livro. É o que fazeis o dia inteiro? Há a ocupação periférica, e também me comparo convosco; isso acontece o tempo todo, mas partindo de um centro.

Interrogante: Ledes a respeito dos refugiados na Índia e, embora não os conheçais pessoalmente, identificais-vos com eles.

KRISHNAMURTI: Por que me identifico com essa gente, enxotada e morta do Paquistão Oriental? Vi-os outro dia na televisão; isso está acontecendo em toda a parte, não só no Paquistão, é aterrador. Agora dizeis que vos identificais com todos os refugiados — que é o que sentis?

Interrogante: Simpatia.

KRISHNAMURTI: Vamos, esquadrinhai o assunto, desenredai-o.

Interrogante: (1) Raiva das pessoas causadoras da situação.

Interrogante: (2) Frustração porque não posso fazer nada a respeito.

KRISHNAMURTI: Ficais com raiva das pessoas que fazem essas coisas, que matam os jovens e escorraçam velhos e crianças. É o que fazeis? Identificais-vos com isto e rejeitais aquilo. Qual é a estrutura, a análise dessa identificação?

Interrogante: Dualística.

KRISHNAMURTI: Continuai...

Interrogante: Não nos sentimos seguros.

KRISHNAMURTI: Sentis, através da identificação, que poderíeis *fazer* alguma coisa?

Interrogante: Mesmo tomando um partido sentimos que podemos ter a oportunidade de fazer alguma coisa.

KRISHNAMURTI: Sou anticatólico, identifico-me com um grupo anticlerical. Identificando-me com esse grupo, sinto que posso fazer alguma coisa. Mas continuai, ainda sou *eu* fazendo alguma coisa, ainda é a ocupação comigo mesmo. Identifiquei-me com o que considero maior: a Índia, o comunismo, o catolicismo, etc. Minha família, meu Deus, minha crença, minha casa, vós *me* magoastes — estais entendendo? Qual é a razão dessa identificação?

Interrogante: Separo-me do resto do mundo e, ao identificar-me com algo maior, esse algo passa a ser meu aliado.

KRISHNAMURTI: Sim, mas por que o fazeis? Identifico-me convosco porque gosto de vós. Não me identifico com ele porque não gosto dele. E me identifico com minha família, com meu país, com meu Deus, com minha crença. Ora, por que me identifico com alguma coisa? — não digo que seja certo ou errado — que é o que há por trás da identificação?

Interrogante: Confusão interior.

KRISHNAMURTI: Será?

Interrogante: Tendes medo.

KRISHNAMURTI: Continuai.

Interrogante: A confusão é causada pela identificação.

KRISHNAMURTI: Será? Estou-vos interrogando e deveis interrogar-me também. Não aceiteis o que digo, indagai. Todo esse processo de identificação, por que acontece? E se não me identifico convosco, ou com alguma coisa, sinto-me frustrado. Tendes certeza?

Interrogante: (1) Não sei.

Interrogante: (2) Sentis-vos não realizado, vazio.

KRISHNAMURTI: Prossegui. Sinto-me triste, frustrado, não realizado, insuficiente, vazio. Agora quero saber por que me identifico com um grupo, com uma comunidade, com sentimentos, idéias, ideais, heróis e todo o resto — por quê?

Pergunta: Não será para terdes segurança?

KRISHNAMURTI: Sim. Mas que quereis dizer com a palavra "segurança"?

Interrogante: Sozinho sou fraco.

KRISHNAMURTI: Porque não podeis ficar só?

Interrogante: Porque tenho medo de ficar só.

KRISHNAMURTI: Tendes medo de ficar só e por isso vos identificais?

Interrogante: Nem sempre.

KRISHNAMURTI: Mas é o centro, a raiz disso. Por que quero identificar-me? Porque, identificando-me, me sinto seguro. Tenho lembranças agradáveis de pessoas e lugares, por isso me identifico com elas. Vejo na identificação que estou muito mais seguro. Certo?

Interrogante: Não sei se desejais falar sobre esse aspecto da questão, mas se eu vir que a matança no Vietnã está errada, e um grupo de pessoas se manifestar contra a guerra em Washington, unir-me-ei a esse grupo.

KRISHNAMURTI: Esperai um momento. Um grupo de pessoas é contra a guerra e eu me junto a ele. Identifico-me com ele porque, ao identificar-me com um grupo que faz alguma coisa a respeito disso, também estou fazendo alguma coisa; sozinho não posso fazer nada. Mas pertencendo a um grupo que se manifesta, que escreve artigos e diz "É terrível", participo ativamente do esforço para deter a guerra. Isso é identificação. Não estamos procurando os resultados da identificação

— bons ou maus. Mas por que a mente humana deseja identificar-se com alguma coisa?

Pergunta: Quando é ação e quando é identificação?

KRISHNAMURTI: Chegarei lá. Primeiro, quero esclarecer as coisas para mim mesmo e, conversando sobre o assunto, descobrir por que devo identificar-me. E, quando for necessário, identificar-me-ei. Isto é, preciso primeiro compreender o que significa cooperar. Depois, quando estiver cooperando, saberei quando *não* cooperar. E não pelo processo inverso. Não sei se o percebeis. Se eu souber o que está envolvido na cooperação, que é uma coisa tremenda — trabalhar juntos, viver juntos, fazer coisas juntos — se eu o souber, saberei quando não devo cooperar.

Agora quero saber por que me identifico com *alguma coisa.* Não que eu não deva identificar-me quando há necessidade de identificação na ação mas, antes de descobrir como agir, ou com quem posso cooperar, quero descobrir o por quê dessa impulsão para identificar-me. Para ter segurança? — será essa a razão? Porque estais longe de vosso país, de vossa família, identificais-vos com esta casa, com um grupo, para estar seguro, protegido. A identificação ocorre porque sentis: "Aqui estou seguro." Portanto, o motivo que vos leva a identificar-vos é a insegurança. É isso mesmo? Insegurança significa medo, incerteza, não saber o que pensar, estar confuso. Necessitais de proteção — é bom ter proteção. É por essa razão que vos identificais?

Qual é o passo seguinte? Intimamente estou incerto, pouco claro, confuso, amedrontado e insuficiente, portanto me identifico com uma crença. Muito bem, que acontece?

Interrogante: Descobris que continuais inseguro.

KRISHNAMURTI: Não. Identifiquei-me com certas ideologias. Que acontece então?

Interrogante: Tentais encontrar nisso a vossa segurança.

KRISHNAMURTI: Dei várias razões para a identificação: porque é racional, é exeqüível, etc. Ora, que acontece depois que me identifico?

Interrogante: Tendes um conflito.

KRISHNAMURTI: Prestai atenção ao que acontece. Identifiquei-me com uma ideologia, com um grupo de pessoas, ou com uma pessoa, isso agora faz parte de mim. Devo protegê-lo, não devo? Portanto, se o objeto da minha identificação estiver ameaçado, estarei perdido, voltarei à insegurança. E que acontece? Fico com raiva de quem quer que o ataque ou duvide dele. Então, que é mesmo que acontece?

Interrogante: Conflito.

KRISHNAMURTI: Prestai atenção: identifiquei-me com uma ideologia. Preciso protegê-la porque ela é minha segurança e resistirei a toda e qualquer pessoa que a ameaçar, isto é, que tiver uma ideologia contrária. Portanto, onde me identifiquei com a ideologia haverá resistência, erguerei um muro em torno do que identifiquei comigo mesmo. Onde há muro, há divisão. E onde há divisão, há conflito. Não sei se vedes tudo isso.

Agora, qual é o passo seguinte? — continuai

Pergunta: (1) Qual é a diferença entre identificação e cooperação?

Pergunta: (2) Não é preciso haver maior compreensão da cooperação?

KRISHNAMURTI: Sabeis o que significa cooperar, trabalhar juntos? Poderá haver cooperação quando há identificação? Sabeis o que queremos dizer com identificação? Já lhe examinamos a anatomia. Cooperar quer dizer trabalhar juntos. Poderei trabalhar convosco se me identifiquei com uma ideologia e vós vos identificastes com outra? É evidente que não.

Pergunta: Mas as pessoas têm de trabalhar juntas.

KRISHNAMURTI: Isso é cooperação?

Interrogante: Não.

KRISHNAMURTI: Vede o que está envolvido. Por causa da nossa identificação com uma ideologia, trabalhamos juntos, vós a protegeis e eu a protejo. É a nossa segurança, em nome de Deus, em nome da beleza, em nome de qualquer coisa. Pensamos que isso é cooperação. Pois bem, que acontece? Pode haver cooperação quando há identificação com um grupo?

Interrogante: Não, porque há divisão. Estou em conflito com membros do grupo, porque continuo a identificar-me com eles.

KRISHNAMURTI: Vede o que está acontecendo. Vós e eu nos identificamos com a ideologia. Nossa interpretação dela pode ser...

Interrogante: ... diferente...

KRISHNAMURTI: É claro. Se variar a vossa interpretação da ideologia estareis aberrando, e nós entraremos em conflito. Por conseguinte, precisamos ambos concordar inteiramente sobre ela. Será isso possível?

Interrogante: É exatamente o que acontece com a escola. Em lugar de uma ideologia, vós vos identificais com a escola e cada pessoa tem seu próprio conceito.

KRISHNAMURTI: É isso mesmo — e por quê?

Pergunta: Tenho a impressão de que, às vezes, há conflito aqui pela mesmíssima razão que aduzistes ao falar da ideologia. Se vós e eu nos identificamos com a escola, cuidamos estar cooperando, mas não existe esse espírito.

KRISHNAMURTI: Por isso pergunto, pode haver cooperação quando há identificação?

Interrogante: Não.

KRISHNAMURTI: Sabeis o que estais dizendo? (*Risos.*) Assim é que funciona tudo neste mundo. Será verdade — que onde há identificação não pode haver cooperação? É uma coisa maravilhosa descobrir a verdade disso. Não a vossa opinião, nem a minha, mas a verdade, a validade disso. Portanto precisamos descobrir o que entendemos por cooperação. Vedes que não pode haver cooperação quando há identificação com uma idéia, com um líder, com um grupo, etc. Então, que é cooperação em que não há identificação?

Interrogante: A ação em resposta à própria situação.

KRISHNAMURTI: Não digo que não tendes razão, mas podemos trabalhar juntos quando vós e eu pensamos de maneira diferente? Quando vós vos preocupais convosco e eu me preocupo comigo? E uma das razões é que, sabendo que não podemos cooperar quando estamos pensando em nós mesmos, procuramos identificar-nos com uma ideologia, esperando dessa maneira provocar a cooperação. Mas se não vos identificardes, que é cooperação?

Estamos em Brockwood, numa escola. Vemos que não pode haver cooperação quando há identificação com a escola, com uma idéia, com um programa, com determinada política disto ou daquilo. E vemos que a identificação é a causa de toda divisão. Então, que é cooperação? Trabalhar juntos: não "acerca de alguma coisa". Vedes a diferença? Portanto, antes de fazerdes alguma coisa juntos, que é o espírito da cooperação? A idéia, a interioridade dela, que idéia é essa?

Interrogante: A compreensão, a completa abertura em relação a ela.

KRISHNAMURTI: Aprofundai-vos um pouco mais. Dissemos que identificação não é cooperação. Tendes absoluta convicção disso? E estais inteiramente certos de que não pode existir cooperação quando cada um de nós se preocupa consigo próprio? Mas vós *estais* preocupados convosco, portanto não tendes espírito de cooperação, só cooperais quando vos agrada fazê-lo. Por conseguinte, que significa cooperar? Não estamos disputando jogos de salão. Que significa cooperar quando não há "eu"? — pois de outro modo não podeis cooperar. Posso tentar cooperar em torno de uma idéia, mas há sempre o "eu" que tenta

identificar-se com a coisa que estou fazendo. Por isso mesmo preciso descobrir por que penso em mim o dia todo: que tal pareço, alguém está melhor do que *eu*; por que fulano me magoou, ou por que beltrano disse, "Sois uma linda pessoa." Ora, por que faço isso o dia inteiro? E à noite também, quando estou dormindo, o processo continua. Sou melhor do que vós, sei do que estou falando, é minha experiência, sois estúpido, sou inteligente. Por quê?

Interrogante: *Parece que grande parte disso se transmuda em hábito.*

KRISHNAMURTI: Que é hábito?

Interrogante: *É não dar tento das coisas.*

KRISHNAMURTI: Não. Que é hábito? — não quero saber como se forma.

Interrogante: *A repetição de um movimento.*

KRISHNAMURTI: Certo. Por que há repetição de um movimento? Por que se forma o hábito? Vereis algo extraordinário se fordes devagar. Temos todos cabelos curtos ou compridos — por quê? Porque os outros os têm assim.

Pergunta: *Isso é hábito ou imitação?*

KRISHNAMURTI: Vede o que acontece. Primeiro imitais outros, depois dizeis que os cabelos curtos são quadrados.

Pergunta: *O costume é um hábito também?*

KRISHNAMURTI: É. Não quero examinar o assunto muito depressa. Toda atividade mental é um hábito. Não concordais?

Interrogante: *Bem, é alguma coisa que fazeis muitas e muitas vezes.*

KRISHNAMURTI: Continuai, vede o que podeis descobrir sozinhos, quando analisamos toda a questão do hábito.

Pergunta: *É realmente uma situação com uma velha reação, não é?*

KRISHNAMURTI: Uma situação nova que enfrentamos com velhas respostas. A identificação não é um hábito?

Interrogante: *É.*

KRISHNAMURTI: Porque sois inseguros. Conheceis a natureza do mecanismo que contribui para o hábito? Tendes consciência de que operais sempre por hábito? Levantar-vos às seis da manhã todos os dias; acreditar em "tudo isso"; fumar, não fumar, tomar drogas — estais entendendo? Tudo se reduz ao hábito — de uma semana, de dez dias, de cinqüenta anos, mas o hábito está formado. Por que cai a mente neste sulco? Não vos perguntastes por que tendes um hábito? — visto que

o hábito é mera tradição. Já observastes vossa mente trabalhando por hábito?

Interrogante: (1) *É mais fácil.*

Interrogante: (2) *É preciso realmente grande quantidade de energia para viver sem hábitos.*

KRISHNAMURTI: Chegarei a esse ponto. Não salteis. Vamos a passo. Pergunto a mim mesmo: por que a mente vive sempre pelo hábito? Pensei nisso ontem, ainda estou pensando hoje e pensarei amanhã — com pequenas modificações talvez. Ora, por que a mente faz isso?

Interrogante: *Porque estamos meio adormecidos.*

KRISHNAMURTI: Dissemos que a preguiça participa do processo. Que mais? As coisas parecem mais fáceis com hábitos.

Interrogante: *Receamos o desconhecido.*

KRISHNAMURTI: Quero aprofundar-me um pouco mais.

Interrogante: *A mente receia que, se não mantiver o pensamento no mesmo rumo, ela própria venha a ser ameaçada.*

KRISHNAMURTI: E que quer dizer isso?

Interrogante: *Que ela vê certa ordem no hábito.*

KRISHNAMURTI: O hábito é ordem?

Interrogante: *Podeis formar uma estrutura com o hábito, mas isso não é necessariamente uma ordem.*

KRISHNAMURTI: O que quer dizer que a mente funciona por hábito, como uma máquina, por várias razões: é mais fácil, foge à solidão, receia o desconhecido e supõe certa ordem dizer, "Seguirei isso e nada mais." Ora, por que há de a mente cair no sulco do hábito?

Interrogante: *Essa é a sua natureza.*

KRISHNAMURTI: Mas, se responderdes dessa maneira, interrompereis a indagação. Conhecemos as razões por que a mente funciona por hábito. Tendes mesmo consciência disso? O psicopata tem um hábito que difere completamente de outros. O neurótico tem certos hábitos. Condenamo-los, mas aceitamos outros. Ora, por que há de a mente fazer isso? Quero aprofundar-me ainda mais no assunto, quero ver por que ela o faz e saber se ela pode viver sem o hábito.

Interrogante: *Porque ela sente que é a personalidade.*

KRISHNAMURTI: Dissemos que a personalidade, o ego, o "eu", que diz, "Estou com medo, quero ordem", a preguiça, tudo o que é "eu" — são diferentes facetas do "eu". Pode a mente viver sem o hábito? — tirante os hábitos biológicos, o funcionamento regular do corpo,

que tem seu próprio mecanismo, sua própria inteligência, sua própria maquinaria. Mas por que a mente aceita o hábito tão depressa? A pergunta, "Pode ela viver sem o hábito?" é tremenda. Dizer que há um Deus, um Salvador, é um hábito. E dizer que não há Salvador, mas apenas o Estado, é outro. Portanto, a mente vive no hábito. Sentir-se-á mais segura nele?

Interrogante: Sim.

KRISHNAMURTI: Vamos devagar. Que significa isso? O funcionamento no campo do conhecido proporciona uma sensação de segurança. O conhecido é hábito — certo?

Interrogante: Mesmo assim, dizemos que não nos sentimos seguros.

KRISHNAMURTI: Porque o conhecido pode mudar, pode ser afastado ou acrescentado de alguma coisa. Mas a mente funciona sempre no campo do conhecido, porque lá se sente segura. Assim sendo, o conhecido, é o hábito, o conhecido é conhecimento — isto é, o conhecimento da ciência, da tecnologia, o conhecimento das minhas próprias experiências. E nisso há o hábito mecânico — naturalmente. Agora pergunto: pode a mente afastar-se do conhecido — não para o desconhecido, não sei o que isso quer dizer — mas estar livre para afastar-se dos limites do conhecido?

Vede bem. Se eu souber tudo a respeito do motor de combustão interna, poderei continuar fazendo experiências na mesma direção, mas haverá um limite. Terei de encontrar algo novo, será mister que haja outra maneira de criar energia.

Pergunta: A mente diria isso, se quisesse a segurança do conhecido?

KRISHNAMURTI: Não estou falando em segurança por enquanto.

Pergunta: Estais dizendo que é preciso haver falta de continuidade? Em tecnologia, para que aconteça alguma coisa nova, é preciso que haja uma solução de continuidade.

KRISHNAMURTI: Está certo. É o que acontece. De outro modo, o homem não teria inventado o jato, encararia o problema de modo diferente. Estais compreendendo tudo isso? Minha mente trabalha sempre no campo do conhecido, do modificado, que é o hábito. No relacionamento com seres humanos, em pensamento — que é a resposta da memória e sempre dentro do campo do conhecido — identifico-me com o desconhecido através do conhecido. De sorte que pergunto: a mente precisa funcionar com o conhecido porque, de outro modo, não poderíamos falar, mas pode também funcionar sem o hábito?

Pergunta: A mente faz essa pergunta porque não tem êxito ao agir fora do hábito?

KRISHNAMURTI: Não estou pensando em êxito.

Pergunta: Mas que levaria a mente a fazer a pergunta?

KRISHNAMURTI: Minha mente diz: "Isso não é suficientemente bom, quero mais." Ela quer mais, porém não o encontra no campo do conhecido e só pode expandir esse campo.

Interrogante: Mas ela terá de compreender a limitação.

KRISHNAMURTI: Eu compreendo, e digo a mim mesmo: Posso funcionar no campo do conhecido, posso expandi-lo ou contraí-lo, horizontalmente, verticalmente, de qualquer maneira, mas ela estará sempre no campo do conhecido. Minha mente diz: eu o compreendo perfeitamente. E, sendo curiosa, pergunta: pode a mente viver, pode funcionar sem o hábito?

Pergunta: Essa é uma pergunta diferente?

KRISHNAMURTI: Agora estou falando psicológica, interiormente. Pelo visto, toda a vida, toda a atividade mental da psique é uma continuidade do hábito.

Pergunta: Há realmente um ímpeto ou alguma coisa...?

KRISHNAMURTI: Estou criando um ímpeto. A própria mente está criando o ímpeto para descobrir — não porque deseje descobrir o que quer que seja.

Pergunta: Este é um ponto muito delicado. Esta parece ser a chave de alguma dificuldade. Por que — se me for permitido perguntar — a mente afirma: vejo a necessidade de viver sem o hábito psicológico?

KRISHNAMURTI: Não vejo a necessidade, não estou postulando coisa alguma. Estou dizendo apenas que vi a mente em operação no campo do conhecido — contraindo-o, expandindo-o, horizontal ou verticalmente, ou reduzindo-o a nada, mas sempre dentro daquela área. E minha mente pergunta, haverá um modo de viver — não o conheço, nem sequer o postulo — em que não haja hábito algum?

Assim, voltamos atrás: sabeis em que estais pensando o dia inteiro? Respondeis: sim, estou pensando em mim, vaga, concreta ou sutilmente, ou da maneira mais requintada, mas sempre em torno disso. Pode haver amor quando a mente está ocupada consigo mesma o tempo todo? Dizeis: "Não". Por quê?

Interrogante: Porque, se pensardes em vós mesmo o tempo todo, não podereis...

KRISHNAMURTI: Portanto, nunca podereis dizer "eu vos amo", enquanto não parardes de pensar em vós. Quando o homem se sente

ambicioso, competitivo, imitativo, o que faz parte do seu pensar em si mesmo, pode haver amor? Por isso precisamos encontrar um jeito de viver sem o hábito. Mas o hábito pode ser usado, o conhecido pode ser usado — não lhe chamarei hábito — de maneira diferente, conforme as circunstâncias, a situação, etc. Assim o amor é hábito? O prazer é hábito, não é? — o amor é prazer?

Pergunta: Que é o que entendeis por amor, senhor?

KRISHNAMURTI: Não sei. Eu vos direi o que ele não é, e quando este não estiver em vós, o outro estará. Atentai para isto: onde houver conhecido, não haverá amor.

Pergunta: Por conseguinte, temos de descobrir primeiro o que é o hábito e, depois, o não-hábito.

KRISHNAMURTI: Já o descobrimos. Dissemos: o hábito é a continuação da ação no campo do conhecido. O conhecido é o amanhã. Amanhã é domingo, e sairei para um passeio de automóvel — sei disso, já arranjei tudo. Posso dizer: "Amanhã, amarei"?

Interrogante: (1) Não.

Interrogante: (2) Eu posso.

KRISHNAMURTI: Que estais dizendo? "Eu vos amarei amanhã"?

Interrogante: É o que prometemos.

KRISHNAMURTI: Quereis dizer, na igreja? Isso significa que o amor está dentro do campo do conhecido e, portanto, dentro do tempo.

Pergunta: Mas, se amardes uma vez, podereis deixar de amar de repente?

KRISHNAMURTI: Amei-vos outrora, agora me entediais!

Pergunta: Se amais alguém hoje podeis amá-lo amanhã.

KRISHNAMURTI: Como posso saber? Amo-vos hoje, mas como quereis ter a certeza de que vos amarei amanhã, prometo: "Amar-vos-ei amanhã."

Pergunta: Isso é outra coisa.

KRISHNAMURTI: Estou perguntando: o amor tem um amanhã? O hábito tem um amanhã porque continua. O amor é continuidade? O amor é identificação? — amo minha esposa, meu filho, meu Deus? Por conseguinte, tendes de compreender deveras — e não apenas verbalmente — todo o processo, a estrutura e a natureza do conhecido, todo o seu campo interior, como funcionais sempre dentro desse campo, pensando desde esse campo. Podeis captar o amanhã porque ele é projetado do conhecido. Para compreendê-lo realmente, tendes de com-

preender tudo o que dissemos; tendes de saber o que pensais e por que, e tendes de observá-lo.

Interrogante: Podeis saber o que estais pensando, mas nem sempre sabereis por que pensais.

KRISHNAMURTI: Oh, sim, é muito simples. Quero saber por que penso, por que me acode o pensamento. Ontem fui ao alfaiate e lá esqueci o relógio. À noite o procurei, pensei nele e disse: "Como fui preguiçoso, como fui desatencioso, deixando-o ali, dando trabalho" — tudo isso me passou pela cabeça.

Interrogante: Quando dissestes que foi desatenção de vossa parte, vós vos estáveis identificando.

KRISHNAMURTI: Não, esqueci o relógio. O que quer dizer que eles terão o trabalho de cuidar dele, pois alguém poderá tirá-lo, e eles serão os responsáveis, etc. Pensei nisso, e sei por que todo esse momento de reflexão nasceu daquele incidente. Observei o fluxo de pensamentos; podeis conhecer o princípio e o fim do pensamento — pareceis tão mistificados! — pensei nisso e posso concluí-lo. Deixei lá o relógio e cuidei que poderia perdê-lo; estava comigo havia muito tempo, eu o zelara. Seria capaz de dá-lo, mas de perdê-lo, não. E ele está perdido! — acabado. Não pensei mais nele. Agora é observar cada pensamento, dar tento dele! Todo pensamento é importante para quem o penetra; pode ver-se-lhe a origem e o fim — e não continuar indefinidamente.

Pergunta: E dizeis, senhor, que, se virdes por que se originou o pensamento, sereis capaz de ver-lhe o fim?

KRISHNAMURTI: Não, esperai. Haverá um pensamento individual separado de outro? Os pensamentos são todos separados ou interligados? Que dizeis?

Interrogante: São interligados.

KRISHNAMURTI: Tendes certeza?

Interrogante: Todos vêm uns dos outros.

KRISHNAMURTI: Quando lhes compreendo a interligação, ou quando compreendo o meio do qual vem todo pensamento. . .

Pergunta: Este é o ponto difícil.

KRISHNAMURTI: Observar sem desejar a resposta significa infinita vigilância — não impaciência — mas observai com cuidado, porque depois tudo se torna evidente. Se nós brigarmos, não quero carregar a briga em minha mente, em pensamento, quero acabar com ela. Vou procurar-vos e digo, "Sinto muito, eu não quis fazer isso" — e tudo se acaba. Mas é o que faço? Tendes aprendido muito hoje cedo? "Aprendido", não, mas "aprendendo": que é o que quer dizer aprender.

11

Oposição e conformidade. Podemos educar-nos para enfrentar a vida plenamente? As limitações das simpatias e antipatias pessoais. Ser vigilante.

Interrogante: Estávamos falando sobre o por que de não podermos dizer que amamos alguém.

KRISHNAMURTI: Podemos abordar a questão de maneira diferente? Sabeis o que é agressividade? Agressividade significa oposição, ir contra. Disso surge a pergunta: como pretendeis enfrentar a vida depois de haverdes passado por aqui e serdes o que se chama uma pessoa culta? Quereis ser engolido pela sociedade, pela cultura em que viveis, ou vos oporeis a ela, revoltar-vos-eis contra ela, o que será uma reação e não uma ação total? Enveredareis pelo caminho fácil da vida, conformar-vos-eis, imitareis, ajustar-vos-eis ao modelo, seja este qual for, ao estabelecimento, ou a um estabelecimento de espécie diferente, e assim por diante? Ou sereis um ser humano totalmente diverso, cônscio de que precisa enfrentar a adversidade e a oposição e sabedor de que não existe um caminho fácil de satisfação? Porque quase todos desejamos uma vida sossegada, confortável, sem dificuldades, o que é quase impossível; e, se topardes com a oposição, fugireis dela? "Não gosto deste lugar, desta gente, deste serviço", por isso vou-me embora, fujo disto para fazer algo diferente, que seja do meu agrado. Utilizais outros para a vossa satisfação? E será amor a utilização de outros, quer sexualmente, quer a título de companheirismo, quer para a própria satisfação, não superficial, porém muito mais profunda?

Como enfrentareis tudo isso, que é no que consiste a vida? As pessoas ditas cultas, que freqüentaram um colégio, uma universidade, conseguiram um bom emprego, ajustam-se a um lugar, ali ficam e ali progridem. Têm suas próprias dificuldades, suas próprias adversidades.

Podemos passar num exame e arranjar um emprego, ou podemos ter sido educados tecnologicamente. Psicologicamente, porém, não sabemos nada a nosso respeito. Somos infelizes, desgraçados, porque não podemos obter isto ou aquilo, brigamos com a nossa cara metade — sabeis tudo o que acontece. E todas são pessoas muito cultas, que lêem livros e não fazem caso de todo o campo da vida. E as pessoas incultas fazem o mesmo. Sereis pessoas cultas — não sei por que, mas o sereis — e depois? Levareis uma vida confortável? Não somos contra o conforto, mas quem procura o conforto na vida se acaba tornando meio vulgar, meio superficial, e terá de conformar-se, numa tremenda extensão, com a estrutura da cultura em que vive. E se vos revoltardes contra a estrutura e aderirdes a um grupo, que terá seu próprio padrão, tereis de ajustar-vos ao grupo também.

Vendo que a maioria dos seres humanos em todo o mundo deseja sentir-se garantida, segura, confortável, levando uma vida de indulgência, em que não encontre muita oposição — onde se conforme superficialmente, embora se revolte contra a conformidade, onde se torne superficialmente respeitável embora seja interiormente rebelde, onde arranje um emprego, case, tenha filhos e assuma responsabilidades — mas cuja mente deseje muito mais do que isso, está descontente e vive a correr de um lado para outro. Vendo tudo isso, não apenas um segmento, uma fração do todo, mas todo o conjunto — que pretendeis fazer? Ou será esta uma pergunta a que não podeis responder na vossa idade? — sois talvez demasiado jovens, tendes vossas ocupações, a outra pode esperar.

Interrogante: Sabemos o que gostaríamos de fazer.

KRISHNAMURTI: Sabeis o que quereis fazer?

Interrogante: Sei o que eu gostaria de fazer.

KRISHNAMURTI: Que gostaríeis de fazer — gostaríeis? Eu gostaria de ser a Rainha da Inglaterra! Ou a maior qualquer coisa que existe e não posso. Não tenho capacidade. Por isso, quando dizeis que gostaríeis de fazer alguma coisa que vos dá prazer, que vos dá satisfação, isso é o que toda a gente quer: conforto, prazer, satisfação. "Isto é o que desejo fazer porque me sinto feliz ao fazê-lo." E quando encontrais oposição ao longo do caminho, não sabeis como enfrentá-la e tentais escapar-lhe. Esta é realmente uma questão muito difícil, não é nada fácil dizer o que gostaríamos de fazer. A questão é complexa, e por isso perguntei: será pedir demasiado? Ou, na vossa idade, já estais começando a ter uma idéia do que quereis fazer, não apenas no ano que vem, mas durante o resto da vida?

Interrogante: *Não somos demasiado jovens.*

KRISHNAMURTI: Não sei. Não sei se sois demasiado velhos ou demasiado jovens. A vós cabe responder, não a mim. Estou-vos propondo isto, para que o averigüeis.

Interrogante: *Alguns de nós já somos demasiado velhos. Já estamos modelados. Temos tido experiências, etc., que nos dão a todos um grande tédio da vida.*

KRISHNAMURTI: Outro dia falávamos sobre estarmos sempre pensando em nós mesmos. E quando pensamos em nós mesmos, não pensamos geralmente no que nos dá maior prazer? "Quero fazer isso, porque me dará tremenda satisfação." Por conseguinte, como enfrentais todas essas coisas? Não deveríeis conhecer, não só geografia, história, matemática e todas as outras matérias, mas também este campo, onde tereis de descobrir sozinhos como viver num mundo monstruoso — isso também faz parte da educação? Como faríeis para educar-vos a fim de enfrentar esta vida? Esperais que alguém venha fazê-lo, como há pessoas que vêm lecionar-vos matemática e outros assuntos?

Interrogante: *Não.*

KRISHNAMURTI: Não? Tendes absoluta certeza? Se alguém vier ensinar-vos a maneira psicológica, interior, de viver, como a aprendereis? Como pretendeis educar-vos? Sabeis o que está acontecendo ao mundo? Pondo de parte as monstruosidades, as guerras, as carnificinas e todas as coisas terríveis que ocorrem, pessoas que julgam saber estão tentando educar-vos — não no mundo tecnológico: isto é claro, simples, fatual.

Outro dia, na televisão, disse um bispo: o conhecimento de Deus é amor e, se não tiverdes o conhecimento de Deus, não podereis viver, a vida perderá o sentido para vós. Entendestes? Ouvi essa declaração, feita do modo mais enfático possível por um bispo conhecido, ou seja lá o que for, prestei atenção ao que ele dizia e disse entre mim: estou aprendendo, quero descobrir. Quero educar-me. E ele tem explicações razoadas. Mas olhais para o seu colarinho, para o seu paletó, ou para a sua boina, e dizeis: "Ora, é um padre, um velho, está repetindo velharias!" — Isso não é nada, pomo-lo de lado. Depois aparece um homem que vos oferece um modelo de vida (prestai atenção a tudo isso, por favor) que parece razoado, lógico e, por amor da sua personalidade, da sua aparência, dos seus trajos, da sua maneira de andar — conheceis todos os truques — dizeis: "Sim, ele tem alguma coisa." E prestais atenção ao que diz. E através do próprio ato de prestar-lhe atenção estais sendo condicionados pelo que ele diz, não estais?

Interrogante: *Isso depende da maneira com que prestamos atenção.*

KRISHNAMURTI: Se não souberdes como prestar atenção ao bispo, direis: "Isso é muito razoado, ele diz que vivemos desse modo há dois mil anos, este é o caminho certo, com o conhecimento de Deus." Atento nele e lá está qualquer coisa que me atrai e que aceito. Fui influenciado por ele. Mas também sofro a influência do homem que diz: "Faze isto e terás iluminação." De modo que sofro influências em toda a minha volta. Que devo fazer? Quero adestrar-me porque vejo perfeitamente que ninguém me ensinará nesse campo. Porque eles nunca se adestraram, nunca entraram em si mesmos, não se examinaram, exploraram, investigaram, olharam e observaram, mas sempre se conformaram com um modelo. E estão tentando ensinar-me a viver no interior desse modelo, seja o modelo zen, seja o modelo cristão, seja o modelo comunista; nunca se adestraram no sentido em que estamos falando agora, embora possam ser inteligentes em argumentos e na dialética. Portanto, como ninguém me ajudará a instruir-me interiormente, como começarei? E vejo que, se o não fizer, me tornarei um ser humano torto. Posso ser muito bom para escrever um ensaio e obter um diploma — e depois? Todo o resto da minha vida estará negligenciado. Assim sendo, como farei para instruir-me, amadurecer num campo em que pouquíssimas pessoas se deram ao trabalho de investigar, indagar? Ou o fizeram e impuseram seu pensamento a outras, não as ajudando a descobrir por si mesmas. Não sei se o percebeis. Sabeis do que estou falando? Freud, Jung, Adler e outros analistas, que estudaram o assunto e proclamaram alguns fatos, reportaram toda a conduta ao condicionamento na infância, etc. — estabeleceram certo padrão; podeis investigar nessa direção e obter informações adicionais, mas com isso nada aprendereis sobre vós. Estareis aprendendo de acordo com outra pessoa. Assim sendo, como resolvereis o problema? — conhecendo a vida, o que está acontecendo ao mundo, as guerras, o antagonismo, os políticos, os padres, os *hippies* com o seu bocadinho de filosofia, as pessoas que se drogam, os fazedores de comunas, o ódio entre as classes. Tomai essas coisas exteriormente; e interiormente vereis as pessoas ambiciosas, cúpidas, invejosas, brutais, violentas, explorando-se umas às outras. Tudo isto são fatos, e não estou exagerando.

Diante desse quadro, que farei? Conformar-me-ei com algum modelo confortador, que é o que desejo fazer, uma realização para mim mesmo? Porque, se não tiverdes em vós uma centelha, uma chama, agora, aos quinze, dezesseis, vinte ou vinte e cinco anos, dificilmente a tereis aos cinqüenta, quando vos será muito mais penoso mudar. Portanto, que fazer? Como enfrentar tudo isto, como olhar para isto, como

ouvir o terrível barulho do mundo? — os padres, os técnicos, os homens inteligentes, os operários, as greves que se sucedem. Devo escolher determinado ruído, que me atrai, e segui-lo pelo resto da vida? Que fazer? Este é um tremendo problema, que nada tem de simples.

Interrogante: Quero fazer experiências.

KRISHNAMURTI: Experiências?

Interrogante: Deixar que as coisas me aconteçam.

KRISHNAMURTI: Prestai atenção ao que estou dizendo. "Vendo tudo isto, não sei o que fazer. Não sabendo o que fazer, encontrarei um meio fácil de safar-me — geralmente o encontro." Não vos iludais. Este é um problema tremendamente complexo.

Interrogante: Mas descobrir a maneira fácil de safar-se tampouco é real.

KRISHNAMURTI: Esperai, não estou muito certo disso. Enfrento tudo, o tremendo troar que se ouve por aí, a gritaria, os empurrões, e descubro que há uma saída fácil para isso, faço-me monge. É o que está acontecendo em certas partes do mundo, porque as pessoas já não confiam em políticos, cientistas, técnicos, pregadores. Dizem elas: "Afastar-me-ei de tudo isso e transformar-me-ei num monge solitário com uma tigela de mendigo" — é o que estão fazendo na Índia. Ou, não sabendo o que fazer, vivereis à matroca. Sabeis o que significa essa expressão? — viver o dia-a-dia, sem se incomodar. Ou, se precisardes encontrar um jeito de safar-vos, forçais a situação, ou aderis a um grupo que se julga tremendamente avançado. É o que todos fareis? Se eu tivesse uma filha ou um filho aqui, esta seria minha preocupação de pai, eu me sentiria tremendamente preocupado. E Brockwood está preocupado — para mim isto é importantíssimo. Podeis ir todos para colégios e universidades e conseguir um diploma e um emprego. Mas a solução é demasiado simples, é um jeito de sair da situação que também não resolve coisa alguma. Portanto, se eu tivesse um filho ou uma filha, perguntaria: "Como serão eles adestrados num campo pelo qual não se interessam?" E os outros não sabem como ajudá-los a compreender o campo enorme, que foi negligenciado.

Por isso sei o que faria e o que diria a um filho ou uma filha: Olhai, atentai para tudo isto, atentai para todo o barulho que se faz no mundo, não tomeis partidos, não vos apresseis a chegar a conclusões, apenas prestai atenção. Não digais que um barulho é melhor do que outro; são todos barulhos, portanto prestai atenção primeiro. E atentai também para o vosso próprio barulho, a vossa trepidação, os vossos desejos — "Quero ser isto e não quero ser aquilo" — descobri o que significa prestar atenção. Descobri, não vos contenteis com ouvir dizer.

Discuti o assunto comigo e descobri primeiro o que significa. Descobri o que significa pensar, por que pensais, qual é a origem do vosso pensar. Observai-vos, não vos torneis egocêntrico nesse observar. Interessai-vos tremendamente por observar, o que é mais um alargamento do eu.

Pergunta: Dissestes que o interessar-se tremendamente por observar é mais um alargamento do eu?

KRISHNAMURTI: Eu disse que devíeis observar-vos. Se eu fosse pai, estaria preocupadíssimo com o problema de educar as pessoas num campo em que não há compreensão nem ajuda verdadeiras. Foi o que eu quis dizer. Mas disse mais: se vos observardes haverá um perigo de egocentrismo — um perigo tremendo. Devo observá-lo também.

Eu disse igualmente que discutiria com o grupo, descobriria como pensais, por que pensais e o que pensais. Não para mudá-lo, suprimi-lo, ou superá-lo, mas para descobrir por que pensais, afinal. Vamos, interrogai! Não sei se notastes que a maioria dos livros, toda a estrutura social, religiosa, moral, ética, a relação entre o homem e o homem e tudo o mais se baseiam no pensamento.

Interrogante: Sim.

KRISHNAMURTI: "Isto está certo, isto está errado, isto deve ser, isto não deve ser" — se baseia na estrutura do pensamento. Tendes absoluta certeza? — não concordeis comigo.

Agora quero descobrir se esta é a maneira de viver, basear tudo no pensamento, no que gosto e no que não gosto, no que quero fazer, no que não quero fazer. Provavelmente nunca pensais nisso. Pensai agora.

Interrogante: Porque o vosso pensamento é querer, ou não querer. Tudo vem do "eu".

12

Aprendendo acerca do medo. Estai despertos para o vosso condicionamento. A dependência e o estar só. O estado de criatividade. Ser sensível. Consciência da beleza.

Pergunta: Sou sempre egocêntrico, senhor? — eis aí uma pergunta a que acho difícil responder sozinho.

KRISHNAMURTI: Aqui estamos nós, numa bonita região rural, vivendo numa comunidadezinha onde o relacionamento é importantíssimo. Podemos viver aqui com essa qualidade da mente e do sentimento não de todo egocêntrica? Depois, quando deixarmos este lugar — como teremos de fazê-lo — talvez sejamos capazes de viver no mundo em um nível diferente, com um sentimento e uma afeição diferentes e uma ação diferente. E para viver assim, não apenas ocasionalmente, mas com um sentido mais profundo de significação e de valor e um sentimento de coisa sagrada, creio que temos de estar livres do medo, ou compreendê-lo. Quase todos temos medo de alguma coisa, não é verdade? Sabeis do que tendes medo?

Interrogante: No momento, não.

KRISHNAMURTI: De acordo, porque estais sentados aqui em segurança. Mas de que geralmente temos medo? Sabeis do que tendes medo?

Interrogante: Do desconhecido.

KRISHNAMURTI: Do desconhecido? Que entendeis por desconhecido? O amanhã? O que vos acontecerá, o mundo que encontrareis quando crescerdes e tiverdes de enfrentar-lhe o barulho, o ordálio e a absurdeza? É disso que tendes medo?

Interrogante: É isso o que entendo por desconhecido.

KRISHNAMURTI: E como vos vereis livres desse medo de modo que possais enfrentá-lo sem escuridão, sem retirada, sem uma reação neu-

rótica ao que o mundo é? Como o enfrentareis? Se lhe tiverdes medo não podereis enfrentá-lo, não é mesmo? Discuti o assunto comigo! Se tendes alguma crença sobre o modo com que deveis comportar-vos no mundo, tão caótico, que nos mete medo, se já estabelecestes um padrão de comportamento, essa idéia, essa conclusão, não dificultarão muito mais o caso?

Sophia, Laurence — sabeis do que tendes medo? Tendes medo de vossos pais? Tendes medo de não ser como os outros? — de não ter cabelos compridos, fumar, beber, divertir-vos? Tendes medo de ser excêntricos, esquisitos, diferentes? Tendes medo de estar sozinhos, de ficar sozinhos? Tendes medo do que as pessoas podem dizer? De não levar uma boa vida no sentido de ter dinheiro, propriedades, casa, marido ou esposa, etc.? — é disso que estais com medo? Acho que, se eu não fumar, serei socialmente singular e não poderei ajustar-me; portanto, preciso obrigar-me a fumar e a fazer as coisas que os outros fazem; receio não me conformar. É disso que tendes medo: de não vos conformardes, de não imitardes, de não vos ajustardes ao padrão, de ser quadrados? Então, de que estais com medo? E carregareis convosco, por toda a vida, alguma espécie de medo?

Sabeis o que faz o medo? Torna-vos agressivos, violentos. Ou vos leva a retirar-vos e vos faz levemente neuróticos, estranhos, peculiares; passais a viver numa escuridão própria, resistindo a qualquer espécie de relacionamento com quem quer que seja, construindo um muro em torno de vós, com o medo importuno sempre presente. Portanto, se não resolverdes vossos medos agora, enquanto sois jovens, viçosos, possuis vitalidade e energia, mais tarde não sereis capazes de fazê-lo, será muito mais difícil.

Assim sendo, talvez devêssemos meditar na natureza dos vossos medos e procurar afastá-los agora, enquanto estamos protegidos, enquanto estamos aqui, onde nos sentimos em casa, encontrando-nos a todo momento uns com os outros. Vamos fazê-lo?

Interrogante: *Vamos.*

KRISHNAMURTI: Como atacais o problema do medo? Por exemplo, tendes medo do desconhecido, o desconhecido que é o amanhã, quando tereis de enfrentar o mundo, caótico, louco, vulgar e violento. Não sendo capazes de enfrentá-lo, o mundo vos assusta. Sabeis como será o futuro? E por que tendes medo dele?

Pergunta: *Não estaremos projetando uma imagem de nós mesmos no futuro? E depois temos medo de não ser capazes de viver de acordo com essa imagem.*

KRISHNAMURTI: Tendes uma imagem de vós mesmos e, se não viverdes de acordo com ela, ficais com medo. Esse é um dos medos, não é? Ele acaba de dizer que o desconhecido o assusta — e o desconhecido é o amanhã, o mundo, sua posição no mundo, o que vai acontecer-lhe no futuro, se virá a ser um homem de negócios ou um jardineiro. Como enfrentareis isso? Como compreendereis o medo do desconhecido? Porque se tiverdes medo agora, à proporção que envelhecerdes a coisa ficará cada vez pior, não é mesmo?

Por que pensais no futuro? Por que olhais para o futuro em função do que sois hoje? Sois jovens, tendes quinze, dezesseis anos, seja lá o que for, e como sabeis o que sereis daqui a vinte? Existe o medo porque tendes uma imagem de vós mesmos ou porque tendes uma imagem do mundo dentro de vinte anos?

Interrogante: Fomos condicionados para ter essa imagem.

KRISHNAMURTI: E quem vos condiciona? A sociedade, a cultura?

Interrogante: Todo o meio.

KRISHNAMURTI: E por que vos sujeitais a ele?

Interrogante: Por medo também.

KRISHNAMURTI: E que significa isso? Investigai. Sentis que precisais conformar-vos e não quereis fazê-lo. Dizeis, "Não quero conformar-me" e, no entanto, vos estais conformando. Tendes a imagem de vós mesmos, criada pela cultura em que viveis, e dizeis, "Essa imagem precisa conformar-se com o modelo." Mas ela pode não se conformar, e tendes medo. É isso? Por que tendes uma imagem de vós mesmos ou do mundo? O mundo é cruel, brutal, áspero, violento, cheio de competição e ódio; toda a gente está tentando conseguir um emprego, luta, luta, luta. Isso é um fato, não é? Por que tendes uma imagem disso? Por que não dizeis, "Isso é um fato"? O sol brilha, isso é um fato. Ou o dia está enfarruscado: isso é um fato. Não se luta com o fato. Ele é o que é. Quereis ajustar-vos a isso? Quereis aceitar o mundo como é? Aceitá-lo, juntar-vos a ele e ficar como ele? É isso que quereis?

Interrogante: Bem, não é isso.

KRISHNAMURTI: Primeiro vede, olhai apenas. O mundo é assim, não é? O mundo criou a cultura em que nascestes. A cultura condicionou-vos e esse condicionamento diz: deveis conformar-vos, não importa que o meio seja comunista, católico ou hindu. E agora estais aqui sendo instruídos, não só com livros mas também profundamente, para compreender-vos. Por isso precisais perguntar-vos, quereis ajustar-vos a tudo

isso? Quereis conformar-vos com o padrão a que a cultura vos condicionou, quereis ajustar-vos a isso?

Interrogante: É evidente que não.

KRISHNAMURTI: Não digais, "É evidente que não."

Interrogante: Creio que a maioria das pessoas o faz.

KRISHNAMURTI: *Vós* — deixai os outros fora disso.

Interrogante: Nós não fazemos.

KRISHNAMURTI: Não digais, "A maioria das pessoas o faz"; a maioria das pessoas nem sequer pensa nisso. Limita-se a correr com os demais. Aqui estamos pensando nisso, olhando para isso, fazendo perguntas sobre isso. Sabeis o que significa não se conformar com alguma coisa? Significa contrariar toda a estrutura da sociedade. Moralmente, nos negócios, em matéria de religião, contrariais toda a cultura; o que significa que tendes de ficar sozinhos. Podeis morrer de fome, podeis não ter dinheiro, podeis não ter emprego — tendes de ficar sozinhos. Podeis fazê-lo? Fá-lo-eis? Não sabeis, não é mesmo? — tanto podeis quanto não podeis fazê-lo.

Esse é um dos medos, não é? Um dos grandes medos de nossa vida refere-se à conformidade. Se vos conformardes, sereis como o resto — e isso é muito mais fácil. Mas se não vos conformardes, o mundo inteiro estará contra vós. E isso é muito sério, a não ser que tenhais inteligência para resistir ao mundo; em caso contrário, sereis destruído. Se tiverdes medo não podereis ter inteligência. Ou vos casareis, vossa esposa desejará conformar-se e vós discordareis dela. Estareis, então, no mato sem cachorro! Tereis filhos antes mesmo de saber onde estais e a coisa ficará muito pior — porque, nesse caso, tereis de ganhar dinheiro para sustentar os filhos.

Interrogante: Nesse caso, estareis de volta outra vez.

KRISHNAMURTI: Nesse caso, estareis preso numa armadilha. Portanto, a partir de agora, tereis de olhar para todo o problema, compreendê-lo, investigá-lo. Não digais apenas: "Estou com medo." Vedes que a cultura em que nascemos nos faz conformar-nos, não faz? Faz que vos conformeis e vos torna invejosos por não serdes parecidos com outra pessoa.

Portanto, a conformidade e a comparação vos deixam com medo — estais entendendo? Em casa, na escola, na faculdade e, quando estiverdes lá fora, no mundo, a vida se baseia nisso. Assim, se estiverdes com medo, tereis caído no laço para sempre. Mas podeis dizer: "Não ficarei com medo, examinemos o caso, verifiquemos como se pode

viver num mundo que exige aceitação, conformidade e comparação." Como se pode viver nesse mundo sem ter medo, sem se conformar, sem estar sempre a comparar-se com alguém? E se souberdes viver desse jeito, nunca tereis medo. Estais compreendendo?

Começai aqui, não olheis para o momento em que tereis cinqüenta anos de idade. Começai aqui, agora, quando sois muito jovem, para descobrir como se pode viver uma vida realmente inteligente sem imitação, conformidade ou comparação, isto é, sem medo. Enquanto fordes jovens, vossas células cerebrais serão muito mais ativas, muito mais flexíveis, mais inquisitivas. Quando fordes mais velhos, estareis condicionados, tereis família, casa: "Não posso pensar em outra coisa a não ser nos negócios, é perigoso pensar mais." Agora, como vivereis uma vida em que não comparais nem vos conformais, porque não tendes medo? Que significa isso? O medo é engendrado, gerado, quando formais uma imagem vossa; e tendes a imagem para conformar-vos. Vós, a imagem, desejais conformidade. Agora precisamos examinar com cuidado a conformidade. Que quereis dizer com conformidade? Tendes cabelos compridos; usai-los assim porque outros rapazes, moças e também pessoas mais velhas usam cabelos compridos? Todos os cantores *pop* têm cabelos compridos — já lhes vistes os rostos? Quereis ser assim? Tendo cabelos longos e desalinhados — como tendes — cuidais que isso é conformar-se? Fazei-lo porque outros o fazem?

Interrogante: *Se tiverdes cabelos curtos também vos estareis conformando.*

KRISHNAMURTI: Estais-vos conformando? Tendes cabelos compridos; estais-vos conformando, usando sandálias porque outros as usam? — andando descalços em Picadilly ou na Quinta Avenida. Também andais descalços por aí?

Interrogante: *Geralmente creio ser o condicionamento em que estais vivendo.*

KRISHNAMURTI: O que quer dizer: estais reagindo contra os cabelos curtos? Pois eu vos direi por que tenho cabelos curtos. Já tive cabelos que me chegavam à cintura, muitíssimo mais longos que os de qualquer um de vós. E quando cheguei pela primeira vez à Inglaterra e fui para a escola, costumavam dizer-me: "Cortai esses cabelos!" Refleti um pouco para descobrir por que usais cabelos compridos. Usai-los assim porque outros os usam desse jeito, ou porque gostais?

Interrogante: *Eu gosto.*

KRISHNAMURTI: Que significa isso? Gostais de usá-los compridos porque assim economizais o dinheiro do barbeiro? (*Risos.*) Tendes de

mantê-los asseados, bem escovados, pois, do contrário, parecerão feios. Fazei-lo porque gostais? É uma boa razão, não é? Isso quer dizer que não vos estais conformando, porque amanhã a moda será de cabelos curtos — e todos usareis cabelos curtos? Fazei-lo, portanto, porque quereis fazê-lo, independentemente do que fazem os outros?

Pergunta: Não acontece o mesmo com as roupas?

KRISHNAMURTI: Vestis essas roupas estranhas porque outros as vestem?

Interrogante: Todo rapaz se preocupa, em maior ou menor extensão, com sua aparência.

KRISHNAMURTI: Certo. Achais que isso vos dá uma boa aparência, que ficais bonitos quando usais roupas achamboadas?

Interrogante: Vós mesmo podeis senti-lo.

KRISHNAMURTI: Fazei-lo porque gostais, ou porque desejais conformar-vos?

Interrogante: Não o fazemos necessariamente por desejar conformar-nos.

KRISHNAMURTI: Averiguai! Não digais: "Não o fazemos necessariamente."

Interrogante: Creio que é tudo uma questão de gostar e não gostar.

KRISHNAMURTI: Estou perguntando. Os cantores *pop* usam calças cor de púrpura e camisas amarelas — já os vistes. Dizem eles: "Gosto dessas roupas porque me lisonjeiam" — é por isso que o fazeis? Nessas condições, os cabelos, as roupas, a maneira com que pensais, o modo com que sentis — é porque o resto sente assim? O resto são franceses, alemães, judeus, hindus, budistas, católicos — e vós vos tornais uma coisa ou outra, por ser o mais fácil. Por isso os acompanhais? Ou dizeis, "Não, está errado. Não serei assim."

Nestas condições, averiguai primeiro por que usais os cabelos compridos e essas roupas, quer sejais americanos, franceses ou alemães, para começardes a exercitar vossa mente. Vede bem, se não fordes revolucionários enquanto sois jovens — não me refiro a atirar bombas, o que não é nenhuma revolução — se não andardes perquirindo, objetando, duvidando, olhando para vós mesmos, descobrindo o que *vós* pensais, investigando todo o campo por vós representado, mais tarde isso será muito mais difícil.

Interrogante: Acho que o ponto principal em tudo isso é o medo. Por exemplo, digamos que eu tenha cabelos compridos; se os cortar, será por saber que tudo correrá suavemente e não haverá problemas de espécie alguma. Creio que faço a maioria das coisas por serem as mais seguras, as mais fáceis.

KRISHNAMURTI: Compreendo. Com que, então, estais com medo — de quê?

Interrogante: *De não me enquadrar no padrão estabelecido.*

KRISHNAMURTI: E, nesse caso, que fareis? Vivereis com o medo? Por que haveríeis de enquadrar-vos no padrão?

Interrogante: *Se quiserdes ficar aqui, é melhor fazer assim.*

KRISHNAMURTI: O que estais dizendo é que, se quiserdes continuar vivos, tendes de enquadrar-vos no padrão. E quereis viver desse jeito — combatendo, brigando, odiando, no meio de invejas, lutas, guerras?

Interrogante: *Não.*

KRISHNAMURTI: Como dissemos outro dia, ter realmente uma educação significa não se conformar, não imitar, não fazer o que fazem milhões e milhões. Se estiverdes dispostos a isso, muito bem. Mas estai alerta para o que fazeis — brigas, ódio, antagonismo, divisão entre pessoas onde não há de fato nenhum relacionamento, guerras — se quiserdes realmente viver assim. Nesse caso, estareis formulando um convite a toda a confusão que existe em torno de vós, sereis parte dela, não haverá problema. Não se disserdes, "Não quero viver desse jeito", tereis de descobrir um modo diferente de viver. E isso requer inteligência. O conformista não precisa ser inteligente, basta-lhe ser esperto.

O mundo é esse e aqui estais para ser educados em todos os departamentos da vida, tanto internos quanto externos. O que quer dizer: por dentro não tenhais medos. Não ter medos significa que precisais descobrir como viver sem medo; por conseguinte, tendes de investigar o que é o medo. Indagando o que é o medo, vossa mente se tornará inteligente; e a inteligência vos mostrará como se pode viver neste mundo de maneira equilibrada.

O medo é um dos grandes problemas do mundo, porventura o maior de todos. Por isso mesmo tendes de enfrentá-lo, compreendê-lo e alhear-vos dele.

Dissestes: "Tenho medo do desconhecido, do amanhã, do futuro". Mas, afinal de contas, por que pensais no amanhã? Será esse um sinal de sensatez? Sois jovens, estais cheios da estranha beleza desta região rural, sois curiosos de pássaros, da vida — por que vos preocupais com o amanhã? Porque vossa mãe, vosso pai, os vizinhos já estão perguntando o que vos acontecerá amanhã? São pessoas assustadas — por que lhes caís na armadilha? O mundo está-se tornando cada vez mais povoado — sabeis o que isso significa? Creio que na Índia nascem, todos os anos, doze ou treze milhões de novos bebês. E na China muitos mais. O mundo está ficando cada vez mais cheio de gente, e todos

querem empregos, lares, filhos, posição, prestígio, poder, dinheiro. Quanto mais olhardes para isso, tanto mais assustados ficareis e perguntareis: "Que me acontecerá?" Como sabereis agora o que fareis e o que sereis daqui a vinte anos? Vedes o que estais fazendo? Enquanto sois jovens, vivei, gozai, não penseis no futuro. Se viverdes agora sem medo, quando crescerdes sereis os mesmos, vivereis — pouco importa o que fordes, jardineiro ou cozinheiro, tanto faz, será sempre algo feliz para vós. Mas se disserdes, "Meu Deus, como me ajustarei a este mundo, como me aviarei quando tiver trinta anos?" na realidade vos estareis destruindo.

Vede bem, cada geração se conforma, mais ou menos, com a geração anterior, de modo que nenhuma delas é uma nova geração. O que estamos tentando fazer aqui é criar uma geração nova — ainda que sejam quarenta pessoas — isso já será suficientemente bom — que não sentirão medo, não se conformarão, terão inteligência bastante para descobrir o que fazer quando crescerem; essa inteligência vos dirá o que devereis fazer. Mas se tiverdes medo, daqui por diante estareis pegos.

Tendes medo de ficar só? Sabeis o que quero dizer com isso? Tendes medo, Rachel? Tendes medo de ficar só? — não no escuro, não. Só significa não ter companheiros, não depender de pessoas, das lisonjas delas, dos incentivos delas, de frases que elas possam dizer, como "Sois maravilhosa!" Dependeis de alguém? Dependemos, obviamente, do leiteiro, de quem nos fornece os alimentos, de quem os cozinha — somos dependentes dessa maneira. Mas dependemos emocionalmente de alguém? Averiguai-o! Examinai o caso. O amor exige dependência? "Eu vos amo" — quer dizer, dependo de vós? Ou dependo de mim emocionalmente? Posso ganhar dinheiro, esse é um tipo diferente de dependência. Mas psicológica, interiormente, em nossos sentimentos, quando dizemos "Amo", significa isso, acaso, que dependo de vós, que sem vós eu estaria perdido? O amor é gostar e desgostar? Essa é uma forma de dependência — estais compreendendo? Percebeis a diferença entre gostar e amar, entre amor e prazer? Gostar é uma forma de prazer, não é?

Pergunta: Se eu disser, "Gosto de vós", estarei dizendo que escolhi mas, se eu não escolher, está tudo bem.

KRISHNAMURTI: Atentai! Estou dizendo: dependeis psicologicamente de alguém? Se dependerdes, nisso haverá medo. Porque, se alguma coisa vos acontecer, ficarei assustado. Ficarei com ciúme se olhardes para outra pessoa. O que dá a entender que vos possuo — certo? Dependo de vós, por isso preciso certificar-me de que vos possuo em todos

os sentidos pois, do contrário, estarei perdido. Por isso tenho medo, por isso me torno cada vez mais dependente, cada vez mais ciumento. Dependeis de alguém? Toda essa dependência é geralmente chamada amor, não é?

Interrogante: *Dependência é o medo de ficar sem.*

KRISHNAMURTI: Averiguai, não concordeis, verificai se sois dependente. Em seguida averiguai por que o sois, e vede quais são as implicações da dependência — o medo, a solidão, a falta de conforto. Se não dependerdes das pessoas não tereis medo. Não vos fará mossa ficar só. E não ficais só porque estais com medo; assim que ficais só, sois muito mais sincero, muito mais seguro, ninguém pode corromper-vos, ninguém pode magoar-vos. Portanto, verificai se sois dependente das pessoas. E não apenas das pessoas, mas também da bebida, do fumo, da prosa fiada, das cavaqueiras intermináveis a respeito de nada.

Interrogante: *Nós dependemos de nossos pais, não dependemos?*

KRISHNAMURTI: Dependemos de nossos pais porque eles nos trouxeram ao mundo, sentem-se responsáveis por nós; e dependemos deles porque nos deram dinheiro para a nossa educação. É uma espécie diferente de dependência.

Interrogante: *Uma dependência necessária.*

KRISHNAMURTI: Necessária. Eu dependo do carteiro. Quando entro num trem, dependo do maquinista.

Pergunta: *Somos dependentes quando pensamos sem cessar num objeto ou numa pessoa?*

KRISHNAMURTI: É claro que sim.

Interrogante: *Parece-me que uma das principais coisas é que a sociedade depende da sua arte, que se torna parte de qualquer forma de auto-expressão, e a arte se torna incrivelmente importante.*

KRISHNAMURTI: "Auto-expressão" — que significa isso? "Preciso expressar-me", "Preciso ser eu mesmo". Examinai essas frases com cuidado. "Eu" preciso expressar-me. "Eu" preciso ser eu mesmo. "Eu" preciso encontrar minha identidade — eu. Conhecei-las todas. Agora, dizei-me: que significa: "Eu preciso ser eu mesmo"? Esse "eu" é o medo, o "eu" invejoso, o "eu" que diz, "Tenho tanto medo do futuro, que é o que vai acontecer-me?" O "eu" que diz, "É minha casa, meu livro, meu marido, meu namorado?" Esse é o "eu", não é? E esse "eu" proclama, "preciso expressar-me" — como tudo isso soa tolo! Não soa?

Pergunta: *Expressão não é criatividade?*

KRISHNAMURTI: Averiguai-o. Expressão é criatividade? Pintar um quadro, escrever um poema, fazer um pote — é criatividade? Não estou dizendo que é nem que não é.

Interrogante: Isso dá existência a alguma coisa que antes não estava aqui.

KRISHNAMURTI: Fazer alguma coisa que antes não estava aqui é ser criativo?

Interrogante: Não é o que quereis dizer.

KRISHNAMURTI: Não sei. As pessoas dizem que expressão é criatividade. Acompanhai o raciocínio passo a passo — a auto-expressão é criativa. Auto-expressão: que vem a ser auto-expressão?

Interrogante: Esse tipo de criatividade é limitado.

KRISHNAMURTI: Atentai para estas palavras, "Expresso-me, portanto sou criativo." Que significam elas?

Interrogante: Talvez seja uma espécie de terapia, ser capaz de fazer isso.

KRISHNAMURTI: Estais dizendo que, pelo fato de expressar-vos, vós vos tornareis saudáveis, sadios? Prestai atenção: "A auto-expressão é criativa." Pensai nessa frase.

Interrogante: Imagino que seja uma simples identificação consigo mesmo.

KRISHNAMURTI: Olhai apenas. Que é o "eu"? Examinai-o, não aceiteis esses termos: "Estou-me expressando." Que significam eles? Quem é o "eu"? Meus cabelos compridos, meus cabelos curtos, minha raiva, meu ciúme, minhas lembranças, meus prazeres, minha antipatia, meu sexo, meu gozosinho — esse é o "eu"? Esse é o "eu" que quer expressar-se — que é a minha raiva, meu ciúme, meu isto e meu aquilo, seja lá o que for. Será isto criativo? Por conseguinte, que é criatividade? Eis aí uma pergunta imensa. O homem criativo, ou a mente criativa, pensam alguma vez em expressão?

Interrogante: Não.

KRISHNAMURTI: Esperai. Isto é meio difícil. Não digais sim ou não. Quem quer que diga, "Estou-me expressando" deveria levar um chute nos fundilhos.

Interrogante: Expressar alguma coisa não significa ser criativo...

KRISHNAMURTI: Por conseguinte, que quer dizer criatividade? Existo e me expresso — isso é criatividade? Ou só há criatividade quando o "eu" não está? Quando o "eu" diz, "Preciso expressar-me chutando alguém", o "eu" que se expressa é violência. Com que, então, o estado de criatividade consiste na ausência do "eu"? Quando o "eu" está au-

sente, sabeis que sois criativo? Isso é tudo! Entendestes? Quando fazeis alguma coisa levado por um motivo — granjear popularidade, fama, dinheiro — não estais fazendo o que realmente gostais de fazer. Um músico que diz, "Amo a música", mas fica observando quantas pessoas portadoras de títulos de nobreza há no meio do auditório, quanto dinheiro ganhará, não é criativo, não é músico; vale-se da música para tornar-se famoso, para ganhar dinheiro. Portanto, não pode haver criatividade quando agimos movidos por um motivo. Vede-o por vós mesmos.

Por conseguinte, quando dizemos, "Preciso expressar-me", "Preciso ser criativo", "Preciso identificar-me", o que dizemos não tem sentido. Quando efetivamente o vedes, viveis assim e o compreendeis, vossa mente já está livre do "eu".

Pergunta: É válido fazer coisas de beleza?

KRISHNAMURTI: Válido para quem?

Pergunta: Para vós mesmo.

KRISHNAMURTI: Que quereis dizer com "vós mesmo"? Estais lembrados de que falamos em beleza no outro dia? Olhai para essa árvore, para a sombra e para a luz do sol: isso é beleza. Como sabeis o que é belo? Porque alguém vos contou? Um famoso artista pintou um quadro, ou um grande poeta escreveu um poema sobre aquela luz, a árvore, as nuvens, as sombras e o movimento das folhas. E dizeis: "É um grande homem, gosto disso, é bonito." A beleza é alguma coisa que vos chega através de outra pessoa? A beleza é alguma coisa de que vos falaram? Que é, então, o sentido da beleza? Não estou perguntando o que *é* belo, mas que é o *sentido* da beleza? Essa beleza reside no edifício, na árvore, no rosto da pessoa, na música, num poema, nas coisas exteriores? Ou as coisas que vedes se tornam muito mais intensificadas porque tendes esse sentido, o sentido da beleza? Entendeis o que quero dizer? — porque tendes o sentimento da beleza. E assim, quando vedes alguma coisa extraordinária como essa, deliciais-vos com ela porque tendes em vós esse sentido. Agora, como chegais a isto, ou como vos sucede ter este sentido? Como o obtereis? Podereis consegui-lo pelo treinamento, através de uma imagem, de leituras, de estudos, de colecionamento de quadros, da posse de uma casa bonita? Como acontece isto?

Estais lembrados do que dissemos outro dia? Isso acontece quando sois fisicamente muito sensíveis, observando — sensíveis, não somente a vós mesmos, mas também aos outros, a tudo — sensíveis ao quanto comeis, à vossa maneira de sentar, de falar, de andar. Focali-

zarei agora um assunto muito prático. Vi muitos de vós comendo: tocais alguma coisa, lambeis os dedos, e pegais outra coisa — achais que isso é sensível?

Interrogante: Mas aí já está em nosso prato.

KRISHNAMURTI: Não me referi a isso. Podeis fazer o que quiserdes em vosso prato. Mas lambeis o dedo e depois pegais um pedaço de pão.

Pergunta: É anti-higiênico?

KRISHNAMURTI: Não quero provar o vosso cuspo! Vi todos fazerem o mesmo. Primeiro que tudo não é higiênico. Toco em minha boca e depois pego um pedaço de pão ou qualquer outra coisa — estais entendendo? — acabo contaminando o que peguei.

Não tendes consciência do que estais fazendo, fazei-lo automaticamente. Ora, fazer alguma coisa automaticamente não é ser sensível — e pronto. Portanto, quando tomais consciência do fato, das implicações, deixais de fazê-lo. Quando vos sentais para comer, alguns de vós não mastigais a comida, apenas a engolis. Ora, a comida foi feita para ser mastigada. Quando tendes consciência de tudo, tornais-vos sensíveis e ser sensível é ter consciência da beleza, ter o sentido da beleza. E sem o sentido da beleza interna podereis fazer as coisas mais maravilhosas, mas elas não conterão a chama indispensável

13

Pode alguém viver de forma saudável neste mundo insano? A educação em Brockwood está produzindo uma inteligência que funcionará neste mundo? Pode alguém aprender a olhar objetivamente e ver o todo? A necessidade de segurança.

KRISHNAMURTI: No outro dia falávamos em sanidade e mediocridade, e no significado dessas palavras. Perguntávamos se por viver neste lugar como uma comunidade éramos medíocres. E perguntávamos também se éramos totalmente sãos, isto é, fisica, mental e emocionalmente sãos. Somos equilibrados e sadios? Tudo isso está implicado na palavra são e na palavra todo. Estar-nos-emos educando uns aos outros para ser medíocres, ligeiramente insanos, ligeiramente desequilibrados?

O mundo é totalmente insano, insalubre, corrupto. Estaremos produzindo o mesmo desequilíbrio, a mesma insanidade e a mesma corrupção em nossa educação aqui? Eis aí uma pergunta muito séria. Poderemos descobrir-lhe a verdade? — não o que imaginamos dever ser em termos de sanidade, mas averiguar de fato se nos estamos educando uns aos outros para ser efetivamente sãos e não medíocres.

Interrogante: Muitos de nós teremos um emprego ao qual seremos obrigados a ir todos os dias, muitos de nós casaremos e teremos filhos — estas coisas acontecerão.

KRISHNAMURTI: Qual é o vosso lugar neste mundo como ser humano que se supõe tenha sido educado, que precisa ganhar a vida, num mundo onde podeis, ou não, casar, ter a responsabilidade de filhos, de uma casa e de uma hipoteca e podereis ver-vos enredado nisso para o resto da vida?

Interrogante: Talvez estejamos esperando que alguém venha cuidar de nós.

KRISHNAMURTI: Isso quer dizer que deveis ser capazes de fazer alguma coisa. Não podeis dizer simplesmente, "Por favor, cuidai de mim" — ninguém o fará. Não fiqueis deprimidos. Apenas olhai para os fatos, familiarizai-vos com eles, conhecei todas as peças que as pessoas pregam umas nas outras. Os políticos nunca promoverão a reconciliação do mundo, ao contrário; pode não haver uma verdadeira guerra neste momento, mas trava-se uma guerra econômica. Se fordes cientista, sois escravo do governo. Todos os governos são mais ou menos corruptos, alguns mais, outros menos, mas todos são corruptos. Por conseguinte, olhai para tudo sem vos sentirdes deprimidos e sem dizer, "Que hei de fazer, como enfrentarei o mundo, não tenho a capacidade necessária!" Tereis a capacidade; quando souberdes olhar, tereis uma tremenda capacidade.

Portanto, qual é o vosso lugar em tudo isto? Se virdes o todo, podereis fazer aquela pergunta mas, se apenas disserdes a vós mesmos, "Que vou fazer?", sem ver o todo, estareis pego, não haverá resposta para ela.

Interrogante: *A primeira coisa que temos de fazer, sem dúvida, é discutir esses assuntos com franqueza. Mas creio que as pessoas têm um pouco de medo de discutir às claras. Talvez a coisa a que elas realmente dão importância venha a ser ameaçada.*

KRISHNAMURTI: Tendes medo?

Interrogante: *Se eu disser que o que quero é um carro veloz, talvez alguém mo conteste.*

KRISHNAMURTI: Isso precisa ser contestado. Recebo cartas de contestação o tempo todo; tenho sido desafiado desde a infância.

Interrogante: *Há uma coisa, senhor, que sempre me incomoda quando se discutem essas coisas. Diz-se que vivemos numa sociedade industrial altamente mecanizada e que, se alguns de nós podemos optar por deixá-la, é porque outras pessoas vão para o escritório, trabalham e se mecanizam.*

KRISHNAMURTI: Naturalmente.

Pergunta: *Não poderíamos optar por deixar essa sociedade se não fossem essas pessoas que cumprem sua mecanizada e miserável existência?*

KRISHNAMURTI: Não. Como viver neste mundo sem pertencer a ele? Eis a questão. Como viver no meio desta insanidade e, apesar de tudo, permanecer são?

Pergunta: *Estais dizendo que o homem que vai para o escritório e leva uma existência aparentemente mecânica poderia fazer tudo isso e, no*

entanto, ser uma espécie diferente de ser humano? Em outras palavras, não é necessariamente o sistema...

KRISHNAMURTI: Este sistema, seja ele o que for, está mecanizando a mente.

Pergunta: Mas terá *ele de mecanizar a mente?*

KRISHNAMURTI: É o que está acontecendo.

Pergunta: Todos os jovens têm de enfrentar o crescimento, têm de aceitar um emprego que o impõe. Pode haver outra resposta para isso?

KRISHNAMURTI: Minha pergunta é: como viver de forma equilibrada neste mundo insano? Embora eu talvez tenha de ir para um escritório a fim de ganhar a vida, há de haver um coração diferente, uma mente diferente. E eu pergunto: essa mente diferente, esse coração diferente, estão acontecendo aqui, neste lugar? Ou estamos apenas presos a uma rotina monótona e sendo atirados a esse mundo monstruoso?

Interrogante: (1) Por causa da automação, já não há necessidade de ter um serviço de nove a cinco horas de trabalho diário, seis dias por semana. Acontece que este século nos está dando agora o tempo extra para atender ao nosso outro lado.

Interrogante: (2) Mas estávamos dizendo que queremos o lazer e não sabemos utilizá-lo.

Pergunta: (3) Mas não há nada errado em ganhar a vida, há?

KRISHNAMURTI: Eu nunca disse que é errado ganhar a vida; temos de ganhá-la. Eu ganho a minha falando a pessoas em muitos lugares. É o meu trabalho há cinqüenta anos, e estou fazendo o que gosto de fazer. O que faço é realmente o que acho certo, verdadeiro; é o meu modo de vida — que não me foi imposto por ninguém — o meu modo de ganhar a vida.

Interrogante: Só quero dizer que podeis fazê-lo porque há pessoas que pilotam os aviões.

KRISHNAMURTI: Está claro que sei disso: sem essas pessoas eu não poderia viajar. Mas, se não houvesse aviões, eu permaneceria no mesmo lugar, na aldeia em que nasci, e ainda estaria lá fazendo a mesma coisa.

Interrogante: Sim, mas nesta sociedade mecanizada, onde o motivo é o lucro, as coisas estão assim organizadas.

KRISHNAMURTI: Não, outras pessoas fazem o trabalho sujo e eu faço o trabalho limpo.

Pergunta: Por isso tentamos fazer o trabalho limpo?

KRISHNAMURTI: É o que acontece.

Pergunta: Mas, além de ganhar a vida, não temos de começar a compreender que para viver de forma equilibrada e, ao mesmo tempo, ganhar a vida neste mundo, é preciso que ocorra uma revolução interior?

KRISHNAMURTI: Faço a mesma pergunta de maneira diferente. Como poderei viver de forma equilibrada num mundo insano? Isso não quer dizer que não ganharei minha vida, que não casarei, que não assumirei responsabilidades. Para viver de forma equilibrada num mundo insano, preciso rejeitar o mundo e é mister que se opere uma revolução em mim de sorte que eu me torne equilibrado e proceda de forma equilibrada. Eis o que quero provar.

Pergunta: Porque fui criado desequilibradamente tenho de contestar tudo?

KRISHNAMURTI: Nisso consiste a educação. Mandaram-vos para cá, ou aqui chegastes, contaminados por um mundo insano. Não vos iludais, fostes condicionados por esse mundo insano, modelados por gerações passadas — incluindo vossos pais — viestes para cá, e tendes de descondicionar-vos, tendes de sofrer uma mudança tremenda. Está ocorrendo essa mudança? Ou nos limitamos a dizer: "Bem, estamos fazendo um bom trabalhinho, dia após dia" e, quando sairdes, daqui a dois ou quatro anos, dar-vos-eis muito bem com uma pequena miscelânea?

Interrogante: Parece haver um conflito entre o que queremos fazer, o que desejamos fazer, e o que é necessário.

KRISHNAMURTI: Que desejais fazer? Quero ser engenheiro porque vejo que isso dá dinheiro, ou por isto ou por aquilo. Posso confiar nesse desejo? Posso confiar nos meus instintos, que já foram tão torcidos? Posso confiar em meus pensamentos? Que tenho eu que mereça confiança? Portanto, educar é criar uma inteligência que não é mero instinto, nem desejo, nem alguma exigência insignificante, mas uma inteligência que funciona neste mundo.

Nossa educação em Brockwood está-vos ajudando a ser inteligentes? Por essa palavra subentendo: ser muito sensível, não aos vossos próprios desejos, nem às vossas próprias necessidades, mas ao mundo, ao que acontece no mundo. A educação não consiste apenas em dar-vos conhecimentos, senão também em proporcionar-vos a capacidade de ver o mundo objetivamente, de ver o que está acontecendo — as guerras, a destruição, a violência, a brutalidade. A função da educação não é descobrir como viver de maneira diferente, nem passar nos exames, nem obter um diploma, nem lograr certas qualificações. É ajudar-vos a enfrentar o mundo de forma totalmente diferente, inteligente, sabendo que tendes de ganhar a vida, conhecendo todas as responsabilidades,

todas as misérias. Pergunto: isso está sendo feito aqui? O educador está sendo tão educado quanto o aluno?

Pergunta: Vossa pergunta é também minha pergunta: essa educação está acontecendo aqui?

KRISHNAMURTI: Indagais se essa educação está acontecendo aqui em Brockwood a fim de ajudar-vos a ser tão inteligente, tão perceptivo que possais enfrentar a insanidade do mundo? Em caso contrário, de quem é a culpa?

Pergunta: Qual é a base que possibilita essa educação?

KRISHNAMURTI: Dizei-me, por que estais sendo educado?

Interrogante: Realmente não sei.

KRISHNAMURTI: Portanto, precisais descobrir primeiro o que significa educação, não é verdade? Que é educação? A prestação de informações, conhecimentos sobre vários assuntos, um bom adestramento acadêmico? Isso tem de ser, não tem? Milhões de pessoas estão saindo das universidades e faculdades.

Interrogante: Elas nos dão os instrumentos com os quais podemos viver.

KRISHNAMURTI: Mas que mãos vão usá-los? As mesmas que produziram este mundo, as guerras e o resto.

Interrogante: O que quer dizer que os instrumentos estão lá mas, se não houver uma revolução interior, psicológica, usareis esses instrumentos da mesma maneira antiga e a podridão continuará. É a isso que se refere minha pergunta.

KRISHNAMURTI: Se a revolução não ocorre aqui, por que não ocorre? E, se ocorre, estará de fato influindo na mente, ou é ainda uma idéia e não uma realidade, como ter de fazer três refeições por dia? Eis aí uma realidade, alguém tem de cozinhar, não uma idéia.

Por isso mesmo pergunto: esse tipo de educação de que falamos está ocorrendo aqui? Se estiver, deixai-nos descobrir o que é preciso fazer para vitalizá-lo, infundir-lhe vida. Se não estiver, descubramos por que não ocorre.

Interrogante: Ela parece não estar acontecendo em toda a escola.

KRISHNAMURTI: E por que não? Pode estar acontecendo com uns poucos indivíduos aqui e ali — por que não está acontecendo com todos nós?

Interrogante: Acho que é como a semente que quer germinar, mas encontra o solo, à superfície, pesado demais.

KRISHNAMURTI: Já vistes a relva crescendo através do cimento?

Interrogante: (*1*) *E que a semente deve ser fraquinha.* (Risos.)

Pergunta: (*2*) *Acaso compreendemos que somos medíocres e desejamos safar-nos? — aí é que bate o ponto.*

KRISHNAMURTI: Pergunto-vos: Sois medíocres? Não estou empregando a palavra em sentido pejorativo — emprego-a tal como vem descrita no dicionário. Estareis destinado à classe média se vos limitardes a exercer vossas atividadezinhas em lugar de ver o todo — o mundo todo e o vosso lugarzinho especial no todo, e não vice-versa. As pessoas não vêem o todo, estão atrás da satisfação dos seus desejozinhos, dos seus prazerezinhos, das suas vaidadezinhas e brutalidadezinhas, mas se vissem o todo e compreendessem o lugar que ocupam nele, suas relações com o todo seriam muitíssimo diferentes.

Vivendo em Brockwood como estudante numa pequena comunidade, em relação com os professores e colegas, vedes porventura, em seu todo, o que está acontecendo no mundo? Essa é a primeira coisa. Vede-o objetiva, não emocionalmente, sem preconceitos, sem preferências, apenas olhai para ele. Os vários governos não resolverão o problema, nenhum político se interessa por ele. Querem, mais ou menos, manter o *status quo*, com alguma alteraçãozinha aqui e ali. Não visam à unidade do homem, senão à unidade da Inglaterra. Mas mesmo ali os diferentes partidos políticos não dizem, "Juntemo-nos e averigüemos o que é melhor para o homem."

Pergunta: *Mas não dizeis que isso não é possível?*

KRISHNAMURTI: Eles não o estão fazendo.

Pergunta: *E nós estamos?*

KRISHNAMURTI: Estamos observando, somos os primeiros a olhar para o mundo. E quando vedes o todo, qual é o vosso desejo em relação a ele? Se o não virdes, e apenas seguirdes vosso instinto, tendência ou desejo particular, estareis mergulhado na essência da mediocridade, e é isso que está acontecendo no mundo.

Vede bem, nos velhos tempos, a gente realmente séria dizia: "Não queremos nada com o mundo, seremos monges, seremos pregadores, viveremos sem propriedades, sem casamento, sem posição na sociedade. Somos professores, andaremos pelas aldeias e pelo distrito, o povo nos alimentará, ensinar-lhe-emos moral, ensinar-lhe-emos a ser bom para os outros, ensinar-lhe-emos a ser bom, a não odiar." Essas coisas costumavam acontecer, mas já não são possíveis. Só na Índia, onde podeis ir do norte ao sul e do leste ao oeste, esmolando. Envergai certo manto e sereis alimentados e vestidos, porque isso faz parte da tradição hindu.

Mas até a tradição está começando a desaparecer, pois há tantos charlatães!

Por conseguinte, para ganhar a vida, temos de viver neste mundo uma vida inteligente, sadia, não-mecânica. E à educação compete ajudar-nos a ser sadios, não-mecânicos e inteligentes. Continuo a repeti-lo. Ora, como haveremos nós, vós e eu, de discutir esta coisa, descobrir o que realmente somos e verificar se podemos ser totalmente mudados? Primeiro, portanto, olhai para vós mesmos, não o eviteis, não digais, "Como é horrivel, como é feio!" Observai apenas se tendes todas as tendências da insanidade que produziu este mundo feio. E se observardes vossos próprios cacoetes, descobri como mudar. Falemos sobre o assunto, que isso é relacionamento, amizade, afeição, amor. Falai sobre o assunto e dizei: "Sou ganancioso, sinto-me terrivelmente bobo." Isso não pode ser mudado radicalmente? Essas coisas fazem parte da nossa educação.

Interrogante: *Quando me sinto inseguro é que fico bobo.*

KRISHNAMURTI: Naturalmente. Mas tendes certeza? Não teorizeis. Estais procurando segurança? — em alguém, numa profissão, em alguma qualidade, ou numa idéia?

Interrogante: *Precisamos de segurança.*

KRISHNAMURTI: Estais vendo como o defendeis? Averiguai primeiro se estais procurando segurança; não digais que precisamos dela. Veremos então se é necessária ou não, mas verificai primeiro se estais procurando. É claro que sim! Compreendestes o significado e as implicações da palavra "depender"? — depender de dinheiro, de pessoas, de idéias, de coisas que vêm de fora. Depender de alguma crença, ou da imagem que tendes de vós mesmo, de que sois um grande homem, de que possuís isto ou aquilo, conheceis todas as tolices que correm pelo mundo. Daí o precisardes saber quais são as implicações da palavra e se ficastes enredado nessas coisas. Se virdes que dependeis de alguém para a vossa segurança, começais a indagar, começais a aprender. Começais a aprender o que está implícito na dependência, no apego. Na segurança estão envolvidos o medo e o prazer. Quando não há segurança sentis-vos perdido, sentis-vos solitário; e quando vos sentis solitário escapais, através da bebida, das mulheres ou do que quer que façais. Agis neuroticamente porque, na realidade, ainda não resolvestes o problema.

Aprendei, portanto, o que são, na realidade e não em teoria, o sentido, o significado e as implicações daquela palavra. Aprendei: isso faz parte da nossa educação. Dependo de certas pessoas. Dependo delas

para a minha segurança, para a minha salvaguarda, para o meu dinheiro, para o meu prazer, etc. Portanto, quando elas fazem alguma coisa que me perturba, fico assustado, irritado, colérico, invejoso, frustrado, e depois corro a enfiar minhas garras em outra pessoa. O mesmo problema se repete a todo momento. Por isso digo a mim mesmo, deixai-me primeiro compreender o que isso denota. Preciso ter dinheiro, comida, roupas e abrigo, que são coisas normais. Mas quando entra em cena o dinheiro, todo o ciclo começa. Por isso preciso aprender e saber tudo; não depois de me haver comprometido, pois então será demasiado tarde. Comprometo-me casando com alguém e depois sou apanhado, torno-me dependente, a batalha principia, desejo estar livre e estou preso à responsabilidade, à hipoteca.

Eis aí um problema: Tungki diz, "Preciso ter segurança." E eu respondo: antes de dizer "Preciso", averiguai o que significa, aprendei.

Interrogante: *Preciso ter alimentos, roupas e uma casa.*

KRISHNAMURTI: Sim, continuai.

Interrogante: *Para ter tudo isso preciso ganhar dinheiro em quantidade suficiente.*

KRISHNAMURTI: Por isso fazeis o que podeis. E que acontece?

Pergunta: *Para ganhar esse dinheiro dependo de alguém...*

KRISHNAMURTI: Dependeis da sociedade, do vosso cliente, do vosso empregador, que vos persegue, brutal, por toda a parte. Aceitai-lo porque dependeis dele. É o que está acontecendo, praticamente, no mundo inteiro. Tende a bontade de olhar primeiro para ele, como fazeis com um mapa. Dizeis: Preciso ganhar a vida. Sei que, para ganhar minha vida, dependo da sociedade. Isso exige tantas horas por dia durante cinco ou seis dias por semana e, se nãc ganhar minha vida, não terei nada. E também dependo interiormente de minha esposa, de um padre ou de um conselheiro — estais compreendendo?

Interrogante: *Por isso é que, sabendo de tudo, não me casarei. Vejo a dependência, todas as dificuldades que virão.*

KRISHNAMURTI: Não estais aprendendo. Não digais que não vos casareis, vede primeiro qual é o problema. Preciso de alimentos, roupas e abrigo, estas são necessidades primárias e, para prover a elas, dependo da sociedade, comunista ou capitalista. Sei disso e vou dirigir o olhar para outras direções; necessito de segurança emocional, o que se traduz por dependência de alguém, de minha esposa, dos amigos, dos vizinhos, não importa de quem. E quando dependo de alguém, sempre existe o medo. Estou aprendendo, não estou dizendo o que fazer. Dependo de vós, sois meu irmão, minha esposa, meu marido e, quando

vos afastais, sinto-me perdido, assustado — faço coisas neuróticas. Vejo que a dependência das pessoas conduz a isso.

Também pergunto: Porventura dependo de idéias? Da crença de que existe um Deus — ou de que não existe — de que precisamos instaurar a fraternidade universal, ou seja lá o que for? Eis aí outra dependência. E vós apareceis e dizeis: "Que porcaria é essa? Estais vivendo num mundo de ilusão." Abalado, pergunto: "Que devo fazer?" Em seguida, em lugar de aprender, adiro a outro culto qualquer. Estais vendo tudo isso? Descobris que, em vós mesmos, sois insuficientes e, portanto, dependentes? Depois procurais em vós a suficiência: "Estou bem, encontrei Deus, o em que acredito é real, minha experiência é verdadeira." E assim perguntais: que é o que há ali tão seguro que nunca se perturba?

Interrogante: *Não vejo a dependência das duas coisas de que faláveis...*

KRISHNAMURTI: Estamos perguntando o que significam as implicações do desejo de segurança. Estamos examinando o mapa da segurança. Este mostra que dependo de comida, roupas e abrigo por trabalhar numa sociedade corrupta — e vejo o que faz a dependência das pessoas. Não estou dizendo que isto deveria ou não deveria ser. Diz o mapa: esta estrada conduz ao medo, ao prazer, à cólera, à realização, à frustração e à neurose. E diz igualmente: olhai para o mundo das idéias, a dependência das idéias é a forma mais inconsciente de segurança, são apenas palavras que se transformaram em realidade como imagem; vive-se de uma imagem. E admoesta o mapa: sede auto-suficiente. Portanto, dependo de mim mesmo, preciso ter confiança em mim. Que sois vós mesmo? O resultado de tudo isso. O mapa vos mostrou, pois, todas essas coisas e agora perguntais: "Onde há segurança completa — incluindo um emprego e o resto?" Onde o encontrareis?

Interrogante: *Encontrá-lo-eis quando deixardes de ter medos.*

KRISHNAMURTI: Não compreendestes o que estou dizendo. Ponde o mapa diante de vós. Olhai para ele: segurança física, segurança emocional, segurança intelectual e segurança em vossos pensamentos, em vossos sentimentos, em vossa autoconfiança. Como tudo isso é delicado e inconsistente, dizeis. Olhando para tudo, vedes sua inconsistência, sua invalidade, sua falta de realidade, e perguntais: Onde está a segurança? É o aprendê-lo que traz inteligência. Portanto, na inteligência há segurança. Compreendestes?

Pergunta: *Pode alguém viver sem segurança?*

KRISHNAMURTI: Não aprendestes a olhar primeiro. Só sabeis olhar através da vossa imagem particular, que vos deu o sentimento de segurança. Por conseguinte, aprendei a olhar para o mapa, ponde de lado a imagem do que cuidais seja a segurança — de que precisais tê-la — e olhai apenas. Quais são as implicações do desejo de segurança? Quando descobrirdes que não há segurança no que procurastes, que não há segurança na morte, não há segurança na vida, quando virdes tudo isso, o próprio ver que não há segurança nas coisas em que a buscamos é inteligência. Essa inteligência vos dá completa segurança.

Portanto, no aprendizado reside o princípio da segurança. O ato de aprender é inteligência, e no aprendizado há tremenda segurança. Estais aprendendo aqui?

Interrogante: Na família dizem que é preciso amanhar a vida, ter certa quantidade de conhecimentos. Há essa idéia de segurança, necessidade básica.

KRISHNAMURTI: Sim, Tungki, é isso mesmo. Vossa família, a tradição, diz que precisais ter segurança física, um emprego, conhecimentos, uma técnica, que precisais especializar-vos, que precisais ser isto, ser aquilo, a fim de ter segurança.

Interrogante: É uma idéia.

KRISHNAMURTI: Preciso de dinheiro, isso não é uma idéia — tudo o mais é uma idéia. A realidade é a continuidade física na segurança; tudo o mais carece de realidade. E vê-lo é inteligência. Nessa inteligência há a mais completa segurança; posso viver em qualquer lugar, no mundo comunista ou no mundo capitalista.

Estais lembrados de que dissemos no outro dia que meditar é observar? Tal é o princípio da meditação. Não podereis observar este mapa se sofrerdes a menor distorção em vossa mente, se vossa mente estiver distorcida pelo preconceito, pelo medo. Olhar para o mapa é olhar sem preconceito. Portanto, aprendei meditando o que é ser livre de preconceitos; isso faz parte da meditação, não basta sentar-vos de pernas cruzadas em algum lugar. Isso vos torna tremendamente responsável, não só por vós mesmo e pelo vosso relacionamento mas também por tudo o mais, o jardim, as árvores, as pessoas ao redor de vós — tudo se torna importantíssimo.

Ser sério é também divertir-se. Não se pode ser sério sem se divertir. Falamos no outro dia sobre ioga, não falamos? Mostrei-vos alguns exercícios respiratórios. Deveis fazer tudo aquilo com alegria, apreciando as coisas — estais entendendo?

Interrogante: Há certas coisas, como o aprender, que não creio seja possível discutir com um sentido de prazer.

KRISHNAMURTI: É claro que é possível! Vede bem, Tungki, aprender é divertido. Ver coisas novas é muito divertido; dá-nos uma energia tremenda o fazermos, nós mesmos, um grande descobrimento — não é como se outra pessoa o tivesse feito e depois nos falasse sobre ele, isso já seria um conhecimento de segunda mão. Mas quando estais aprendendo é divertido ver algo totalmente novo, como descobrir um novo inseto, uma nova espécie. Descobrir como trabalha minha mente, ver todos os matizes, todas as sutilezas: aprender essas coisas é divertido.

14

A violência no mundo. A compreensão da desordem e as origens da violência. O verdadeiro trabalho consiste em "compreender se estais vivendo na desordem".

KRISHNAMURTI: Acabo de voltar da Índia. Notei que as coisas estão indo muito mal, que o mundo se encontra num estado peculiar, destrutivo, está degenerando, as pessoas não querem trabalhar, há greves. Aparentemente, a guerra acabou no Vietnã mas, na verdade, ali não há paz. O mundo comunista também está muito perturbado; a corrupção campeia em toda a parte, a corrupção no sentido não só de passar o dinheiro por baixo da mesa, mas também no sentido de que todo o mundo pensa egoisticamente, fragmentariamente, e pensa em círculos. E nossos artistas também não podem ir mais longe, chegaram ao fim das coisas. Tentaram todos os tipos de expressão e atingiram um ponto em que não podem ir mais longe. E a pobreza, como na Índia, da qual não conheceis absolutamente nada, está-se espalhando, sobretudo onde há secas rigorosas. Com a pobreza vem a degradação, vêm todas as violências. Coisas terríveis estão acontecendo na América do Sul, no Brasil, etc. Não sei se tendes consciência de tudo isso: é provável que estejais estudando história contemporânea, eventos contemporâneos, e nós nos perguntamos qual será o resultado desse estado de coisas. Tereis de enfrentá-lo quando sairdes daqui.

Portanto, qual é a relação entre esta comunidade e a vasta comunidade do mundo? Que é o que vai acontecer a todos vós? Não estou fazendo uma pergunta retórica, nem apenas uma pergunta intelectualmente estimulante. Ao sairdes daqui, qual será o vosso destino — se me for permitido empregar essa palavra — que é o que vai acontecer? Sabeis trabalhar, tanto intelectual quanto fisicamente e, dessarte, fazer pé firme contra a corrente que está levando tudo de roldão — a corrente do comercialismo e do vasto egoísmo? Ou sereis arrastados por

ela sem o saber, ou sereis arrastados sabendo-o e, se souberdes trabalhar, estudar, utilizar a mente, podereis ajustar-vos a ela. Sereis sugados pela corrente ou ficareis sozinhos?

Assim, quem chega a Brockwood e vê a beleza do inverno, as árvores nuas, as linhas graciosas dos galhos, a paz e a quietude, a beleza do lugar, sente-se chocado pelo contraste de tudo isso. E põe-se a imaginar se Brockwood vos oferece a oportunidade — ou pode oferecer-vos sem que a utilizeis — de usar com eficácia vosso cérebro, vossas capacidades intelectuais, físicas e psicológicas mais elevadas. Sente vontade de chorar pelas coisas que acontecem lá fora, quando aqui está um grupo, uma comunidade de gente séria, refletida, onde caminham juntas as idéias, a liberdade e o que se convencionou chamar disciplina. Ou liberdade é uma palavra que se emprega mal e significa fazer o que se quer?

Que é o que estamos fazendo juntos aqui? Brockwood é uma comunidade, o que se denomina um centro educacional. Não sei se a palavra "educação" será, afinal de contas, a palavra certa. Quando se emprega tal como é geralmente compreendida, significa aprender em livros, armazenando informações e usando-as egoisticamente numa causa particular ou numa seita particular, de modo que a pessoa que as usa cresce em importância na seita ou na organização. Em regra geral é o que acontece. Estamos usando nossas mentes em sua mais alta capacidade, ou estamos apenas diminuindo a nossa marcha? Vamos, quero saber o que dizeis, o que pensais. Receio que tenhamos de ser terrivelmente sérios, embora possais rir, brincar e divertir-vos; no íntimo, temos de ser terrivelmente sérios neste mundo — estais em dificuldades.

Como respondereis mais tarde? Isso depende do que estiverdes fazendo agora. Se observastes o que está acontecendo no mundo, como está fragmentado, quebrado, cada qual combatendo o outro comercial, intelectual e emocionalmente; os diferentes tipos de guerras, econômicas, sociais, de classes, além das guerras comuns de carnificina, mais o culto do êxito. Tereis de enfrentar tudo isso. Tendes capacidade para enxergá-lo e entrar no jogo? Creio que Brockwood vos oferece a oportunidade de ter essa força interior, que vos fará resistir a tudo. Depende de vós o utilizá-la ou não, como depende também, naturalmente, das pessoas adultas. Por isso acho muito importante saber o que significa trabalhar; fisicamente com as mãos, psicologicamente com a mente — trabalhar com afinco. Estai-lo fazendo aqui? Ou está tudo meio frouxo? Ou dizeis: "Temos liberdade para fazer o que queremos"?

Interrogante: *Que trabalho há que fazer além de ver todos os problemas? Quero dizer, esse é o trabalho, não é?*

KRISHNAMURTI: Mas como vedes os problemas? Basta estar vivo e um pouco alerta para ver os problemas.

Interrogante: É preciso ver como reagis, ou como agis.

KRISHNAMURTI: Como reagis? Estais vendo tudo isso como se se passasse "lá fora", ou o vedes em relação a vós?

Interrogante: Vejo-o como expressão. Como arte. Todos os problemas são expressões.

KRISHNAMURTI: Levais em conta tudo o que faz parte de vós? Ou não pertenceis a isto? Sois algum estranho olhando para dentro? Ou olhais sem ser um estranho? Observais tudo: o culto do êxito, a brutalidade, o culto intelectual das coisas, a armazenagem do conhecimento? Sois tudo isso ou sois diferente de tudo isso?

Interogante: Não me sinto uma coisa nem outra.

KRISHNAMURTI: Tudo resulta da nossa cobiça, da nossa ambição, da nossa vontade de competição, do nosso culto do êxito, em que nos afirmamos, da nossa desconsideração — estais livres de tudo?

Interrogante: Talvez não estejamos livres mas, neste momento, não fazemos parte disso.

KRISHNAMURTI: Podeis estar livres. Mas, se não estiverdes, tendes consciência de que fazeis parte disso?

Interrogante: Todos os dias podeis dizer: "Não faço parte desse fumar, desse beber" — mas isso pode acontecer-vos qualquer dia. Até quando estais em vosso quarto, interiormente tranqüilo, podeis ser egoísta...

KRISHNAMURTI: O que quero dizer é o seguinte: encarais tudo como algo diferente de vós, ou sois parte do todo? Haverá momentos em que o não sereis — talvez não o sejais quando estiverdes pensando calmamente — mas, enquanto for egoísta, ambiciosa, gananciosa, possessiva, a pessoa o será.

Interrogante: Em Brockwood podemos sentir que não somos parte disso ou, de certo modo, nos iludimos pensando que não o somos.

KRISHNAMURTI: Não sei, estou perguntando. Podeis estar enganados ao pensar: "Somos diferentes, somos jovens, ainda não precisamos preocupar-nos com o problema." Se não cavarmos os alicerces agora, quando jovens, não vejo como os cavareis mais tarde. Dentro de dez anos, mais ou menos, todos estareis casados e com filhos.

Interrogante: Há uma tendência para discriminar entre o que é ruim e o que é necessário. Passando a coisas práticas, temos de associar-nos, ou nos veremos envolvidos em tudo o que está aqui. Exemplo simples

é o trabalho no jardim — é bom trabalhar lá fora quando há sol e faz calor...

KRISHNAMURTI: Sim, mas é terrível num dia como este. E então, que pretendeis fazer, todos vós? Que futuro vos espera? Que desejais fazer? Ou ainda não pensastes no assunto? Se ainda não pensastes, esperai um pouco, talvez sejais mesmo demasiado jovens para pensar nisso. Mas se pensais, que vai acontecer-vos?

Pergunta: Não compreendo muito bem o que quereis dizer. É o que podemos fazer ou o que achamos que queremos fazer?

KRISHNAMURTI: As duas coisas. Podeis separar o que podeis fazer do que quereis fazer? Que é o que quereis fazer?

Interrogante: Posso dizer-vos o que não quero fazer. Não quero ser parte do que estou vendo.

KRISHNAMURTI: Posso não querer ser parte de toda essa embrulhada, mas tenho de fazer alguma coisa. Não posso limitar-me a dizer, "Não quero ser isso" e ficar no meu quarto. Preciso comer, preciso vestir-me, preciso abrigar-me.

Interrogante: Podeis trabalhar. Podeis sair daqui e arranjar um emprego.

KRISHNAMURTI: Que é o que a mente deseja fazer neste mundo?

Interrogante: Podeis arranjar um emprego.

KRISHNAMURTI: O emprego não resolve. Posso arranjar um emprego se tiver sorte, como posso viver à custa de alguém. Conheci um homem que saiu de Nova Iorque pedindo carona e deu um jeito de cruzar o oceano e viajar, pedindo carona, de Paris a Deli. Compreendeis o que isso significa? Sendo brâmane e vegetariano, durante toda a viagem se alimentou de pepinos, umas poucas frutas e uma laranja de vez em quando no espaço de três semanas. E declarou: "Quero ir para a Índia e, lá chegando, passarei o resto da vida como um homem realmente religioso" — seja lá o que for que isso signifique. Pois bem, que vai acontecer-vos? — Estou realmente interessado.

Interrogante: Ao que parece, quanto mais olho para as coisas, tanto menos quero fazer.

KRISHNAMURTI: Tanto menos quereis fazer qualquer coisa.

Interrogante: Num sentido, sim. Nada que diga respeito a negócios, pois a maioria das coisas se prende a eles.

KRISHNAMURTI: Sim, mas, mesmo assim, que fareis? Não podeis ficar aí sentado, dizendo, "Não farei nada". Tereis de comer, tereis de vestir-vos e tereis de pagar para dormir em algum lugar.

Interrogante: Há tão poucas coisas que se podem fazer!

KRISHNAMURTI: Serão tão poucas assim? Quereis viajar para a Índia pedindo carona? Não, não o façais. Haverá tão poucas coisas para fazer sem vos envolverdes na confusão?

Interrogante: Eu quisera antes examinar tudo o que se pode fazer, mas tudo parece tão contaminado pela confusão!

KRISHNAMURTI: O que dá a entender que tudo o que fizerdes estará contaminado — é assim?

Interrogante: Teremos de lidar com isso.

KRISHNAMURTI: E como lidareis? Tendes de pagar impostos, etc. Entrareis para um mosteiro — é o que muita gente está fazendo — mas gostareis desse gênero de vida? Ou essa questão tem pouca importância para pessoas ainda muito jovens? O fato é que já sois velho bastante para saber que, se não cavardes os alicerces agora e não observardes — não analiticamente — vossas reações, e por que se verificam, será muito difícil enfrentar a situação.

Pergunta: Eu gostaria de saber se a gente pode sobreviver quando colocado num lugar em que todos lutam entre si.

KRISHNAMURTI: Sim, colocai-vos nessa posição. Pensastes em violência? Que é o que está envolvido na violência, como surge, qual é a sua estrutura? Há a violência física e a violência da obediência — obedeceis e, portanto, sois violento? Entendeis o que quero dizer? Quando obedeço, suprimo o que penso, mas a supressão explodirá um dia. Portanto, há violência física e violência produzida pela obediência, a violência da competitividade, da conformidade. Quando me conformo com um padrão estou sendo violento — percebeis a conexão? Quando vivo uma vida de fragmentação — isto é, quando penso uma coisa e digo outra, faço outra — isso é fragmentação e também gera violência. Posso ser muito calmo, muito delicado, fazer todo o trabalho que me pedem para fazer, mas expludo: o que indica que houve supressão em mim. Daí a violência não ser apenas a violência física, mas uma questão muito complexa. E se não pensastes nisso, quando vos virdes em face da violência reagireis de maneira muito pouco inteligente.

Pergunta: Não se pode viver neste mundo sem nenhuma violência?

KRISHNAMURTI: Averiguai, *trabalhai.* Descobri como viver uma vida em que não haja violência.

Pergunta: Há um minuto falastes em supressão. Talvez aqui, se discutirmos as coisas, ela possa surgir e não ser suprimida. Não sei se se trata de alguma forma de supressão.

KRISHNAMURTI: Tomemos uma coisa por vez. Sabeis o que é a violência física, a cólera, as vias de fato, a intimidação verbal. Essa é uma espécie de violência. Obediência é violência, não é? Ou direis que não? Obedeço quando me conservo do lado esquerdo da estrada — isso é violência?

Interrogante: *Não. Isso é inteligência, porque, se o não fizerdes, sereis atropelado.*

KRISHNAMURTI: Que significa o quê?

Interrogante: *Um fato.*

KRISHNAMURTI: Portanto, há fatos. E que mais? Continuai.

Interrogante: *E coisas que produzimos em nossa cabeça, mas que, na realidade, não existem.*

KRISHNAMURTI: Obedeço à lei que manda que eu me conserve à direira na Europa e à esquerda na Inglaterra. Isso é violência? É claro que não. O fato de obedecerdes a alguém que julgais superior em conhecimentos será violência? Eu vos ensino matemática e vós a discutis comigo, mas nisso há uma espécie de imitação, conformidade e obediência, não há? Será violência? A sociedade diz que precisais matar maometanos ou comunistas — isso é violência?

Interrogante: *É.*

KRISHNAMURTI: Por quê? Porque envolve não só a violência física, mas também o chamado amor da pátria, o nacionalismo, a divisão dos homens em ingleses, alemães, russos ou maometanos — o que é uma forma de violência. Assim sendo, precisais de introvisão para ver onde a obediência é violência e onde não é. Vedes a diferença? Eu me conformo, imito quando me conservo à esquerda. Visto calças neste país mas, quando estou na Índia, envergo um trajo indiano — será conformidade? E, interiormente, conformo-me com ser hindu, com minha tradição, com minhas crenças — não será violência? Por conseguinte, onde está a linha entre a violência e a percepção de que a liberdade é ordem? Toda violência é desordem. Não interpreteis mal o que estou dizendo e não digais mais tarde, "Não me conformarei" como pretexto para fazer algo tolo. O mundo inteiro está envolto em violência, em desordens de diferentes categorias. No mundo dos negócios há uma desordem tremenda, conquanto existam companhias maravilhosas, dirigidas com suma eficiência; mas elas lutam entre si — há desordem.

Por isso vejo desordem, e a libertação da desordem é ordem — certo? Cumpre que haja inteligência ou introvisão para ver que *qual-*

quer movimento no sentido da desordem é violência. Se eu vestir calças neste país, será conformidade? Para mim, não. Mas é conformidade dizer, "Sou hindu, é minha tradição, minha crença, meu costume." Por isso não me conformarei, porque a conformidade, nesse caso, conduz à desordem. Por isso varro o hinduísmo do meu sangue. Essa é a verdadeira liberdade. Que significa obedecer? "Deveríeis fazer isso", "Conservai a esquerda", "Ide à igreja", ou "Sois inglês". Quando tiverdes consciência dos fatores da desordem, sereis livre porque, então, haverá ordem em nossa vida.

Esta é a verdadeira educação: viver uma vida de tremenda ordem, em que a obediência é compreendida, em que se vê onde a conformidade é necessária e onde é totalmente desnecessária, e onde se vê quando estais imitando.

Pergunta: Diríeis que, ao imitar interiormente, tendes conflito? Por exemplo, quando aprendeis um idioma e o fazeis por achar que tendes de fazê-lo.

KRISHNAMURTI: Não há nada que *tendes* de fazer. Se fordes forçado pelas circunstâncias, será violência. O pertencer a uma seita, a um grupo, a um país é realmente violência, porque separa as pessoas. Vejo-o acontecer — estou-o fazendo? Descobrir se o estou fazendo é trabalho de verdade, é o que entendo por trabalho, e não apenas jardinar, cozinhar e estudar; isso também é, mas o verdadeiro trabalho consiste em ver, compreender se viveis em desordem. Podeis ter uma tremenda ordem exterior, vestir roupas limpas, lavar-vos e ser pontuais em todas as refeições, mas a verdadeira ordem é interna. E porque estais em ordem fareis as coisas de maneira ordenada. Se disserdes, "Vou tratar do jardim", tratareis do jardim, quer faça bom, quer faça mau tempo. Oh, vós não trabalhais — já fiz todas essas coisas!

Interrogante: Nós o aprendemos fazendo-o. Não estamos sugerindo que nos recolhamos aos nossos quartos para descobri-lo.

KRISHNAMURTI: Santo Deus, não! Aprendeis enquanto o fazeis. Fazendo é que se aprende.

Interrogante: Para descobrir se estamos cooperando ou se nos estamos conformando: se estivermos cooperando, não haverá contradições.

KRISHNAMURTI: Ou tendes de cooperar porque sois compelido a fazê-lo, ou circunstâncias violentas vos compelirão. Ou desejais cooperar, gostais de cooperar, quereis fazer as coisas juntos. Isso é ordem; não posso viver sozinho no meu quarto.

Pergunta: E não há aí nenhuma contradição?

KRISHNAMURTI: É evidente que não. Mas se me compelirdes, ou se as circunstâncias me compelirem, ou se eu achar que não o fazendo serei desprezado, haverá violência. Não a haverá, todavia, se eu vir que precisamos trabalhar juntos, que a vida é trabalho feito em conjunto, que não posso viver sozinho. Afinal de contas, descubro se sou violento fazendo coisas convosco — brincando, conversando, prestando atenção ao que dizeis. Descubro-o em nosso relacionamento. De outro modo não poderei averiguar, não poderei sentar-me em meu quarto e tentar descobrir se sou violento. Posso imaginar que o não sou, mas a verdadeira prova, a verdadeira ação surge no relacionamento. Isso é trabalho de verdade. E, se o fizerdes, tereis tremenda energia, porque vossa vida estará em ordem.

15

Qual é a função do professor? Três correntes de trabalho. A função de Brockwood.

REUNIÃO SÓ COM O PESSOAL

KRISHNAMURTI: Não sei se refletistes no que conversamos outro dia: como o conhecimento condiciona a mente e se é possível ensinar fatos, dar informações, etc. — e tudo isso é conhecimento — sem condicionar a mente. Tem-se dado tremenda importância ao conhecimento. Para algumas mentes indianas o conhecimento é um caminho para Deus. No Oriente, se não me engano, o conhecimento representa um modo de vida em que o próprio estudo dos livros sagrados — o Talmude, os vários Sutras e o Corão — a memorização e a repetição dos textos, vos aproxima do que eles denominam Deus, Alá ou Jeová.

Estamos dizendo que o condicionamento se verifica não só culturalmente, no sentido da religião, da moral social, etc., mas também através do próprio conhecimento. Será possível ensinar aos alunos e a nós mesmos a libertar a mente do conhecimento e, apesar disso, a usar o conhecimento sem obrigar a mente a funcionar de modo mecânico? Se eu fosse professor aqui, estaria preocupadíssimo com a forma de provocar esse descondicionamento em mim mesmo e no aluno. Abordamos o mesmo aspecto da matéria: no próprio ato de ensinar inteiro-me do meu condicionamento, percebo o condicionamento da criança e aprendo a descondicionar a mente. Pois bem, podemos abordar a questão de saber se o conhecimento condiciona a mente e, se o faz, como será possível impedi-lo; como não afeiçoar a mente no próprio ato de ensinar e dar informação.

Interrogante: O próprio conhecimento não vos condiciona a mente. É a vossa atitude para com o conhecimento que a condiciona; o simples fato de ter os fatos na cabeça não vos condiciona a mente.

KRISHNAMURTI: Por que hei de carregar os fatos na mente? O lugar deles é na enciclopédia, nos livros — por que os carregaria eu na mente?

Interrogante: Grande parte da função da mente se processa num nível em que o conhecimento como instrumento é necessário.

KRISHNAMURTI: Se eu quiser construir uma ponte precisarei ter conhecimentos e experiência, necessitarei de informações técnicas, que utilizarei na construção da ponte. Vejo a necessidade de conservar certos conhecimentos na mente, mas como impedirei que eles sejam mal empregados pelo engenheiro que diz: "Utilizá-los-ei para o meu próprio progresso"? É esse o problema?

Interrogante: (1) *Sim, o mau emprego.*

Pergunta: (2) *Não será também para que a mente possa ficar quieta? Saímos para um passeio e pensamos em construir a ponte em vez de olhar para as árvores.*

KRISHNAMURTI: Mas se eu tiver de construir a ponte terei de pensar muito nisso.

Interrogante: Tudo parece indicar que quanto mais conhecimentos e informações eu puder transportar confortavelmente na mente melhor será para mim, pois não precisarei procurá-los nos livros. Poderei reportar-me a eles com muita facilidade.

KRISHNAMURTI: Então, qual é a função do conhecimento? Aqui estais vós, lecionando matemática, geografia, biologia, etc.; qual é a função dele na vida?

Interrogante: É um instrumento que o indivíduo pode usar em sua ação.

KRISHNAMURTI: Ação numa determinada direção.

Pergunta: É o fundo de que vos abasteceis em vossa ação, sejam eles conhecimentos tirados da experiência, sejam tirados de um livro.

KRISHNAMURTI: Eu falava ontem, em Londres, com os pais de um rapaz de dezenove anos. Quando completou dezoito, nas vésperas de entrar para a universidade, o moço largou tudo, pôs-se a tomar drogas e a dar todo o dinheiro que tinha a um guru. Agora medita durante uma hora por dia. Os pais, preocupados, perguntam: "Que vai acontecer-lhe?"

Que vai acontecer a estes rapazes e moças que temos aqui depois que os tiverdes ensinado, dando-lhes todas as informações sobre arte, música, geometria, história e inglês, sejam elas quais forem? Adquiriram todo o maravilhoso conhecimento técnico e, agora, que vai acontecer-lhes? Esse conhecimento os converterá em funcionários glorificados de uma sociedade podre? Para quê? Se um rapaz não for para a

universidade e não tirar um diploma, encontrará muita dificuldade para conseguir um emprego, a não ser que possua alguma qualidade particular. Portanto, que estamos tentando fazer? Damos-lhes todos esses conhecimentos e depois deixamos um vasto campo, a outra parte da vida, ao Deus dará. Sabeis o que quero dizer?

Interrogante: (1) *Não sei se ele está ao Deus dará. O estudante descobre, no correr dos estudos, o que lhe agrada fazer, onde colocar sua energia. Descobre, pouco a pouco, o que pode passar a vida fazendo.*

Interrogante: (2) *Também entra em contato com outros valores, porque ouvimos juntos as vossas palestras e, na medida do possível, aplicamo-las ao nosso relacionamento com o estudante.*

Interrogante: (3) *Mas o estudante tem de obter um sentido de finalidade na vida que transcende as realizações intelectuais responsáveis pelo seu viver cotidiano. Sua visão tem de englobar todo o quadro da vida: "Para que estou vivendo?"*

Pergunta: (4) *Pode um jovem responder a essa pergunta?*

Interrogante: (5) *Podemos começar a indagar...*

Interrogante: (6) *Há uma grande dose de incerteza na mente dos jovens, e na de outras pessoas também, a respeito da área em que os conhecimentos são bons e úteis e das áreas em que são irrelevantes, em que a roda desanda. Creio que a confusão entre as duas surge amiúde entre os jovens, entre as pessoas que ouvem vossas palestras e já leram vossos livros. De certo modo é claro, apesar da confusão, onde fica a fronteira entre as duas.*

KRISHNAMURTI: Posso formular a pergunta de maneira diferente? Qual é a função do professor?

Interrogante: *Indicar um modo de viver.*

KRISHNAMURTI: Pondo de parte o "O "mestre é o ensinado" — qual é a função do professor?

Pergunta: *Não pode ser a de inspirar o aluno com a espécie de energia que ele depois continua a usar por conta própria?*

KRISHNAMURTI: Vós inspirais vossos alunos? Não gosto da palavra "inspirar". Não quero inspirar ninguém — quem sou eu?

Interrogante: *Não os inspirais, libertai-los para sua própria energia. Removeis o que os estorva.*

KRISHNAMURTI: É essa a função do professor? — fazê-los estudar, inspirá-los, alentá-los ou estimulá-los para estudar quando não estão interessados? Dizeis que temos de ajudá-los a encontrar sua finalidade na vida.

Interrogante: Descobrir em que consiste a vida no sentido de saber onde é que eu, como indivíduo, me enquadro no conjunto da existência.

KRISHNAMURTI: Olhai para o que acontece no mundo. Milhares de rapazes deixam a universidade, entregam-se às drogas, experimentam o sexo individual ou em grupo, fogem, ingressam em comunidades ou seitas apavorantes, raspam a cabeça, dançam nas ruas, dão todo o seu dinheiro a um guru.

Interrogante: Isso acontece porque não têm a educação certa.

KRISHNAMURTI: Estamos dando-lhes a educação certa?

Interrogante: Se estivermos, eles não farão essas coisas.

KRISHNAMURTI: Não, não se trata do que eles farão ou não. Que estamos tentando fazer como professores? Damos-lhes comida vegetariana, pedimos-lhes que se levantem na hora certa, que sejam asseados, que penteiem e escovem os cabelos, tentamos recomendar-lhes que se ajustem. Que estamos, basicamente, tentando fazer aqui?

Interrogante: O principal é ter consciência do nosso condicionamento no relacionamento com a criança.

KRISHNAMURTI: Não.

Interrogante: Na verdade, temos de gastar muito tempo em nosso relacionamento com a criança, mostrando tudo o que ela faz todos os dias, como correr pelos corredores. Dessa maneira, estamos quase fadados a estragar esse relacionamento. Vede bem, uma criança aqui não tem uma mãe, tem vinte, trinta mães — todas se revezam para mostrar-lhe o que está fazendo errado. O que eu gostaria de saber é que espécie de educação, que tipo de abordagem temos de usar com a criança para fazê-la desistir de correr pelos corredores.

KRISHNAMURTI: Não. Eu gostaria de olhar para isso de outro jeito — pode ser que o errado seja eu. Sabemos o que acontece no mundo; politicamente todos os governos são corruptos, corruptos de fato, não superficial mas profundamente. E há todos esses gurus, espalhados pelo mundo, que arrecadam dinheiro e adeptos, e distorcem as mentes dos jovens; e há as drogas de várias espécies, há o exército, há os negócios. Vendo o que acontece, não abstrata mas realmente, que estamos tentando fazer com essas crianças? Obrigá-las a enquadrar-se?

Interrogante: Em parte, fazê-las ver tudo isso também; pois tudo está, em parte, refletido em nosso meio.

KRISHNAMURTI: Não. Sejamos um pouco mais concretos, um pouco mais diretos. Que estamos tentando fazer?

Interrogante: (1) *Eu desejo incentivá-las a olhar para a vida com maior seriedade. Elas parecem muito casuais e relaxadas, sobretudo as mais novas.*

Interrogante: (2) *A educação sempre foi mais importante para mim nos momentos em que meu horizonte mental se viu subitamente alargado pela influência de um professor ou por algum impacto cultural. Havia a expansão de um sentido de valores que colocava as coisas em perspectiva.*

Interrogante: (3) *A tônica é o sentido de valores num mundo em que tudo se permite.*

Pergunta: (4) *Não estamos tentando descobrir como se vive de maneira diferente? Iniciaram-se meios tão feios, os meios de fazer tudo o que se deseja, o que é tão superficial e tão sem sentido. Talvez exista outro meio para a criança em que haja infinita profundidade.*

Interrogante: (5) *A personalidade da pessoa que traz alguma coisa para a criança tem de ser aceita por esta. A criança sente que somos mais ou menos comuns — não vejo por que deveria dar-nos atenção. Em primeiro lugar, creio que teremos de produzir uma nova qualidade em nós mesmos.*

Interrogante: (6) *Teremos, Doris? Em primeiro lugar em nós mesmos?*

Interrogante: (7) *Sim. Creio que sim.*

KRISHNAMURTI: Por certo que não.

Interrogante: (1) *Não num sentido egocêntrico, mas em primeiro lugar para descobrir, sem dúvida para nós, um meio melhor de vivermos juntos.*

Pergunta: (2) *Bem, se o descobrirmos, não o estaremos descobrindo como um todo, e não apenas para nós?*

Interrogante: (3) *Claro está que nada é para nós; não estamos tentando sutilmente glorificar nossos eus individuais, pelo contrário. Mas sinto que a qualidade do ser de cada um aqui precisa ser imensamente mais vital.*

KRISHNAMURTI: "Deveria ser" — agora estamos perdidos!

Pergunta: *Mas que devemos fazer?*

KRISHNAMURTI: Quero atacar o problema. Aqui estou eu, um professor — que estou tentando fazer?

Interrogante: *Muitos estudantes já têm consciência dos acontecimentos que se desenrolam no mundo lá fora. Creio que, por isso, alguns dos mais velhos estão fazendo perguntas sobre a corrupção do governo.*

KRISHNAMURTI: Sim, e depois? Quando se vêem diante dos fatos, quando saem para o mundo, não são absorvidos por ele? Ou dizem apenas, "Sinto muito, mas não quero ter nada com isso", e se afastam dali?

Interrogante: Terão de descobrir por si mesmos.

KRISHNAMURTI: E como haverão de descobrir, que é o que lhes dará a luz, a introvisão, para dizer: "Eu, não"?

Interrogante: (1) É o que estamos tentando fazer aqui, e é o que eles estão reclamando.

Interrogante: (2) Foi por isso que alguns vieram para cá.

KRISHNAMURTI: Agora sejamos claros — é o que estamos tentando fazer? Ajudando-os a ver "o que é", a corrupção e o resto, para que não caiam na armadilha?

Interrogante: É apenas uma parte.

KRISHNAMURTI: E qual é a outra? Dar-lhes conhecimentos? Ajudá-los a ter coragem para lutar? Perguntei ao diretor de uma das escolas da Índia. Eu lhe disse: "Há quase quarenta anos que não fazeis outra coisa, passastes nisso toda a vida, e eu vos pergunto: valeu a pena?" E ele me respondeu: "Valeu." E perguntei-lhe mais: "Em todos esses quarenta anos apareceu algum rapaz ou alguma moça fora do comum, que não mergulhassem nesse terrível lamaçal de iniqüidades?" E ele tornou a responder-me: "Não sei, pouquíssimos assim apareceram." E eu me admirei: "Estais dizendo que nos quarenta anos que aqui passastes apenas um ou dois se mantiveram fora disso?"

Pergunta: E onde está a falha? — no professor ou no ensinado?

KRISHNAMURTI: Em ambos. Não tendes o material. Se quiserdes fazer uma boa roupa precisais de bom material.

Interrogante: (1) Eu diria que o material já está bem deformado.

Interrogante: (2) Não adiantará coisa alguma se não puderdes usar o material encontrado em qualquer lugar; a coisa toda vai por água abaixo quando se tem apenas o melhor. Mas pegai a primeira criança com que topardes nos bairros miseráveis de Londres. Se alguma coisa puder ser feita, far-se-á com essa criança.

Interrogante: (3) Eu não empregaria a expressão — bom material ou mau material — eu diria apenas que são todos seres humanos.

Interrogante: (4) O que implica, portanto, que a sociedade se compõe de seres humanos cuja intenção é fazer a coisa certa, agir intuitivamente, ser sensíveis, perceptivos, ter consciência das próprias ações.

A ser assim, parece-me que isso frustra o propósito de ter uma escola nessas condições, se tomarmos apenas a massa da humanidade e dissermos que a intenção de todos é estar despertos e ser sensíveis, que a influência desempenha um papel muito pequeno. Creio que há de certo uma diferença. Trata-se, a meu ver, de quem vem aqui, de quem está aqui — membro do pessoal ou estudante — e qual é a sua intenção estando aqui.

Interrogante: (5) *Alguns há que mostraram predisposição para viver de maneira diferente, que revelaram interesse. Já existe uma inteligência.*

KRISHNAMURTI: E qual é a parte que o conhecimento desempenha nisso?

Interrogante: *Uma flor, um cachorro não têm conhecimentos e, portanto, vivem a espécie de vida que vivem. Vós necessitais de conhecimentos; o modo com que os usais dá a vossa medida.*

KRISHNAMURTI: Estais dizendo, portanto, que a coisa realmente importante é o modo com que o ser humano se utiliza dos conhecimentos.

Interrogante: *Não, não pode ser isso.*

KRISHNAMURTI: Por que não?

Interrogante: (1) *O conhecimento não desempenha papel algum no ser real.*

Interrogante: (2) *O viver adequadamente não depende de espécie alguma de conhecimento.*

Interrogante: (3) *Mas o próprio viver depende do conhecimento.*

Pergunta: (4) *De que espécie de conhecimento estamos falando?*

KRISHNAMURTI: Falemos, portanto, do conhecimento a que nos referimos.

Interrogante: *O conhecimento acadêmico, o conhecimento científico; o conhecimento que é parte do que somos. Neste momento, nós o utilizamos à guisa de introvisão.*

KRISHNAMURTI: Chamemos-lhe conhecimento acadêmico; isso é uma coisa. O conhecimento de como viver utilizando-o é outra. Ou o conhecimento é tudo? E onde entra a liberdade, onde entra a espontaneidade? Existe o conhecimento acadêmico; se eu me estudar e usar esse conhecimento em mim, não haverá liberdade nisso. Não sei se me faço entender?

Pergunta: *Estais dizendo que precisamos de conhecimento acadêmico para estudar-nos?*

KRISHNAMURTI: Não. Preciso ingressar numa universidade para estudar-me?

Interrogante: *Mas o fato de ingressardes na universidade não vos impedirá de conhecer-vos.*

KRISHNAMURTI: Portanto existe o conhecimento de si mesmo e o conhecimento acadêmico, que é sempre o passado, aumentando-o, diminuindo-o, afeiçoando-o. Se eu disser "Conheço-me", esse é o conhecimento que adquiri observando-me. Isso não me dá liberdade — ainda estarei preso ao conhecimento de mim mesmo.

Interrogante: *À idéia que tenho a meu respeito.*

KRISHNAMURTI: Sim, senhor.

Interrogante: *Isso é usar os meios do conhecimento científico e aplicá-los ao conhecimento de si próprio; esse é o problema.*

KRISHNAMURTI: Não. Embora nunca tenha freqüentado uma universidade, uma pessoa pode estudar-se em seu relacionamento com o mundo.

Pergunta: *Mas poderá construir sobre isso, poderá armazenar o conhecimento que adquirir?*

KRISHNAMURTI: A partir do momento em que o acumular, ele passará a ser um obstáculo e, portanto, a pessoa nunca estará livre. Não sei se estou sendo suficientemente claro.

Interrogante: *Estais dizendo que no estudo que fazeis de vós mesmo há duas coisas: uma é o colecionamento de fatozinhos que vos dizem respeito e sua armazenagem, quando dizeis, "Faço isto e isto." A outra é a percepção desse processo total até uma grande profundidade, quando tendes uma visão repentina da coisa toda e vos dais por satisfeito.*

KRISHNAMURTI: Que não tem relação alguma com a acumulação de conhecimentos a vosso respeito.

Interrogante: *Quereis dizer que vedes tão profundamente que todo o conhecimento das peçazinhas reunidas desaparece, porque as vistes.*

KRISHNAMURTI: Vós vos vedes em conjunto...

Interrogante: *... e, por conseguinte, tendes liberdade.*

KRISHNAMURTI: É isso mesmo. Isso é liberdade. Se eu me estudar e disser, "Não devo fazer isso, devo fazer aquilo" — conheceis todas as pequeninas coisas que se passam — esse conhecimento me aleijará completamente: não me atreverei a fazer nada livre, espontaneamente. Agora creio que principiamos a ver as diferentes espécies de conhecimento. Portanto, que estamos tentando produzir no estudante? Está

entendido que não lhe ensinamos apenas o conhecimento dos livros. Nesse caso, qual é o outro? Estais tentando ajudá-lo a conhecer-se pouco a pouco? — reunir conhecimentos a respeito de si mesmo através de atozinhos? Ou estamos tentando ajudá-lo a ter uma introvisão do conjunto? Tenho para mim que isso é importante. Como poderá ele ter uma introvisão total de si próprio de modo que cada coisa fique no seu lugar? — todas as coisinhas — como comportar-se, como manter boas relações, tudo vai para os devidos lugares. Pois bem, como hei de transmitir-lhe tudo isso e ajudá-lo?

Interrogante: Se alguém estiver indicando uma ação, um processo no tempo presente, parece que esse mesmo alguém deverá estar nesse processo; deverá está-lo estudando ativamente em si mesmo pois, do contrário, se transformará apenas em outro fato que se acrescentará aos demais.

KRISHNAMURTI: Isso não passa de outra série de idéias. Eu o compreendo. Prestai atenção: estou tentando ensinar matemática, mas também recomendo ao estudante que se levante cedo, que vá para a cama à hora certa, que coma com propriedade, que se lave, etc. E, no entanto, quero ajudá-lo a ter uma introvisão que lhe permita levantar-se à hora indicada e a fazer todo o resto com facilidade. Ora, há três coisas em que estou envolvido: o aprendizado acadêmico, dizer-lhe o que deve fazer e, ao mesmo tempo, dizer-lhe: "Atentai para isto, se conseguirdes a introvisão, tudo se encaixará nos seus lugares." Tenho as três correntes fluindo juntas, em harmonia. Como o transmitirei? Como o ajudarei?

Interrogante: Ele terá de ver como tudo se encaixa.

KRISHNAMURTI: Não, não. Estais novamente querendo ajustá-lo. Nesse caso, ele dirá: "Está bem, ajustar-me-ei a isso."

Examinai o problema primeiro. O aprendizado acadêmico é uma corrente. A outra são os pormenores, tais como, "Levantai-vos, não façais isso, não façais aquilo" — de que também tereis de encarregar-vos. E a terceira corrente é: "Vede bem, ser tão inteligente significa que fareis instintivamente a coisa certa." Deixai que as três fluam juntas e harmoniosas.

Interrogante: É muito difícil...

KRISHNAMURTI: Não, não digais que é difícil, não digais coisa alguma, primeiro vede a coisa. Se disserdes que é muito difícil, ela estará acabada.

Interrogante: O terceiro elemento é um conceito.

KRISHNAMURTI: Não, não é um conceito, não é uma idéia — conceito significa idéia, conclusão. Vejo as três coisas: a introvisão ou a inteligência, o comportamento pormenorizado e o aprendizado acadêmico; e sinto que não se movem juntas, não formam um rio harmonioso. Por isso digo a mim mesmo: que devo fazer, como ensinarei as três coisas, de modo que constituam um todo? Quando prestais atenção a isto, concluís, dizendo, "Sim, aceito-o como idéia." Digo que não é uma idéia. Depois, tudo fica difícil, e dizeis: "Não sei o que fazer." Mas se é uma realidade, como transmitirei sua realidade ao estudante — não a idéia? Pessoalmente, nunca tive problemas nem conflitos nesse sentido.

Agora que farei, como professor, eu que vivo aqui num relacionamento íntimo com os estudantes — íntimo no sentido de contato diário —— que farei para mostrá-lo? Pergunto-vos, como o mostrareis à criança? — mas não como idéia. Se for uma idéia, tereis de praticá-la, tereis de batalhar com ela, começa toda essa tolice.

Interrogante: Se for significativo para mim, é porque é significativo.

KRISHNAMURTI: E isso é significativo para vós?

Interrogante: Muito, muito significativo.

KRISHNAMURTI: Em que sentido? Quando usais a palavra "significativo"?

Interrogante: Acho os três elementos importantíssimos.

KRISHNAMURTI: Sinto muito, mas recuso-me a dizer que isso é importante.

Interrogante: Mas é.

KRISHNAMURTI: Muito bem, e como o transmitis à criança?

Interrogante: A própria beleza da introvisão se transmite — a simples beleza dela.

KRISHNAMURTI: Sabeis o que estais dizendo, senhor? Não quero prestar atenção, estou olhando para aquele passarinho e vós dizeis: "Vede a beleza disto." Deixai que a semente nasça nele. Como fareis para plantá-la? Estais compreendendo?

Pergunta: Sim, compreendo. Mas vejo também que, se só puderdes plantar a semente, e o relacionamento não for o encontro de uma mente equilibrada com outra mente equilibrada, nada advirá dele.

KRISHNAMURTI: Concordo. Mas como propondes que isso aconteça? Tomais um menino, ajudai-lo, dais-lhe tudo o que ele quer no sentido de bom ambiente e boa comida, dizeis-lhe o que deve fazer, ensinai-lo academicamente e tudo o mais; então acontece alguma coisa e a roda desanda totalmente para o resto da sua vida. O antigo menino põe-se

a beber, mete-se com mulheres ou com drogas, trapaceia, faz as coisas mais aterradoras que é possível imaginar — está acabado. Já vi acontecerem coisas assim. Se plantardes uma semente no chão, ela poderá morrer, mas a própria semente é a verdade da árvore, da planta. Pois bem, coisas assim podem suceder conosco, com as crianças, convosco e comigo?

Pergunta: (1) *Poder, podem; mas, por definição, não podem medir-se.*

Pergunta: (2) *Uma criança chega aqui, vinda talvez de um ambiente muito perturbado, por brevíssimo espaço de tempo; só podemos oferecer-lhe o que temos. Se formos equilibrados, se fizermos com muita seriedade o que estamos fazendo, se estabelecermos um relacionamento correto, ela levará tudo isso consigo quando sair daqui para enfrentar o mundo.*

KRISHNAMURTI: Dissestes, "Se agirmos com muita seriedade, se formos equilibrados" — seremos tudo isso?

Interrogante: *Creio que esta é uma das coisas fundamentais que estamos investigando.*

KRISHNAMURTI: Serei eu, sereis vós, seremos nós basicamente sérios e equilibrados? — suficientemente sérios para dizer, "Vede" e transmiti-lo verbal e não-verbalmente?

Interrogante: *É a isso que me refiro, senhor, quando falo em beleza — a transmissão não-verbal.*

KRISHNAMURTI: Para transmitir não-verbalmente precisamos ser surpreendentemente claros, límpidos, e possuir a seriedade verdadeira, tudo o que acabamos de dizer. Sê-lo-emos nós?

Pergunta: *Não estamos ensinando e aprendendo ao mesmo tempo? Não estamos dando atenção a todo pormenor que acontece durante o dia? Portanto, durante todo tempo tomais o exemplo que se apresenta. E por senti-lo com tanto vigor, a força está lá e, por isso, lidais com cada momento do dia. E não se trata de correção; é introvisão, se quiserdes. E também está ligada ao conhecimento.*

KRISHNAMURTI: Compreendo-o. Mas estou tentando descobrir como poderei transmitir essa coisa? — as três correntes que se movem juntas.

Pergunta: *Lidais com o fato. Para tomar um exemplo: alguém perguntou: "Posso armar a tenda?" Respondi: "Não a armeis muito perto da estrada." E ela tornou: "Por que não? Sou uma pessoa livre" — em outras palavras, "Não precisais dizer-me." Por isso expliquei o motivo à pessoa. Explicais a coisa de tal maneira que ela compreenda a situação, que é fatual; inclui o lado acadêmico e a entonação da voz também entra na história.*

KRISHNAMURTI: Eu sei.

Interrogante: *Dessa maneira, não estaremos lidando com coisas separadas durante o tempo todo.*

KRISHNAMURTI: E saberemos transmiti-lo ao aluno?

Interrogante: *Às vezes, sim, às vezes, não. Tereis de trabalhar no assunto e explicá-lo de novo.*

KRISHNAMURTI: Estais dizendo, então, que devemos estar em atividade o tempo todo.

Interrogante: *O tempo todo. Não no sentido de "Não fizestes tal coisa." Isso é mesquinhar e produz um sentimento errado em lugar da introvisão. É como se a gente entrasse numa sala e dissesse: "Essas coisas não se fazem assim."*

KRISHNAMURTI: Eu o vejo. Não o ponho em dúvida, creio que está certo — e não o digo com ares condescendentes.

Interrogante: *O outro lado é que, se apenas ficamos nesse nível e esse se torna o elemento em que estamos trabalhando no relacionamento com o outro, ele torna a voltar a nós mesmos e ao nosso relacionamento — um relacionamento equilibrado entre pessoas equilibradas, se for possível. Se não for, será sempre uma medida corretiva e nunca um gesto penetrante, um relacionamento penetrante.*

KRISHNAMURTI: Sim, senhor.

Pergunta: (1) *Não estará esta mesma ação num nível penetrante, profundo?*

Pergunta: (2) *Depende de que ela chegue a esse nível e possamos senti-lo. Eu talvez esteja falando demais acerca de um exemplo específico, porque conheço a situação, conheço a criança e conheço meu próprio relacionamento com a criança naquele nível. Talvez eu esteja perguntando se o caso, alguma vez, penetrou a superfície. Nem sempre sinto que é verdade em relação a uma criança. Temos o direito de escolher e dizer: parece haver possibilidade de introvisão numa criança, ou não haver a mesma possibilidade em outra criança. Rejeitamos a criança ou dizemos: é disto que a criança precisa e cumpre relacioná-la com aquilo?*

KRISHNAMURTI: Tomai cada criança separadamente.

Interrogante: *É isso mesmo.*

KRISHNAMURTI: Senhor, tudo o que dissestes está certo. Haverá um enfoque diferente? O que quero dizer é muito difícil de enunciar por palavras. Pode esta semente nascer sem que façais coisa alguma? Nós estamos fazendo alguma coisa: meu relacionamento com a criança, meu

comportamento, o que faço, como sou, — sentimental ou equilibrado — estudando-me e depois ajudando a criança — tudo. Este meio que conhecemos é provavelmente o único. Estou perguntando se existe outro, em que esta coisa aconteça sem fazermos nada a respeito — sim, acontece.

Interrogante: *Sem dúvida, em qualquer relacionamento verdadeiro...*

KRISHNAMURTI: Estais trazendo à baila o relacionamento...

Pergunta: *Haverá um meio de uma pessoa ter profunda compreensão da significação de sua vida? Será possível ver...*

KRISHNAMURTI: ... a coisa toda instantaneamente.

Interrogante: *É claro que deve haver.*

KRISHNAMURTI: Como?

Interrogante: *Em qualquer situação, o relacionamento é apenas uma coisa secundária — a introvisão, pela própria definição, é ela mesma. Portanto, se estivermos dizendo que a educação, basicamente, é auto-compreensão e percepção, uma comunidade, um meio, um relacionamento podem indicar alguma coisa; mas o indivíduo precisa ver, essa tem de ser a mola, que vem de dentro, e não de fora.*

KRISHNAMURTI: Compreendo. Estou tentando descobrir outra coisa. Um estudante chega aqui, terrivelmente condicionado, ou a família está desunida — sei lá. Como professor, também chego condicionado. Estou-me estudando, estou ajudando nosso relacionamento, sou tranqüilo, etc. Estou-nos descondicionando, a mim e a ele, em nosso relacionamento. Já o sabemos, já o discutimos, já o vimos. Agora, pergunto: haverá um meio de fazer alguma coisa que leve a semente a nascer naturalmente na pessoa?

Pergunta: *O que estais tentando dizer é: haverá um meio quando a pessoa não pode dizê-lo por vós? — e, todavia, mostrais-me o meio. É o que quereis dizer?*

KRISHNAMURTI: Não exatamente. Não podemos produzir um milagre?

Interrogante: *Eis a questão.*

KRISHNAMURTI: Esperai — estais compreendendo?

Pergunta: *Queremos produzir um milagre? Ou queremos apenas...*

KRISHNAMURTI: Creio que ambos estão envolvidos — um milagre também é necessário. Compreendeis o que entendo por milagre? Nada parecido com Lourdes.

Pergunta: *Estais dizendo: se a semente está lá, exatamente como a semente no chão, e se as condições estão certas, ela florescerá?*

KRISHNAMURTI: Não quero dizer assim. Sabemos que tanto a criança quanto o professor vêm para cá condicionados e têm de aprender a descondicionar-se. Esse descondicionamento significa: o lado acadêmico, o comportamento pormenorizado, a visão da totalidade, tudo isso fluindo junto. É o que estou tentando transmitir ao aluno e, desse modo, aprendo a viver desse jeito. Mas como isso leva tempo, digo a mim mesmo: "É preciso que aconteça um milagre para mudá-lo instantaneamente." Talvez ambos simultâneos, se for preciso — tanto o milagre quanto o outro. Podemos produzir os dois? Acho que sim. E por essa razão, como dissestes há pouco, se formos equilibrados, sérios — o que quer dizer não-sentimentais, não-verbais, não-ideacionais, porém fatuais — se estivermos lidando com ele desse modo, o milagre virá.

Pergunta: *Isso já é meio milagre, não é?*

KRISHNAMURTI: É, sim, senhor. Creio que é o que se faz necessário aqui — um milagre nesse sentido, que só poderá acontecer se formos de fato tremendamente sérios e fatuais. Poderemos transmitir ao estudante o fatual? — nunca o ideal, nunca "o que deveria ser" — o sentir envolto no que "deveria" ser. Creio que, então, o milagre se realiza. Se me disserdes que sou um tolo e o vejo como um fato — o milagre se realiza. Somos todos educados no "que deveria ser", na ideação, maneira sentimental de viver, e esses rapazes e moças também estão acostumados a isso; enfrentam fatos por pouco tempo e logo os convertem em sentimento. Podemos transmitir-lhes a necessidade de nunca entrar nesse campo?

Interrogante: *O que quer dizer que, como comunidade, precisamos pôr tudo inteiramente de lado pois, do contrário, nosso relacionamento será de constante interpretação do comportamento alheio, em lugar de uma percepção real e de uma profunda compreensão.*

KRISHNAMURTI: Precisamente.

2.ª PARTE: CITAÇÕES

"Não que se deva pôr fim à busca, mas antes começar o aprendizado. Aprender é muito mais importante do que descobrir."

"Enquanto a educação se preocupar tão-só com a cultura do exterior... o movimento interior, com sua profundidade imensa, será inevitavelmente para os poucos e isso também é muito triste. A tristeza não pode ser resolvida, não pode ser compreendida quando estais correndo com tremenda energia ao longo do superficial. A menos de resolverdes o problema com o conhecimento de vós mesmos, tereis revolta após revolta, reformas que precisarão de novas reformas e o interminável antagonismo do homem com o homem continuará."

"O âmago da matéria, a educação, é a total compreensão do homem e não uma ênfase dada a um fragmento de sua vida... Todos os entusiastas da mudança exterior sempre põem de lado as questões mais fundamentais."

2.ª Parte

CONVERSAÇÕES COM OS PAIS E MESTRES

1

É sempre emocionante ir para outro país, sobretudo quando sois muito jovens. Sentimo-lo em particular nesta terra, em que há uma grande liberdade física, em que toda a gente parece possuir tanta energia, onde se nota uma irrequieta e mutável atividade, que se diria sem fim. De uma costa a outra, excetuando-se uma ou duas, as grandes cidades são todas iguais. Mas a região rural é vasta e extraordinariamente bela, com seus grandes espaços, desertos e longos, em que serpenteiam rios profundos. Aqui encontrareis todos os climas, desde o clima dos trópicos até o das montanhas altas e nevadas.

A cavaleiro do Pacífico azul, numa sala espaçosa, vários de nós falávamos sobre educação. Um homem alto, de paletó de *tweed* disse:

— Meus filhos e filhas estão revoltados. Parecem considerar seu lar como passagem para outro lugar. Não se lhes pode dizer coisa alguma, pois acham que sabem tudo. Desadoram toda e qualquer forma de autoridade ou o que cuidam ser autoridade. São naturalmente contra a guerra, não porque tenham pensado muito sobre as suas causas, mas porque se opõem à matança de outros seres humanos; não obstante, aprovariam a guerra por certos motivos. São estranhamente violentos, não somente conosco, mas também são contra o governo, contra isto e contra aquilo. Dizem profligar a conformidade mas, pelo que vi deles e dos amigos que levam para casa, são tão conformados à sua maneira quanto o fomos à nossa. Sua forma de conformidade são cabelos compridos, sujos, pés no chão, relaxamento geral e promiscuidade. Têm a sua própria linguagem. Meu filho toma drogas. Poderia ter ido muito bem na universidade, mas abandonou-a. Embora seja sensível, inteligente e o que se poderia denominar refletido, está preso nesse redemoinho de caos. Toda a sua geração é contra a ordem estabelecida, seja a da universidade, seja a do governo, seja a da família. Alguns lêem livros sobre misticismo ou se entregam à magia negra ou a outros estranhos assuntos de ocultismo. Outros, realmente muito

simpáticos, delicados, quietos, revelam um sentido angustiado de desespero.

Outro homem falou:

— Está tudo muito bem enquanto são jovens, mas que acontecerá quando forem mais velhos? Num país como este, poderão ganhar uns poucos dólares com facilidade e viver deles durante algum tempo mas, à proporção que forem ficando mais velhos, verificarão que a coisa não é tão simples quanto supunham que fosse. Revoltados contra a nossa sociedade opulenta, voltam-se para o que denominam uma vida simples; querem retornar a uma existência primitiva e imitar os selvagens, com muitas esposas e filhos, cavando um pouquinho no jardim, etc. Formam comunas. Alguns levam tudo a sério, mas logo aparecem outros e lhes transtornam todos os planos. E assim vão as coisas.

Disse o terceiro homem:

— Não conheço a causa de tudo isso. Como pais, somos censurados pela educação, pela revolta, pela falta de respeito dos jovens. Está visto que nós, os pais, também temos dificuldades. Nossas famílias estão divididas, nós brigamos, entedia-nos o que estamos fazendo e, no fundo, bem no fundo, somos uns hipócritas. Guardamos nossa religião para os fins de semana e nos outros dias não passamos de selvagens domesticados. Nossos filhos vêem tudo isso — os meus, pelo menos, vêem — e, naturalmente, têm escasso respeito por nós. Elegemos nossos líderes e nossos filhos os desprezam. Freqüentamos faculdades e universidades, eles vêem o que somos e naturalmente — não os censuro por isso — não querem parecer-se conosco. Meu filho me chamou de hipócrita na cara e, como ele estava dizendo a verdade, não pude fazer nada. Essa revolta está tomando conta do mundo.

E o quarto homem disse:

— Se lhes perguntardes o que querem fazer, a não ser os que estão comprometidos com uma ação política determinada — e, felizmente, estes não são em grande número — responderão: "Não sabemos e não queremos saber. Sabemos o que não queremos e, à medida que prosseguirmos, descobriremos." O argumento deles é muito simples: "Vós sabíeis o que desejáveis fazer — ganhar mais dinheiro e uma situação melhor e vede como deixastes o mundo. Nós não queremos a mesma coisa." Alguns ambicionam uma existência fácil, confortável, vagueando, cedendo a todas as formas de prazer. O sexo não é nada para eles. Não sei por que tudo isso surgiu tão de repente nos últimos anos. Vindes com freqüência a este país: na vossa opinião, qual é a causa de tudo isso?"

Não haverá uma causa mais profunda, um movimento mais profundo, de que talvez a geração mais nova não se tenha dado conta? Numa sociedade ou numa cultura fisicamente tão rica, com uma tecnologia espantosa, um povo dotado de tanta energia poderá estar levando uma vida assaz superficial. Suas crenças religiosas e suas lutas não são de molde a fazê-lo olhar muito profundamente para dentro de si mesmo. O impulso exterior de bem-estar material, com toda a sua atividade competitiva, suas guerras, parece satisfazê-lo. Ele não se mostra propenso à investigação, nem muito mais extensa nem muito mais profunda, se bem queira conquistar o espaço. Está preocupado com a explosão externa e comprometido com a fruição do prazer. O seu Deus está morto, se é que, algum dia, teve um Deus. Já se escreveram volumes sobre ele, que tem sido analisado e colocado em categorias. Até assiste a aulas em que aprende a ser sensível. O sentimento da vocação chegou ao fim. A vida padronizou-se e perdeu o sentido, com cidades superpovoadas, estradas sem fim, e o resto. Que tendes vós para oferecer aos jovens? Que tendes vós para dar-lhes — vossas preocupações, vossos problemas, vossas absurdas realizações? Naturalmente qualquer pessoa inteligente há de revoltar-se contra tudo isso. Mas a própria revolta traz em si o germe da conformidade: a conformidade com o que se passa no interior do grupo e a oposição a outro grupo. Os jovens começam por revoltar-se contra a conformidade e acabam por conformar-se da maneira mais absurda, de forma igualmente total. Vivestes para o prazer e eles querem viver para a sua própria espécie de prazer. Ajudastes a provocar a guerra e, naturalmente, eles são contra a guerra. Tudo o que fizestes, construístes e produzistes foi para o bem-estar material, que tem seu lugar, mas quando este se torna um fim em si mesmo, começa o caos. Pomo-nos a imaginar se realmente amais os vossos filhos? Não o que os outros fazem em outras partes do mundo; não se trata disso. Podeis cuidar deles quando muito novos, dar-lhes o que querem, proporcionar-lhes a melhor comida, mimá-los, tratá-los como brinquedos e usá-los para a vossa própria realização e o vosso próprio prazer. Nisso não existe uma única restrição, a menor sensibilidade ao rigor, que não é, de modo algum, a aspereza do monge. Entendeis que eles precisam mover-se livremente, não podem ser reprimidos, ninguém deve dizer-lhes o que devem fazer; seguis o que os especialistas recomendam e o que dizem os psiquiatras. Produzis, assim, uma geração sem controle e, quando eles se revoltam, ficais horrorizados, ou satisfeitos, de acordo com o vosso condicionamento. E sois responsáveis por tudo isso.

Este quadro não estará indicando, porventura, que não existe o verdadeiro amor? O amor tornou-se mera forma de prazer, um entretenimento espiritual ou físico. Apesar de todos os cuidados que lhes dispensastes quando eram pequenos, permitis que sejam mortos. Em vosso coração quereis que se conformem, não com o vosso padrão de pais, mas com a estrutura de uma ordem social corrupta. Ficais horrorizados quando eles cospem em tudo isso mas, de um modo estranho, o admirais. Afigura-se-vos uma demonstração de grande independência. Afinal de contas, historicamente, deixastes a Europa para ser independentes e, assim, o círculo se repete *ab eterno*.

Ficaram em silêncio. E, então, disse o homem mais alto:

— Qual é a causa de tudo isso? Compreendo perfeitamente o que dizeis. É claro e óbvio quando se examina o assunto. Mas debaixo do que está o seu significado?

Tentastes dar significação a uma vida que tem muito pouco sentido, muito superficial e mesquinha e, como falhastes, tentais expandi-la no mesmo nível. Essa expansão pode prolongar-se indefinidamente, mas sem profundeza, sem profundidade. O movimento horizontal conduzirá a todos os lugares emocionantes e divertidos, mas a vida continuará superficial. Podeis tentar imprimir-lhe profundidade intelectual, mas ainda assim ela será trivial. Para a mente que indaga de fato, que não se limita a examinar verbalmente nem a reunir hipóteses intelectuais, para a mente indagadora o movimento horizontal tem pouquíssima importância. Nada oferece além do muito óbvio e, assim, a revolta se torna trivial porque ainda se move na mesma direção — centrífuga, política, reformatória, etc. A única revolução se opera dentro da pessoa. Não é horizontal, mas vertical — para baixo e para cima. O movimento interior, por si só, nunca é horizontal e, por ser interior, tem uma profundeza incomensurável. E quando existe realmente profundeza, deixa de ser horizontal ou vertical.

Isto não ofereceis. Vossos Deuses, vossos pregadores, vossos líderes estão preocupados com o superficial, com arranjos melhores, com melhores organizações e sistemas necessários à eficiência; mas esta não é a resposta total. Podeis ter uma burocracia maravilhosa, mas ela inevitavelmente se tornará tirânica. A tirania traz ordem ao superficial. Vossa religião, que, segundo se supõe, devia oferecer profundidade, é o dom do intelecto, cuidadosamente planejado, reconhecido e crido, coisa de propaganda. Mas não tem beleza interior. Enquanto a educação se preocupar tão-só com a cultura do exterior, especializando, impondo a conformidade, o movimento interior, com sua profundidade imensa, será inevitavelmente para os poucos, e isso também é muito

triste. A tristeza não pode ser resolvida, não pode ser compreendida quando estais correndo com tremenda energia ao longo do superficial. A menos de resolverdes o problema com o conhecimento de vós mesmos, tereis revolta após revolta, reformas que precisarão de novas reformas, e o interminável antagonismo do homem com o homem continuará. O conhecimento de si mesmo, início da sabedoria, não se encontra nos livros, nas igrejas, nem nos amontoados de palavras.

2

Não podeis apreender todo o sentimento de um país sem ter vivido nele por algum tempo. Entretanto, as pessoas que o habitam, que nele passam os dias e os anos e nele acabam morrendo, raro, ao que parece, têm o sentimento do seu todo. Neste vasto país de tantas línguas, as pessoas costumam ser muito materialistas e provincianas. As diferentes divisões de classe, que, em certa ocasião a todos uniu pela religião, pelas canções e pelas histórias, estão desaparecendo depressa; a unidade, o sentimento da natureza sagrada da vida, de coisas situadas além do pensamento, estão-se desvanecendo. Quando vimos ano após ano e aqui passamos vários meses, notamos o declínio geral; vemos em cada cidade grande o aumento enorme da população; e, descendo uma rua qualquer, topamos com pessoas que dormem no chão, a terrível pobreza, a sujeira. No dobrar de uma esquina, encontramos um templo ou uma mesquita repleta de gente e, fora da cidade, as fábricas, os campos, as colinas.

É, de fato, um país muito bonito, com as altas montanhas cobertas de neve, os vales azuis, os rios, os desertos, o rico solo vermelho, as palmeiras, as florestas e os animais selvagens que estão desaparecendo. O povo preocupa-se com política — um grupo contra outro grupo — com a pobreza invasora, a esqualidez, a sujeira, mas muito poucos falam na beleza da terra. E ela é muito bonita em sua variedade, nas cores inúmeras, na vasta extensão do céu. Pode captar-se todo o sentimento do país com suas antigas tradições, mesquitas e templos, o sol claro, os papagaios e macacos, os milhares de aldeões que lutam com a pobreza e a fome, com a falta d'água até à chegada das chuvas.

Quando escalamos os morros, encontramos um ar frio e fresco, e relva verde. Temos a impressão de estar num mundo diferente e divisamos muitas centenas de quilômetros de montanhas cobertas de neve. É impressionante e soberbo e, quando descemos por um caminho estreito, desembocamos na pobreza e na miséria; num galpãozinho, um

monge fala aos discípulos. Há um sentimento de grande alheamento de tudo isso. Encontramos pessoas com cérebros cultivados, através de muitas gerações, no pensamento religioso e que têm uma capacidade peculiar — pelo menos verbal — de apreender a diversidade da vida. Elas discutirão convosco, citando, comparando, recordando o que foi dito nos livros sagrados. Têm tudo na ponta de língua, palavras amontoadas sobre palavras e as águas ricas do rio passam por perto. Captais todo o sentimento dessa extraordinária beleza, as vastas montanhas, as colinas, as florestas e os rios da imensa população, as variedades do conflito, a tristeza imensa e a música. Todos amam a música. São capazes de ficar sentados, ouvindo-a, hora após hora, nas aldeias, nas cidades, absortos, marcando o ritmo com as mãos, com a cabeça, com o corpo. E a música é linda.

Há tremenda violência, ódio crescente, e uma multidão rodeia o templo sobre o morro. Milhões peregrinam ao rio, o mais sagrado de todos os rios, e de lá retornam felizes e cansados. É a sua forma de divertimento em nome da religião. Há saniasis, monges, em toda a parte. Os convictos e os que tomaram o hábito como o modo mais fácil de viver. Há uma feiúra sem fim e há a grande beleza de uma árvore e de um rosto. Um mendigo canta na rua, falando de antigos Deuses, mitos e da pulcritude da bondade. Os homens que trabalham nos edifícios prestam atenção ao canto e dão do seu pouco ao homem que canta. É uma terra incrível com sua incrível tristeza. Sentis tudo isso no mais profundo de vós, de mistura com lágrimas.

O político com suas ambições, falando sem parar no povo e no seu bem-estar, os vários pequeninos líderes com seus rebanhos, a divisão do idioma, a arrogância intensa, o egoísmo, o orgulho da raça e dos antigos antepassados, está tudo lá; e o mais estranho são as crianças que riem. Parecem totalmente ignorantes de tudo aquilo. São pobres e seu riso é maior que o dos ricos e puritanos. Tudo em que podeis pensar existe nessa terra — logro, hipocrisia, inteligência, tecnologia, erudição. Um menininho andrajoso aprende a tocar flauta e uma palmeira isolada cresce no campo.

Num vale afastado das cidades e do barulho, onde se erguem as colinas mais velhas do mundo, um pai veio a falar dos filhos. Ele, provavelmente, nunca olhou para aqueles morros; quase se diriam esculpidos à mão, imensos matacões a oscilar uns sobre os outros. Naquela manhã, o céu estava muito azul e diversos macacos subiam e desciam pela árvore, fora da varanda. Estávamos sentados no chão, sobre um tapete vermelho, e ele disse:

— Tenho vários filhos e minhas dificuldades começaram. Não sei o que fazer com eles. Terei de casar as moças e será muito difícil educar os rapazes e — ajuntou, como uma reflexão tardia — as moças. Se eu não os educar, viverão na pobreza, sem um futuro. Minha esposa e eu estamos muito preocupados. Como podeis ver, senhor, fui bem educado; tenho um diploma universitário e um bom emprego. Alguns dos meus filhos são muito inteligentes e brilhantes. Numa sociedade primitiva, seriam muito bem-sucedidos, mas hoje, quem quiser levar uma vida decente deverá possuir uma educação completa em algum campo especial. Creio que os amo e desejo que vivam uma existência feliz e industriosa. Não sei o que significa a palavra amor, mas lhes quero bem. Quero que sejam cuidados, bem-educados, mas sei que, assim que forem para a escola, as outras crianças e os professores os destruirão. O professor não está interessado em ensinar-lhes coisa alguma. Tem suas preocupações, suas ambições, suas brigas de família, suas aflições. Repetirá qualquer coisa que aprendeu num livro e as crianças se tornarão tão embotadas quanto ele. Há uma batalha entre mestre e aluno, a resistência da parte dos pequenos, o castigo, a recompensa e o medo dos exames. Tudo isso estropiará inevitavelmente a mente das crianças e, não obstante, elas terão de sofrer essa dura experiência para conseguir um diploma e um emprego. Em tais condições, que devo fazer? Passei muitas noites acordado pensando em tudo isso. Ano após ano, vejo como se destroem as crianças. Não notastes, senhor, que alguma coisa lhes acontece depois que atingem a puberdade? O rosto modifica-se; parecem ter perdido alguma coisa. Tenho pensado muitas vezes na razão por que essa asperidade, esse estreitamento da mente há de ocorrer no adolescente. Não faz parte da educação manter viva a qualidade da delicadeza?... não sei bem como expressá-lo. Todos parecem tornar-se, de repente, violentos e agressivos, com um estúpido sentimento de independência. Na realidade, não têm nada de independentes.

"Dir-se-á que os professores ignoram de todo esse pormenor. Vejo meu menino mais velho voltando da escola, já mudado, brutalizado, olhos endurecidos. Torno a perguntar: que vou fazer? Creio que os amo pois, do contrário, não estaria falando desse jeito sobre eles. Mas vejo que não posso fazer nada, a influência do meio é demasiado forte, a competição está crescendo, a crueldade e a eficiência passaram a ser os padrões. Assim sendo, todos se acabarão tornando como os outros; embotados, sem o brilho que tinham nos olhos e sem o sorriso feliz, que nunca mais voltará a aparecer do mesmo jeito. Desse modo, como um pai no meio de um milhão de outros pais, vim perguntar o que

devo fazer. Vejo o efeito que causam a sociedade e a cultura, mas *preciso* mandá-los para a escola. Não posso educá-los em casa; não disponho de tempo para isso, minha mulher tampouco e, além do mais, eles necessitam da companhia de outras crianças. Falo-lhes em casa, mas minha voz soa como uma voz no deserto. Sabeis, senhor, o quanto somos terrivelmente imitativos, e as crianças são assim também. Querem pertencer a alguma coisa, recusam-se a ficar de fora e os líderes políticos e religiosos se utilizam disso e o exploram. E daqui a um mês, estarão desfilando em paradas, saudando a bandeira, fazendo demonstrações contra isto ou contra aquilo, atirando pedras e gritando. Estão perdidas, acabadas. Quando vejo meus filhos metidos nisso fico tão deprimido que, não raro, penso em suicidar-me. Posso fazer alguma coisa, por menor que seja? Eles não querem o meu amor. Querem um circo, como eu queria quando era menino, e o mesmo padrão se repete."

Continuamos sentados, muito quietos. O mainá estava cantando e as colinas antigas se enchiam da luz do sol.

Não podemos voltar ao sistema antigo do professor com uns poucos alunos que moravam com ele, eram instruídos por ele e observavam o modo com que ele vivia. Isto se foi. Temos agora a tecnologia mecânica, que dá à mente a agudeza do metal. O mundo está-se tornando industrializado e trazendo com a industrialização os seus problemas. A educação descura do que sobra da existência do homem. É como ter um braço direito altamente desenvolvido, forte, vital, ao passo que o resto do corpo, fraco e frágil, se estiola. Como pai podeis ser uma exceção, mas a maioria quer o processo industrial, mecânico, desenvolvido à custa do ser humano total. A maioria parece vencer.

Não poderia a minoria inteligente dos pais reunir-se e iniciar uma escola em que o homem é considerado e cuidado em seu todo, em que o educador não é apenas o informante, a máquina que transmite conhecimentos particulares, mas se preocupa com o bem-estar do conjunto? Isso quer dizer que o educador precisa de educação. Quer dizer criar um lugar onde o educador seja educado, com a ajuda de uns poucos pais profundamente interessados. Ou o vosso é apenas um grito transitório, desesperado? Não parecemos capazes de aplicar-nos a ver a verdade de alguma coisa e pô-la em prática. Creio, senhor, que nisso reside a dificuldade. É provável que vos interesseis muitíssimo por vossos filhos e por como deveriam estar. Mas a consciência do que acontece no mundo não parece afetar-vos radicalmente; vagueais com a sociedade. Entregai-vos apenas às queixas, que não conduzem a nada. Sois responsável não só por vossos filhos mas também por todas as

crianças e tendes de juntar vossas forças às de outros para criar as novas escolas. Isso compete a vós e não à sociedade nem aos governos, pois fazeis parte dessa sociedade. Se amásseis deveras vossos filhos aplicar-vos-íeis de modo real e definitivo a produzir, ao mesmo tempo, uma espécie diversa de educação e uma espécie totalmente diversa de sociedade e cultura.

3

De manhã cedo, antes de erguer-se o sol, uma neblina pairava sobre o rio. Divisava-se vagamente a outra margem. Ainda estava escuro e as árvores eram sombras contra o céu claro. Os botes de pesca continuavam lá: lá tinham estado a noite inteira com suas lanterninhas. Escuros e quase imóveis, haviam passado a noite pescando e deles não partia um único som. De quando em quando, ao entardecer, os pescadores cantavam, mas agora, ao clarear do dia, estavam muito quietos, cansados e sonolentos. A corrente os empurrava suavemente e, dali a pouco, voltariam, com sua pesca, à aldeiazinha deste lado do rio, mais abaixo. Enquanto observávamos, o sol nascente iluminava umas poucas nuvens douradas, que possuíam, em toda a plenitude, a estranha beleza da manhã. A luz se difundia, tornando tudo visível; o sol, que acabava de grimpar as árvores, surpreendera os poucos papagaios que demandavam, aos gritos, os campos além do rio. Voavam ruidosos e rápidos — verdes e de bico vermelho — e voltariam, dali a uma hora ou mais, para os seus buraquinhos no tamarindo, do outro lado do jardim. Enquanto os contemplávamos, eles se fundiam com as folhas verdes, de modo que dificilmente poderíamos distingui-los, não fossem os brilhantes bicos vermelhos.

O sol estava construindo um caminho dourado sobre a água e um trem cruzou chocalhando a ponte com um estardalhaço medonho; mas a água conservava a beleza da manhã, numa ampla extensão de quase dois quilômetros entre as duas margens. A outra margem, em que se plantara o trigo do inverno, estava agora fresca, verde e luziluzente à brisa suave da manhã. Enquanto o admirávamos, o caminho dourado se fazia prateado, brilhante e claro, e via-se-lhe a luz sobre o rio por muito tempo. A mesma luz que penetrava as árvores, os campos e o coração de todo homem que olhasse para ela.

O dia começara com todos os seus ruídos costumeiros, mas o rio continuava esplêndido, cheio, amplo, majestoso. Era o rio mais sagrado

do mundo, sagrado por muitos milhares de anos. De todas as partes do país vinham pessoas banhar-se nele, lavar seus pecados, meditar em suas margens vestindo ainda as roupas molhadas, olhos cerrados e imóveis. Agora, no inverno, estava baixo, mas era ainda profundíssimo no centro, onde a corrente continuava forte. Com a monção e as chuvas que não tardariam, levantar-se-ia trinta, quarenta, sessenta pés, varrendo tudo à sua frente, lavando a sujeira humana, levando com ela animais e árvores mortas até voltar de novo a ser viçoso, belo e amplo.

Naquela manhã, havia nele qualquer coisa nova e, enquanto o observador, sentado, o mirava, notava que a novidade não estava nas árvores, nem nos campos, nem nas águas tranqüilas, mas em outro lugar. Olhava-se para ele com uma nova mente, com um novo coração, com olhos que não tinham lembrança de ontem, nem da esqualidez das atividades do homem. Na esplêndida manhã, fria e fresca, uma canção vibrava no ar. Mendigos passavam por ali e mulheres, com roupas sujas e rasgadas, carregavam lenha para a cidade, a dois ou três quilômetros de distância. Havia pobreza em toda parte e total insensibilidade. Mas os rapazes que transportavam leite em suas bicicletas cantavam e os homens mais velhos caminhavam, pachorrentos, indefesos, descarnados, mas rijos de corpo. Mesmo assim era uma bela e clara manhã, e essa clareza não a perturbava o trem que chocalhava na ponte, nem o grito estridente dos corvos, nem o chamado de um homem na outra margem.

Na sala, com sua varanda sobranceira ao rio, que corria uns trinta pés abaixo, um grupo de pais sentara-se no chão sobre um tapete limpo. Todos bem alimentados, trigueiros, asseados, possuíam um ar de fátua respeitabilidade. Tinham vindo como pais para falar sobre o seu relacionamento com os filhos e sobre a educação dos filhos. Nessa parte do mundo a tradição é ainda muito forte. Deviam ter sido todos bem educados, ou melhor, tinham granjeado alguns diplomas em universidades e, no seu entender, ótimos empregos. O respeito estava entranhado neles, não só pelos seus superiores hierárquicos, mas também pelas pessoas religiosas. Isso faz parte dessa hedionda respeitabilidade. O respeito se associa invariavelmente ao desrespeito, à total desatenção pelas pessoas situadas abaixo deles.

Um deles disse:

— Como pai, eu gostaria de falar sobre meus filhos, sua educação e o que vão fazer. Sinto-me responsável por eles. Minha esposa e eu os educamos com muito cuidado, com tanto cuidado quanto nos foi possível, dizendo-lhes o que deviam e o que não deviam fazer, guiando-os, afeiçoando-os, ajudando-os. Mandei-os para cá, para esta escola e estou preocupado com o que vai acontecer-lhes. Tenho duas filhas e

dois filhos. Como pais, minha esposa e eu fizemos o melhor possível e o melhor talvez não baste. Sabeis, senhor, que há uma explosão da população, os empregos estão-se tornando mais difíceis, os padrões educacionais mais baixos, e os universitários entraram em greve porque não querem padrões mais altos de exames. Querem notas fáceis; na verdade, não querem trabalhar nem estudar. Por isso estou preocupado e pergunto a mim mesmo como eu, ou a escola, ou a universidade, poderemos preparar meus filhos para o futuro.

Outro acrescentou:

— Este é precisamente o meu problema. Tenho três filhos; os dois meninos estão aqui na escola. Passarão, sem dúvida, em alguma espécie de exame, ingressarão na universidade, e os diplomas que obtiverem nem sequer se aproximarão dos padrões europeus ou americanos. Mas são crianças inteligentes e sinto que a educação que vão receber, não nesta escola, porém mais tarde, lhes destruirá o brilho dos olhos e a vivacidade do coração. Todavia, é preciso que consigam um diploma a fim de encontrar um modo de vida qualquer. Fico extremamente perturbado ao observar as condições deste país, a superpopulação, a pobreza esmagadora, a total incapacidade dos políticos e o peso da tradição. Tenho de casar minha filha; ela deixará o assunto inteiramente aos meus cuidados, pois como poderá saber com quem deve casar? Preciso escolher um marido que lhe convenha e que, com a ajuda de Deus, tenha um diploma e encontre um bom emprego em algum lugar. Não é fácil e estou muito preocupado.

Os três outros pais concordaram; assentiram com um movimento solene da cabeça. Suas panças estavam cheias; eram hindus até ao âmago, encharcados de mesquinhas tradições e superficialmente preocupados com os filhos.

Condicionastes com muito cuidado vossos filhos, embora talvez sem compreender a fundo o problema. Não somente vós mas também a sociedade, o meio, a cultura em que foram educados, tanto econômica quanto social, os alimentaram e afeiçoaram segundo determinado padrão. Eles passarão pela experiência da chamada educação. Se tiverem sorte, lograrão um emprego através das vossas manipulações e se instalarão em seus larezinhos com esposas e maridos igualmente condicionados, para levar uma vida monótona e insípida. Mas, afinal de contas, é isso o que desejais — uma posição segura, um casamento para que eles se tornem promíscuos, tendo a religião por ornamento. A maioria dos pais o deseja, não é verdade? — um lugar seguro na sociedade, embora seja uma sociedade corrupta, como eles mesmos estão cansados de saber em seus corações. Isto é o que desejais e para

isso criastes escolas e universidades. Dais-lhes certos conhecimentos tecnológicos, que lhes assegurarão a subsistência, e esperais pelo melhor, esquecendo o resto do problema humano ou fechando propositadamente os olhos para ele. Estais preocupado com um fragmento e não tomais em consideração os muitos fragmentos da existência humana. Na realidade, não quereis preocupar-vos, não é assim?

— Não somos capazes disso. Não somos filósofos, não somos psicólogos, não somos especialistas para examinar as complexidades da vida. Fomos treinados para ser engenheiros, médicos, profissionais liberais e havemos mister todo o nosso tempo e energia para atualizar-nos porque muitas coisas novas estão sendo descobertas. Pelo que dissestes, quereis que sejamos proficientes no estudo de nós mesmos. Não temos tempo, nem inclinação, nem interesse. Passo a maior parte das minhas horas, como todos aqui, num escritório, numa construção ou num consultório. Só podemos especializar-nos num campo e fechar os olhos para o resto. Não nos sobra tempo sequer para ir ao templo: deixamos essa tarefa para as mulheres. Quereis provocar uma revolução, não só em religião mas também em educação. Nisso não podemos ajudar-vos. Eu talvez gostasse de fazê-lo, mas não tenho tempo.

A gente fica a imaginar se realmente não tendes tempo. Dividistes a vida em especialidades. Separastes a política da religião, a religião dos negócios, o homem de negócios do artista, o profissional do leigo, e assim por diante. Essa divisão é que está atrapalhando, não só no campo da religião mas também no da educação. Vossa única preocupação é fazer que vossos filhos tenham um diploma. A competição está-se acirrando; neste país os padrões da educação estão sendo abaixados e continuais teimando em que não tendes tempo para considerar o conjunto da existência humana. É o que quase toda a gente diz com palavras diferentes. E, portanto, sustentais uma cultura em que haverá uma competição cada vez maior, maiores diferenças entre os especialistas e mais conflito humano e tristeza. É a vossa tristeza, não a tristeza alheia. No entanto, alegais falta de tempo e vossos filhos repetirão a mesma coisa. No Ocidente há revolta entre os estudantes e os jovens; a revolta é sempre contra alguma coisa, mas os que se revoltam são tão conformistas quanto os que lhes inspiram a revolta. Quereis que vossos filhos se conformem: toda a estrutura religiosa e econômica se baseia nessa conformidade. Vossa educação zela por que eles se conformem. Porque esperais, através da conformidade, não ter problemas, acreditais que os problemas só surgem quando há perturbação, mudança. Não percebeis que não é a mudança que gera problemas, mas a própria conformidade. Receais que qualquer alteração do padrão produza o caos, a confusão e, portanto, condicionais vossos

filhos a aceitar as atividades tradicionais; condicionai-los a conformar-se. Os problemas nascidos dessa conformidade são inúmeros. Toda revolução física começa quebrando o padrão físico da conformidade, como na Rússia e na China. Cada qual acredita que, por efeito da sua conformidade, haverá segurança. Com o movimento de conformidade vem a autoridade. Tal como é agora, a educação ensina os jovens a obedecer, a aceitar e a seguir, e os que se revoltam contra isso têm seu próprio padrão de obediência, aceitação e subserviência. Com o aumento da população e com o rápido crescimento da tecnologia, vós, os pais, vos vedes presos numa armadilha de problemas crescentes e incapazes de resolvê-los. A todo esse processo chamais educação.

— O que dizeis é perfeitamente verdadeiro. Estais expondo um fato, mas que haveremos de fazer? Colocai-vos em nosso lugar. Engendramos filhos, nossos apetites são muito fortes. Nossas mentes foram condicionadas pela cultura em que nos criaram, como hindus ou maometanos e, diante desse enorme problema da vida — que é enorme — viver segundo a vossa sugestão, como seres humanos completos, integrais, é desconcertante. Estamos comprometidos, temos de ganhar a vida, temos responsabilidades. Não podemos retroceder e recomeçar. Estamos realmente presos numa armadilha, como dizeis.

Mas podeis zelar por que vossos filhos não caiam na armadilha. Essa é a vossa responsabilidade: não os empurrar, através de exames estúpidos, mas diligenciar, como pais, para que, desde a infância, eles não se vejam enredados nos laços armados por vós e pelas gerações passadas. Dai um pouco do vosso tempo à tarefa de mudar o meio, a cultura; fazei que surjam as espécies certas de escolas e universidades. Não encarregueis disso o governo. O governo é tão remisso quanto vós, tão indiferente, tão insensível. Em vez de perpetuar o padrão da cilada, vossa responsabilidade reside em velar por que não haja cilada. Tudo isso significa que deveis estar despertos, não só em vossa profissão ou carreira particulares mas para o imenso perigo de perpetuar a armadilha.

— Vemos o perigo mas parecemos incapazes de agir, até mesmo quando o vemos.

Vedes o perigo verbal e intelectualmente, e à visão chamais perigo, o que na realidade não é. Quando o vedes de fato, não teorizais a respeito dele. Não se opõe dialeticamente uma opinião a outra: se vísseis, com efeito, a verdade do perigo, como vedes o perigo de uma cobra agiríeis. Mas recusais-vos a vê-lo porque isso significaria ter de despertar. Há perturbações e elas vos assustam. É o que vos leva a dizer que não tendes tempo, o que obviamente não é verdade.

Dessarte, como pais preocupados, deveis estar total e completamente empenhados em que vossos filhos não caiam na armadilha: por conseguinte criareis diferentes escolas, diferentes universidades, políticas diferentes, maneiras diferentes de conviver, o que quer dizer que precisais cuidar de vossos filhos. O cuidado dos filhos supõe o tipo certo de comida, o tipo certo de roupas, o tipo certo de livros, o tipo certo de divertimentos, o tipo certo de educação; e, portanto, vos preocupais com o tipo certo de educador. O educador é o que menos respeito vos merece. O vosso respeito se dirige para os que têm dinheiro, posição e prestígio, e desprezais de todo o educador, que tem a responsabilidade da geração vindoura. O educador necessita de educação tanto quanto vós, os pais, necessitais dela.

O sol estava começando a esquentar, as sombras faziam-se mais densas, a manhã se escoava. Debaixo do céu já menos azul, as crianças brincavam no campo, libertas das aulas, das lições repetitivas e da insipidez dos livros.

4

Era um velho e vasto edifício bizantino convertido em mesquita. Enorme. Dentro dele se cantava o Corão, e as pessoas se sentavam ao lado de um mendigo, sobre um tapete, debaixo da abóbada imensa. O canto, magnífico, ecoava no grande espaço. Aqui não havia diferença entre o mendigo e o homem bem vestido, aparentemente abastado. Tampouco havia mulheres. Os homens tinham a cabeça inclinada, e murmuravam entre si, sem fazer bulha. A luz, que chegava através dos vidros coloridos, riscava desenhos no tapete. Lá fora havia muitos mendigos, muita gente que desejava coisas; e, mais abaixo, se estendia o mar azul, separando o Oriente do Ocidente.

Era um templo antiqüíssimo. Na verdade, ninguém saberia dizer quão antigo, mas todos gostavam de exagerar a antigüidade dos seus templos. Os fiéis chegavam a ele por estradas poentas e sujas, orladas de palmeiras e valas abertas. Caminhavam sete vezes em torno do santuário e prostravam-se ao passar pela porta através da qual se lobrigava a imagem. Eram devotos, inteiramente absortos nas orações; e aqui só se permitia a entrada de brâmanes. Havia morcegos e cheiro de incenso. A imagem estava coberta de jóias e seda brilhante. Viam-se mulheres com as mãos levantadas, enquanto as crianças brincavam no pátio, gritando, rindo, correndo à volta dos pilares. Todos os pilares eram esculpidos; havia um grande sentido de espaço e de pesada dignidade, e porque era tão claro lá fora, sob os raios do sol ofuscante, aqui dentro fazia frio. Alguns saniasis, sentados, meditavam, imperturbados pelos que passavam. Sentia-se a qualidade peculiar da atmosfera que existe quando muitos milhares, no correr dos séculos, vêm rezar, adorar e fazer oferendas aos Deuses. Alguns se banhavam num tanque de água. Um tanque sagrado, porque fora construído entre as paredes do templo. Estava tudo muito quieto no santuário, mas usava-se o resto do lugar não só para o culto, para as crianças brincarem, mas também como ponto de reunião da geração mais antiga, onde os

velhos vinham sentar-se, falar e tagarelar sobre a vida. Jovens estudantes entoavam canções em sânscrito e, mais tarde, naquela noite, cerca de cem padres se reuniriam fora do santuário para cantar, louvando a glória do Senhor. O canto sacudiria as paredes e seria um som maravilhoso. Fora se veria o céu, tinto do azul escuro do sul e, à claridade noturna, as palmeiras seriam belas.

Havia a vasta *piazza* com uma colunata curva de pilares e a imensa basílica com sua abóbada formidável. As pessoas afluíam em grandes quantidades, turistas vindos de todas as partes do mundo, e assistiam, pasmados, à missa que estava sendo celebrada; mas havia aqui muito pouca atmosfera — um excesso de pessoas inquisitivas, de vozes abafadas. Transformara-se em praça de espetáculos. Apesar da grande beleza dos rituais, das vestes talares, sentia-se que era tudo feito pelo homem — a imagem, o latim, a estrutura da cerimônia. Tudo afeiçoado pela mão e pela mente, sabiamente reunidas para convencer as pessoas da grandeza e do poder de Deus.

Tínhamos passeado pela zona rural inglesa, entre os campos abertos: havia faisões, um céu azul-claro e a luz do anoitecer. Lento e quieto, o outono principiava. As folhas, que se tornavam amarelas e vermelhas, desprendiam-se das árvores colossais. Tudo esperava pelo inverno, silencioso, apreensivo, recolhido. Como era diferente a natureza na primavera! Ela, então, estuava de vida — cada haste de relva, cada folhinha nova. E havia o chilrear dos pássaros e o murmurar de muitas folhas. Mas agora, se bem não soprasse a menor brisa, e tudo se mantivesse imóvel, sentia-se a aproximação do inverno, dos dias chuvosos e tempestuosos, da neve e dos irados vendavais.

Caminhando ao longo dos campos e passando por um torniquete, chegava-se a um bosquete de muitas árvores e algumas sequóias. Quando o penetrávamos, dávamos tento, a súbitas, do seu absoluto silêncio. Nem uma folha se movia, como se um feitiço houvesse sido lançado sobre ele. A relva, mais verde, brilhava mais, com o sol a cair de viés sobre ela, e experimentávamos, de repente, um profundo sentimento de consagração. Caminhávamos por ele quase que retendo o fôlego, hesitando em pisar no chão. Viam-se grandes buquês de hortênsias e rododendros, que floresceriam dali a vários meses, mas nenhuma dessas coisas tinha importância, ou melhor, todas abençoavam o lugar. Compreendíamos, ao sair do bosquete, que tínhamos a mente completamente vazia, sem um pensamento. Apenas isso e nada mais.

Quando perdemos a relação profunda e íntima com a natureza, os templos, mesquitas e igrejas tornam-se importantes.

Disse o professor:

— Como poderemos impedir, não só no estudante mas em nós mesmos, a busca competitiva e agressiva de nossa própria exigência? Faz muitos anos que venho ensinando em escolas e colégios, aqui e no exterior, e tenho encontrado, em toda a minha carreira, essa agressiva competitividade. Nota-se agora uma reação contra isso. Os jovens desejam viver juntos em comunas, sentindo o calor e o conforto do companheirismo, que chamam de amor. Acham essa maneira de viver muito mais real, cheia de significado. Mas também se tornam exclusivos. Juntam-se aos milhares nos festivais de música e, nesse conviver, partilham não somente a música mas também o gozo de tudo. Parecem tremendamente promíscuos e, a mim, tudo isso se me afigura infantil e um tanto superficial. Eles podem negar a agressão competitiva, mas esta ainda está no seu sangue e se revela de muitas maneiras, das quais talvez nem se dêem conta. Tenho visto a mesma atitude entre estudantes. Estes não estudam por amor do estudo, mas visam ao êxito, em virtude do seu desejo de consecução. Alguns o percebem, rejeitam-no e põem-se a vaguear. Está tudo muito certo quando são jovens, têm menos de vinte anos, mas logo se deixam apanhar e seus modos vagueantes se convertem em nova rotina.

"Tudo isso parece superficial e passageiro mas, no fundo, bem no fundo, o homem é contra o homem. A hostilidade revela-se na terrível competição, tanto no mundo comunista quanto nas chamadas democracias. Está lá. Encontro-a em mim mesmo, como uma chama que arde, que me impele. Quero ser melhor do que o vizinho, não só por amor do prestígio e do conforto, mas por um sentimento de superioridade, o sentimento de ser, que existe também nos estudantes, conquanto possam ter um semblante meigo e suave. Todos querem ser alguém, como se verifica na classe, onde todo professor compara A e B e insta com B que seja igual a A. Na família e nas escolas a competição continua."

Quando se compara B com A, aberta ou secretamente, está-se destruindo B. B não tem importância alguma, pois o que se tem na mente é a imagem de A, inteligente, brilhante, à qual se dá certo valor. A essência de toda competitividade é a comparação: comparar um quadro com outro, um livro com outro, uma pessoa com outra — o herói, por exemplo, o princípio, o ideal. A comparação é a medida entre o que é e o que deveria ser. Dais notas ao estudante e forçai-lo a competir consigo mesmo; e o tormento final de toda a comparação são os exames. Todos os vossos heróis, religiosos e profanos, existem mercê do espírito de comparação. Todo pai, toda a estrutura social

dos mundos da religião, da arte, da ciência e dos negócios são os mesmos. A medida entre vós e outro, entre os que sabem e os ignorantes, existiu e continua a existir em nossa vida cotidiana. Por que comparais? Qual é a necessidade de medida? Será uma fuga de vós mesmos, de vossa própria superficialidade, vacuidade, insuficiência? O apego à medida do que tendes sido e do que sereis divide a vida e, por esse modo, dá início a todo o conflito.

— Mas, sem dúvida, senhor, precisais comparar. Comparais quando escolheis entre esta ou aquela casa, este ou aquele tecido. A escolha é necessária.

Não estamos falando de escolhas superficiais. Estas são inevitáveis. Estamos preocupados com o espírito comparativo interior, psicológico, que engendra a competitividade com sua agressão e sua crueldade. Perguntais por que, como mestre e ser humano, tendes esse espírito, por que competis, por que comparais. Se o não compreenderdes em vós mesmo, estareis estimulando a competição, consciente ou inconscientemente, no estudo. Estabelecereis a imagem do herói — político, econômico, moral. O santo deseja tanto quebrar recordes quanto o homem que joga críquete. Na realidade não há muita diferença entre eles, pois ambos fazem a mesma avaliação comparativa da vida. Se vos perguntardes seriamente por que comparais e se é possível viver uma vida sem comparação, se investigardes seriamente o assunto, não apenas do ponto de vista intelectual mas também real, e penetrardes fundo em vós mesmos, pondo de parte a agressão competitiva, talvez ali descubrais, arraigado, o medo de não ser nada. Colocando máscaras diferentes, de acordo com a cultura e a sociedade em que viveis, cobris o medo de não ser e de não vir-a-ser: o vir-a-ser algo melhor do que o que é — algo maior, mais nobre. Quando observais o que realmente é, vossa observação também resulta do condicionamento prévio, da medida. Quando compreendeis o verdadeiro significado da medida e da comparação, libertais-vos do que é.

Volvido um momento, disse o professor:

— Se não houver o incentivo da comparação, o estudante não estudará. Ele precisa ser estimulado, espicaçado, lisonjeado, e deseja saber o que está fazendo. Quando passa por um exame, tem o direito de saber quantas respostas acertou e quão próximos estão seus conhecimentos do que foi ensinado.

Se eu puder chamar a atenção para alguma coisa, senhores, direi que ele é como vós. Condicionado pela sociedade e pela cultura em que vive. É preciso aprender com a agressão competitiva que vem através da comparação e da medida. Ela pode provocar um acúmulo

de conhecimentos, através dela podeis realizar um sem-número de coisas, mas ela obsta ao amor e também à compreensão de si mesmo. O compreender-se a si mesmo é muito mais importante do que o vir a ser alguém. As próprias palavras que usamos são comparativas — melhor, maior, mais nobre.

— Mas, senhor, permiti que vos pergunte, como há de o estudante, ou como há de o professor avaliar o conhecimento fatual do sujeito sem um exame qualquer?

Isso não quer dizer que, no ensino e no aprendizado de todo dia, através da discussão, do estudo, o mestre se inteira da quantidade de conhecimentos fatuais absorvidos pelo aluno? Isso não significa que o mestre tem de vigiar estreitamente o aluno, observar-lhe a capacidade e o que se passa na cabeça dele? Isso não quer dizer que deveis cuidar do aluno?

— Há tanta coisa para transmitir a ele!

Que desejais transmitir-lhe? Que viva uma vida não-competitiva? Explicar-lhe o mecanismo da comparação e seus efeitos? Dizer-lho com palavras e convencê-lo intelectualmente? Vós mesmos podereis vê-lo intelectualmente ou compreendê-lo verbalmente, mas não será possível encontrar um modo de viver em que cesse toda e qualquer comparação? Vós, como professores e seres humanos, tendes de viver assim. Só então podereis transmiti-lo ao estudante e o que ensinardes terá o som da verdade. Mas se não viverdes assim, estareis apenas brincando com palavras e a hipocrisia se seguirá. Viver sem medida e comparação interior só é possível quando vós mesmos percebeis todas as implicações disso — a agressão, a brutalidade, a divisão e suas invejas. Liberdade significa vida sem comparação. Mas perguntareis inevitavelmente qual é a condição de uma vida sem altos e baixos, sem um exemplo, sem divisão. Desejais uma descrição dela de modo que, através da descrição, possais capturá-la. Essa é outra forma de comparação e competição. A descrição nunca é o descrito. Tereis de vivê-la e só então sabereis o que significa.

5

Muitos de nós parecemos não dar importância suficiente à meditação. Para a maioria, trata-se de coisa passageira, em que se espera alguma espécie de experiência, algum atingimento transcendental, uma realização depois de haverem falhado todas as outras tentativas de realização. A meditação torna-se um movimento auto-hipnótico em que aparecem várias projeções e símbolos. Mas estes são uma continuidade do que foi, talvez modificada ou ampliada, mas sempre dentro da área de alguma consecução. Tudo isso é meio imaturo e infantil, sem grande importância, e não se desprende da ordem — ou desordem — estabelecida de eventos passados. Tais acontecimentos se tornam extraordinariamente significativos para a mente preocupada com o próprio progresso, com a própria melhoria e com expectativas autodeterminadas. Quando a mente abre caminho através de toda essa bobagem, o que só é factível através da autognose, o que acontece não pode ser contado a outra pessoa. Até no ato de contar as coisas já mudaram. É como descrever uma tempestade. Já está acima dos morros, dos vales, já chegou além. E, assim, o narrá-la se torna algo do passado e, portanto, deixa de ser o que está realmente acontecendo. Pode descrever-se alguma coisa com acurácia — um evento — mas a própria acurácia se dilui depois que a coisa se afasta. A exatidão da memória é um fato, mas a memória resulta de alguma coisa que aconteceu. Se a mente estiver seguindo o fluir de um rio não terá tempo para a descrição, nem para a congregação da memória. Quando se processa essa espécie de meditação ocorre um grande número de coisas que não são a projeção do pensamento. Cada evento é totalmente novo no sentido de que a memória não pode reconhecê-lo; e, não podendo reconhecê-lo, não pode juntar-se em palavras e lembranças. É uma coisa que nunca aconteceu antes. Não se trata de uma experiência. A experiência implica reconhecimento, associação e acumulação como conhecimento. É evidente que se liberam certos poderes, mas estes se tornam um grande perigo

enquanto prosseguem as atividade egocêntricas, quer se identifiquem com conceitos religiosos, quer se identifiquem com tendências pessoais.

A libertação do eu é absolutamente necessária para que aconteça o essencial. Mas o pensamento é muito astuto, extraordinariamente sutil em suas atividades e, a menos de estarmos tremendamente conscientes, sem nenhuma escolha, de todas essas sutilezas e buscas astutas, a meditação passa a ser o ganho de poderes que transcendem os meros poderes físicos. Qualquer sentido de importância que se dá a qualquer ação do eu conduzirá inevitavelmente à confusão e à tristeza. Eis aí por que, antes de refletir na meditação, deveis começar com a compreensão de vós mesmos, da estrutura e da natureza do pensamento. De outro modo vos perdereis e vossas energias se desperdiçarão. Por isso, para ir longe, precisareis começar muito perto: e o primeiro é o derradeiro passo.

A grande sala abria para o Pacífico azul. Erguia-se, alta, sobre um penhasco, de onde se podiam ver as ondas que rebentavam na praia, alvas e difusas. Tudo estava muito quieto, embora houvesse ali diversos jovens. Todos nos sentíamos um tanto acanhados. Havia os de cabelos curtos e havia os de cabelos compridos, os barbudos e os naturais.

— Primeiro que tudo, se me permitis começar — disse um jovem de barba e cabelos compridos e limpos — por que devo ganhar a vida? Por que devo fazer uma carreira, sabendo ao que ela conduz: à propriedade, à conta no banco, à esposa, aos filhos e à mediania total? Não quero ser apanhado nessa armadilha. Se outros o querem, o problema é deles, mas eu não quero. Não me importo de ser um mendigo nem de viver de esmolas. Durmo em casa de alguém e tenho roupas em quantidade suficiente para ir vivendo. Nos últimos anos, percorri o Estado todo levando essa vida e confesso que gostei. Os outros que trabalhem, se quiserem, e, se estiverem dispostos a sustentar-me, melhor para mim. Não quero pertencer a nenhuma comunidade, a nenhum grupo. Sou livre e desejo permanecer em liberdade. E não sou contra ninguém — branco ou preto. Dizem-me que isto é exploração: que enquanto sou jovem está tudo certo mas que, quando chegar aos meus trinta anos, começarei a ver que não poderei continuar assim. Não sei o que me reserva o futuro, mas vou vivendo o dia-a-dia e isso me basta. Eu gostaria de ouvir a vossa opinião.

Só os tolos oferecem opiniões. Sabeis que os monges na Ásia vivem desse jeito: não em comunidades organizadas, mas como indivíduos que vão de aldeia em aldeia esmolando e sendo protegidos. Em troca,

pregam a boa vida: não a boa vida física, mas a vida da bondade. É o que oferecem, a menos que sejam criminosos ou exploradores. Assim sendo, que ofereceis aos que vos alimentam?

— Por que haveria eu de oferecer alguma coisa? Não tenho nada para dar-lhes. Não quero dizer-lhes como devem viver. Todo homem sensato sabe quando o modo com que vive é burguês, quadrado, e compete a ele refugá-lo. Tenho tentado falar com as pessoas, mas elas não me dão ouvidos. Não quero oferecer nada em troca da comida e das roupas que me dão. Basicamente, nada tenho para oferecer. Não pinto, não toco violão. Não faço nenhuma das coisas de que eles gostam. Estou inteiramente fora do seu círculo. Se eu tivesse alguma coisa fundamental, oferecê-la-ia, sem me importar com que a aceitassem ou não. Mas nada tenho. Sinto-me apenas tão confuso quanto o resto do mundo e sou provavelmente tão infeliz quanto o que mais o seja. Não sou um cara que desistiu no meio do caminho. Freqüentei a faculdade e estou enojado de tudo, das suas hipocrisias e pretensões. Mas o que me incomoda um pouco é querer encontrar — não Deus, que é um conceito burguês — mas alguma coisa real. Li alguns livros orientais sobre isso, mas todos arremedam teorias e idéias. Quero sentir algo verdadeiro em minhas vísceras que ninguém possa tocar nem tirar. Quero chegar ao fundo de tudo tão depressa quanto possível. Vejo a absurdeza da iluminação instantânea, mas não tenho paciência para passar pelo palavreado da disciplina, do jejum, seguindo algum sistema. Quero chegar diretamente a ela pela estrada mais curta.

É claro que isso é possível: ver claramente "o que é" sem distorção, sem motivo, e passar adiante. Se virdes claramente o que é, já o tereis ultrapassado. E podereis ver muito claramente o que é? Ver não só o exterior, o meio, a moral social, as sanções burocráticas, religiosas e profanas, mas também o interior? Ver o que está acontecendo de fato, sem escolha, sem reserva? Se podeis fazê-lo, a porta está aberta. Esta é a maneira mais curta e mais direta. Nesse caso, não seguis ninguém. Todos os sistemas são inúteis e o guru torna-se um fuxiqueiro. Podeis fazê-lo? Se puderdes, a mente estará livre e o coração, cheio. Sereis uma luz para vós mesmo.

Outro falou:

— Sou um desistente. Desisti da faculdade. Decidir fazer economia e, pouco antes de receber o diploma, abandonei os estudos. Vi como eram os professores, intrigando-se uns aos outros, politicando para conseguir melhores condições. Vi-lhes a total indiferença pelo que quer que fosse enquanto estivessem seguros em seu mundo professoral. Eu não queria vir a ser como eles. Uns poucos dentre nós aqui nesta

sala desejamos formar uma comunidade. A maioria não pertence a coisa alguma. Não temos simpatia pela batalha que se trava entre pretos e brancos; como podeis ver, acolhemos com prazer e alegria tanto os pretos quanto os brancos. Queremos conseguir um pedaço de terra onde possamos viver, e consegui-lo-emos. Podemos fazer coisas com as mãos, cultivaremos a terra e venderemos seus frutos. Mas perguntamos: ser-nos-á possível conviver sem nenhum conflito, sem nenhuma autoridade, num clima de grande afeição?

Uma comunidade forma-se geralmente em torno de uma idéia, de uma crença, ou em torno de alguém que as encarne. O ideal ou a Utopia passam a ser a autoridade e, pouco a pouco, algum indivíduo toma conta dela: guia, ameaça, excomunga. Nisso não há cooperação; há obediência, que, naturalmente, conduz ao desastre. Já refletistes — se me for dado perguntá-lo — na questão da cooperação? Se o não fizestes, vossa comunidade falhará inevitavelmente. Viver juntos e trabalhar juntos é dificílimo. Cada qual quer realizar-se, tornar-se isto ou aquilo, e assim se rompe qualquer cooperação. Trabalhar juntos implica a abnegação do eu sem motivo. É como aprender juntos em que só há função sem *status*. Se tiverdes esta compreensão verdadeira do espírito de cooperação é provável que ele funcione. Não se trata de cada qual contribuir com alguma coisa para o bem-estar da comunidade mas, antes, de cada qual ter sua centelha vital de compreensão. Qualquer motivo pessoal ou qualquer idéia de lucro põe fim à verdadeira qualidade da cooperação. Vós e vossos amigos tendes isso? Ou apenas desejais iniciar uma comunidade? Isso é como sair num barco, na esperança de encontrar uma ilha, sem saber em que direção se vai, para onde se vai, mas esperando encontrar, em algum lugar, de algum modo, uma terra feliz, em companhia de pessoas que não têm a menor idéia do que farão com a terra nem consigo mesmas.

Um jovem de rosto e mãos sensíveis interveio:

— Eu tomo drogas. Faz quatro ou cinco anos que as tomo regularmente; não em demasia; provavelmente todo mês, ou coisa que o valha. Tenho plena consciência do que isso me faz. Já não sou tão lúcido quanto era. Embalado, acho que posso fazer qualquer coisa. Pareço possuir tremenda energia e não há confusão. Vejo as coisas com nitidez. Sinto-me como um deus na terra, perfeito, sem nenhum problema, sem quaisquer pesares. Mas não posso manter esse estado durante todo o tempo e volto à terra maluca. Já estou precisando de uma dose mais forte e realmente não sei para onde isso me leva. Agora estou apreensivo. Vejo-me acabando, aos poucos, num hospital para doentes mentais e, no entanto, a atração do outro estado é tão forte

que pareço não ter resistência. Sou jovem. Não sou um desistente. Moro com meus pais. Eles sabem o que estou fazendo e querem ajudar-me a parar. Assisto à lenta deterioração em mim mesmo. Experimentei-o no começo porque outros o fizeram. A princípio era divertido, mas agora tornou-se um perigo. Vedes com quanta clareza posso explicar tudo? Não obstante, uma parte minha tornou-se lenta, letárgica, ineficaz. Foram os gurus de drogas que me fisgaram, prometendo uma experiência que diziam ser a experiência verdadeira. Vejo agora quão facilmente somos enganados por esses intelectuais. Não quero acabar num hospital para doentes mentais, nem na cadeia, nem completamente louco!

Se o vedes com tanta clareza, o quanto vos estraga o cérebro e as sensibilidades e sutilezas da vida, por que não renunciais a tudo? Não por um dia ou dois, mas para sempre? Completamente? Se tendes uma visão real do perigo, uma visão que não é verbal nem romântica, a própria visão será o ato que lhe porá fim. Mas precisais *vê-lo*, e não teorizar sobre o que vedes. Precisais negá-lo de todo em todo. Nisso encontrareis a força para fazê-lo, a vitalidade e a energia. E o detereis sem qualquer resistência. Nessa resistência está o xis da questão. Não construais uma resistência contra isso. Pois, se o fizerdes, entrareis, de um lado, em conflito com a droga e, de outro, convosco, com um muro de permeio, que só separa e aumenta o conflito. Ao passo que, se realmente o virdes, se virdes o tremendo perigo do hábito das drogas, como veríeis o tremendo perigo de um tubarão ou de uma cascavel, abandoná-lo-eis completa, instantaneamente.

Portanto, se nos for lícito sugerir, não decidais não tomar drogas, pois a decisão se baseia na vontade, que é resistência com todas as suas contradições e conflitos. Tendo consciência disso, direis então que é impossível desistir. Não luteis contra isso mas vede realmente o imenso perigo para o cérebro, para o sistema nervoso, para a clareza da percepção. Isso é tudo o que tendes de fazer e nada mais: ver é fazer.

— Poderemos todos voltar outro dia, senhor?

Naturalmente, quantas vezes quiserdes.

6

Não há seqüência na meditação. Não há continuidade, pois ela não supõe tempo, nem espaço, nem ação dentro disso. Toda a nossa atividade psicológica está dentro do campo do tempo e do espaço e disso se segue a ação, sempre incompleta. Nossa mente é condicionada para a aceitação do tempo e do espaço. Daqui para ali, a corrente disto e daquilo, é seqüência temporal. Nesse movimento, a ação produzirá contradição e, portanto, conflito. Essa é a nossa vida. Poderá a ação, um dia, libertar-se do tempo, de modo que não haja pesares nem antecipação, o aspecto atrasado e adiantado da ação? Ver é agir. Não é primeiro compreender e depois agir, mas antes ver o que em si mesmo é ação. Nisso não há elemento de tempo, de modo que a mente está sempre livre. Tempo e espaço são o caminho do pensamento que constrói e nutre o eu, o eu e o não-eu, com todas as suas exigências de realização, sua resistência e medo de ser magoado.

Nesta manhã, a qualidade da meditação era o nada, o vazio total do tempo e do espaço. É um fato e não uma idéia nem o paradoxo das especulações contrárias. Encontra-se essa estranha vacuidade quando seca a raiz de todos os problemas. Essa raiz é o pensamento, o pensamento que divide e segura. Na meditação, a mente realmente se esvazia do passado, conquanto possa usá-lo como pensamento. Isso continua durante todo o dia e, à noite, o sono é o vazio de ontem e, portanto, a mente toca o eterno.

Disse o rapaz de barbas e cabelos muito compridos:

— Sou um idealista revolucionário. Não quero esperar o lento progresso da humanidade. Quero uma mudança radical tão rápida quanto possível. Há injustiças sociais estarrecedoras, tanto entre brancos quanto entre negros, entre todas as minorias e, naturalmente, os políticos de hoje são corruptos, buscam seus interesses em nome da democracia, e são hipócritas. Violento por natureza, só posso ver atra-

vés da violência a possibilidade de uma mudança radical na estrutura social. Sou idealista porque acredito em arrasar a confusão e deixar crescer algo novo. O novo é o nosso ideal. Não sei o que será mas, quando destruirmos o velho, descobriremos. Sei o que pensais da violência, mas isto não tem importância. A maioria das pessoas já é violenta, cheia de antagonismos, e nós nos utilizaremos disso para derrubar o Estabelecimento e fazer a nova sociedade. Somos pela liberdade. Queremos ser livres para expressar-nos; cada qual precisa realizar-se e a sociedade atual nos nega tudo isso. É claro que somos contra todas as religiões.

O idealista que é também revolucionário, embora fale de modo convincente sobre liberdade, produzirá fatalmente uma ditadura dos poucos ou dos muitos. Criará também um culto pessoal e destruirá toda e qualquer forma de liberdade. Podeis tê-lo observado na Revolução Francesa e na Revolução Russa. O vosso ideal, que pode surgir das cinzas da estrutura atual, será apenas especulativo e teórico e sobre essa Utopia especulativa — chamai-lhe como quiserdes — querereis construir uma nova sociedade. Foi o que fizeram todos os revolucionários físicos. Começaram com a igualdade, a justiça social, a murchidão do Estado, etc., e acabaram com uma burocraria tirânica, a insistência na conformidade e o exercício da autoridade em nome do Estado. Não é isto, por certo, o que desejais. Achais ou pensais que, através da destruição da atual estrutura social, encontrareis, à proporção que continuardes, sem ter sequer um esquema, uma nova estrutura com justiça social, liberdade para todos, igualdade econômica, etc. Esperais produzir tudo isso através da violência, esquecidos de que a violência só pode gerar mais violência. Podereis, através da violência, destruir os sistemas atuais, mas isso engendrará resistência e profunda má vontade em cooperar.

Parece que desejais mudanças rápidas apenas exteriormente. Quereis acabar com as guerras incontinenti, com o que quase todos nós concordamos mas, enquanto houver divisões de nacionalidades, de crenças religiosas com seus dogmas, haverá conflito. Qualquer forma de divisão produzirá antagonismo e ódio. Queremos mudar a superfície das coisas sem chegar ao próprio âmago da matéria. O âmago da matéria é a educação. É a compreensão total do homem e não a ênfase dada a um fragmento de sua vida — seja a tecnologia, seja a necessidade de ganhar a vida.

Sabemos que não estais prestando atenção a nada disso. Como se pode demonstrar, todos os entusiastas da mudança exterior sempre põem de lado as questões fundamentais.

— O que estais dizendo pode ser verdade, mas tudo isso demandará tempo e nós não temos tempo agora para ser adequadamente educados. Precisamos primeiro mudar a estrutura para ter depois a educação apropriada.

O adiamento das questões fundamentais acarreta maior superficialidade da vida, da existência cotidiana, e conduz a várias formas de fuga, incluindo a violência — fugas através das chamadas religiões, através do entretenimento. Não estamos separando o exterior do interior. Estamos preocupados com o movimento total da vida e a educação faz parte disso. No estado atual das coisas, em quase todos os países há uma espécie de serviço militar. Em seu lugar deveria fazer parte da educação o trabalho no campo social. Mas essa também não é a questão fundamental.

— Não me estais convencendo. Não me mostrastes o que devo fazer nem como devo agir neste mundo assassino.

Não estamos tentando convencer-vos de coisa alguma. Estamos apontando para certos fatos, certas verdades que não são vossas nem minhas. Estamos dizendo que, para produzir uma mudança radical na estrutura social, urge responder às perguntas fundamentais; e no próprio perguntar está a resposta. A resposta é a ação; não num futuro distante, mas agora. Essa é a maior revolução. A maior e a única. A isso replicais: não temos tempo, queremos mudar imediatamente a estrutura social. Se nos for permitido observar, essa resposta é de todo imatùra. O homem não é tão-só uma máquina social. Está preocupado com o amor, com o sexo, com medos. Entretanto, sem levar nada disso em conta, esperais poder, pela transformação dos andaimes da estrutura social, provocar uma mudança radical. O ativista é o extrovertido — o que também não deixa de ser uma divisão muito superficial. O que realmente nos interessa é a mudança da mente humana. Se isto não for profundamente compreendido, vossa revolução será uma reforma e, como toda reforma, necessitará de reformas ulteriores.

— Essas coisas me entediam, — atalhou um moço alto, de cara raspada, que vestia roupas enxovalhadas. — Não estou interessado em nada disso. O que realmente me interessa, mas não como fuga, é descobrir, de fato, o que é a meditação. Podemos ventilá-lo agora?

Como podeis ver, senhores, estamos todos divididos. Um ocupado com a revolução física, outro com o sexo, um terceiro com a arte ou a literatura, e outro ainda com a compreensão da verdade. Essas fragmentações tornam o homem egocêntrico, confuso e infeliz. E vós, com a vossa revolução, esperais resolver-lhe todos os problemas modi-

ficando a estrutura superficial. A isso replicareis, provavelmente: mude-se o meio e mudar-se-á o homem. Mas esta ainda é uma resposta parcial, ou o enunciado de um fato parcial. Estamos preocupados com a compreensão total do homem. E isso é meditação. Meditar não é fugir do "que é". É compreendê-lo e ir além dele. Sem compreender "o que é", a meditação torna-se apenas uma forma de auto-hipnose e fuga em visões e vôos imaginativos de fantasia. A meditação é a compreensão de toda a atividade do pensamento que dá origem ao "eu", ao ego, como fato. Em seguida, o pensamento tenta compreender a imagem que criou, como se o eu fosse algo permanente. O eu volta a dividir-se no mais alto e no mais baixo, e a divisão, por seu turno, acarreta conflito, sofrimento e confusão. O conhecimento do eu é uma coisa e a compreensão de como se origina, outra. Uma pressupõe a existência do eu como entidade permanente. A outra, através da observação, aprende que o eu é formado pelo pensamento. Assim sendo, a compreensão do pensamento, seus caminhos e sutilezas, suas atividades e divisões são o princípio da meditação. Mas se considerardes o eu como entidade permanente, estareis estudando um eu que não existe, pois ele é apenas um punhado de lembranças, palavras e experiências. Dessarte, a autognose não é o conhecimento do eu, mas a visão de como se formou o eu e de como isso contribui para a fragmentação da vida. Cumpre ver com suma clareza esse mal-entendido. Não existe um eu permanente que se possa estudar. Mas estudar os caminhos do pensamento e suas atividades é dissipar a atividade egocêntrica. Tal é o fundamento da meditação. Sem uma compreensão profunda e radical disso, a meditação passa a ser apenas um jogo para os tolos, com suas absurdas visõezinhas, suas experiências fantasiosas e o malefício do poder. Esse fundamento supõe compreensão, a observação do que é, sem escolha, para ver sem nenhum preconceito o que de fato está acontecendo, externa e internamente, sem qualquer controle ou decisão. Essa atenção é ação e não algo separado por si mesmo; pois a vida é ação. Não é preciso que vos torneis ativista, o que é outra fragmentação da vida. Se estiverdes realmente preocupado com a ação total, e não com uma ação fragmentária, a ação total virá com a atenção total, que consiste em ver realmente "o que é", tanto interior quanto exteriormente. E o próprio ver é o fazer.

— Mas não precisais de treinamento para isso? Algum método para praticar, de modo que vos torneis atento, de modo que vos torneis sensível?

Isso é o que oferecem as chamadas escolas de meditação, o que é realmente absurdo. O método implica uma repetição mecânica de palavras, ou de controle, ou de conformidade. Nessa repetição a mente

se mecaniza. Ora, a mente mecânica não é sensível. Ao ver a verdade desse processo mecânico a mente se libera e, portanto, se torna sensível. O ver é a atenção.

— Mas — acudiu o rapaz — não posso ver com clareza. Como hei de fazê-lo?

Para ver claramente é preciso não haver escolha, nem preconceito, nem resistência, nem fuga. Averiguai se tendes fugas, se estais escolhendo, se tendes preconceitos. Compreendei-o. Depois disso, a mente pode observar com suma clareza não só os céus, o mundo, mas o que está acontecendo dentro de vós — o eu.

— Mas a meditação não traz experiências extraordinárias?

As experiências extraordinárias são totalmente sem importância e perigosas. A mente saciada de experiências quer uma experiência mais ampla, maior, mais transcendente. O mais é o inimigo do bom. O bom só floresce na compreensão do "que é", não no desejo de mais experiências ou de experiências maiores. Em meditação há coisas que acontecem, para as quais não há palavras; e, se falardes sobre elas, deixarão de ser o real.

7

Deixais o mar para trás e adentrais o interior do país. Esse mar sempre pareceu bravo, com vagas imensas. Não é azul, é antes castanho escuro com correntes fortes. Parecia perigoso. Um rio desembocava nele na estação chuvosa mas, após a monção, o mar carreou tanta areia que fechou o riozinho. Deixáveis o rio e seguíeis terra adentro, passando por muitas aldeias, carros de bois e três dos templos mais sagrados; e, volvido longo espaço de tempo, depois de transpor muitos morros, tornáveis a entrar no vale e a sentir-lhe o fascínio peculiar.

A busca da verdade é um negócio muito falso, como se, pelo simples fato de buscá-la, perguntando aos outros o caminho que conduz a ela, lendo sobre ela nos livros, experimentando este ou aquele sistema, fôsseis capaz de encontrá-la. Encontrá-la como se se tratasse de alguma coisa que estivesse ali, fixa, imóvel, e como se vos bastasse reconhecê-la, apoderar-se dela e anunciar que a havíeis agarrado.

Não está muito longe: não há caminho para ela. Não é coisa que possais capturar, segurar, guardar como um tesouro e transmitir verbalmente a outrem. A busca supõe um buscador, e nisso há divisão, a eterna fragmentação que o homem fez dentro em si e em todas as suas atividades. Não que se deva pôr fim à busca, mas antes começar o aprendizado. Aprender é muito mais importante do que descobrir. Para encontrar precisamos ter perdido. Perder e reconhecer é o padrão da busca. Não se pode experimentar a verdade. Ela não dá a satisfação da realização. Não nos dá coisa alguma. Não pode ser compreendida se o "vós" ainda estiver ativo.

Ninguém pode ensinar-vos a verdade, de modo que não precisais seguir ninguém. A única coisa que se pode fazer é compreender, pela observação cuidadosa, o intricado movimento do pensamento: como ele se divide, como cria seus próprios contrários e, por esse modo, traz contradição e conflito. Muito irrequieto, o pensamento se apegará, em

sua irrequietude, ao que quer que julgue essencial, permanente, totalmente satisfatório, e a verdade passa a ser seu apego final. Mas ela nunca pode ser solicitada. Não é um fim; mas está lá quando a observação visual é muito clara e quando há percepção da compreensão. A compreensão só ocorre em havendo completa liberdade do nosso condicionamento. O condicionamento é o preconceito. Por isso não vos preocupeis com a verdade e deixai que a mente se conscientize da própria prisão. A liberdade não está na prisão. A beleza do vazio é liberdade.

Na mesma varanda, com o perfume do jasmim e a flor vermelha da árvore alta, havia um grupo de moças e rapazes, de rostos brilhantes e aparência extraordinariamente jovial. Um dos membros do grupo perguntou:

— Alguma vez ficais magoado, senhor?

Quereis dizer fisicamente?

— Não é bem isso. Não sei como expressá-lo com palavras, mas sentimos em nosso íntimo que as pessoas podem causar-nos mal, ferir-nos, fazer-nos infelizes. Alguém diz qualquer coisa e nós nos encolhemos. Refiro-me a isso quando falo em magoar-nos. Todos nos magoamos uns aos outros desse jeito. Alguns o fazem deliberadamente, outros sem o saber. Por que ficamos magoados? É tão desagradável!

A mágoa física é uma coisa e a outra é muito mais complexa. Se tiverdes sido magoado fisicamente, sabereis o que fazer. Procurais o médico e ele procurará dissipar-vos a mágoa. Mas se a lembrança dela persistir, estareis sempre nervoso e apreensivo, o que criará uma forma de medo, justificado pela permanência da lembrança da mágoa passada, que não quereis ver repetida. Isso é perfeitamente compreensível e o medo pode tornar-se neurótico ou ser tratado de modo sadio, sem excessiva preocupação. Mas a outra mágoa, a interior, necessita de cuidadosa análise. Precisamos aprender muita coisa sobre ela.

Em primeiro lugar, por que ficais magoados? Desde a infância, este parece ser um fator importante em nossas vidas: não se magoar, não ser ferido por outra pessoa, por uma palavra, por um gesto, por um olhar, por uma experiência. Por que nos magoamos? Porque somos sensíveis, ou porque temos uma imagem de nós mesmos que precisamos proteger, que sentimos ser importante para a nossa existência, uma imagem sem a qual nos sentimos perdidos, confusos? Existem as duas razões: a imagem e a sensibilidade. Compreendeis o que queremos dizer com o sermos sensíveis assim física como interiormente? Se fordes sensíveis e um tanto acanhado, recolheis-vos dentro de vós

mesmo, ergueis um muro ao vosso redor, a fim de não serdes magoado. É o que fazeis, não é? Uma vez que tenhais sido magoado por uma palavra ou por uma crítica, que vos tenham ferido, passais a construir um muro de resistência. Não quereis continuar vulnerável. Podeis ter uma imagem, uma idéia de vós mesmo, de que sois importante, de que sois inteligente, de que vossa família é melhor do que as outras, de que disputais jogos melhor do que os outros. Tendes essa imagem de vós mesmo, não tendes? E quando a importância dela é posta em dúvida, abalada ou despedaçada, vós vos sentis muito magoado. Há autopiedade, ansiedade, medo. E se o fato se repetir, construireis uma imagem ainda mais forte, mais afirmativa, mais agressiva, etc. Zelais por que ninguém vos perturbe, o que também significa erguer um muro contra qualquer invasão. De modo que tanto o sensível quanto o que faz a imagem produzem os muros de resistência. Sabeis o que acontece quando ergueis um muro à vossa volta? O mesmo que acontece quando edificais um muro muito alto em torno de vossa casa. Não vedes os vizinhos, não recebeis a luz do sol em quantidade suficiente, viveis num espaço muito reduzido com todos os membros da vossa família. E, não tendo espaço bastante, começais a mexer com os nervos uns dos outros, brigais, ficais violentos, desejais ir embora e vos revoltais. E se tiverdes dinheiro suficiente e suficiente energia, construireis outra casa para vós com outro muro em torno dela, e assim por diante. A resistência implica falta de espaço e é fator de violência.

— Mas — perguntou um deles — não devemos proteger-nos?

Contra o quê? Deveis proteger-vos, naturalmente, da doença, das chuvas e do sol; mas quando perguntais se não devemos proteger-nos, não estareis pedindo para erguer um muro a fim de não serdes magoados? Pode ser vosso irmão ou vossa mãe a pessoa contra a qual ergueis o muro, pensando em defender-vos; no fim, porém, isso conduz à vossa própria destruição e à destruição da luz e do espaço.

— Mas — acudiu uma moça de olhos estudiosos e longos cabelos trançados, — que devo fazer quando me magoam? Sei que estou magoada. Magôo-me tão amiúde! Que devo fazer? Dizeis que não se deve erguer um muro de resistência, mas não posso viver com tantas mágoas.

Compreendeis, se me for lícito perguntar, por que estais magoada? E quando vos magoais? Olhai para aquela folha ou para aquela flor. É muito delicada e sua beleza está na própria delicadeza. É terrivelmente vulnerável e, no entanto, vive. E vós, que vos magoais tão amiúde, acaso perguntastes quando e por que vos magoais? Por que vos magoais — quando alguém diz alguma coisa de que não gostais, quando alguém é agressivo, violento convosco? Por que vos magoais? Se vos magoar-

des e erguerdes um muro em torno de vós, o que significa retraimento, passareis a viver num espaço muito pequeno dentro de vós mesma. Nesse espaçozinho, não haverá luz nem liberdade e sereis cada vez mais magoada. Por isso mesmo a questão se resume em saber se sois capaz de viver livre e feliz, sem ser magoada, sem erguer muros de resistência. Essa é a questão importante. Não a maneira de reforçar os muros nem o que fazer quando tendes um muro ao redor do vosso espaçozinho. Portanto, há duas coisas envolvidas nisso: a lembrança da mágoa e a prevenção de mágoas futuras. Se essa lembrança persistir e lhe acrescentardes novas lembranças de mágoas, o vosso muro se tornará mais forte e mais alto, o espaço e a luz se tornarão menores e mais baços, e haverá grande sofrimento, uma autopiedade cada vez maior e muita amargura. Se virdes com bastante clareza o perigo disso, sua inutilidade, a lástima que isso é, as lembranças passadas se desvanecerão. Mas tendes de vê-lo como veríeis o perigo de uma cobra peçonhenta. Conheceis que o perigo é mortal e não vos abeirais dele. Vedes da mesma forma o perigo das lembranças passadas com suas mágoas, seus muros de autodefesa? Vede-lo realmente como vedes esta flor? Se o virdes, ele inevitavelmente desaparecerá.

Sabeis, portanto, o que fazer com as mágoas passadas. E como atalhareis as futuras? Não será construindo muros. Isso é claro, não é? Se o fizerdes, sereis cada vez mais magoada. Atentai com cuidado, por favor, para esta questão. Sabendo que podereis ser magoada, como impedireis que a mágoa ocorra? Se alguém vos disser que não sois inteligente nem bonita, sentir-vos-eis magoada, ou zangada, que é outra forma de resistência. Ora, que é o que podeis fazer? Vistes muito claramente como as mágoas passadas se desvanecem sem o menor esforço; vistes porque ouvistes e prestastes atenção. Agora, quando alguém vos disser alguma coisa desagradável, ficai atenta; prestai muita atenção. A atenção impedirá que a mágoa atinja o alvo. Compreendeis o que queremos dizer com atenção?

— Quereis dizer concentração, não é assim?

Não exatamente. A concentração é uma forma de resistência, uma forma de exclusão, um fechamento de porta, uma retirada. A atenção é algo muito diferente. Na concentração há um centro de onde se realiza a ação da observação. Onde há um centro, o raio da observação é muito limitado. Onde não há centro, a observação é vasta, clara. Isso é atenção.

— Receio que não compreendemos nada disso, senhor.

Olhai para aquelas colinas, vede a luz que as inunda, vede as árvores, ouvi passar o carro de bois; vede as folhas amarelas, o leito

seco do rio, o corvo sentado no galho. Olhai para tudo isso. Se olhardes desde um centro, com o seu preconceito, seu medo, sua simpatia e sua antipatia, não vereis a vasta extensão da terra. Vossos olhos estarão enevoados, tereis ficado míope e vossa visão estará deformada. Não podeis olhar para tudo, para a beleza do vale, para o céu, sem o centro? Pois isso é atenção. Portanto, ouvi com atenção, e sem o centro, a crítica alheia, o insulto, a raiva, o preconceito alheios. E porque não há centro nessa atenção, não há possibilidade de serdes magoada. Mas onde há centro, a mágoa é inevitável. E a vida se torna um grito de medo.

8

A meditação nunca é o controle do corpo. Não há separação real entre o organismo e a mente. O cérebro, o sistema nervoso e o que chamamos mente são uma coisa só, indivisível. É o ato natural da meditação que provoca o movimento harmonioso do todo. Separar o corpo da mente e controlar o corpo com decisões intelectuais é produzir a contradição, da qual nascem várias formas de luta, conflito e resistência.

Cada decisão de controlar gera resistência, até a determinação de tomar consciência. A meditação é a compreensão da separação efetuada pela decisão. A liberdade não é o ato de decisão, mas o ato de percepção. O ver é o fazer. E não a determinação de ver e depois agir. Afinal de contas, a vontade é desejo com todas as suas contradições. Quando um desejo assume autoridade sobre outro, torna-se vontade. Nisso há uma separação inevitável. E a meditação é a compreensão do desejo, não a superação de um desejo por outro. O desejo é o movimento da sensação, que se torna prazer e medo. Isso é sustentado pelo estender-se constante do pensamento sobre um ou sobre o outro. Na realidade, a meditação é o completo esvaziamento da mente. Então só funciona o corpo; só há a atividade do organismo e nada mais; o pensamento trabalha sem identificação como o eu e o não-eu. O pensamento é mecânico, como o organismo. O conflito é criado pelo pensamento que se identifica com uma das suas partes, que se torna o eu, e as várias divisões desse eu. Não há necessidade do eu em momento algum. Não há nada além do corpo e a liberdade da mente só acontece quando o pensamento não gera o eu. Não há eu para compreender, mas apenas o pensamento que cria o eu. Quando há só o organismo sem o eu, a percepção, tanto visual quanto não-visual, nunca poderá ser distorcida. Só há o ver "o que é" e a própria percepção vai além do que é. O esvaziamento da mente não é uma atividade do pensamento nem um processo intelectual. O contínuo ver o que é sem nenhuma distorção

esvazia de modo natural a mente de todo pensamento e, no entanto, a própria mente pode utilizar o pensamento quando necessário. O pensamento é mecânico, e a meditação, não.

Era muito cedo e à luz da manhã viam-se duas corujas sentadas no tamarindo. Eram corujas pequenas e pareciam andar sempre aos pares. Tinham gritado a noite inteira, a intervalos, e uma delas chegou ao peitoril da janela e chamou a outra com uma nota ruidosa. As duas que estavam no galho tinham o seu buraco na árvore. Viam-se freqüentemente ali pela manhã, antes de recolher-se para o resto do dia, sentadas muito cinzentas e caladas. Dali a pouco, uma delas se retirava mansamente e desaparecia no oco da árvore e a outra a acompanhava, mas não faziam ruído. Só falavam e matracolejavam à noite. O tamarindo não abrigava apenas as corujas, mas também inúmeros papagaios. Árvore imensa, erguia-se no jardim a cavaleiro do rio. Havia abutres, corvos e os papa-moscas com seus tons verdes e dourados. Os papa-moscas chegavam, não raro, ao peitoril da janela na varanda, mas para isso era preciso que estivéssemos sentados muito quietos, sem mover sequer os olhos. Eles desferiam um curioso vôo em curva e ficavam todos juntos, sem se misturar com os outros, à diferença dos corvos, que viviam infernizando a vida dos abutres. Havia macacos também naquela manhã. Tinham estado lá, à distância, mas agora se acercavam da casa. Ficaram alguns dias e, quando se foram, um macho solitário começou a aparecer no mais alto de todos os tamarindos. Trepava no galho mais alto e ali se quedava, olhando para o rio, para os aldeões que passavam e para o gado que pascia. À proporção que o sol ficava mais quente, descia devagar e desaparecia e, na manhã seguinte, aparecia outra vez quando o sol despontava sobre as árvores, traçando um caminho de ouro sobre o rio. Por duas semanas inteiras lá esteve, solitário, arredio, observando. Não tinha companheiro e, numa bela manhã, desapareceu.

Os estudantes voltaram. E um dos rapazes perguntou:

— Não devo obedecer a meus pais? Afinal de contas, eles me criaram, estão-me educando. Sem dinheiro eu não poderia ter vindo para esta escola, de modo que são responsáveis por mim e eu sou responsável perante eles. É o sentimento de responsabilidade que me faz achar que devo obedecer-lhes. Aliás, é bem possível que saibam muito melhor do que eu o que é bom para mim. Querem que eu seja engenheiro.

Quereis ser engenheiro? Ou estais apenas estudando engenharia porque vossos pais o querem?

— Não sei o que quero fazer. Poucos dentre nós nesta sala sabemos o que queremos fazer. Temos bolsas de estudo do governo. Podemos escolher o estudo que quisermos, mas nossos pais e a sociedade dizem que a engenharia é uma boa profissão. Há necessidade de engenheiros. Mas quando nos perguntais o que queremos ser, sentimo-nos incertos e isso é desconcertante e perturbador.

Dissestes que vossos pais são responsáveis por vós e que precisais obedecer-lhes. Sabeis o que está acontecendo no Ocidente, onde já não existe a autoridade paterna, onde os jovens não querem saber de autoridade alguma, se bem tenham sua própria espécie particular de autoridade. A responsabilidade exige autoridade, obediência, aceitação dos desejos dos pais ou das exigências da sociedade? Ser responsável não significa ser capaz de uma conduta racional? Vossos pais entendem que não sois capazes disso e, portanto, se sentem na obrigação de vigiar-vos o comportamento, o que fazeis, o que estudais e o que podeis vir a ser. A idéia que fazem de comportamento moral baseia-se no seu condicionamento, na sua educação, nas suas crenças, medos e prazeres. A geração passada construiu uma estrutura social e quer que vos conformeis com essa estrutura. Julga-a moral e acredita saber muito mais do que vós. E vós, por vosso turno, se vos conformardes, zelareis por que vossos filhos também se conformem. Assim, aos poucos, a autoridade da conformidade passará a ser excelência moral. É isso o que estais perguntando quando quereis saber se tendes ou não a obrigação de obedecer aos vossos pais?

Estais vendo o que significa essa obediência? Quando sois muito jovens ouvis o que vossos pais vos dizem. A constante repetição do que eles dizem estabelece o ato da obediência. Desse modo, a obediência se torna mecânica. É como o soldado que, depois de ouvir uma ordem muitas e muitas vezes, acede, torna-se subserviente. Assim vivemos quase todos nós. Isso é propaganda, religiosa ou profana. Como estais vendo, formastes, desde a infância, o hábito de ouvir o que vossos pais vos disseram, o que lestes. De sorte que o ouvir se torna o meio da obediência. E agora enfrentais o problema de saber se deveis ou não obedecer: obedecer ao que outros disseram ou obedecer aos vossos próprios impulsos. Quereis ouvir o que dizem os vossos desejos e esse próprio ouvir vos fará obedecer aos vossos desejos. Nascem daí a oposição e a resistência. Por isso, quando perguntais se deveis obedecer aos vossos pais há medo de que, se não obedecerdes, podereis desencaminhar-vos e eles talvez não vos dêem o dinheiro necessário à vossa educação. Na obediência sempre há medo, e o medo obscurece a mente.

Por isso mesmo, em lugar de fazer essa pergunta, averiguai se sois capaz de falar com vossos pais racionalmente, e averiguai também o que significa ouvir. Podeis ouvir sem medo o que eles dizem? E podeis também atentar para os vossos próprios impulsos e desejos sem medo de desencaminhar-vos? Se puderdes ouvir com calma. sem receio, vós mesmo descobrireis se deveis ou não obedecer, não apenas aos vossos pais, mas também a qualquer forma de autoridade. A verdade é que fomos educados da maneira mais absurda possível. Nunca nos ensinaram o ato de aprender. Grandes quantidades de informações nos são despejadas na cabeça e nós desenvolvemos uma parte muito pequena do cérebro, que nos ajudará a ganhar a vida. O resto do cérebro é negligenciado. É como cultivar um cantinho de um vasto campo, permanecendo o resto do campo infestado de ervas daninhas, cardos e espinhos.

Agora, portanto, como prestais atenção ao que estamos dizendo ou como o ouvis? Essa audição vos fará obedecer ou vos tornará inteligente, cônscio não só do cantinho mas também de todo o campo? Nem vossos professores nem vossos pais estão preocupados com a grandeza do campo e todo o seu conteúdo. Mas estão intensa e loucamente preocupados com o cantinho. Este parece proporcionar segurança e é com isso que se preocupam. Podeis revoltar-vos — é o que muita gente está fazendo — mas acontece que os revoltosos também só estão preocupados com o seu pedaço do canto. E assim vão as coisas. Por conseguinte, podeis ouvir sem obediência, sem seguimento? Se puderdes, haverá sensibilidade e interesse pelo campo todo e esse interesse produzirá inteligência. E essa inteligência agirá em lugar do hábito mecânico da obediência.

— Oh! — exclamou uma jovem — mas nossos pais nos amam. Não querem que nos suceda mal algum. É por amor que querem que obedeçamos, dizem os estudos que devemos fazer, como havemos de afeiçoar nossas vidas.

Todo pai afirma amar os filhos. Só o anormal os odeia e só o filho anormal odeia realmente os pais. Todo pai, no mundo inteiro, afirma amar os filhos, mas amará de fato? O amor supõe cuidados, grande preocupação não só quando sois jovens, mas também toda a sorte de diligências para que tenham a espécie certa de educação, que não sejam mortos em guerras, e para modificar a estrutura social e sua moral absurda. Se os pais tiverem amor aos filhos, não os deixarão conformar-se; fá-los-ão aprender em vez de imitar. Se realmente os amam, produzirão vastas mudanças, de modo que os filhos possam viver de maneira saudável, feliz e segura. Não apenas vós nesta sala mas todos em todo o mundo. O amor não exige conformidade. Oferece liberdade.

Não para fazerdes o que desejais fazer, o que é, quase sempre, muito superficial, mesquinho e medíocre, mas compreenderdes, prestardes atenção livremente, prestardes atenção sem o veneno da conformidade. Acreditais que, se os pais amassem realmente os filhos, haveria guerra? Desde a infância vos ensinam a desamar o vosso vizinho, dizem-vos que sois diferente dos outros. Sois criado no preconceito, de modo que, ao crescer, vos tornais violento, agressivo, egocêntrico, e todo o ciclo se repete. Portanto, aprendei o que significa ouvir; aprendei a prestar atenção livremente, sem aceitar nem negar, sem conformidade nem resistência. Então sabereis o que fazer. Descobrireis o que é a bondade e como floresce. E ela não florescerá em canto algum; só no vasto campo da vida, na ação de todo o campo.